

INOVAÇÕES E DESAFIOS EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM CIÊNCIAS HUMANAS



ORGANIZADORES:

ANA PAULA RIBEIRO DE HOLLANDA LEITE

MÁRCIA DE ALBUQUERQUE ALVES

IANY CAVALCANTI DA SILVA BARROS

ISBN: 978-65-5825-005-0

**INOVAÇÕES E DESAFIOS EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM CIÊNCIAS HUMANAS**

Ana Paula Ribeiro de Hollanda Leite
Márcia de Albuquerque Alves
Iany Cavalcanti da Silva Barros
(Organizadores)

Centro Universitário – UNIESP

Cabedelo - PB
2020



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIESP

Reitora

Érika Marques de Almeida Lima Cavalcanti

Pró-Reitora Acadêmica

Iany Cavalcanti da Silva Barros

Editor-chefe

Cícero de Sousa Lacerda

Editores assistentes

Hercilio de Medeiros Sousa

Josemary Marcionila F. R. de C. Rocha

Editora-técnica

Elaine Cristina de Brito Moreira

Corpo Editorial

Ana Margareth Sarmiento – Estética

Anneliese Heyden Cabral de Lira – Arquitetura

Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda

Érika Lira de Oliveira – Odontologia

Ivanildo Félix da Silva Júnior – Pedagogia

Jancelice dos Santos Santana – Enfermagem

José Carlos Ferreira da Luz – Direito

Juliana da Nóbrega Carreiro – Farmácia

Larissa Nascimento dos Santos – Design de Interiores

Luciano de Santana Medeiros – Administração

Marcelo Fernandes de Sousa – Computação

Márcia de Albuquerque Alves – Ciências Contábeis

Maria da Penha de Lima Coutinho – Psicologia

Paula Fernanda Barbosa de Araújo – Medicina Veterinária

Rita de Cássia Alves Leal Cruz – Engenharia

Rogério Márcio Luckwu dos Santos – Educação Física

Zianne Farias Barros Barbosa – Nutrição

Copyright © 2020 – Editora UNIESP

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(os) autor(es).

Designer Gráfico:
Júlio Isidro Alves Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (UNIESP)

I35 Inovações e desafios em tempos de educação remota: relatos de experiências em ciências humanas [recurso eletrônico] / organizado por Ana Paula Ribeiro de Hollanda Leite, Márcia de Albuquerque Alves, Iany Cavalcanti da Silva Barros - Cabedelo, PB: Editora UNIESP, 2020.

Tipo de Suporte: E-book
ISBN: 978-65-5825-005-0

1. Educação remota. 2. Educação - Inovação. 3. Relato de experiência – Ciências Humanas. 4. Ensino - Pesquisa. 5. NDE – Educação. 7. Pandemia – COVID-19. I. Título. II. Leite, Ana Paula Ribeiro de Hollanda. III. Alves, Márcia de Albuquerque. IV. Barros, Iany Cavalcanti da Silva.

CDU: 37.019.3

Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053

Editora UNIESP
Rodovia BR 230, Km 14, s/n,
Bloco Central – 2 andar – COOPERE
Morada Nova – Cabedelo – Paraíba
CEP: 58109-303

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
1 INBOUND MARKETING NO COVID19: FORMAS DE RETENÇÃO E ASSIDUIDADE DO DISCENTE NO CENÁRIO REMOTO - LEITÃO, Alessandro Pinon e SOUSA, Hercilio de Medeiros.	08
2 A NEARPOD COMO OTIMIZADORA DA INTERAÇÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS - LEITÃO, Alessandro e CAVALCANTI, Joana.	22
3 DO PRESENCIAL AO VIRTUAL: FERRAMENTAS E PRÁTICAS DE INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS TEMPOS DE AULA REMOTA - HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de e TABOSA, Mayra Cinara de.	37
4 NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO NO CONTEXTO DO COVID19: UM ESTUDO DE CASO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR COM A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR - FELISBERTO, André Luiz de Sousa; SOUSA, Jamille Carvalho Queiroz de e SOUSA, Hercilio de Medeiros.	49
5 METODOLOGIAS APLICADAS NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO REMOTA DE TCC NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO - MARTINS, Rayana Kelly Brasileiro.	72
6 EDUCAÇÃO FISCAL – NOTA CIDADÃ - BRITO, Cleber Soares de.	82
7 ENSINO REMOTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE UM PROFESSOR DE CONTABILIDADE E GESTÃO FINANCEIRA - BEZERRA, Darlan Oliveira.	99
8 WEBFÓLIO, QUADRINHOS, SEMINÁRIOS E TECNOLOGIAS INTERATIVAS RESSIGNIFICANDO AS AULAS EM ACESSO REMOTO - ALVES, Márcia de Albuquerque.	109
9 LER, RELER E LER DE NOVO EM PLENO ISOLAMENTO SOCIAL - GALVÃO JÚNIOR, Paulo.	134
10 PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM EM TEMPO DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS - CAVALCANTE, Paulo Roberto Nóbrega Cavalcante.	151
11 DESCORTINANDO AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E GESTÃO FINANCEIRA DO UNIESP EM TEMPOS DE CORONA VÍRUS - FERNANDES, Tatiana Falcão de Souza e SOARES, Teófilo Augusto da Silva.	164
12 SUBSTITUIÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS POR AULAS EM MEIOS DIGITAIS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE DIREITO DO UNIESP - ALVES, Ana Virgínia Cartaxo e CAHÚ, Marlene Pereira Borba.	179
13 MUDANÇA DE PARADIGMA DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE AULAS REMOTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA - HOLLANDA, Ana Paula e ALMEIDA, Fabiana de Cássia.	195

14 EDUCAÇÃO ONLINE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL - SOARES, Magnay Erick Cavalcante, SOUSA, Hercilio de Medeiros e JÚNIOR, Ivanildo Félix da Silva.	205
15 ATIVIDADE PARA CASA: EDUCAÇÃO REMOTA - UMA QUESTÃO DE LINGUAGENS - SOARES, Magnay Erick Cavalcante e SILVA, Elisângela Araújo.	221
16 MEDIAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO - SOARES, Magnay Erick Cavalcante e GADELHA, Ney Oliveira.	238
17 USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS EM TEMPOS REMOTOS DE ENSINO - HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de e SANTOS, Maíra Cordeiro dos.	261
18 EMPREENDER UNIESP: TRANSFORMANDO UMA EMPRESA REAL EM VIRTUAL - HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de.	275
19 ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO NAS AULAS REMOTAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 - MAIA, Artur e DANTAS, Geovanna.	286
20 AULAS REMOTAS VIRTUAIS DURANTE O DISTACIAMENTO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA COM A APLICAÇÃO DE <i>INBOUND MARKETING</i> COMO METODOLOGIA PEDAGÓGICA - MEDEIROS, Mastroianne Sá.	311
21 UMA ABORDAGEM DA CONSTRUÇÃO DO REAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO EM TEMPO DE ISOLAMENTO - SOUSA, Saulo de Tarso da Silva e VAZ, Antônio Augusto Albuquerque.	324
22 DESIGN INSTRUCIONAL, CONFINAMENTO E EMPATIA: O DESAFIO DE REPLANEJAR TODO UM SEMESTRE EM CONTEXTO DE AUTOCONFINAMENTO - MELO, Vinicius Batista.	355

APRESENTAÇÃO

Estes relatos são resultados do desafio proposto aos docentes do Centro Universitário UNIESP, diante da Pandemia do Covid-19, que se alastrou pelo Brasil impactando profundamente o ano de 2020. Diante do cenário que se montou no país, medidas de isolamento social se apresentaram como alternativa orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O UNIESP aos 18 de março de 2020, atendendo estas orientações, encerrou as atividades presenciais e migrou para outra forma de estar presente mesmo distante.

A tecnologia se fez presente de forma intensa e foram iniciados os processos de adaptação. Reuniões, discussões e debates em cada coordenação intencionavam construir uma maneira de continuar as aulas sem que o momento atual afetasse diretamente a construção de conhecimento dos discentes. Inúmeros tutoriais, compartilhamentos e um sentimento de solidariedade profundo, conduziram equipes inteiras a aprender, buscar, ajudar e ensinar. As aulas presenciais, seguindo a orientação do MEC, precisamente, o “Parecer sobre a reorganização dos calendários escolares e a realização de Atividades Pedagógicas não presenciais durante o período de Pandemia do Covid-19” nortearam os caminhos quanto às aulas em Acesso Remoto.

Diante do cenário que se compunha foi solicitado dos docentes, estratégias que possibilitassem um diálogo aproximado com os discentes. A prática docente, neste momento, para além de pensar o conteúdo e a metodologia, precisou se aprofundar em estratégias e recursos que viabilizassem o ensino-aprendizagem. Neste sentido, as metodologias ativas, que tem seu foco na participação dos discentes na construção da aprendizagem, se tornaram essenciais neste processo das aulas no UNIESP.

Os docentes se debruçaram em um mergulho profundo em leituras e estudos que os possibilitassem aprender mais sobre tecnologias, plataformas e ferramentas. A aprendizagem híbrida que tem seu foco na flexibilidade e no processo ativo se tornou uma constante para esses profissionais. Eles passaram a compartilhar espaços (físicos e virtuais) diversos e formular atividades comuns ao dia-a-dia de cada um mais interativas dentro deste contexto. Os livros físicos, cadernos e canetas passaram a dialogar com *e-books*, bibliotecas virtuais, plataformas e *software* para produção textos, planilhas e cálculos. E as técnicas foram se resignificando com as tecnologias.

Passado o momento inicial, a Equipe Pedagógica do UNIESP constituiu o Núcleo Docente Estruturante Pedagógico – NDE Pedagógico. Neste espaço, um representante do NDE de cada Curso da Instituição se fez presente, no total de 18. No NDE Pedagógico se iniciou um compartilhamento intenso de experiências vividas na Educação considerando as especificidades de cada curso. Diante do montante de experiências, vivências e resultados positivos que foram sendo apresentados, surgiu a seguinte inquietação: qual a função social destes relatos de experiência? Este questionamento condicionou a equipe a formar uma Comissão e idealizar este Projeto **“Inovações e Desafios em tempos de educação remota: relatos de**

experiências”, ou seja, a publicarmos um *e-book* enquanto resultado de um trabalho educacional efetivo, focado no enfrentamento da pandemia por meio da construção de conhecimento.

Destacamos o posicionamento ético dos pesquisadores com relação ao desenvolvimento desta investigação que foi norteada por diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos estabelecidos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Brasil, em vigor no País. Assim, antes do início da coleta de dados, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UNIESP tendo sua aprovação conforme o parecer substancial CAEE nº 32003520.1.0000.5184.

O Covid-19, no ano de 2020, se configura como um fenômeno que impactou profundamente o meio educacional, e neste sentido, o Centro Universitário UNIESP vem encontrando meios de enfrentamento para superar os momentos da pandemia, com práticas educacionais que apresentam qualificação, continuidade e esperança que teremos no futuro dias ainda melhores. Assim este apresenta relatos de experiências, referente aos desafios e inovações da educação remota, por meio de práticas pedagógicas e estratégias de aulas, as quais oferecem caminhos para se replicar tais atividades. Portanto, contendo um total de 51 relatos, este se organiza em três volumes que contemplam as três grandes áreas de atuação docente: Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências Biológicas (Saúde).

Neste sentido, apresentamos o *e-book* “**Inovações e Desafios em tempos de educação remota: relatos de experiências**” desejando que as experiências vivenciadas por estes docentes possam inspirar cada um de vocês, na busca constante de possibilidades de enfrentamento do cenário atual, que embora nos pareça “obscuro”, este tem se configurado como um laboratório didático de aprendizagem por desafios aos docentes do século XXI.

Assim, desejamos a todas e todos, uma excelente leitura!

A Comissão.

INBOUND MARKETING NO COVID19: FORMAS DE RETENÇÃO E ASSIDUIDADE DO DISCENTE NO CENÁRIO REMOTO

LEITÃO, Alessandro Pinon¹
SOUSA, Hercilio de Medeiros²

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 será lembrado como o marco onde a humanidade teve que antecipar evoluções que ainda viriam, tudo ocorreu de uma única vez, precisando de ajustes, adaptações, sobretudo criação de estratégias educacionais virtuais e remotas para conseguir continuar as aulas e dinâmicas de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem se depara com um grande desafio, que é conseguir reter a atenção dos discentes, em meio a tantas distrações, já que não tem mais a sala de aula física, onde em quatro paredes o docente especificava e controlava as regras. Essa aderência deixa de ser controlável, e passa a ser facultativa a partir do momento que não sabemos se o aluno realmente está concentrado, ou ao desligar a câmera do aplicativo de *web* reunião o mesmo se encontrará atento a explicação e ao conteúdo ministrado. Observamos que o contato social termina por ajudá-lo na concentração.

O apoio social também contribui como uma função mediadora, contribuído para a manutenção da saúde, e permite que as pessoas contornem a possibilidade de adoecer, diante de determinados episódios da vida, como por exemplo: a perda do emprego, o falecimento de uma pessoa querida, entre outros. (Valla, 1998, Cit. in Pietrukowicz, 2001).

O ambiente hostil e recluso que a pandemia do COVID 19 proporciona, amplifica a falta de foco nas atividades acadêmicas, sobretudo na concentração e no desenvolvimento de rotinas em um local de distrações que é a casa das pessoas. Percebemos que a rotina de ir até a universidade para encontros sociais no cenário acadêmico, de certa forma auxilia na saúde mental, e apoia as rotinas de ensino e aprendizagem.

¹ Bacharel em Administração pelo IESP, MBA em Gestão Estratégica de Marketing/UFPE, Especialista em Metodologia de Ensino Superior/FACENE. Professor dos cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos do UNIESP. Gestor de marketing na Gráfica JB.

² Tecnólogo em sistemas para internet (FATECJP), Licenciado em Letras Português (UFPB). Especialista em Segurança da Informação (FATECJP) e Educação a Distância (SENAC). Mestre em Linguística (UFPB) e Informática (UFPB). Professor dos cursos de Sistemas e Pedagogia do UNIESP.

INBOUND MARKETING NO COVID19: FORMAS DE RETENÇÃO E ASSIDUIDADE DO DISCENTE NO CENÁRIO REMOTO

LEITÃO, Alessandro Pinon¹
SOUSA, Hercilio de Medeiros²

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 será lembrado como o marco onde a humanidade teve que antecipar evoluções que ainda viriam, tudo ocorreu de uma única vez, precisando de ajustes, adaptações, sobretudo criação de estratégias educacionais virtuais e remotas para conseguir continuar as aulas e dinâmicas de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem se depara com um grande desafio, que é conseguir reter a atenção dos discentes, em meio a tantas distrações, já que não tem mais a sala de aula física, onde em quatro paredes o docente especificava e controlava as regras. Essa aderência deixa de ser controlável, e passa a ser facultativa a partir do momento que não sabemos se o aluno realmente está concentrado, ou ao desligar a câmera do aplicativo de *web* reunião o mesmo se encontrará atento a explicação e ao conteúdo ministrado. Observamos que o contato social termina por ajudá-lo na concentração.

O apoio social também contribui como uma função mediadora, contribuído para a manutenção da saúde, e permite que as pessoas contornem a possibilidade de adoecer, diante de determinados episódios da vida, como por exemplo: a perda do emprego, o falecimento de uma pessoa querida, entre outros. (Valla, 1998, Cit. in Pietrukowicz, 2001).

O ambiente hostil e recluso que a pandemia do COVID 19 proporciona, amplifica a falta de foco nas atividades acadêmicas, sobretudo na concentração e no desenvolvimento de rotinas em um local de distrações que é a casa das pessoas. Percebemos que a rotina de ir até a universidade para encontros sociais no cenário acadêmico, de certa forma auxilia na saúde mental, e apoia as rotinas de ensino e aprendizagem.

¹ Bacharel em Administração pelo Centro Universitário - UNIESP, MBA em Gestão Estratégica de Marketing/UFPE, Especialista em Metodologia de Ensino Superior/FACENE. Professor dos cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos do UNIESP. Gestor de marketing na Gráfica JB.

² Tecnólogo em sistemas para internet (FATECJP), Licenciado em Letras Português (UFPB). Especialista em Segurança da Informação (FATECJP) e Educação a Distância (SENAC). Mestre em Linguística (UFPB) e Informática (UFPB). Professor dos cursos de Sistemas e Pedagogia do UNIESP.

De acordo com Cassel (1974), as pessoas que não tem posições sociais privilegiadas (pessoas com problemas sociais e desordem familiar), são mais susceptíveis a terem problemas de saúde relacionados ao stress. A sensação de não conseguir controlar a própria vida e a de isolamento social, podem estar diretamente relacionados com o processo saúde-doença. Porém, a proposta do apoio social mostra que as consequências desses fatores não são necessariamente aplicadas a todas as pessoas afetadas da mesma maneira.

O isolamento social é incômodo, e exige paciência de toda pessoa que se encontra nessa situação de contenção humana no perímetro domiciliar. São usuais situações de ansiedade, estresse, angústia (BITTENCURT, 2020, p.171).

O marketing de relacionamento pode ser um aliado importante, pois os docentes já exercem relacionamento profissional com os discentes. Frente a essa premissa, a qualidade de serviços ou CRM (*Customer Relationship Management*), retrata e constitui um esforço integrado das empresas para identificar, construir, manter e aprimorar relacionamentos individuais com clientes, no processo de troca de benefícios de longo prazo (Berry, 2002; Sheth & Parvatiyar, 2000).

Percebemos que o isolamento social obrigatório pelo cenário atual, é nocivo para a construção das relações e dinâmicas educacionais, por outro lado acreditamos que com uso de estratégias de atração da atenção, podemos ter alguns avanços significativos. Uma das estratégias que podemos nos apropriar, corresponde ao marketing de atração também conhecido como *Inbound Marketing*. De acordo com Souto (2020), o *Inbound Marketing* possui uma metodologia baseada em quatro etapas, nas quais combinam criação de conteúdo e automação de *marketing*, como apresenta a figura 1.

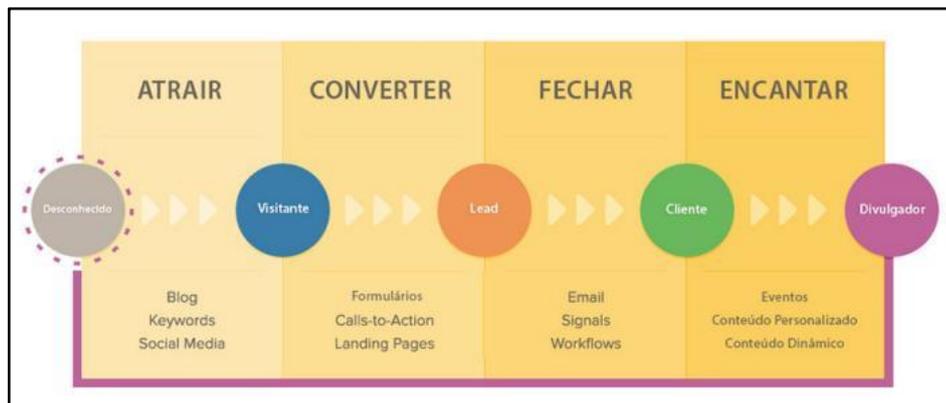


Figura 1 – Funil de *Inbound Marketing*
 Fonte: Gomes e Mesquita (2017, p. 16)

Assim como afirma Gomes e Mesquita (2017), na primeira etapa ATRAIR, estão todas as pessoas do mundo, inclusive aquelas que não conhecem a sua marca, ou que já ouviram falar. Dessa forma, o *Inbound Marketing* usa como estratégia *blogs*, *sites*, mídias sociais, para atrair a atenção das pessoas. No processo de ensino e aprendizagem utilizamos como estratégia de atração dos discentes as mídias sociais e enquetes.

Na etapa de CONVERSÃO, o objetivo é converter os visitantes em *leads*. “*Leads* são pessoas que mostraram interesse na marca, conteúdo e empresa. Esses visitantes ofereceram mais informações para você (como telefone e e-mail) em troca de algo”. (GOMES; MESQUITA, 2015, p. 18). Portanto, são pessoas que estão consumindo conteúdos disponibilizados pela sua marca através do seu *blog/site* e mídias sociais. Então, é neste momento que o *inbound marketing* utiliza-se de conteúdos relevantes para atrair de forma efetiva o *lead*. Nesse sentido, no processo de ensino e aprendizagem, os conteúdos precisam ser adaptados, utilizando-se de possibilidades midiáticas como aplicações e *softwares* que permitem a inserção de enquetes, vídeos, *sites*, e outros recursos, intercalando com o conteúdo teórico.

Segundo Gomes e Mesquita (2015), a terceira etapa corresponde ao FECHAMENTO, onde nesse momento, deve-se usufruir das estratégias de *marketing*, e dos *leads* que podem vir a se transformar em clientes. Nesta etapa é fundamental utilizar conteúdos úteis e relevantes para manter e reter a comunicação com o *lead*, passando por um processo importante de construção de confiança, até ele se sentir seguro para fechar negócio com a sua marca. Nessa etapa à luz do processo educacional remoto, é o momento de entregar o conteúdo teórico, é

importante que esse processo seja de forma criativa e interativa, podendo proporcionar momentos prazerosos de encontro.

A metodologia *Inbound* tem como propósito transformar o *lead* em cliente, sobretudo em um promotor da marca, produto ou serviço. (GOMES; MESQUITA, 2017, p. 19). Conforme afirma Gomes e Mesquita (2017), após passar por essas etapas o cliente se fideliza e permanece interagindo com as demandas, conteúdos, produtos e serviços, e a empresa consegue assim efetividade e segurança para criar novas estratégias. Trazendo para nosso prisma educacional remoto, conseguimos alunos mais fiéis e aceitando com maior facilidade as propostas do docente.

A fidelização pode ser feita com ofertas exclusivas para clientes, pré-lançamentos, engajamento nas redes sociais, bom atendimento pós-venda, formulários de satisfação... existem diversas opções e o que citamos são ferramentas fundamentais para garantir que, mais do que satisfeitos com seu produto, os clientes se deleitem com sua marca. Virem fãs. Passem a recomendar sua marca para amigos e conhecidos (GOMES; MESQUITA, 2015, p. 20).

Portanto esse artigo traz como proposta a discussão sobre como conseguir maior atenção dos discentes no processo de ensino aprendizagem, diante na pandemia do Covid-19, e para isso trazemos o problema de pesquisa: Como atrair audiência para aulas remotas no cenário atual?

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Lakatos & Marconi (2003), a metodologia é a fase do estudo científico na qual são elencadas as questões que norteiam a problemática-chave da temática estudada e são utilizados os métodos e ferramentas que possibilitem o seu alcance da maneira mais prática e eficiente.

2.1. ABORDAGEM DA PESQUISA

A abordagem da pesquisa foi fundamentada sob caráter exploratório com tipologia qualitativa, tendo como objetivo principal, a compreensão sobre a utilização do *Inbound Marketing* como estratégia educacional em nível superior, para reter e obter maior participação dos discentes nas aulas remotas através de webconferência.

Para Lakatos & Marconi (2003, p.188) as pesquisas exploratórias:

são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

De acordo com Lefrève; Lefrève (2014), o Discurso do Sujeito coletivo é uma ferramenta que possibilita compreender o entendimento coletivo através da coleta e interpretação de discursos individuais para observá-los por intermédio de sua estruturação de acordo com aspectos centrais correspondentes, desenvolvendo, desta forma, uma associação sintetizada que aponte como produto um discurso comum coerente ao que fora expresso pelos indivíduos estudados.

O discurso coletivo pode ser extraído com maior legitimidade por meio do estudo dos posicionamentos individuais, visto que, o pensamento coletivo consiste na presença e interação destes indivíduos na integralização de seu grupo social. Portanto, para a obtenção do pensamento coletivo, se faz necessário questionar os indivíduos selecionados como amostra representativa indagando-os em um contexto livre de interferências externas, possibilitando, à vista disso, a compreensão substanciada dos argumentos, opiniões e posicionamentos grupais. (LEFRÈVE; LEFRÈVE, 2005.)

2.2 AMBIENTE DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com alunos dos cursos de Administração e Gestão Comercial, na disciplina *Marketing II* no UNIESP Centro Universitário. Utilizamos para a interação através de webconferência, o *software* da empresa Cisco, o *Webex meetings*.

2.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram extraídos da disciplina de *Marketing II*, onde vivenciaram algumas estratégias de *Inbound Marketing*, com o objetivo de atrair e motivar a presença e participação do discente na aula remota.

Ao decorrer deste trabalho, os sujeitos serão identificados como Sujeito 1, Sujeito 2 e Sujeito 3:

Sujeito 1: Discente do gênero feminino nascida em 1990, solteira, cursa o terceiro período do curso de Gestão Comercial no turno da noite.

Sujeito 2: Discente do gênero feminino nascida em 1996, solteira, cursa o quarto período do curso de Administração no turno da noite.

Sujeito 3: Discente do gênero masculino nascido em 1998, solteiro, cursa o terceiro período do curso de Gestão Comercial no turno da noite.

2.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta dos dados analisados na pesquisa, foi realizada uma entrevista utilizando o *Google* Formulário através de perguntas abertas e discursivas por um roteiro semiestruturado de entrevistas individuais. Os questionamentos realizados versam sobre a utilização de estratégias educacionais interativas, onde o docente proporcionou experiências através de dinâmicas, interações via *e-mails*, aplicativo de mensagem instantânea, enquetes musicais, listas de exercícios integrados ao conteúdo, entre outros. Toda a coleta de dados estabeleceu os preceitos éticos, onde informamos que a participação dos sujeitos ocorreu de forma sigilosa, mediante autorização dos indivíduos entrevistados.

2.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme a aplicação do roteiro semiestruturado de pesquisa, os entrevistados foram indagados acerca de como está sendo a experiência de ensino remoto e sobre as práticas, propostas pelo docente na disciplina de *Marketing II*. Com propósito objetivo, os entrevistados foram selecionados de acordo com sua desenvoltura, participação e envolvimento nas aulas remotas.

De acordo com o que fora anteriormente exposto na metodologia deste trabalho, as informações coletadas serão analisadas com o propósito de obtermos uma representação de um pensamento coletivo, mais especificamente, a

representação do pensamento coletivo exposta por discentes do terceiro período do curso de Gestão Comercial e do quarto período do curso de Administração, da disciplina *Marketing II*.

As informações foram organizadas de acordo com a temática das questões e suas respectivas abordagens, estruturadas com as ideias centrais dos sujeitos, e, por consequência, analisadas dentro do discurso coletivo.

PRIMEIRA ABORDAGEM TEMÁTICA: No início das aulas remotas você teve dificuldades? Quais?

SUJEITO 1: Sim. Problemas como atenção, horários, rotina. Na verdade ainda tenho, pois, alguns professores a aula não muda de forma remota.

SUJEITO 2: Sim, com os aplicativos que sempre variavam, além das distrações que temos em casa, tirado o foco.

SUJEITO 3: Sim, eu particularmente tive uma dificuldade pessoal com a organização e prazos, vencer a procrastinação é um desafio pessoal e fez com que atividades fossem acumuladas.

É possível perceber que a aprendizagem perpassa os espaços “escolares” e permeia as atividades sociais. A utilização das tecnologias contemporâneas de informação e comunicação no ensino, especificamente a internet e os *softwares* auxiliares para a educação, tem sido alvo de grande interesse, tanto para o ensino presencial, quanto para o ensino e a distância (SILVA, 2002; CAVALCANTE, PIFFER e NAKAMURA, 2001; NOGUEIRA, 2000).

“Sim. Problemas como atenção, horários, rotina. Na verdade ainda tenho, pois, alguns professores a aula não muda de forma remota, porém, outros, a aula que era boa de forma presencial não continua com a mesma qualidade de forma remota, daí trás a falta de atenção, a desmotivação e falta de interesse dos alunos. Alguns já deixavam a desejar de forma presencial, e de forma remota trouxe ainda mais dificuldades, tanto do professor como da disciplina, aí acaba que fica um pouco que complicado de manter assiduidade.”

(DSC – IDEIA CENTRAL 1: AS DIFICULDADES DAS AULAS REMOTAS)

Os discursos dos sujeitos traduzem dificuldades no uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), porém se proporcionarmos alinhamento padrão de um único aplicativo para webconferência entre o docente e o discente, esses processos educacionais tornando-se menos nocivos, no que versa a relação atrativa no processo remoto de ensino e aprendizagem.

SEGUNDA ABORDAGEM TEMÁTICA: O que motivou você assistir as aulas e acessar o aplicativo *Cisco Webex* de webconferência? Relate como foi sua experiência em utilizar esse APP?

SUJEITO 1: A indicação foi do professor, onde constatamos real diferença na qualidade do App comparado aos outros.

SUJEITO 2: Então, minha maior motivação foram a interação e dedicação que os professores tiveram.

SUJEITO 3: Ter o contato direto com os professores foi fundamental, além de ter me esforçado e sempre presente, diferente de algum aluno que possa chegar no último dia dos prazos, sem ter participado de reuniões nenhuma, cheio de queixas ou críticas.

Segundo Lévy, (2003) Trazemos como metáfora conceitual o Contexto Compartilhado – que versa através de uma abordagem da comunicação onde aprendizes organizam e modificam o contexto compartilhado continuamente, em busca de um sentido emergente de construção e adaptação de contextos, onde é sempre local, datado e transitório.

“Indicação do professor. Onde constatamos real diferença na qualidade do App comparado aos outros anteriormente usados. Experiência positiva, avaliando num comparativo, foi o de melhor qualidade que usei..”

(DSC – IDEIA CENTRAL 2: UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO DE WEB CONFERÊNCIA)

É mais que notório que a vida online estava bem próxima e agora chegou em definitivo através dos avanços das tecnologias e por conta do cenário atual. Os aprendizes podem definir papéis novos, bem como sujeitos-autores podem aprender cada vez mais por meio da integração de experiências em ambientes virtuais dentro de espaços reais, como agentes sociais ativos e construtores do saber.

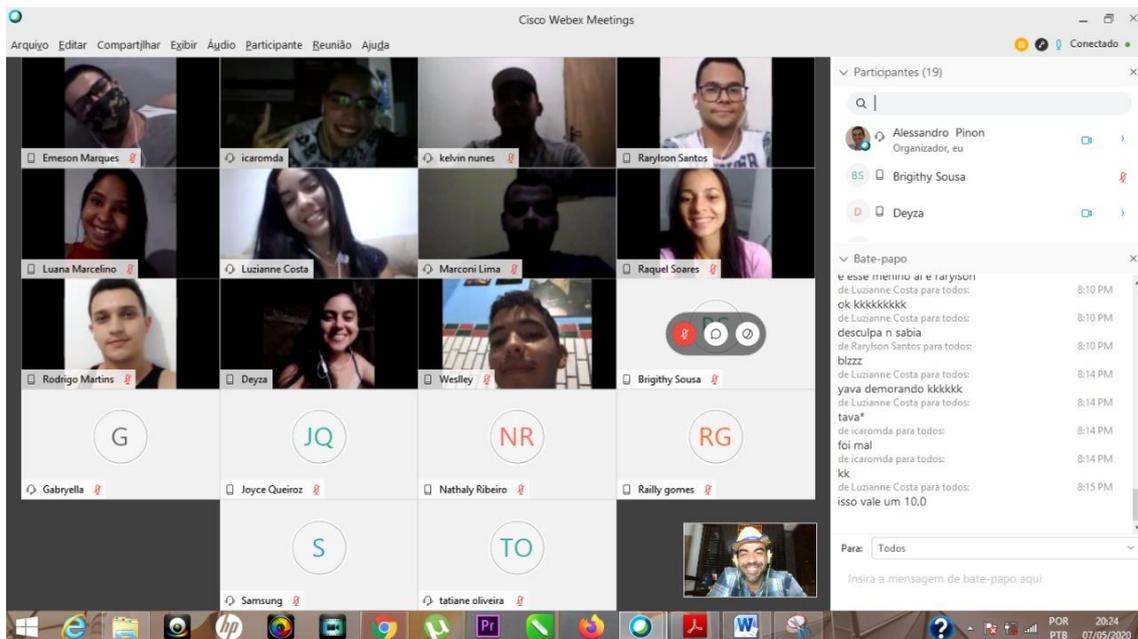


Figura 2: Estratégia de webconferência com o Cisco Webex Meetings
 Fonte: Próprio Autor (2020)

TERCEIRA ABORDAGEM TEMÁTICA: O que você acha da interação do docente dias antes da aula? Você acha essa interação através de grupos de mensagens, e-mails, invasiva? Comente.

SUJEITO 1: Não acho invasiva, até mesmo porque não há obrigação de interação, vai de cada aluno, participar e interagir ou não, assim sendo, pra que opta por participar mais das interações sai ganhando.

SUJEITO 2: Particularmente acho maravilhoso! É uma forma de aproximar e interagir aluno e professor, de lembrar-se da aula, do aluno ir ao portal ler o conteúdo pra se preparar.

SUJEITO 3: Não acho de forma alguma invasiva, a mim particularmente e acredito que para outros, foram lembretes valiosos que puderam ajudar a não procrastinar.

Okada (2005) apresenta como reflexão a Intermediação Pedagógica Múltipla, que trata de uma abordagem onde todos aprendizes participam ativamente. O aluno mediado torna-se um mediador pedagógico dos professores, seus auxiliares e colaboradores internos (colegas) e público externo (autores consultados e

palestrantes convidados) ausentando-se de ser o único mediador. Essa estratégia possibilita a aprendizagem experimentada por todos. Todos os participantes são corresponsáveis e coautores da construção coletiva do conhecimento. E todos eles auxiliam um ao outro na sua produção individual (autoria própria) e coletiva (trabalho colaborativo).

“Não acho de forma alguma invasiva, a mim particularmente e acredito que para outros, foram lembretes valiosos que puderam ajudar a não procrastinar algumas atividades, inclusive grupos de whatsapp que foram criados foram ferramentas extremamente eficientes para ajudar com dúvidas, interação e até ânimo mesmo para continuar em tempos difíceis, levando em conta que alguns alunos se mostraram com o emocional abalado nesses últimos tempos, e acredito que é nosso dever ajudar, plantar o bem sem querer nada em troca.”

(DSC – IDEIA CENTRAL 3: INTERAÇÃO DO DOCENTE EM GRUPOS DE MENSAGENS E E-MAILS)

Observamos que a interação prévia estimula positivamente o grupo, a gerar gatilhos mentais positivos na participação do momento, e, quando alguns alunos se tornam co-produtores da interação, exalando a satisfação e benefícios gerados, bem provável que outros discentes se contagiaram a experimentar.

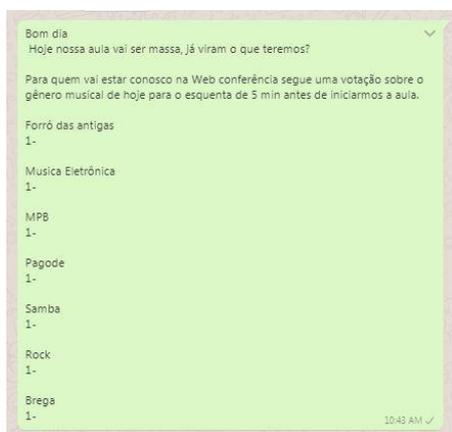


Figura 3: Uso de enquete musical
Fonte: Próprio Autor (2020)



Figura 4: Uso de enquete musical em aplicativo de mensagem
Fonte: Próprio Autor (2020)

A proposta dessa enquete denominada “Esquenta” tinha como dinâmica prática iniciar a interação via webconferência cinco minutos antes de começar a aula, através da escolha de um gênero musical pela turma. No dia 07-05-2020 às 10h43 enviamos a enquete em um grupo da turma, através de aplicativo de mensagem. Observamos que entre a hora de início da interação até o final às 18h55 houveram 192 mensagens relacionadas ao assunto.



Figura 5: Interação dos alunos no Aplicativo de mensagem
Fonte: Próprio Autor (2020)



Figura 6: Esquenta no YouTube
Fonte: Próprio Autor (2020)

QUARTA ABORDAGEM TEMÁTICA: Você se sentiu atraído em participar das aulas após o docente iniciar a utilização de dinâmicas, interações via e-mails, App de mensagem, enquetes musicais, listas de exercício integrados ao conteúdo?

SUJEITO 1: Sim. Acho que todo e qualquer ser humano, no meio acadêmico, pessoal ou profissional, gosta de pessoas positivas, ambientes alegres, faz com que as coisas se tornem melhores.

SUJEITO 2: Com certeza atraída, fico ansiosa esperando o momento da aula, pesquiso sobre o assunto pra poder interagir.

SUJEITO 3: Certamente! Tivemos um professor, que tomou a iniciativa desde do começo de reunir nossa turma e o primeiro a fazer uma vídeo conferência antes mesmo de instituição se pronunciar.

Nessa dimensão, se apresenta a aprendizagem reconstrutiva, que guia as novas reorganizações e adaptações do que normalmente já está idealizado. A rigor,

as novas propostas são apenas reordenações de conceitos e estratégias já vividas. No entanto, quando o mediador provoca os aprendizes a buscarem a essência dos elementos, ressignificações coletivas podem surgir. (Okada, 2005; 2007).

“Certamente! Tivemos um professor, que tomou a iniciativa desde do começo de reunir nossa turma e o primeiro a fazer uma vídeo conferência antes mesmo de instituição se pronunciar, no primeiro dia não teve nem 20% da sala, mas, como foram ótimas as dinâmicas e o clima nas vídeo conferências, conseguimos animar os alunos, e as aulas deste professor, tivemos "recorde de participação em vídeo conferência" 80% da turma participava, uma consequência foi que no dia deste professor uma parte significativa, já e em outros dias da semana, ficava de fora, já que era opcional, não estou desmerecendo as outras aulas, na verdade eu assisti todas, sempre! Porém, de fato eu e toda a turma com unanimidade podemos afirmar que estávamos sempre mais animados no dia da aula deste professor, atraído pelo ânimo de todos os alunos, e interações durante a semana no nosso grupo, músicas para descontrair e tudo mais, e sim, foco no assunto e no aprendizado, isso não é para causar nenhum tipo de inveja, ou dissensões, mas, acredito que o que é bom tem que ser colorado e melhorado, e essa metodologia foi um sucesso!”

(DSC – IDEIA CENTRAL 4: INTERAÇÃO DO DISCENTE APÓS DINÂMICAS)

Perceber efetividade na interação do grupo e principalmente aderência as dinâmicas e ao conteúdo, demonstra sentimentos do processo ganha-ganha, pois, além do reconhecimento mútuo do esforço os sujeitos tanto o docente quanto o aprendiz, empregam com sucesso a conclusão efetiva na construção da interação no processo de ensino e aprendizagem.



Figura 7 - interação dos aluno no Cisco Webex Meetings
Fonte: Próprio Autor (2020)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Web 2.0*, que corresponde a segunda fase da internet, é caracterizada pelo compartilhamento de informações de forma colaborativa e gratuita, sendo através deste contexto, que as técnicas de *Inbound Marketing* obtiveram maior aceitação pelo público. O *Inbound Marketing*, corresponde ao marketing de entrada, e é uma metodologia que tem como objetivo atrair o público por meio de informações relevantes. Contudo, o maior desafio desta técnica, corresponde ao bom aproveitamento dos *leads* até à conversão final, atividade que deve ser enfrentada com bastante rigor.

O uso do *Inbound Marketing* constitui uma tática de grande potencial, diante da possibilidade que os próprios utilizadores busquem adquirir subsídios tais como vídeos, *ebooks*, *surveys*, *webinars*, entre outros.

Nesta ambiência reflexiva, no presente artigo buscou-se contextualizar e tecer uma breve análise do processo de implementação de *Inbound Marketing*, diante da forte participação dos discentes envolvidos e da eficácia de ensino que se apresentou obter, para os objetivos que estavam propostos para a disciplina, considerando-se importante o estudo futuro e aprofundado desta temática e suas relações com o ensino apoiado por tecnologias.

REFERÊNCIAS

- BERRY, Leonard L. Relationship marketing of services perspectives from 1983 and 2000. **Journal of relationship marketing**, v. 1, n. 1, p. 59-77, 2002.
- BITTENCOURT, R. N. **Pandemia, isolamento social e colapso global**. Revista Espaço Acadêmico, v. 19, n. 221, p. 168-178, 28 mar. 2020. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/articleview/52827/751375149744>. Acesso em: 25 maio 2020.
- CASSEL, John. An epidemiological perspective of psychosocial factors in disease etiology. **American Journal of Public Health**, v. 64, n. 11, p. 1040-1043, 1974.
- CAVALCANTE M. A.; PIFFER, A.; NAKAMURA, P. O Uso da Internet na Compreensão de Temas de Física Moderna para o Ensino Médio. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 23, n. 1, p.108-112, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- GOMES, Diego; MESQUITA, Renato. **Inbound Marketing 2.0**: o futuro do marketing já chegou. O futuro do marketing já chegou. 2017. Disponível em:

https://cdn2.hubspot.net/hubfs/355484/2.1_Inbound_Marketing_-_O_guia_definitivo.pdf?utm_source=hs_automation&utm_medium=email&utm_content=
 . Acesso em: 27 maio 2020.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; MARQUES, M. C. da C. **Discurso do sujeito coletivo**, complexidade e auto-organização. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, Agosto, 2009.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

OKADA, A. Knowledge Media Technologies for Open Learning in Online Communities. **The International Journal of Technology, knowledge & Society**. Vol.3., July 2007.

OKADA, S. Intermediação pedagógica múltipla no universo das TIC, Moodle e webconferência. In: Alves, Lynn **Moodle – ambiente e suas matrizes pedagógicas**. In mimeo, 2007.

OKADA, A. The Collective Building of Knowledge in Collaborative Learning Environments. In: Roberts, T. (Org.) **Computer-Supported Collaborative Learning in Higher Education**. 1 ed. Idea Groups. London, v. 1, p. 70-99, 2005.

PIETRUKOWICZ, Marcia Cristina Leal Cypriano. **Apoio Social e Religião**: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4610>. Acesso em: 27 maio 2020.

RODRIGUES, Vera B. ; MADEIRA, Milton – Suporte social e saúde mental: revisão da literatura. **Revista da Faculdade de Ciências da Saúde**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0480.6 (2009) 390-399.

SILVA, W. P.; SILVA, C.M.D.P.S.; SILVA, C.D.P.S.; SOARES, I.B.; SILVA, D.P.S.; Apresentação do Software Educacional "Vest21 Mecânica". São Paulo: **Revista Brasileira de Ensino de Física**. V. 24, n. 2, p. 221-231, 2002.

NOGUEIRA, J.S., RINALDI, C., FERREIRA, J.M.; PAULO, S.R. Utilização do Computador como Instrumento de Ensino: uma Perspectiva de Aprendizagem Significativa. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 22, n. 4, p. 517-522, 2000.

SOUTO, Rodrigo. **O que é Inbound Marketing? Tudo o que você precisa saber!** 2020. Disponível em: <https://br.hubspot.com/blog/marketing/o-que-e-inbound-marketing>. Acesso em: 27 maio 2020.

SHETH, Jagdish N.; PARVATIYAR, Atul. The domain and conceptual foundations of relationship marketing. **Handbook of relationship marketing**, p. 3-38, 2000.

A NEARPOD COMO OTIMIZADORA DA INTERAÇÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

LEITÃO, Alessandro¹
CAVALCANTI, Joana²

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma apreciação de relatos de experiências docentes sobre o uso de ferramentas potencializadoras do exercício docente durante o período de isolamento social, a chamada quarentena, pela pandemia do novo Coronavírus. Mais especificamente, o estudo teve como objetivo analisar o potencial do aplicativo *Nearpod* na consolidação da adesão e participação do corpo discente nas aulas remotas. Este trabalho de pesquisa teve, no primeiro momento, como exigência metodológica uma pesquisa na literatura especializada sobre o uso de inovação, tecnologia e ferramentas educacionais. O momento posterior exigiu uma ação – reflexão dos autores-professores e que enquadra a pesquisa como um estudo de caso que teve como pano de fundo o relato de experiências desses professores de formação, geração e práticas docentes bem distintas. Uma realidade *sui generis* se impôs e exigiu dos atores sociais que fazem a educação no país, se reinventarem, abandonarem suas certezas e enfrentarem seus limites.

No Brasil, a educação tornou-se remota com a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que regulamentou a continuidade das atividades acadêmicas no ensino superior através da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Tal Portaria recebeu ajustes e acréscimos por meio das Portarias nº 345, de 19 de março de 2020, e de nº 356, de 20 de março de 2020. Nos primeiros dias, como todos foram pegos de surpresa, gestores públicos e privados, trabalhadores, estudantes viram a suspensão das aulas como uma realidade que ainda não era definitiva. No entanto, diante da gravidade da situação que se acenava em todo o mundo em 1º de abril de 2020, o Governo Federal editou a Medida Provisória nº 934

¹Bacharel em Administração pelo UNIESP, MBA em Gestão Estratégica de Marketing/UFPE, Especialista em Metodologia de Ensino Superior/FACENE. Professor dos cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos do UNIESP. Gestor de marketing na Gráfica JB.

²Graduada em Ciências Sociais pela UFPB, Mestra em sociologia pelo PPGS/UFPB, Doutora na área de Teoria Social pelo PPGSS/UFPE. Professora dos cursos de Administração e de Direito do UNIESP.

que estabeleceu normas excepcionais para o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

O susto com o afastamento e a urgência da proximidade necessária ao processo ensino-aprendizagem deu largada a corrida pelas novas tecnologias adequadas ao ambiente educacional. A tecnologia, embora também assuste docentes e discente, tem se apresentado como a grande aliada da escola nesse período em que o mundo está assolado pela pandemia do COVID-19. Muitas ferramentas foram criadas ou aperfeiçoadas para subsidiar ao processo de ensino aprendizagem e têm se tornado mais familiares a cada dia que as cidades avançam com as medidas de isolamento.

Cabe aqui refletirmos sobre o que Carvalho e Domingo (2012, p.77), registram sobre a relação do uso das novas tecnologias e a produção do conhecimento:

As descobertas tecnológicas, com todas as novas abordagens que decorrem de seu amplo uso, podem promover, para além da inclusão do sujeito na esfera do mundo informatizado, uma nova concepção acerca do processo de ensino-aprendizagem que pode fazer uso dessas tecnologias para garantir o desenvolvimento global desse homem que está definitivamente inserido no mundo moderno.

Os professores têm se apresentado nesse momento extraordinário como protagonistas no uso e disseminação de novas tecnologias voltadas para educação (DEMO, 1998). Existem uma multivariada de ferramentas com as mais diversificadas aplicações. Essas ferramentas vêm oferecendo aos professores a oportunidade de inovar seu próprio fazer pedagógico exercitado na construção e mediação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), usando de forma integrada recursos que permitem otimizar a organização de conteúdos, a disponibilização de material para pesquisas e estudos, produção colaborativa, e por fim, a execução de atividades de acompanhamento e de avaliação da aprendizagem.

Foi justamente nessa peculiaridade que o aplicativo *Nearpod* chamou a atenção de docentes e discentes. A Aplicação *Nearpod* possibilita à criação de espaços interativos em tempo real ou ajustada as necessidades dos discentes. Com ele é possível criar apresentações através de slides com gravação de áudio e

inserção vídeos para consulta posterior ou para partilhar a aula em tempo real, monitorar o acesso e a execução das atividades realizadas pelos alunos e ainda receber relatórios de desempenho.

Assim, este artigo obedece a seguinte estrutura: primeiro, é apresentada a plataforma *Nearpod* para em seguida, serem apresentados os relatos de dois professores de como foram suas experiências com o uso dessa plataforma no período de suspensão das aulas presenciais do primeiro semestre de 2020.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 NEARPOD: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES DE SEU USO EM AULAS REMOTAS

Nearpod é uma plataforma de aprendizagem móvel que pode ser baixada por meio um aplicativo em computadores, *tablets* e *smartphones* (Figura 01 e Figura 02). Nela, os professores podem criar aulas interativas e controlar o acesso e a performance dos estudantes. Foi criada em 2012 por um grupo norte-americano que investe em ambientes de aprendizagem virtual ou *Learning Management Systems* (Sistemas de Administração de Aprendizado) e que estavam inovando no setor com a criação de um *Classroom Management System* (Sistema de Administração de Sala de Aula). Em sua plataforma, o *Nearpod* se denomina como “uma plataforma instrucional que mescla avaliação formativa e mídia dinâmica para experiências de aprendizado colaborativo³”.

Em uma entrevista à revista *Porvir* em abril de 2015, ainda antes do mundo da educação sofrer os impactos da pandemia do Coronavírus, o cofundador e CEO da *Nearpod* *Guido Kovalskys* revelou que o uso de dispositivos eletrônicos em sala de aula estava seguindo uma tendência que já havia se consolidado no mundo corporativo. Naquele momento, a *Nearpod* estava direcionando seus esforços para solucionar problemas do engajamento do aluno em sala de aula (LENOIR, 2015) e hoje, poderíamos dizer que esses esforços que foram orientados para adequar o uso desses dispositivos em aulas presenciais repercutiram com maior força e evidencia nas aulas remotas.

³ Disponível em: <https://Nearpod.com> Acesso em: 12 jun. 2020.

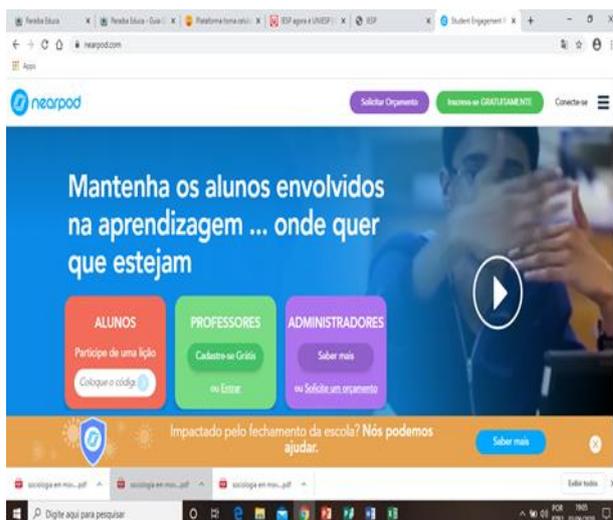


Figura 1 - Apresentação do acesso à plataforma *Nearpod*, em português.
 Fonte: Arquivo Pessoal. *Print* da tela, 2020.

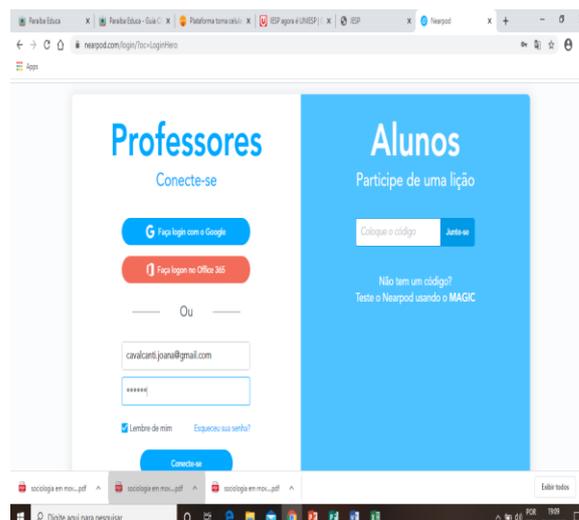


Figura 2 - Apresentação do acesso à plataforma *Nearpod*, em português.
 Fonte: Arquivo Pessoal. *Print* da tela, 2020.

Atualmente, a tecnologia tem sido peça fundamental para que os agentes da educação possam continuar o seu fazer. O uso da plataforma *Nearpod* tem como potencial seu uso democrático por apresentar versões gratuitas e pagas. Embora a versão gratuita seja a mais restritiva, ela disponibiliza as mesmas cinco ferramentas nas duas versões e também tem a página pode ser facilmente traduzida em português pelo *Google Translate*. As ferramentas são de fácil acesso, quase que intuitivo. Os professores criam as lições que podem ser conciliadas com as salas de *web conferência* que permitam a sincronização e o controle das telas dos alunos como o *Jitsi Meet*, *Zoom*, *Google Meet* entre outros.

A plataforma oferece cinco ferramentas que possibilitam aos professores, a criação de *quizzes*, atividades de questões abertas, usa de jogos de memória, enquetes e apresentações de conteúdos onde os alunos podem interagir em tempo real, inclusive com temporização determinada para que se execute cada atividade ou ainda permite o acesso e a realização da atividade de forma mais flexível. A plataforma também apresenta ferramenta de controle de acesso e de rendimento pode ser monitorado de forma instantânea, em tempo real. Ou seja, cada atividade gera um relatório que mensura para o professor o desempenho por turma e por aluno. E, o aluno no final de sua atividade terá um *feedback* de seu desempenho

nos *quiz*. Dito isto, vamos à próxima sessão as potencialidades e limitações da plataforma *Nearpod*.

2.2 POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA PLATAFORMA NEARPOD

Várias são as impressões que esta plataforma causou. Entretanto os estudiosos da área têm convergidos em elencar como potencialidade:

- Compatível com quase todos os sistemas operativos (*Windows, Mac, Android, iOS, ChromeBook e Windows Mobile*)
- O cadastro é simples e gratuito;
- O professor pode criar na plataforma ou fazer um *upload* de arquivos existentes em seu dispositivo – Apresentação, Vídeo, Imagem (2D, 3D e panorâmica), Biblioteca organizada por pastas que incorporam PDF, *powerpoint* e áudio.
- Podem ser incorporados conteúdos disponíveis na *internet* em vídeo, áudio, PDF, *Powerpoint* ou Imagem (2D, 3D e Panorâmica);
- O professor poderá criar atividades para serem respondidas em tempo real, inclusive com o uso de temporizador ou para serem respondidas com mais flexibilidade, no tempo do aluno. As atividades podem ser de Sondagem, Questões abertas, *Quiz*, Jogos de pares, Desenho, Colaboração (virtual *post-its*), preenchimento de espaços, testes de memória;
- Pode criar *Sway* e enviar por *e-mail, Twitter, Facebook* ou armazená-lo na pasta “*Meus Sways*” que ele irá ficar salvo e acessível para edição posteriormente;
- Pode fazer uma visita de campo, um tour virtual por alguns monumentos históricos;
- Interação com os alunos em tempo real;
- Relatórios de avaliação das atividades realizadas pelos alunos;
- Possibilidade de criação colaborativa de apresentações;
- Os alunos não precisam estar registrados, eles acessam por um código de apresentação
- O professor pode comandar o compartilhamento da apresentação desde que esteja sala de web conferência ou pode liberar com um determinado o acesso do aluno através de um código.

Do mesmo modo encontramos referências de limitações da plataforma que estão bastante presentes naqueles que pesquisam o AVA. São elas:

- Na versão gratuita oferece um espaço de apenas 50 Mb de armazenamento na Biblioteca;
- Cada Lição deve ter no máximo 20 Mb;
- A versão paga mais barata custa US\$120 dólares anuais, cerca de R\$ 600,00 oferecendo um espaço de 3Gb na Biblioteca e de 40Mb por lição e mais recursos são disponibilizados;
- Existe um acervo de lições prontas e conteúdos da BBC vídeo, podem ser pagas e gratuitas, estão disponíveis apenas em inglês;
- Existe também uma versão para as instituições, mas os valores não estão disponíveis na plataforma. Apenas sob consulta.

2.3 O USO DA *NEARPOD* DURANTE AS AULAS REMOTAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Os relatos das experiências com o uso dessa plataforma *Nearpod* foram construídos a partir das perspectivas de possibilidades e limitações que a plataforma apresentou durante o período de aulas remotas do semestre 2020.1. Assim, estão apresentados aqui o relato de uma professora que ministra aulas de disciplinas de formação geral nos cursos de Administração e de Direito e de um professor que ministra aulas de disciplinas da formação profissional nos cursos de Gestão de Recursos Humanos, Gestão Comercial e Administração. Ambos, recorreram durante a suspensão das aulas presenciais ao uso dessa plataforma que até então desconheciam.

Temos dois “fenótipos” de docentes, que não são antagônicos em seu fazer pedagógico, apenas que realizam de maneira distinta sua atuação no processo de ensino aprendizagem, uma vez que atuam em campos de formação que apresentam exigências metodológicas específicas. Um vinculado as disciplinas propedêuticas voltadas para formação geral, embora esse campo de conhecimento já venha incorporando as chamadas metodologias ativas, ele ainda está bastante preso a metodologia tradicional da preleção. Já o outro campo, o das disciplinas de formação profissional é contumaz explorador das metodologias inovadoras alinhada com as novidades do campo profissional. Embora não se possa demarca o lugar de cada um desses profissionais, o seu fazer pedagógico recebe de um lado os traços

de formação humanista e propedêutica e do outro, a tecnicista; um trabalha o sujeito cognoscente e outro a práxis profissional.

No início do período de suspensão das aulas presenciais, o UNIESP ofereceu através da coordenação dos cursos de EAD, cursos remotos para que professores pudessem conhecer novas tecnologias voltadas para educação. Assim, foram apresentadas as salas de *web conferências*, plataformas, ferramentas e aplicativos que pudessem auxiliar o fazer pedagógico.

Costa (2012) esclarece que é preciso que se conheça como as tecnologias disponíveis podem ser utilizadas e no estas poderão corresponder aos objetivos curriculares.

Digamos que não basta reconhecer a importância das tecnologias e estar motivado para sua utilização, mas é imprescindível ter algum conhecimento tecnológico, sem o qual será difícil uma tomada de decisão fundamentada e esclarecida. Tratar-se-ia, neste caso, de procurar saber que tecnologias existem, o que permitem fazer, qual seu grau de dificuldade em termos de aprendizagem, que requisitos técnicos são necessários para poderem ser utilizadas pelos alunos, para referirmos apenas alguns dos aspectos essenciais ao seu uso efetivo (COSTA, 2012, p.24)

Uma das plataformas que foram apresentadas durante esses cursos de formação/capacitação, foi a *Nearpod* que por sua facilidade de acesso e grande potencial de interatividade conquistou a atenção de boa parte do público de professores que fizeram o curso, e em especial, os professores que oferecem aqui os seus relatos de experiência.

2.4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROFESSOR *MANAGER*

Sou professor dos cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos do UNIESP, utilizei a plataforma *Nearpod* com a disciplina de Comunicação Empresarial do curso de Recursos Humanos, bem como a disciplina de *Customer Relationship Management* (CRM) do curso de Gestão Comercial. Usufruímos a aplicação nessas disciplinas em todas as aulas remotas do mês de abril de 2020.

Percebemos a facilidade na usabilidade da plataforma através do computador utilizando a *internet*. Não encontramos dificuldades em desenvolver a inclusão das aulas já construídas no *Microsoft PowerPoint*, agregando a aplicação da estratégia

interativa de inserção de perguntas de múltipla escolha (*QUIZ*). De forma empírica recebemos *feedbacks* positivos de ambas as turmas, apresentamos nas figuras 03 e 04 a estatística de um dos dias que utilizamos a estratégia para o processo de ensino e aprendizagem dos aprendizes.

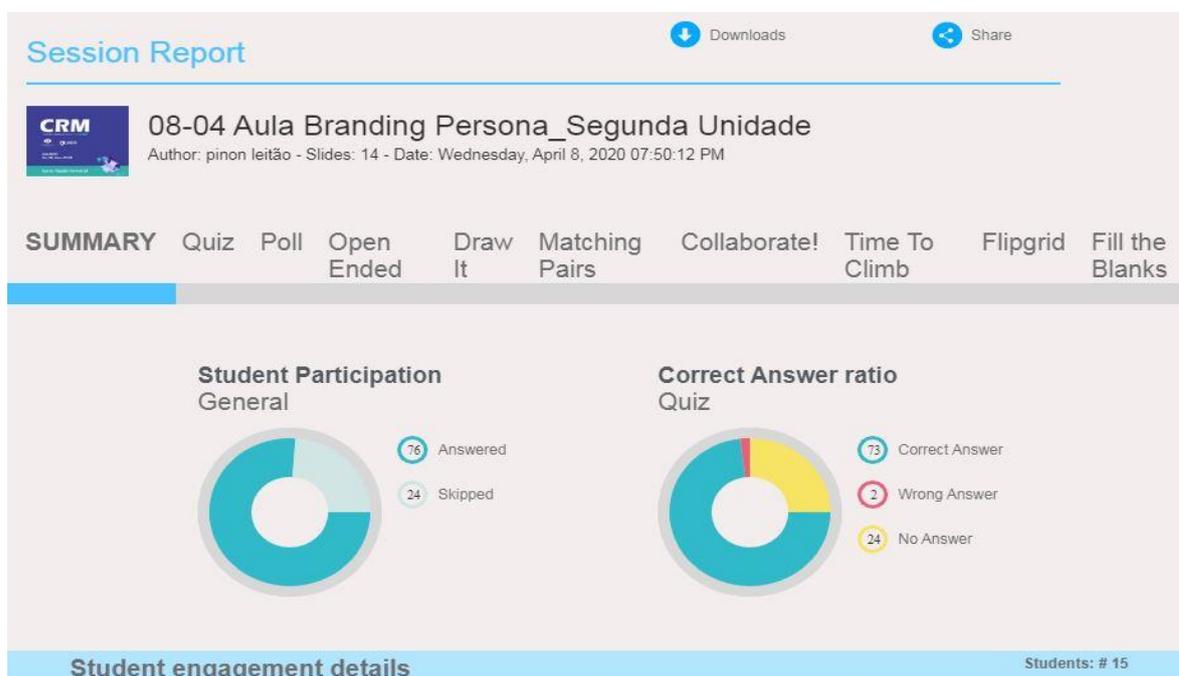


Figura 3 - Estatística da interação com aplicação QUIZ, disciplina: CRM.
 Fonte: Arquivo Pessoal. *Print* de tela da Estatística da interação com aplicação QUIZ, disciplina: CRM, 2020.

A plataforma tem ferramenta que proporciona com facilidade o controle para o docente verificar a participação dos aprendizes em tempo real ou mesmo se for enviado para ser realizado em outro momento a temporal (Figura 05). Essa turma tem na sua totalidade 15 alunos matriculados, dessa forma observamos que tivemos 100% de aderência em responder o *QUIZ*. Percebemos que no decorrer das aulas tivemos uma diminuição que varia 10% para menos em relação a assiduidade, percentual, consideramos irrelevante, frente à observação em outros encontros onde não utilizamos essa estratégia, havendo, portanto, um maior número de faltas dos discentes.

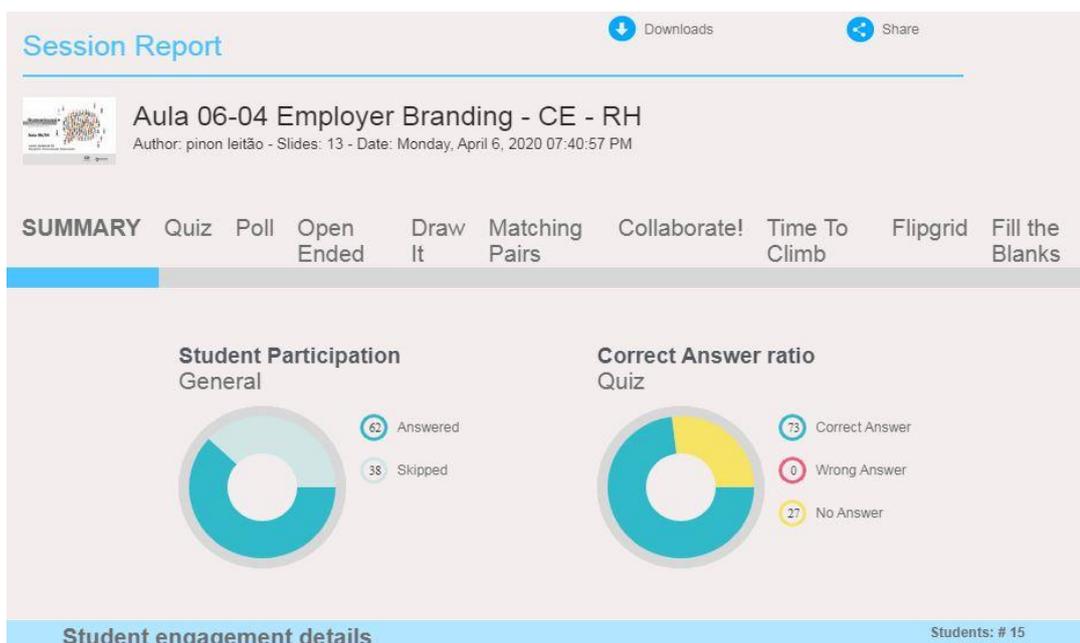


Figura 4 – Estatística da interação com aplicação QUIZ, disciplina: Comunicação Empresarial.

Fonte: Arquivo pessoal. Print de tela da Estatística da interação com aplicação QUIZ, disciplina: Comunicação Empresarial, 2020.

Já na disciplina de Comunicação Empresarial tivemos uma adesão menor, onde 60% da turma estavam presentes realizando atividade. E 40% não responderam o QUIZ, temos um total de 25 alunos matriculados. Percebemos no decorrer dos encontros que houve um discreto aumento, mais não significativo.

nearpod

app.nearpod.com/presentation?pin=TVZFQ

**Quando chegar nessa tela
 Só colocar seu nome
 e acompanhar a aula**

nearpod

Welcome to this Session

**Haverá uns
 exercícios de
 fixação pra serem
 respondidos na
 hora da aula**

Coloque seu nome| ✓

Other (optional)

Join Session

Figura 5 – Orientação aos aprendizes para acessar o Nearpod.
 Fonte: Arquivo pessoal. Print de tela da Orientação aos aprendizes para acessar o Nearpod, 2020.

Observamos grande potencial no uso dessa ferramenta de forma complementar no engajamento e interação dos aprendizes, sobretudo, é necessário planejamento, e respeitar a curva de aprendizado dos discentes no que tange na familiaridade da aplicação e estratégia de aprendizagem. Colocamos como fator de fragilidade o uso dessa estratégia como única, acreditamos que ela é mais uma entre outras formas de aprendizado que o docente precisa dispor como repertório para ter sucesso em seu percurso no processo de ensino e aprendizagem nesse novo cenário remoto.

2.5 RELATO DE UMA PROFESSORA *LECTURER*

Conheci a plataforma no curso remoto oferecido pelo UNIESP e fiquei encantada com suas múltiplas possibilidades de sua aplicação. Uma das questões que me chamou mais atenção nessa plataforma foi a possibilidade de aferir e controlar a participação e desempenho dos alunos, o que ao meu entender era o gargalo das salas de aulas virtuais.

Desde o início desse processo estava sentido falta do olhar, das expressões e dos gestos que indicam ao educador, nas aulas presenciais, em que medida nossos alunos estão interessados e compreendendo o conteúdo trabalhado. Evidente que não haverá tecnologia que suplante a presença do professor na *práxis* pedagógica, ela vem apenas auxiliar, ou em momentos específicos, remediar.

Estudei bastante a plataforma e logo comecei a utilizá-la em duas turmas de Ciência Política e Teoria do Estado (CPTE)⁴, no curso de Direito e em uma turma de Fundamentos Socioantropológicos (FSA)⁵ do curso de Administração. Orientei os alunos em como acessar e isso foi fácil porque comecei usando plataforma de modo combinado nas salas do *Jitsi Meet*. Abri uma sala exclusiva no *Jitsi* para cada turma e em um determinado momento da aula remota, enviava o endereço e o código da plataforma *Nearpod*. Logo os alunos se habituaram a nossa nova rotina, se mostravam ansiosos com os resultados das atividades e à medida que foram se familiarizando com a plataforma e aderindo ao novo modelo de construção do

⁴ P1A – tem 50 alunos matriculados e 43 alunos frequentando; P1B tem 28 alunos matriculados e 26 frequentando.

⁵ Tem 37 alunos matriculados e 31 frequentando.

conhecimento foram ficando mais a vontade e mais hábeis em acompanhar as lições e em executar as atividades.

Um dos fatores que considero que contribui para adesão no uso consorciado da *Nearpod* a partir de uma sala de *web* conferência é que o aluno ver, ouve e questiona o professor e os demais alunos, em tempo real. E, como a *Nearpod*, te possibilita controlar as apresentações de *slides*, de vídeos ou outro recurso intercalando com atividades de avaliação de desempenho ou apenas atividades reflexivas, como também, pausar as apresentações para que ocorram as discussões em tempo real através das salas de reunião, desta forma a aula fica bastante interativa.

Além disso, a plataforma gera relatórios que permitem que o professor faça um acompanhamento da sessão em tempo real e da pós - sessão por meio de relatórios em planilhas e em apresentação gráfica em PDF que disponibilizam dados sobre acesso e desempenho da turma e desempenho individual por aluno. O que por sua vez, traz a possibilidade de identificar lacunas no processo de aprendizagem, e que também é determinante no processo de decisão acerca da necessidade de se revisar ou seguir adiante com um novo conteúdo (Figura 09).

Foi possível perceber que a partir do uso associado da *Jitsi* e com a *Nearpod* houve uma adesão cada vez maior dos alunos no acompanhamento das aulas e embora as salas de *webconferências* algumas vezes fiquem instáveis em virtude da capacidade de sinal de *internet* diferenciada que cada aluno tem disponível, o professor pode liberar, através de uma senha, o acesso a lição na *Nearpod* para que o aluno possa acompanhar a aula e fazer as atividades (Figuras 06 e 07). Como estratégia abria sempre uma lição com a gravação de áudio nos *slides* para disponibilizar o acesso estendido através de uma nova senha para aqueles alunos que, por algum motivo, estavam enfrentando dificuldades em se manterem na sala do *Jitsi* e que não tiveram acesso à lição ao vivo. Assim, a relação entre o fluxo de acesso ao *Jitsi* e a *Nearpod* apresentou uma variação.

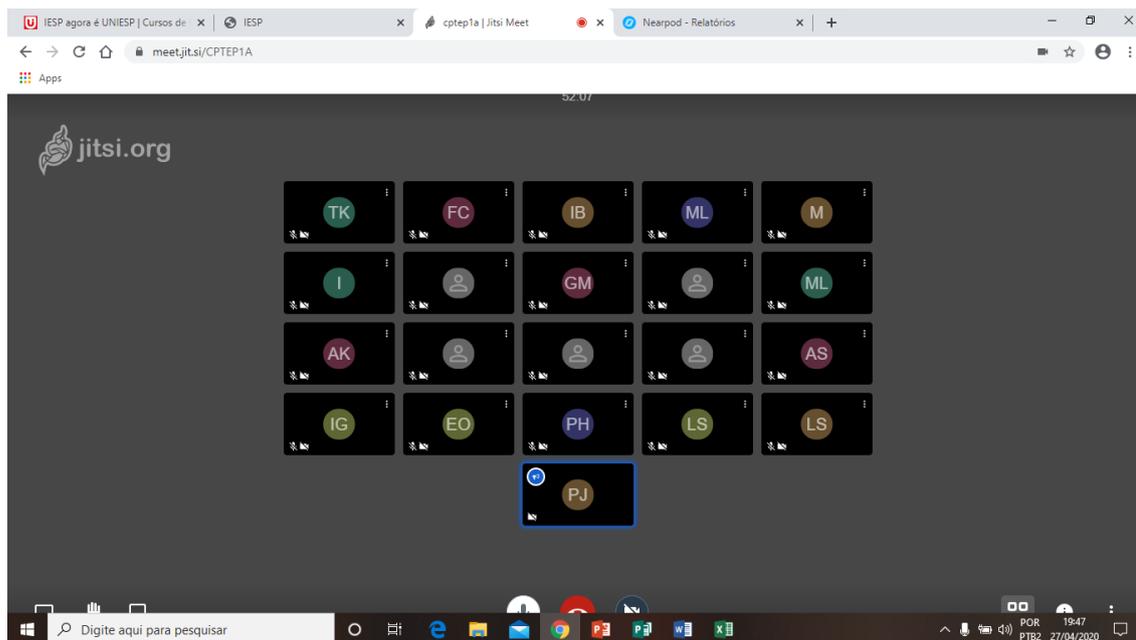


Figura 6- Acompanhamento da sessão em tempo real com a turma do P1A de CPTE pelo *Jitsi Meet*. Fonte: Arquivo Pessoal, print do início da sessão no *Jitsi Meet* em 27/04/2020.

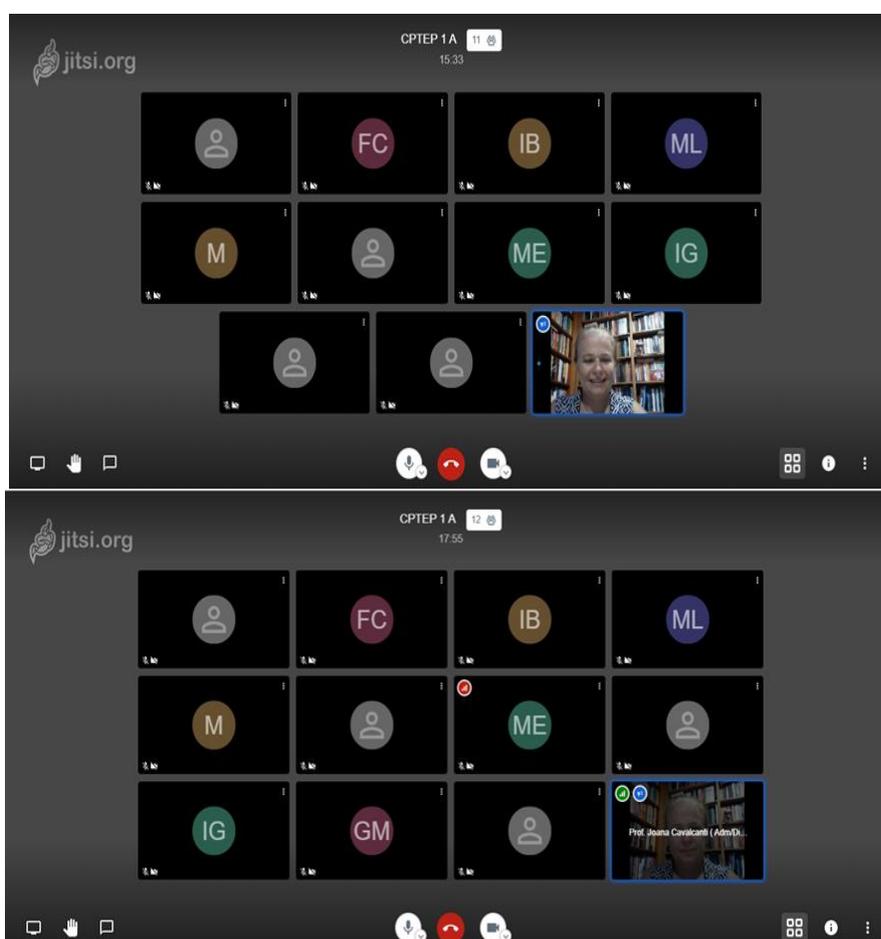


Figura 7 - Acompanhamento da sessão em tempo real com a turma do P1A de CPTE pelo *Jitsi Meet*.

Fonte: Arquivo Pessoal, *print* do início da sessão no *Jitsi Meet* em 27/04/2020.

Durante a suspensão das aulas presenciais muitos estudantes tiveram que retornar para suas cidades de origem e em algumas destas cidades possuem um serviço de sinal de *internet* ainda muito frágil. Assim, o que a minha experiência mostrou foi que enquanto o *Jitsi Meet* apresentou algumas instabilidades no acesso ou permanência do aluno na sala de reunião - às vezes o aluno acessava, mas não conseguia permanecer na sala, o sinal caía, a *Nearpod* mostrou-se mais estável e tornou o acesso possível mesmo para aqueles alunos que tinham um sinal fraco de *internet* (Figura 08).



Figura 8 - Acompanhamento da sessão em tempo real com a turma do P1A de CPTE pela *Nearpod*. Fonte: Arquivo Pessoal, *print* da apresentação gráfica da participação dos alunos em tempo real em 27/04/2020.

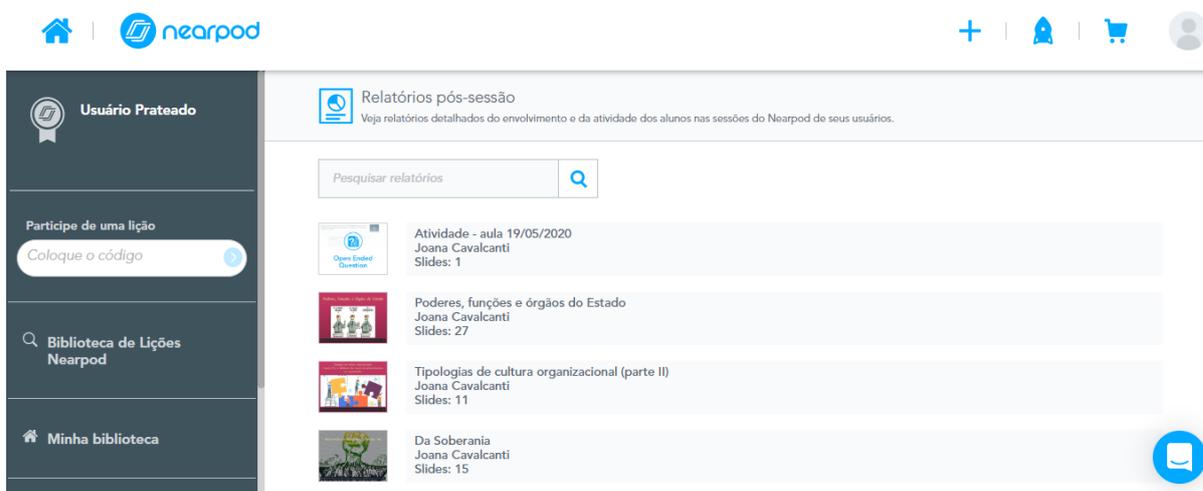


Figura 9 - Relatórios pós-sessão. Fonte: Arquivo Pessoal, *print* do rol de relatórios pós-sessão, 2020.

Enfim, o uso da *Nearpod* associado às salas de reunião tornou as aulas muito mais interativas e mais próximas daquela realidade que vivenciamos nas aulas presenciais. A possibilidade de professores e alunos interagirem em tempo real e também do professor monitorar frequência e rendimento de forma instantânea foram, em minha experiência, o que a essa plataforma trouxe de melhor e de mais inovador.

E, desse momento que estamos vivendo, apesar das dificuldades de adaptação ao novo cenário que se estabeleceu com a pandemia do Novo Corona vírus e dos terríveis sofrimentos pelo quais o mundo está atualmente passando, poderemos tirar dele uma lição que é forte e é a mesma de sempre: educação é transformação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É papel do professor, não apenas dele, mas principalmente dele, promover e incentivar as transformações necessárias para que o processo educativo se realize. Como destacado, ele ainda tem papel preponderante no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, é ele que num momento de incertezas e desafios como esse, pode servir de bússola e também abrir as fronteiras para as possibilidades que os recursos tecnológicos oferecem para a superar as condições adversas ao ambiente escolar.

Cabe aqui, então, ressaltar o que prenunciou Costa (2015, p.31) e que pode servir como lição nesse processo de reinvenção do processo de ensino-aprendizagem e de mudança de paradigma sobre o que é ensinar e aprender,

A mudança de paradigma sobre o que é ensinar e aprender, em direção a uma lógica sócio construtivista, parece-nos ser, aliás, o contexto ideal para se tirar partido do que designamos por potencial transformador das TIC. Aqui, as tecnologias digitais são uma ferramenta cognitiva do aluno, porque o ajudam, sobretudo, a pensar e resolver problemas, a criar e a expressar-se, a interagir e colaborar com os outros. Um aprender rico (aprender-produção), por oposição a um aprender pobre (aprender-reprodução), no qual os artefatos tecnológicos acabam por não ser mais do que um substituto do professor, usados por ele e principalmente numa lógica de apoio à transmissão de conhecimentos.

O uso da plataforma de aprendizagem *Nearpod* se revelou nesse período como uma grande aliada na promoção da participação discente em aulas remotas. As ferramentas por ela disponibilizadas tornou o fazer pedagógico nesse momento de excepcionalidade de suspensão das aulas presenciais, possibilitou muito mais que o mero controle de frequência e desempenho dos alunos, tornou o processo educativo muito mais próximo daquele vivenciado nas aulas presenciais, por permitir superar em determinados aspectos as barreiras da distância física.

A experiência docente nesse período de suspensão das aulas presenciais demonstrou a importância que o uso das novas tecnologias adquiriu no fazer pedagógico. Os usos de celulares, notebooks, tablets em sala de aula foi ressignificado, e a partir de então, não são e não poderão mais serem vistos como usos de “equipamentos” que distraem a atenção do aluno. O que se sabe, por enquanto, é que mesmo depois de um retorno às aulas presenciais, a utilização desses equipamentos e das ferramentas de aprendizagem que professores e estudantes tiveram contato, vieram para ficar pós-pandemia. Mostraram que a escola também é seu lugar. E, devem ser vistos como aliados e não como concorrentes do ensino-aprendizagem. No retorno as aulas presenciais teremos novos alunos e novos professores, embora os rostos sendo os mesmos, a mentalidade não.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Aldenora Márcia C. Pinheiro; DOMINGO, Reinaldo Portal. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de Literatura: uma perspectiva pós-moderna. **Revista Letras Raras** (UAL/UFCG), v. 1, nº 1, 2012.

COSTA, F. et al. **Repensar as TIC na educação**: o professor como agente transformador. Lisboa: Santillana, 2012.

DEMO, Pedro. **Professor & tecnologia**. Tecnologia Educacional, nº 143, p. 52-63, 1998.

LENOIR, Carolina. POVIR. **Plataforma torna celular um aliado em sala de aula**. 28 de abril de 2015. Disponível em <<https://porvir.org/plataforma-transforma-celular-em-aliado-na-sala-de-aula/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

NEARP. Disponível em: < <https://Nearpod.com/>> Acesso em: 15 abr. 2020.

SALES, Robson. **TECHTUDO.7/06/2013**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/Nearpod.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

DO PRESENCIAL AO VIRTUAL: FERRAMENTAS E PRÁTICAS DE INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS TEMPOS DE AULA REMOTA

HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de¹
TABOSA, Mayra Cinara de²

1 INTRODUÇÃO

Em uma época em que o sistema educacional passa por ressignificações, torna-se vital que os profissionais da educação renovem conceitos, revejam posturas e revisitem as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Quem se imaginava, há alguns meses atrás dando aula remota e criando novas formas de avaliar e mensurar aprendizagem dos seus alunos, sem limitar nossos passos e de seus discentes.

Nessa abordagem, enfatizamos a importância da busca de novos conhecimentos e usos de ferramentas tecnológicas. Uma vez que o professor deve ser um profissional que está em constante processo de formação, utilizando-se da reflexão na ação e da reflexão sobre a práxis, a partir da própria prática pedagógica, no seu contexto de trabalho.

Para Imbernón (2009), o modo de ensinar é tão importante quanto o que se pretende ensinar, já que dinamizar uma sala de aula não quer dizer fazer tudo diferente todos os dias, mas ser diferente, estar diferente, pensar diferente, olhar diferente para os alunos e para suas necessidades. Além disso, mantendo aspectos como formalidade, disciplina, organização e regras, teremos elementos que, na medida certa, tornam-se essenciais para o bom desenvolvimento das atividades e dos alunos.

O relato de experiência que apresentaremos aqui será referente às ferramentas que utilizamos em sala de aula remota com aplicativos, plataformas, metodologias colaborativas e planejamento individualizado para cada disciplina no curso de Administração.

¹ Graduada em Pedagogia (UPE), Administração (UNICAP) e Filosofia (UFPE). Especialista em Gestão de Pessoas (UPE) e Gestão de Educação do Município (UFPB). Professora nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Publicidade do UNIESP.

² Graduada em Administração pelo Centro Universitário - UNIESP. Mestra em Administração da UFPB. Professora nos cursos de Administração e Ciências Contábeis do UNIESP.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesse processo de ensino de acesso remoto precisamos criar estratégias para novas formas de realizar as atividades de fixação dos conteúdos apresentados e explorados e poder produzir o aprendizado com os alunos. Afinal, saímos de uma realidade de avaliação somativa, que tem o objetivo de confirmar e certificar que o aluno tem capacidade de realizar atividades ao final do percurso de aprendizagem, conforme descrito por Ferreira (2019), partindo para uma avaliação colaborativa que de acordo com Aguiar e Maia (2018), permite que o aluno ajude o professor na avaliação, proporcionando a construção de pensamento crítico, não só de si mesmo, mas também do que está no entorno.

A utilização da autoavaliação permite que os alunos compreendam, avaliem e planejem suas ações e desenvolvam suas tarefas e responsabilidades. Assim, os professores que utilizam da autoavaliação colaborativa em sala de aula ajudam cada aluno a se reconhecer no processo de reflexivo de suas ações, avaliações e aprendizagens. (AGUIAR; MAIA, 2018, p. 607)

Desta forma, o trabalho de discussão em grupo, reconhecido como avaliações colaborativas, estar em destaque como um dos melhores métodos para avaliar os estudantes de maneira justa e objetiva, em que se desenvolve a autonomia e capacidade reflexiva.

Outro método de atividade colaborativa utilizada com os alunos nesse novo cenário remoto, durante as aulas *online*, foi à construção do mapa conceitual, em que lançamos um tema e construímos um mapa conceitual sobre o desenvolvimento do espírito empreendedor.

De acordo com Ausubel (2008), a aprendizagem significativa é a ampliação da rede de conhecimentos do indivíduo que ocorre quando novos conceitos são integrados e reestruturados com os conceitos já existentes em sua estrutura cognitiva. Para que exista uma aprendizagem significativa, é necessário entender como ocorre o processo de transformação do conhecimento, bem como a importância que os processos mentais assumem nesse desenvolvimento.

Os alunos precisavam resgatar as ligações entre as palavras sugeridas por eles e os conteúdos trabalhados em sala, o que resultou no mapa conceitual ilustrado na figura 01.

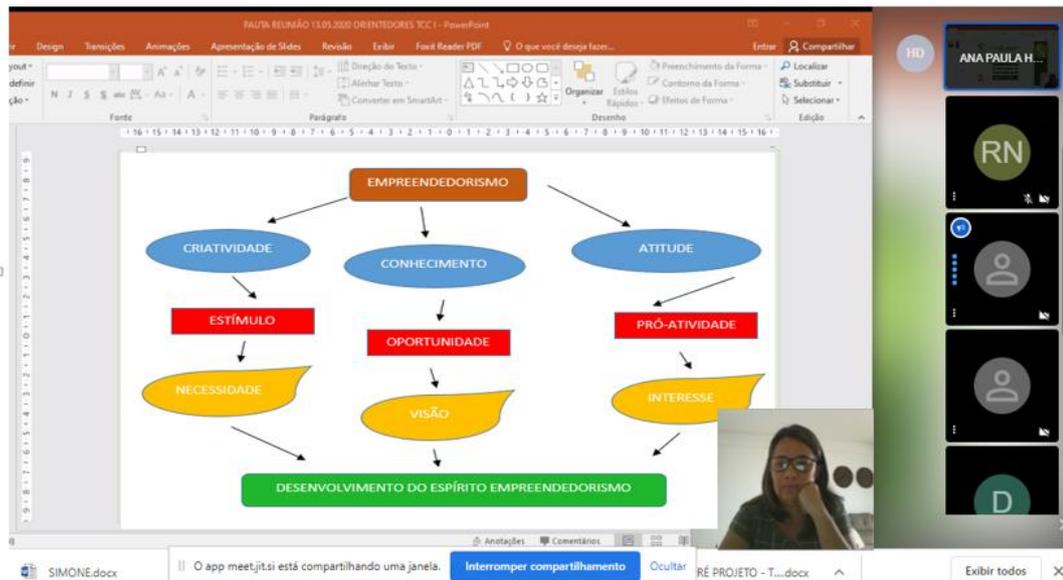


Figura 01 - Mapa Conceitual.

Fonte: *Print* da tela com a atividade. Acervo Pessoal, 2020.

Após aplicar esse estilo de atividade avaliativa, ficou claro que podemos construir conhecimento com o trabalho em grupo e aperfeiçoar o desempenho dos alunos de uma forma mais justa e mais detalhada. Foi constatado após o uso dessa atividade avaliativa que o trabalho em grupo, conforme figura 2, gera:

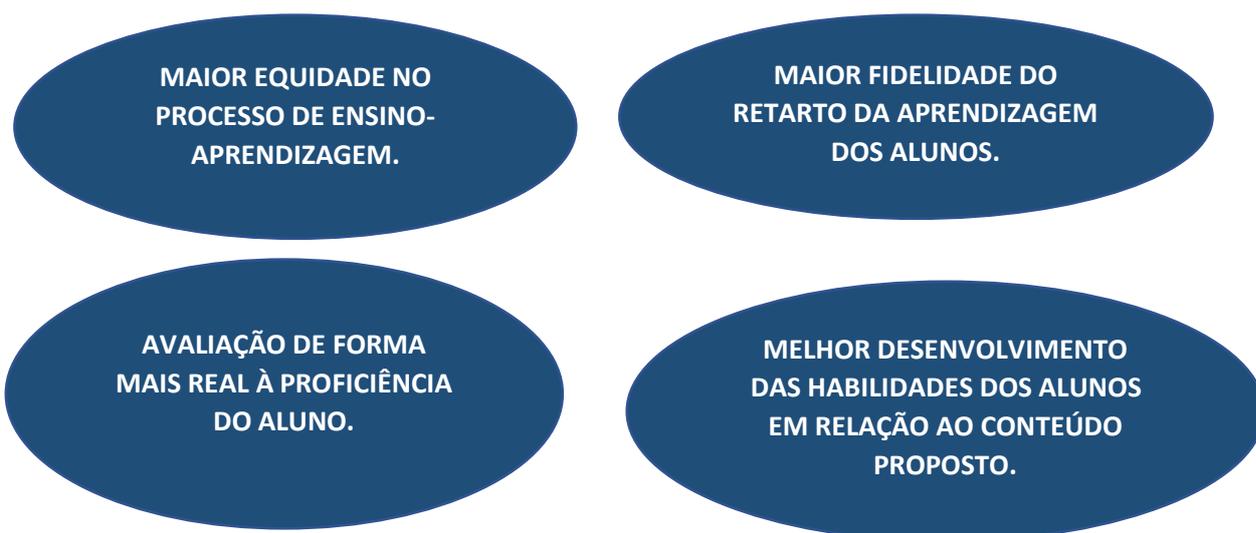


Figura 10- Resultados da atividade avaliativa.

Fonte: Desenvolvido pelas autoras, 2020.

Outra experiência de atividade que foi utilizada nesse cenário remoto foi à avaliação complementar que é um exercício de reflexão fundamental para todas as pessoas, não só para os alunos. No ambiente escolar, esse processo acontece

quando o aluno se auto avalia, ou seja, ele mesmo se dar uma nota. Essa avaliação tem grande importância, pois estimula no aluno uma consciência, fazendo com que ele se esforce cada vez mais no seu aperfeiçoamento.

Por não saberem se os alunos vão dar notas proporcionais ao seu desempenho, muitos professores se sentem inseguros com esse modelo de avaliação, que quebra esse paradigma e apresenta um dado, no qual mais de 90% dos alunos se auto avaliaram abaixo da pontuação que eles mereciam em relação à nota dada pelo professor.

Conhecida também como avaliação em Pares, ela é utilizada em grandes universidades como: *Harvard, Stanford e Cornell*. Quando qualquer metodologia precisa realizar uma autoavaliação e uma avaliação de um colega, que está inserido no mesmo contexto e que esteve exposto aos mesmos estímulos, a tendência é que sejamos bastante criteriosos e comprometidos. Afinal, queremos contribuir, somar, sem parecermos injustos ou indiferentes.

Em depoimento dos alunos constatamos realmente que eles precisam refletir, aguçar suas percepções e, talvez mesmo sem ter consciência, praticar a metacognição (o “pensar sobre o pensar”). Em resumo, eles ficam mais engajados pelo simples fato de estarem sendo observados por um colega e por termos que retribuir, observando-o com sensatez.

Na avaliação por pares o aluno se sentir mais confortável em interagir com o seu colega. Essa interação, entre pessoas do mesmo nível de aprendizagem, permite uma avaliação mais sincera, gerando gatilhos de transformação e desenvolvimento a cada *feedback*. Nesse caminho da avaliação em pares é possível acelerar o desenvolvimento e as correções que os alunos precisam ter para aumentar os níveis de aprendizagem de acordo com os assuntos. Nela, os alunos, aprendem uns com os outros, exercitando o pensamento crítico, o trabalho em grupo, a comunicação e senso de comunidade. É importante que o professor e o aluno conheçam o ciclo ou caminho (Figura 3) que necessariamente deve acontecer durante o processo da avaliação por pares, para estarem preparados em cada etapa do processo avaliativo.



Figura 03 - O ciclo de garantia da qualidade da revisão e avaliação por Pares.
 Fonte: Manual - A Revisão por Pares Europeia na Educação de Adultos. 2020

Quando realizada a avaliação em Grupo ou em Pares podemos perceber significativamente o relacionamento dos alunos dentro do ambiente *online* e suas formas de interação, além de trabalhar bastante a inteligência interpessoal que é uma das habilidades do futuro.

E outro ponto importante são os traços de subjetividades que estão presentes nesse tipo de avaliação e que devem ser considerados, por proporcionar um aprendizado mais individual, fator essencial na educação do futuro.

Outros ganhos e benefícios que pude perceber foram:

- ✓ Economia de tempo;
- ✓ *Feedback* rápido;
- ✓ Nova experiência, agora de forma remota e
- ✓ Foco do aluno.

Utilizou-se a ferramenta do *Google Forms* para realizar a avaliação dos líderes dos grupos e a auto avaliação dos demais componentes da equipe (Figura 04).

Figura 04 - Formulário de Avaliação por Pares
 Fonte: Página desenvolvida no *Google Forms*, 2020.

Com os resultados alcançados na avaliação dos líderes e a auto avaliação dos componentes da equipe, constatei que é de suma importância avaliar a performance da liderança, pois gerou melhoria em sua atuação intraempreendedora ao otimizar suas decisões estratégicas e desenvolver uma ampla visão sistêmica. *A avaliação de desempenho de gestores é uma grande aliada na administração. Entendendo-se os pontos fortes e fracos da liderança, é possível eliminar ou incentivar determinados comportamentos, além de otimizar a performance.*

Acreditamos que independente de sala de aula virtual ou presencial é importante trabalhar o *feedback* após a apresentação de um conteúdo ou aula ministrada. Pode ser por meio de uma atividade de fixação, de comentários, debates em grupo trabalhados nas aulas presenciais, já no ambiente virtual o *feedback* tem a mesma importância, sendo ainda mais necessário já que nem sempre temos o contato olho no olho para perceber as expressões.

O *feedback*, segundo Paiva (2003), pode envolver a correção, retorno, esclarecimento, uma resposta avaliativa, ou seja, é a informação de retorno ou *output* (termo utilizado na engenharia). No contexto de aulas remotas ou virtuais esse *feedback* pode ser visto como o retorno do professor para o aluno, mas

também na visão de interação online vista como uma “reação à presença ou ausência de alguma ação com o objetivo de avaliar ou pedir avaliação sobre o desempenho no processo de ensino-aprendizagem e de refletir sobre a interação de forma a estimulá-la, controlá-la ou avaliá-la” (PAIVA, 2003 p. 221).

Sendo assim, podemos ter dois tipos de *feedback*, o avaliativo focado no desempenho acadêmico e o interacional focado no comportamento interativo entre professor – aluno. Foi nesse contexto que a ferramenta *Mentimeter* foi usado nas aulas virtuais, com o objetivo de avaliar o desempenho dos e gerar interação nas aulas.

O *Mentimeter* é um site que possibilita a interação em tempo real por meio da criação de enquetes, pesquisas, nuvem de palavras e mural colaborativo, utilizada em eventos, palestras, aulas. Além da interação, o aplicativo permite tornar visível aos participantes as ideias e compreensões dos demais participantes.

O site é de fácil acesso e gratuito pelo endereço digital³, conforme apresentado na Figura 5, onde o palestrante ou professor gera um *link* que será disponibilizado para os participantes inserirem suas contribuições. Ao final, o resultado pode ser apresentado para todos.

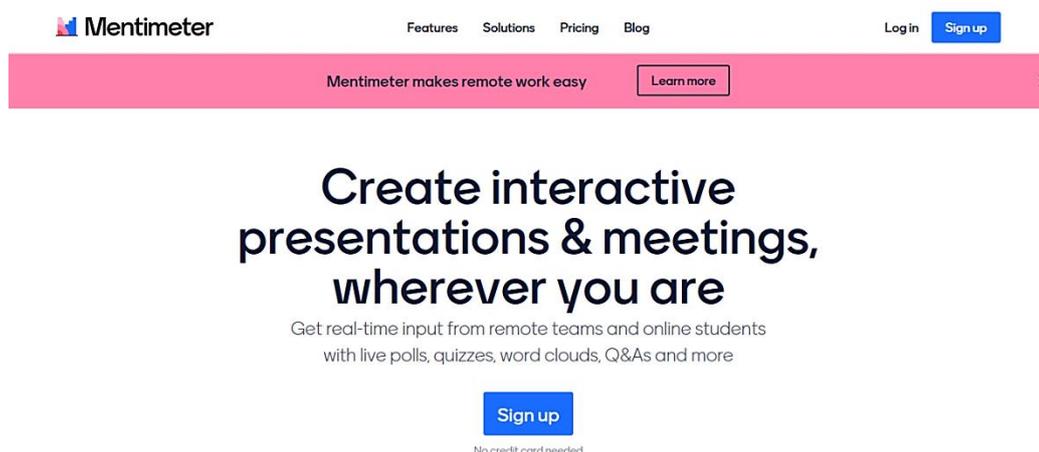


Figura 05 - Tela inicial do Mentimeter
 Fonte: Plataforma digital do Mentimeter, 2020.

O aplicativo *Mentimeter* foi utilizado como ferramenta de *feedback* junto aos alunos da disciplina de Fundamentos da Administração dos cursos de Administração, Gestão Comercial e Gestão de Recursos Humanos. Assim como nas

³ Disponível em: <https://www.mentimeter.com> Acesso em: 12 jun. 2020.

aulas presenciais, é importante verificar a entendimento do aluno acerca do conteúdo ministrado.

Com essa ferramenta, buscou-se criar mais um canal interativo como os alunos que complementasse a vídeo conferência e a aula expositiva, agindo como um modelo síncrono de interação que de forma simultânea possibilita a avaliação da compreensão e participação dos alunos

O contexto de sua utilização se deu em turmas diferentes, a primeira na turma do primeiro período do curso Administração e a segunda, na turma do primeiro período dos Gestão Comercial e Recursos Humanos.

Na turma de Administração a nuvem de palavras foi construída ao final da aula sobre a Função de Direção no processo administrativo abordando os temas motivação destacando teorias motivacionais clássicas e atuais, e liderança, apresentando os tipos, estilos e teorias.

Uma vez que os temas estão interligados e igualmente importantes na administração de pessoas, na condução das atividades e alcance dos resultados, o *Mentimeter* foi utilizado como atividade final da aula. Os alunos durante a vídeo conferência receberam o link para participar postando até 3 palavras que remetessem ao assunto da aula. Ao passo que cada aluno enviava sua contribuição a nuvem de palavras também ia sendo simultaneamente construída.

Ao final, todas as palavras enviadas formaram a nuvem da turma apresentando as respostas enviadas pelos alunos, destacando ainda as mais citadas em tamanho maior, conforme figura 6.

Vale destacar que durante a aplicação da ferramenta, foi percebido um maior envolvimento dos alunos em alimentar a nuvem, gerando comentários positivos, bem como certo “controle” das respostas dos colegas. Finalizada as participações, a nuvem foi apresentada aos alunos gerando debate e comentário sobre as palavras destacadas.

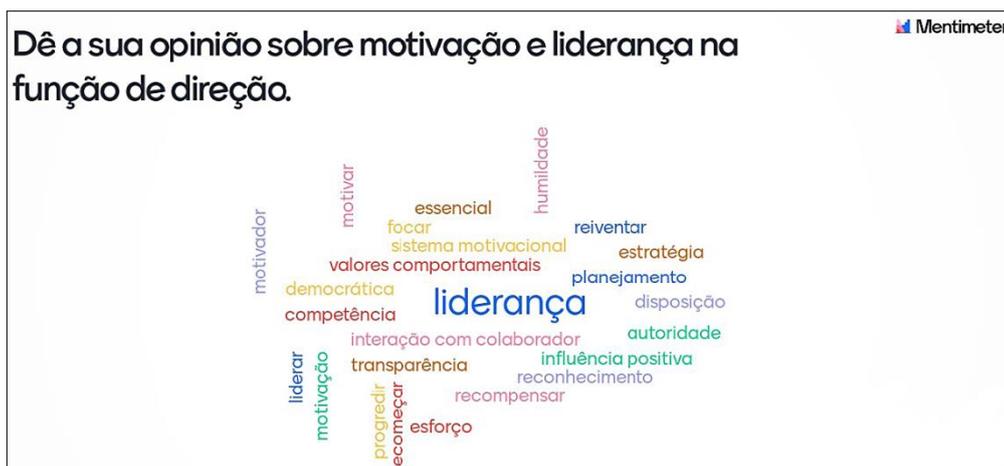


Figura 06 - Nuvem de palavras da turma de Administração
 Fonte: Desenvolvida pelo aplicativo *Mentimeter*, 2020.

Na turma de Gestão Comercial e de Recursos Humanos, a ferramenta foi utilizada seguindo a mesma metodologia, como forma de *feedback* e avaliação do conteúdo assimilado, no caso, sobre a função de Organizar do processo administrativo abordando a estrutura organizacional e seus componentes.

De forma particular, o uso dessa ferramenta na turma gerou um resultado satisfatório (Figura 7), pois em aulas anteriores o retorno do aluno sobre a aula não era satisfatório. Após a aplicação e construção da nuvem de palavras, houve um retorno positivo dos alunos, devido a interatividade e facilidade de acesso, movimentando a turma.



Figura 07 - Nuvem de palavras da turma Gestão Comercial e Recursos Humanos
 Fonte: Desenvolvida pelo aplicativo *Mentimeter*, 2020.

Outras ferramentas disponíveis no *Mentimeter* foram usadas nas aulas remotas, que tiveram igual aceitação pelos alunos e geraram integração e compartilhamento de ideias. O Mural Colaborativo ou “balões de fala” permitiu os alunos apresentarem em um texto curto seu entendimento sobre o conteúdo ministrado, fornecendo um espaço maior que a nuvem de palavras para os participantes apresentarem suas impressões, conforme apresentado na figura 8.

The image shows a dark-themed interface for a Mentimeter poll. At the top left is the Mentimeter logo. The main heading reads: "Analisando a importância do controle no processo administrativo, apresente suas considerações finais sobre a aula de hoje." Below this is a text input field with a character count: "Short answers are recommended. You have 250 characters left." and a "250" indicator. Underneath the field, it says "You can submit multiple answers". At the bottom is a large blue "Submit" button.

Figura 08 - Tela para inserção de resposta.
Fonte: Site *Mentimeter*, 2020.

As respostas ficaram agrupadas em um mural (Figura 9), onde todos puderam visualizar, sem a identificação da pessoa que enviou. Isso permitiu um debate, corrigindo os conceitos e percepções dos alunos, além de compartilhar o conhecimento adquirido com todos da sala. Também foi possível perceber que para alguns alunos do tamanho do texto foi pouco para expressar sua opinião, levando-os a fazer uma síntese do que gostariam de compartilhar, para outros a dinâmica de escrever exigiu mais, demandando inclusive mais tempo de resposta.

The image shows a collaborative wall titled "Analisando a importância do controle no processo administrativo, apresente suas considerações finais sobre a aula de hoje." It features several colorful speech bubbles containing student responses. The responses are:

- Blue bubble: "É um recurso fundamental para garantir a continuidade dos processos de maneira clara, objetiva e que otimiza o desempenho das atividades."
- Yellow bubble: "Eu entendi que controle administrativo é um procedimento que faz parte do processo administrativo e compreende todas as atividades da empresa."
- Green bubble: "quando há um planejamento, o controle é indispensável para analisar se o que foi planejado teve êxito e quais foram os pontos em que houve falha na operação. Há vários tipos e formas de controle seja ele no operacional, no tático ..."
- Red bubble: "O controle é a função administrativa que monitora e avalia as atividades e resultados alcançados para assegurar que o planejamento, organização e direção sejam bem-sucedidos."
- Orange bubble: "O controle é fundamental para observarmos se as metas estão sendo cumpridas, para localizar erros se fazer ajustes..."
- Light blue bubble: "O conteúdo de hoje mostra a importância de se ter um controle em todos os setores de uma empresa onde um depende do outro p se ter um bom desempenho e um resultado satisfatório"
- Dark blue bubble: "Tem o intuito de analisar o trabalho que está sendo executado, com finalidade de apontar as falhas em relação ao planejado e propor alternativas para superar as dificuldades e chegar ao objetivo final."
- Light orange bubble: "bom com relação aos assuntos de controle e organizacional e bastante interessante pq a maioria das empresas tem aqueles seus controle no caso de produção e Administração e financeira tbm isso e importante para as empresas ne atualmente etc."

Figura 09 - Mural colaborativo (balões de fala).
Fonte: Gerado pelo *Mentimeter*, 2020.

Em termos de aceitação, o mural colaborativo não teve a aceitação de todos os alunos como a nuvem de palavras aplicada em um primeiro momento. Fato que pode ser explicado pela necessidade de elaborar um texto, ou feedback, da apresentação ou aula ministrada, que exige mais do aluno.

Outro ponto observado que limitou o uso da ferramenta e sua aceitação, foi a preocupação dos alunos com identificação das respostas inseridas no sistema, mesmo depois de esclarecido que o programa não envia a identificação dos respondentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de práticas pedagógicas e metodologias ativas já é uma constante no ambiente de sala de aula presencial, onde os resultados positivos são percebidos tanto pelos professores e como pelos alunos. Com a situação que estamos vivendo, levar essas práticas para as aulas remotas se apresentou como uma necessidade ainda maior, pois estando “distantes” dos alunos, era preciso encurtar as distâncias e mantê-los integrados nessa nova condição, mesmo que temporária.

O relato apresentou o uso de Mapa Mental para construção e organização de conceitos, Avaliação Complementar (Avaliação por pares) buscando exercitar o pensamento crítico dos alunos e poder de avaliação acrescido da ferramenta como *Google Forms* para avaliação de líderes. Ambas as ferramentas apresentadas caracterizam ferramentas de interação e avaliação por meio de atividades colaborativas desenvolvidas pelos próprios alunos.

Além disso, foi apresentado a importância do feedback após a construção de conhecimento, como forma de avaliar a compreensão dos alunos após as aulas. A ferramenta apresentada foi o *Mentimeter* que permite, em uma única ferramenta, diferentes formas de trabalhar com a turma, no caso apresentado foi utilizada a Nuvem de Palavras com a inserção de palavras chaves que remetessem o assunto estudado, e o Mural Colaborativo, que apresenta textos curtos sobre o conteúdo permitindo maior contribuição do aluno.

Diante do exposto, após a avaliação das ferramentas e práticas pedagógicas utilizadas, foi possível perceber como elas são importantes nas aulas remotas onde o engajamento e participação do aluno deve ser muito mais estimulada para ter o mesmo retorno obtido em aulas presenciais.

De modo geral, todo o relato apresentou resultados positivos que demonstram a necessidade da continuidade da utilização dessas ferramentas pedagógicas, e o acréscimo de novas, para potencializar o processo de aprendizagem do aluno presencial, que está em modelo remoto. Destaca-se ainda, que as limitações apresentadas pelos alunos servem de base para a melhoria contínua na escolha e aplicação das ferramentas na busca de manter a qualidade do ensino, seja ele presencial ou remoto.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL DP, Novak JD, Hanesian H. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: Interamericana; 2008.

DE AGUIAR, J. F.; MAIA, M. V. C. M. Autoavaliação Colaborativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental: “é avaliar junto, é fazer atividade junto”. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v.10, p. 600 – 617. 2019.

FERREIRA, S. L. **Avaliação das aprendizagens para professores da educação superior**. Ed. Senac. São Paulo, 2019.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

PAIVA, V. L. M. de Oliveira e. **Feedback em Ambiente Virtual**. In: EDUCAT, Interação na aprendizagem das línguas. p. 219 – 254, 2003.

NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO NO CONTEXTO DO COVID19: UM ESTUDO DE CASO DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR COM A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR

FELISBERTO, André Luiz de Sousa¹
SOUSA, Jamille Carvalho Queiroz de²
SOUSA, Hercilio de Medeiros³

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade do momento da educação brasileira, o desafio de transmitir conhecimento tem se tornado uma provocação presente nas escolas de ensino básico, médio e até no ensino superior. As condições inerentes a este cenário, em boa parte das regiões do país, são insuficientes. Materiais didáticos questionáveis, disponibilização de tecnologia desatualizada, estrutura física incompatível, e finalmente o professor desenvolvendo o seu papel com superação, sempre tendo em vista praticar a transmissão do conhecimento com suas técnicas de ensino.

Agora, imaginar a ruptura deste processo de transmissão do conhecimento, para uma nova lógica que não houve o tempo, dedicação e momento para debater novo cenário, torna desta forma muito desafiador cumprir com dedicação a missão destinada ao docente: tornar tangível a prática do ensino.

A quebra da continuidade no processo de educação ocorreu devido a pandemia instaurada no Brasil. Esta pandemia veio com nome de COVID19 e fez com que as entidades de ensino orientassem seus alunos, professores, funcionários e colaboradores da educação, a ficarem confinados em casa na nominada quarentena acreditando que seria diminuído a disseminação do vírus. Este cenário também vem acompanhado com a missão de dar continuidade ao processo de transmissão do conhecimento através da **aula remota**.

Professores e alunos, ora movidos pela interação presencial social, agora estão distantes, sem contato visual e sem utilizar padrões de interação que sempre praticaram ao decorrer das décadas. O professor terá que inovar seu pensamento e

¹ Graduado em Administração (UFPB). Mestre em Administração (UFPB). Professor nos cursos de Administração e Publicidade do UNIESP.

² Graduada em Administração com Habilitação em Administração Hospital (UNIESP). Especialista em Marketing e Publicidade em Varejo (UNIESP). Especialista em Gestão e Organização de Eventos (UNIESP)

³ Tecnólogo em sistemas para internet (FATECJP), Licenciado em Letras Português (UFPB). Especialista em Segurança da Informação (FATECJP) e Educação a Distância (SENAC). Mestre em Linguística (UFPB) e Informática (UFPB). Professor dos cursos de Sistemas e Pedagogia do UNIESP.

iniciar um novo modelo de praticar a transmissão do conhecimento, tudo isto devido ao confinamento familiar. A utilização da tecnologia sem dúvida alguma tem que se fazer presente, e sem a mesma, torna impossível a prática da relação entre o docente e discente.

Com este quadro vem a pergunta e problemática: Até que ponto não praticar uma nova metodologia de ensino poderá prejudicar o processo de aprendizagem do aluno?

Segundo Mercado (1999), as habilidades e as competências para incluir, nos currículos escolares, as novas tecnologias são hoje uma exigência da própria sociedade. A educação, por sua vez, não pode ficar à margem, sabendo que o resultado nos favorece uma melhor organização em todos os aspectos, desde o trabalho aos saberes.

Este artigo irá debater sobre como o autor deste artigo teve a participação de sua família para ajudar a atingir a meta da transmissão do conhecimento para seus alunos. Para contextualizar a prática foi pesquisado temas de autores pertinentes as áreas de aprendizagem, participação familiar, confinamento, pandemia e práticas de ensino.

Além disto será neste artigo apresentado um método de trabalho desenvolvido mediante todo o processo, onde teve a participação familiar na construção de um novo procedimento nominado como Método *VILE*.

O objetivo geral deste artigo é apresentar novas práticas de ensino no contexto do Covid-19 com base na participação familiar, sendo o público alvo alunos de ensino superior.

2 DESENVOLVIMENTO: METODOLOGIA

Sobre a metodologia foi necessário delimitar o assunto e utilizar a pesquisa bibliográfica com objetivo de fundamentar o enfoque teórico, fazendo uma reflexão apurada da leitura de diversos autores. Neste contexto foi feito levantamento de conceitos relacionados à família, aprendizado, pandemia e práticas de ensino.

Segundo Vergara (2005) a pesquisa bibliográfica é o estado sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.

Pensando na definição do tema também foi observada a importância de descrever a modalidade de estudo de caso conforme Gil (2010). Assim, quanto ao estudo de caso: “Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2010, p 37).

Vale ressaltar que o estudo de caso diz respeito somente a uma determinada realidade, ou seja, a contextualização da participação da família do autor no processo de inclusão na transmissão de conhecimento para os alunos. O cenário é descrito em período de pandemia e confinamento nos lares brasileiros.

2.1 APRENDIZAGEM: EDUCADOR E PRÁTICAS DOCENTES

2.1.1 O Que é Aprendizagem

Diante do mundo globalizado e do contexto regional da disseminação do conhecimento, é consideravelmente perceptível os diversos formatos que envolvem o aprendizado e suas metodologias de aplicação. A inserção da tecnologia no contexto da transmissão do saber revela novas metodologias decodificando caminhos diferentes no formato de implementação. Neste sentido, o facilitador da transmissão do conhecimento deverá compreender os novos formatos da concepção do aprendizado das partes que envolvem este ciclo. Sobre este assunto Barros (1998, p.45) possui uma interpretação comentada que “a aprendizagem é a modificação do comportamento e aquisição de hábitos”. Ainda nesta linha de pensamento do autor, o conhecimento no formato de aprendizado poderá ser gerado através de modificações inerentes ao momento do comportamento, além de hábitos adquiridos em novos cenários, podendo neste caso ser a própria tecnologia ou algum fator representativo.

Não obstante a este pensamento, o conhecimento deverá ser repartido entre todas as pessoas participantes do processo, sendo elas idosas, jovens ou mesmo até crianças. Nesta base infantil o conhecimento poderá ser construído por um processo de maturação crescente. É possível interagir a participação infantil no processo de compartilhamento do saber. Ela irá entender o conhecimento ao passo que se relaciona com o mundo externo durante seu crescimento natural. Sem dúvida a consequência será positiva, pois irá contribuir para seu desenvolvimento

intelectual, compartilhamento do saber aos envolvidos e contribuição em novas metodologias no ensino. Segundo Piaget (1973, p.27), “a criança desenvolve seu conhecimento ao passo que se relaciona com o mundo externo. Durante seu crescimento a criança passa por momentos de adaptações com as novas situações”.

Diante deste contexto e reflexão, foi pensado que seria possível inserir uma criança no processo de elaboração das aulas remotas disponibilizadas para alunos de ensino superior. A criança em questão é filha do autor deste artigo e tem seu nome completo Júlia Laís Queiroz de Sousa. Sua participação neste processo de aprendizagem foi de assistente de produção e iluminação do cenário de gravação da aula. Perceba o momento de inserção (Figura 1) e interação no processo de conhecimento e aprendizagem referente que envolve a aula que será apresentada para o corpo discente.



Figura 1 - Júlia Laís ajustando a iluminação.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

Este processo educativo leva a um mapa de mundo complexo, porém norteado por uma bússola que é traduzida na vontade de participar, aprender e navegar em toda fase da elaboração da aula. Esse método de participação mira alguns dos pressupostos que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO propõe podendo citar: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a viver com os outros. Trazer e inserir este

modelo de participação também é colaborar para tal aprendizado bem como para o desenvolvimento de todos que estão inseridos no processo.

A educação interagindo com o processo de aprendizagem oferece estímulo em sua maneira de raciocinar e aprimorar sua base de comportamento. Tudo isto é compreendido segundo o dicionário Ferreira (1999), citando que a palavra “Educar” significa promover a educação, transmitir conhecimentos, proporcionar condições para que o indivíduo possa modificar seu comportamento. Educar é estimular o raciocínio, aprimorar o senso crítico.

2.1.2 O Educador e as práticas docentes

Refletindo o primeiro momento no contexto de inserir uma criança no processo de aprendizagem posiciona em uma reflexão maior: O que é significa ser educador? Quais atitudes deverão ser tomadas e enfrentadas por um educador? Sobre tal argumentação Freire (2006) comenta que o educador já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Incluir uma criança no processo de desenvolvimento de aula para alunos de ensino superior é inovador. Mas também é necessário seguir uma estrada de maior extensão passando a introduzir não somente ela, mas a família por completo. A reflexão do dia a dia, por parte do educador, e sua interação com esta nova prática subsidia o enfrentamento do novo feito enquanto educador. Segundo Cadau (2000) o educador nunca estará definitivamente pronto, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na mediação teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de sua prática. Este pensamento fortalece a vontade de ampliar o novo formato inserindo por vez a família em completo.

A base para seguir neste pensamento é ter a certeza que ao final de tudo é ter a certeza interior que a produção final da aula será interessante, objetiva, atrativa e acima de tudo que transmita conhecimento ao aluno. Esta alegação é vista por Tiba (2006) onde diz que a aula deve ser como uma boa refeição, capaz de despertar o paladar, tem de ser saborosa, ter um cheiro atraente, que mesmo sem

estar com fome, irá fazer o aluno querer provar, transformando essa degustação em algo inesquecível e saboroso.

2.2 PRODUÇÃO DO CONTEÚDO DA AULA COM PARTICIPAÇÃO FAMILIAR

Na convicção que toda família deveria participar do projeto de uma nova forma de pensar aula, foi solicitado uma reunião com todos presentes onde seu objetivo era elucidar os objetivos recolhendo também novos formatos a serem inseridos no desenvolvimento da mesma. Toda família em unidade concordou que todos deveriam participar no desenvolvimento da aula. O entendimento da família é que o educador, Professor André Luiz de Sousa Felisberto, deveria gravar vídeo com todo o conteúdo da aula a ser ministrada em acesso remoto. Neste momento a família (Figura 2) disse que todos iriam participar de forma histórica e que todos seriam protagonistas no resultado final. Werthein e Argumedo (1985) descrevem sobre a importância e a necessidade do ser humano de ser protagonista de sua própria história. Partindo da participação, todos encontram condições e resultados para que a transformação de fato ocorra. Os mesmos autores ainda comentam que

o reconhecimento de outras necessidades associativas que são por sua vez condição e resultante de um processo participativo: auto-valorização do indivíduo e da cultura do grupo a que ele pertence, capacidade reflexiva sobre os fatos da vida cotidiana, capacidade de criar e recriar não somente objetos materiais, mas também e fundamentalmente novas formas de vida e de convivência social (WERTHEIN; ARGUMEDO, 1985, p.151).

Com a presença de toda família e debatendo sobre o formato de gravação, todos presentes chegaram a conclusão que todos deveriam ocupar cargos de forma organizada, para que refletisse em qualidade aceitável do produto final da aula, que seria gravada em vídeo com tempo médio de dez minutos, e disponibilizada no Canal *Youtube* para todos os alunos participantes da disciplina. A família composta por quatro pessoas ajustou suas missões e tarefas da seguinte forma: A esposa Jamille Carvalho Queiroz de Sousa ficou com o cargo de Diretora de Produção.



Figura 2 - Assistente Júlia e Diretora de Produção Jamille.
 Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

O filho mais velho Matheus Augusto Queiroz de Sousa 14 anos de idade, foi encarregado de ser o cinegrafista e editor, utilizando seu celular para as duas tarefas. A filha mais nova Júlia Laís Queiroz de Sousa 14 anos de idade, assumiu o posto de assistente de produção e iluminação, onde auxiliava a Diretora de Produção além da missão de acender as luzes necessárias no ambiente de filmagem. Por fim vem o Professor André Luiz de Sousa Felisberto que foi filmado e capturado sua imagem e ensinamentos de aula para em consequência ser disponibilizado para os alunos nas respectivas disciplinas.

A cada gravação de aula foi observado o cumprimento da missão de cada participante. Júlia Laís sempre ficava incumbida de disponibilizar água, ajustar iluminação e apoiar todas as diretrizes orientadas por sua Diretora de Produção. Neste mesmo tempo Matheus Augusto (Figura 3) ajustava o seu celular para que pudesse fazer a captura da gravação. Quando finalizada a filmagem o mesmo trabalhava a edição de palavras e adições de movimentações para tornar o vídeo mais atrativo para quem o utilizasse com ferramenta de aprendizagem.

Neste contexto da produção do vídeo é perceptível a participação de todos no cenário de gravação. O comando geral é da líder do lar e Diretora de Produção Jamille Carvalho, que também acumula a condição de ser a mãe dos dois jovens colaboradores e esposa do professor que está sendo filmado.

Sobre este processo de participação é possível entender a citação de Bordenave (1983, p. 23), onde comenta que as práticas participativas são classificadas em grupos primários, que são a família, os amigos e os vizinhos; em

grupos secundários que correspondem às associações e sindicatos; e os grupos terciários, referentes aos partidos políticos e os movimentos de classe.



Figura 3 - Cinegrafista e Editor Matheus Augusto.
 Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

O ambiente de produção e interação do conhecimento pode e deve ser aquele que propicie a condição de efetivar o seu produto final. Ou seja, o educador deve utilizar de todo espaço físico que puder e tiver disponível para alcançar a transmissão do conhecimento para seu aluno. Em tempos remotos muitas vezes as condições eram as mais desfavoráveis encontradas para a época. De acordo com Ariès (2012) os espaços físicos para as escolas, não dispunham de acomodações amplas, os mestres mais pobres se instalavam no claustro, na porta da igreja ou em esquinas de rua. O chão era forrado com palha onde os alunos sentavam. Estes tristes relatos foram observados séculos passados. Somente no século XIV começaram a usar bancos.

Se neste cenário caótico se produzia conhecimento, não temos como não justificar tal feito em leito familiar com apoio de toda uma estrutura colaborativa. É possível que todos possam interagir na produção do conhecimento independente da tipologia familiar a qual está inserida conforme pensamento de Cruz (2007, p.32):

São diversas as tipologias familiares encontradas nas redes municipal e estadual de ensino. Dentre essas tipologias, podemos citar algumas: nucleares (pai, mãe, filho ou filhos), reconstituídas (casais separados que contraem novas núpcias, muitas vezes juntando filhos do casal anterior e gerando outros), monoparentais (chefiadas por mulheres ou homens), casais gays que vêm reivindicando o direito de constituir uma família do tipo nuclear (pai e

pai ou mãe e mãe), com filhos adotivos ou naturais, entre outras. Essa multiplicidade de tipologias familiares vem sendo diluída, pelo menos no que se refere às intenções da escola, num único modelo – a família nuclear.



Figura 4 - Assistente de Produção fazendo testes de iluminação.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A família unida na produção do conhecimento terá como consequência a vontade de interagir, crescer e disseminar amplitude intelectual dentro do lar, conforme é possível visualizar nas ações nas figuras 4, 5 e 6. O sucesso será mais provável para seus filhos e melhor usufruído por toda a sociedade em médio prazo. Todos podem contribuir neste sentido. Conforme Nogueira (2006) na nossa sociedade atual os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade.



Figura 5 - Diretora de Produção finalizando cenário de gravação
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)



Figura 6 - Matheus Augusto editando vídeo
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)

2.3 CONFINAMENTO, PANDEMIA E CONTEXTO DA FAMÍLIA NESTE CENÁRIO

O início do semestre de 2020 foi marcado com uma grande ruptura na interação aluno professor que sendo presencial passou a ser totalmente via aula remota. O grande vilão de tudo isto foi uma pandemia ocasionada em todos os países. Segundo Zhang (2020) esta pandemia foi derivada do Novo Coronavírus conhecido como Sars-Cov-2 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Covid-19 é o nome da doença causada pelo vírus Sars-Cov-2. Este vírus pertence ao Coronavírus, bem como o patógeno que provocou a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS). Este vírus se espalha entre pessoas sendo suas principais vias de transmissão gotículas no trato respiratório e por contato. Outra via de transmissão é por aerossóis.

Esta pandemia criou pânico nas famílias brasileiras, tornando o ambiente recluso, introspectivo, com sintomas de incapacidade, medo e sem compreensão do futuro das pessoas. Cada família brasileira procurou reagir de uma forma que amenizasse este sofrimento. Neste caso, a família Queiroz de Sousa, procurou produzir uma rotina com tarefas diárias para cada participante. A sequência desta atitude reflete no objeto proposto de estudo. A interação de todos trouxe no ambiente familiar preenchimento de tarefas diárias, metas individuais, missão coletiva, união do núcleo familiar e consequentes sorrisos em meio à calamidade instaurada no ambiente externo do seu leito, conforme figuras 7 e 8. Todos estavam unidos e comprometidos em um só objetivo: produzir conhecimento para os alunos do professor André que alcançaria o seu destino através da gravação dos vídeos.



Figura 7 - Família Queiroz de Sousa.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)



Figura 8 - Família Queiroz de Sousa finalizando a gravação de um vídeo
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)

Mas a pandemia não deixou de agir. Segundo Zhang (2020) todas as pessoas estão suscetíveis a contrair o vírus, idosos e pessoas com doenças crônicas estão sob maior risco. Crianças e bebês também podem ser infectados. Os principais sintomas são febre, fraqueza e tosse seca. Uma menor parte dos pacientes também apresentam outros sintomas como obstrução nasal, coriza e diarreia. Alguns pacientes têm apenas febre baixa e fadiga leve. A maior parte dos pacientes de caso grave, após uma semana de infecção, apresentam dificuldade para respirar.

Esta fatalidade trouxe a famosa quarentena dentro dos lares. Para evitar que infectados retenham e espalhem o vírus na sociedade, a quarentena foi utilizada como método eficiente para evitar a formação dos casos de 2ª e 3ª geração, na forma de isolamento físico. Na quarentena domiciliar, o Novo Corona vírus perde a capacidade de se espalhar e desaparece. Durante o período de quarentena, a pessoa pode fazer algumas atividades de entretenimento dentro de casa, como, por exemplo, assistir a novelas, ler livros, entre outros (ZHANG, 2020).

Apesar de todo o contexto em clima adverso, foi possível neste período usufruir da felicidade da família, todos com pensamentos positivos e estáveis, usufruindo da integração, e profissionalmente descobrindo novos métodos no processo de ensino e aprendizagem. Momento que conseguimos superar adversidades a cada dia amanhecido.

2.4 AS NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO ORIUNDAS DE FAMÍLIA PARTICIPATIVA

Percebe-se que a família já faz parte no processo de transmissão do conhecimento, bem como é notório que a inserção de diferentes idades e formas diferenciadas na interação social refletirá em debates construtivos no formato de pensar no momento de produção do vídeo. Importante para esta etapa estar aberto as quebras de barreiras e paradigmas quanto a aplicação do método tradicional do ensino. Necessário também abrir a mente no sentido de absorver as boas ideias que possam gerar aulas efetivas para o público alvo. Sobre este assunto Freire (2009) comenta que a Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. Estar aberto às mudanças, ao diálogo e ao longo das aulas, ser igualmente interativo com todos, tornando o processo mais humano e

centrado no diálogo, para que ao final obtenha o melhor formato de transmissão de conhecimento.

O confinamento familiar trouxe a oportunidade de também repensar a prática docente, além de ter a necessidade do ajuste ao novo momento. A ruptura de presença em sala para a interação do saber remoto refletiu uma realidade que precisava adequação incondicional. Percebe-se um novo cenário levando a criação de um novo método padrão de transmissão. O presente autor desenvolve um método para aplicação em todas as aulas de acesso remoto o qual denomina de *VILE*.

Segundo Behrens (2005) as respostas às novas exigências determinadas pelo novo paradigma científico, a prática pedagógica do professor precisa se projetar em diferentes metodologias que levem à produção do conhecimento. Percebe-se que é função do educador desenvolver novos caminhos que direcionem ao conhecimento do aluno.

O método possui quatro pilares que derivam o principal objetivo: Aprendizado. Ou seja, cada aula foi desenvolvida a aplicação tornando possível interpretar as informações mesmo em condições remotas. É possível compreender o *Método VILE* que deriva o APRENDIZADO do aluno através da tabela 1:

V = Vídeo	Vídeo gravado com tempo médio de dez minutos abordando o tema da aula que será debatido. Esta etapa é importante elucidar de maneira clara o principal objetivo do tema da aula, facilitando desta forma a absorção do conhecimento através do sentido visual e auditivo.
I = Interação	Esta etapa tem por objetivo relacionar o aluno com o professor através do acesso remoto. Pode ser utilizado os diversos aplicativos que existem disponíveis na <i>internet</i> ou mesmo o aplicativo principal da entidade educacional. Aplicativos disponíveis em ambiente <i>web</i> : <i>Skype</i> , <i>Jitsi</i> , <i>Webex</i> , entre outros. Este momento de Interação o vídeo já foi disponibilizado para o aluno em período mínimo de 72 horas facilitando sua busca no tema proposto. Toda Interação deverá ser <i>online</i> com aula ministrada e participada entre docente e discente.
L = Leitura	Ao término da fase da Interação deverá ser disponível um documento para Leitura do aluno. Deve ser computada a média de tempo da leitura para somatório do período total de aula. A leitura deverá ser harmonizada entre o Vídeo assistido, Interação online e Leitura complementar. Nesta etapa é indicado complementar com artigos atualizados, capítulos de livros, manuais técnicos e similares.
E = Escrita	Fase final do método. Através do cumprimento das três primeiras

etapas o método é finalizado com a escrita. É necessário disponibilizar material em formato de exercício para que o aluno desempenhe a junção harmônica no processo de aprendizagem. Esta fase é importante explorar que o aluno expresse seu pensamento e contextualize a aplicação do método sendo: Vídeo, Interação, Leitura e Escrita.

APRENDIZADO

Tabela 1: O que significa *VILE*
 Fonte: Próprio Autor (2020)

Para Kellner (2001), a alfabetização da informática envolve não apenas conhecimentos e habilidades técnicas, mas também refinadas leituras, escritas, pesquisas e capacidade de comunicar-se com capacidades intensas de criticamente acessar, analisar, interpretar, processar e armazenar tanto material impresso quanto material multimídia. Numa nova sociedade de informações e de entretenimentos, imersa numa tecnologia multimídia. Observando a Figura 1 é possível compreender que a interação do método *VILE* proporciona a conexão e interseção das fases, tornando desta forma consequente alcançar o fator aprendizagem.

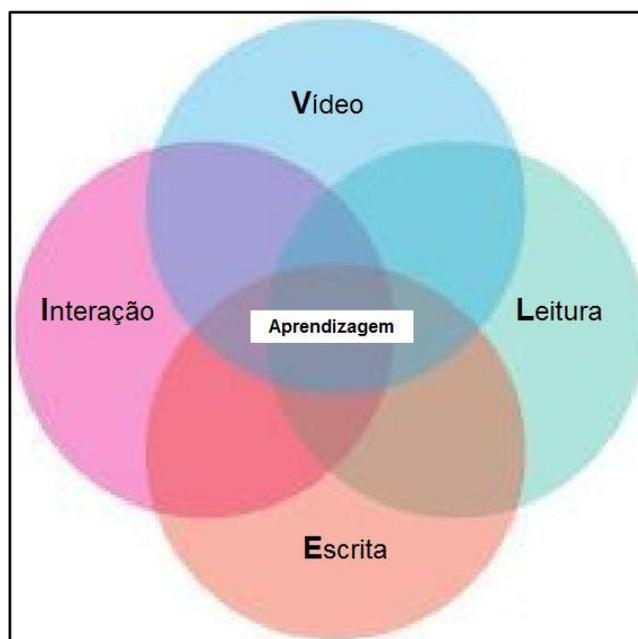


Figura 11 - Método *VILE*.
 Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

Para Moraes (2001), as novas características no perfil do verdadeiro educador são: ser mais pesquisador do que transmissor, saber ouvir, observar, refletir e buscar algo sempre que necessário. Saber problematizar conteúdos e atividades, propor situações problemas, analisar erros, fazer perguntas oportunas,

formular hipóteses, sistematizar conteúdos, disponibilizar informações, avaliar no processo. As consequências da abertura em poder desenvolver novas habilidades na transmissão de conhecimentos, somente poderão ser conhecidas no momento da aplicação do possível experimento.

Com base nisto e na relação da teoria de vários autores que foi motivado a associar o experimento da inclusão de uma família no processo participativo da aula em momento de pandemia, aplicação de um novo método de ensino motivado por uma crise da impossibilidade dos métodos tradicionais, e por fim, a extrema necessidade de passar o ensino que irá transformar em aprendizado. A seguir serão apresentadas as consequências do novo método aplicado pelo autor deste artigo.

O primeiro momento foi sistematizar o meio de comunicação entre o docente e o corpo discente. Foram escolhidos dois canais, sendo um Institucional chamado de “*Chat do aluno online*” e o segundo criado pelo aplicativo “*Whatsapp*” no dia 23 de março com nome DG Desenvolvimento Gerencial. Neste canal de “*Whatsapp*” foram inseridos todos os alunos da disciplina. A Figura 10 ilustra este grupo.



Figura 10 - Grupo *Whatsapp* de alunos.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

Através dos canais de comunicação para o aluno, se teve a preocupação de passar informação para chamada da aula (etapa 2 Interação) com mínimo de 24 horas sendo lembrado que o discente necessitaria assistir ao vídeo (etapa 1

Vídeo) para posterior debate *online* em aula com o professor. A figura 11 demonstra o procedimento.

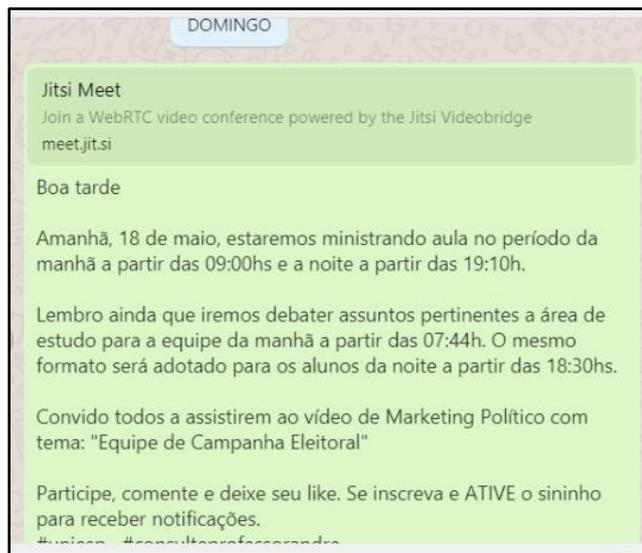


Figura 11 - Chat disponível no sistema UNIESP do aluno *online*.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

Ainda na linha de primeiro momento o autor deste artigo sempre procura estimular a projeção de novas ideias nas metodologias de aula. É possível perceber o estímulo a desenvolver perguntas, questionamentos e participações sobre o tema de aula, enviando em seguida para o *e-mail* do autor, conforme figura 12.



Figura 12 - Participação dos alunos na construção de temas de aula.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

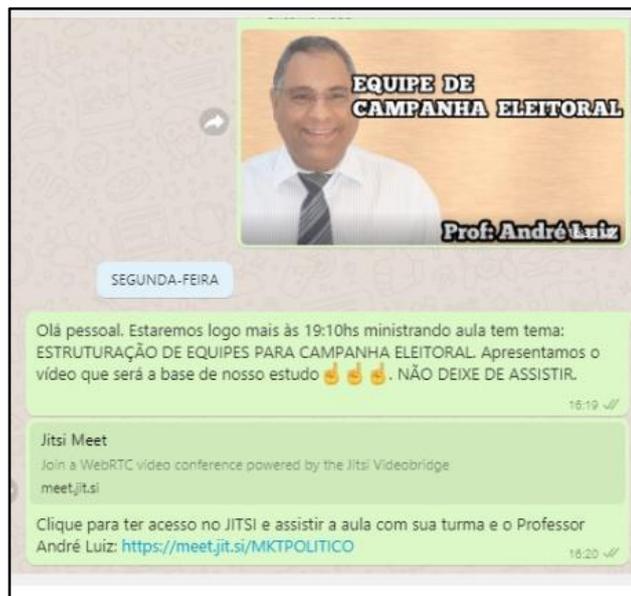


Figura 13 - Convite (*Whatsapp*) em tempo regressivo para a aula *online*.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

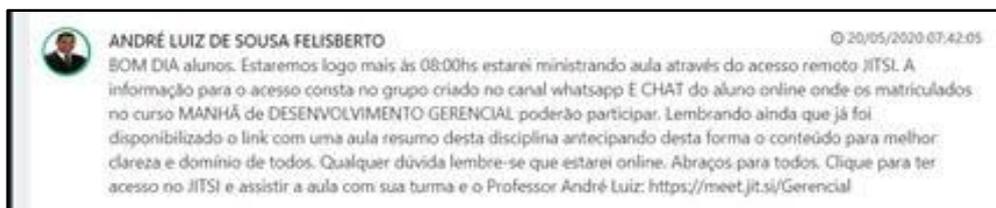


Figura 14 - Convite (*Chat aluno online*) em tempo regressivo para a aula *online*.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

As Figuras 13 e 14 apresentam um comunicado para o aluno, nos canais disponíveis, sendo o chamamento para a aula *online*. O formato de chamamento sempre é com estímulo de contagem do tempo regressivo, tentando impulsionar a curiosidade em participar do método *VILE*. Este é o segundo momento caracterizado pela Interação.



Figura 15 - Primeiro Vídeo disponibilizado no canal *Youtube*.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A Figura 15 demonstra o primeiro vídeo produzido pela família do autor, sendo o Canal no *Youtube* criado no dia 24 de março de 2020. É perceptível a inserção das responsabilidades de todos nas tarefas de iluminação, produção, captura de imagem e edição. A abertura do docente em poder evoluir a forma de transmitir o conhecimento refletiu na participação do núcleo familiar. Segundo Perrenoud (2001) afirma que o professor não é apenas um conjunto de competências. É uma pessoa em relação e em evolução. Portanto, na sua formação, devem estar expressas as possibilidades de estar aberto a aprender.



Figura 16 - Material disponível para Leitura e Exercício.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A Figura 16 apresenta a disponibilidade do fator “L” e “E” do termo *VILE*, correspondendo respectivamente a Leitura e Exercício.



Figura 17 - Evolução da qualidade do Vídeo.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A Figura 17 demonstra de forma clara a evolução de uma família que trabalha em equipe. A qualidade de captura da imagem, iluminação, cenário, edição e direção geral, melhora substancialmente devido a interação da família do autor deste artigo.



Figura 18 - Canal Youtube encontrado como: “Consulte Professor André”.

Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A consequência desta metodologia derivou na produção de vários vídeos (Figura 18) com respectivos temas de aula. A participação e comentários positivos foram registrados conforme descrito neste artigo.

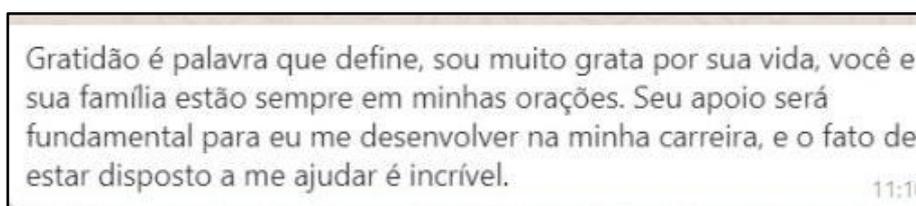


Figura 19 - Importância da família do autor no processo de aprendizagem.

Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

A Figura 20 demonstra de forma clara a proposição do debate. A mesma relaciona a importância da interação da família do autor com o conhecimento adquirido por parte do aluno. Família interagindo com o Método *VILE* apresentado por este autor.



Figura 20 - Satisfação dos alunos.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).



Figura 21- Satisfação e comentários dos alunos. Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)

Nas Figuras 20, 21 e 22 encontramos a manifestação positiva dos alunos quanto ao método aplicado pelo autor deste artigo. Importante destacar que a participação familiar contribuiu para este resultado.



Figura 22 - E-mail destacando satisfação no Curso Consultoria MPE.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020)

As aulas ficaram dinâmicas e houve significativos comentários que destacaram o formato e metodologia desenvolvida pelo professor, com apoio da

família e implementação do novo método de aprendizagem chamado aqui como *VILE*. Desta forma surgiu a oportunidade de ministrar um Curso livre com nome de: CONSULTORIA ORGANIZACIONAL PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Logo que os alunos souberam que seria aplicado o mesmo método do docente, em meio a crise da pandemia, efetivou-se 125 inscrições superando as expectativas. No decorrer do curso ministrado houveram vários elogios por canais de *chat*, por meios de mídias sociais e até mesmo *e-mail*, conforme verificado na Figura 22.

Para Moran (2000), um dos eixos das mudanças na educação passa por sua transformação em um processo de comunicação autêntica e aberta entre os professores e os alunos, primordialmente, mas também incluindo administradores e a comunidade, principalmente os pais.

O docente deve estar aberto a novas oportunidades de aprendizado. Este novo século conduz a uma efetiva experiência de compartilhamento do saber. Os pais, os filhos, os alunos, as empresas, os órgãos públicos, enfim a sociedade, são todos partícipes no processo que contribui para a construção do saber.

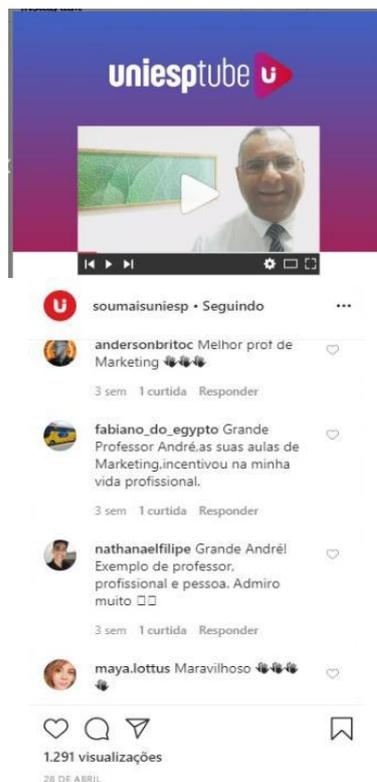


Figura 23 - *Instagram* Institucional UNIESP.
 Fonte: Acervo Pessoal do Autor (2020).

O Centro Universitário UNIESP disponibilizou o vídeo que fez chamamento para o Canal *Youtube*: Consulte Professor André. Aproximadamente houveram

1.300 visualizações com 26 comentários positivos conforme a Figura 24, sendo estes números apenas na postagem que a instituição fez em seu *feed* do *Instagram*: @soumaisuniesp

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de confinamento devido a pandemia do vírus chamado COVID-19 desencadeou a ruptura no processo produtivo nos setores primários, secundários e terciários. Mas principalmente trouxe uma nova forma de agir e pensar no segmento de educação. Este artigo demonstrou que foi possível diminuir o impacto desenvolvendo nova metodologia de transmissão de conhecimento. Também foi aplicada a nova prática de aprendizagem com a participação da família do autor deste artigo. A inserção da família como um todo trouxe atividade entre os seus membros transformando o ambiente do lar em um clima positivo, saudável, interativo e com unidade dos pais e filhos. Além de equilibrar os pensamentos cotidianos, os desafios e metas ocasionaram a busca do conhecimento para atingir um objetivo maior: transmitir conhecimento para os alunos do ensino superior.

É possível, mesmo em momento extremo e de crise, produzir atividades lúdicas, positivas, importantes e que em definitivo contribuam para o crescimento de uma sociedade.

Todos ainda no momento de confinamento estão produzindo conhecimento para que com qualidade seja usufruído por seu público final. Esta experiência também está sendo debatida no ambiente escolar dos filhos do autor, com seus colegas de sala, professores, parentes e amigos virtuais.

Quanto ao relacionamento a Instituição e seus colaboradores, houveram incentivos para continuar a prática do método através de vários departamentos e coordenações, podendo citar: Reitoria, Pró Reitoria, Coordenação de Publicidade e Propaganda, Coordenador de Administração, Núcleo de Carreiras, Central de Relacionamento, Coordenação de Pós-Graduação, Coordenação de Pesquisa entre outros setores do Centro Universitário UNIESP.

Grupos empresariais, pessoas da área pública, grupos de egressos, alunos de outras instituições entre outros, também estimularam o trabalho elogiando as aparições nos ambientes virtuais. A sociedade em geral passou a utilizar os ensinamentos em vídeos e materiais disponibilizados.

O Método *VILE* (Vídeo, Interação, Leitura e Escrita) encontra-se sendo aprimorado para que as aulas remotas possam atingir melhoria contínua nas práticas de ensino em contexto da educação tradicional, de educação em períodos instáveis ou mesmo em momentos de confinamento.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos da Psicologia Escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BORDENAVE, Juan E. **O que é participação**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983
- CADAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 a.
- COELHO, Paulo. **Histórias para Pais, Filhos e Netos**. São Paulo: Globo, 2001.
- CRUZ, Antônio Roberto Seixas. **Família e escola: um encontro de relações conflituosas**. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.37, p.27-45, jul./dez. 2007.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KELLNER, Douglas. **Filosofia da educação novas tecnologias: novas alfabetizações**. Araraquara: UNESP, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo. Cortez, 1998.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **T291 Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação / Luís Paulo Leopoldo Mercado (org.)**. - Maceió : EDUFAL, 2004.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1998
- MORAN, José M. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação**. *Revista Educação e Realidade*. 31(2):155-170 jul./dez. 2006.

PERRENOUD, Philippe et alii. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, J. **Pontos da Psicologia do Desenvolvimento**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1997.

PIAGET, J. **Professores, Famílias e Projeto Educativo**. São Paulo: Asa, 2000.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação**. 18. ed. rev. e atual. São Paulo: Integrare, 2006.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19**: análise e visão do todos pela educação sobre a adoção de estratégias de ensino remoto frente ao cenário de suspensão provisória das aulas presenciais. 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas. Acesso em: 22 maio 2020.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WERTHEIN, Jorge; ARGUMEDO, Manuel (Orgs). **Educação e participação**. Rio de Janeiro: Philobiblión, 1985.

ZHANG, Wenhong. **Manual de Prevenção e Controle da Covid-19 segundo o Doutor Wenhong Zhang / Wenhong Zhang** - 1ª ed. São Paulo-SP: PoloBooks, 2020.

METODOLOGIAS APLICADAS NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO REMOTA DE TCC NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

MARTINS, Rayana Kelly Brasileiro¹

1 INTRODUÇÃO

O professor no ensino superior, além de exercer o papel de mediador do conhecimento, é responsável também por orientar e estabelecer relações com alunos que estão em fase de conclusão de curso. No processo de orientação, o papel docente, está diretamente relacionado ao fomento e consolidação do conhecimento científico em determinada área de estudo.

O professor, portanto, tem a responsabilidade de instigar os alunos a ter pensamento crítico e não mais a receber as informações de forma passiva, dando-lhes a oportunidade de fazer parte do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, o professor deve ser ponte entre o estudante e o conhecimento em suas orientações, intervenções e mediações (BULGRAEN, 2010).

Almeida (2003, p. 335) ressalta também a importância do professor estimular o aluno a desenvolver problemáticas que fazem sentido naquele contexto no intuito de

[...] despertar o prazer da escrita para expressar o pensamento, da leitura para compreender o pensamento do outro, da comunicação para compartilhar ideias e sonhos, da realização conjunta de produções e do desenvolvimento de projetos colaborativos.

É através dessa troca de informações e das relações estabelecidas entre orientador e orientando que são desenvolvidos os trabalhos de conclusão de curso (TCC). Filho e Martins (2006) e Fialho e Machado (2013) ressaltam que os orientadores devem manter relações singulares e interativas com os orientandos para consolidação do conhecimento científico.

Todavia, há de se ter atenção na relação entre os envolvidos, pois entraves na comunicação podem influenciar negativamente a elaboração e qualidade dos trabalhos de conclusão de curso. Portanto, a comunicação é um elemento fundamental no processo de orientação.

¹ Mestre em Administração. Professora dos cursos de Administração e Gestão Comercial na UNIESP.

Além da comunicação, para obtenção de êxito e qualidade nos TCCs é fundamental que haja empatia entre orientador e orientando e que o docente tenha domínio e interesse pelo tema de pesquisa escolhido pelo orientando. Sendo atribuição do orientador a recomendação de bibliografia, métodos e técnicas de pesquisa, assim como, motivar e estimular o desenvolvimento do trabalho do orientando (FIALHO; MACHADO, 2013). E “para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e orientandos conheçam suas prerrogativas, constituindo através de um relacionamento construtivo o espaço propício e efetivo para a geração de conhecimentos” (FILHO; MARTINS, 2006, p. 100).

No intuito de manter o processo de ensino-aprendizagem efetivo, os orientadores têm de realizar *feedbacks* constantes, orientar discussões e monitorar o desempenho dos orientandos durante a elaboração do TCC. Diante da necessidade de remodelagem das práticas docentes, tendo em vista o atual cenário, acentuou-se a necessidade de monitorização das atividades desempenhadas pelos orientandos. Sendo a modalidade remota a mais adequada.

Independentemente do lugar e do tempo, segundo Morgado (2001) o processo de ensino-aprendizagem é contínuo, sendo o professor, elemento fundamental no processo, responsável por promover o pensamento crítico, o sentido de autonomia, o diálogo, a negociação e a colaboração. Assim, mesmo na modalidade remota, o professor, deve estimular as relações entre as partes e criar condições que contribuam com o desenvolvimento do trabalho através destas interações.

O meio em que as relações entre alunos e professores ocorrem traz mudanças ao ensino e à aprendizagem que precisam ser compreendidas (ALMEIDA, 2003). Muitas das competências e habilidades dos professores são desenvolvidas no ensino presencial, sendo necessárias competências específicas para o ensino *online* (MORGADO, 2001). Além destas competências, Almeida (2003) destaca a importância de se levar em consideração limitações tecnológicas e linguagens empregadas para a mediação pedagógica e a aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, este relato tem como objetivo verificar quais foram as metodologias utilizadas pelos professores orientadores do curso de Administração do UNIESP Centro universitário durante o ensino remoto. Vale destacar que durante

a construção deste relato, o termo metodologia compreende todas as ferramentas utilizadas pelos docentes no processo de orientação.

Ressalta-se a importância deste relato, tendo em vista a escassez de discursos e pesquisas que abordem acerca do tema orientação (FIALHO; MACHADO, 2013). Além disso, tendo em vista as necessidades de adaptação da prática docente ao atual cenário, a relação entre orientador e orientando também sofreu impactos, exigindo dos docentes o domínio de ferramentas tecnológicas e a substituição da interação visual, gestual e presencial entre as partes pela modalidade remota.

Portanto, a discussão aqui apresentada pode vir a contribuir com uma reflexão sobre as novas práticas adotadas. Demonstrando que, as necessidades de adaptação ao novo cenário, instigaram os docentes a desenvolverem novas habilidades e domínio de ferramentas tecnológicas, muitas vezes, até então nunca desenvolvidas.

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de orientação no curso de Administração inicia-se no sétimo período do curso, onde os alunos matriculados na disciplina Projeto de Trabalho de Curso fazem a escolha do orientador com base nos temas em que possui interesse de pesquisa. Este, juntamente com a professora das respectivas disciplinas, tem a função de acompanhar o desenvolvimento do trabalho do aluno durante o sétimo e o oitavo período, em que os alunos concluintes estão matriculados na disciplina de Elaboração de Trabalho de Curso.

Para obtenção dos relatos, elaborou-se no *Google Forms* a seguinte pergunta: Quais foram às metodologias que você utilizou durante o semestre para a realização das orientações de TCC? Em seguida, solicitou-se o envio de imagens retiradas durante as orientações. O *link* do formulário foi compartilhado no grupo de *Whatsapp* dos professores de Administração da UNIESP e as imagens foram coletadas pelo mesmo aplicativo, sendo disponibilizadas no contato privado da autora.

Foi obtido um total de dez relatos, sendo os mais relevantes apresentados no decorrer deste trabalho. Vale ressaltar que a ordem de exibição dos relatos, condiz

com a ligação dos mesmos às informações apresentadas, e não necessariamente, por ordem de recebimento de resposta.

Tendo em vista as medidas de distanciamento estipuladas pelo Ministério da Saúde e a Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020 que permite a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais durante a pandemia do COVID-19, houve a necessidade de os professores explorarem novas abordagens pedagógicas para continuidade da prática docente. Tais adequações tiveram que ocorrer sem nenhum preparo prévio. No que tange o processo de orientação, este se deu através da interação entre orientador e orientando por meio de ferramentas virtuais. Nesse cenário, as orientações sucederam tanto de forma assíncrona, quanto síncrona.

Segundo Morgado (2001), a comunicação assíncrona caracteriza-se pela troca de informações sem a necessidade de o orientador e orientando estarem presentes ao mesmo tempo e no mesmo lugar na situação ensino-aprendizagem. E-mails, correios internos, mensagens postadas no ambiente virtual de aprendizagem, como fóruns, murais, chats entre outros meios caracterizam a comunicação de forma assíncrona (FIALHO; MACHADO, 2013).

A comunicação síncrona é assim chamada, pois há interações entre orientador e orientando em tempo real (MACHADO; DOMINGUINI; KAHL, 2014), permitindo, desse modo, o sincronismo de ideias e de conhecimento (FIALHO; MACHADO, 2013). As videoconferências são um bom exemplo da comunicação síncrona. Nos relatos obtidos, observa-se a utilização de diferentes plataformas tecnológicas, o que permitiu a continuidade das orientações durante a pandemia:

Relato 1: Um grupo de *Whatsapp* para lembretes semanais, reuniões no *Google Meet* com os orientandos. A reunião de vídeo conferência foi a cada 3 semanas porque semanalmente eles me mandam o material para que eu veja o progresso. Tenho 6 orientandos e o *Whatsapp* com envios semanais funcionou super bem para o P7.

Especificamente, nos momentos assíncronos, os professores utilizaram o e-mail para recebimento e envio dos trabalhos, partilha de arquivos corrigidos no *Google Docs* e criação de pasta no *Google Drive* para compartilhamento de artigos e livros em PDF.

Relato 2: Criação de grupo no *Whatsapp* para envio de informações relevantes acerca de prazos, dicas e agendamento de reuniões, utilização de e-mail para recebimento dos trabalhos e

envio de *feedback*, criação de pasta compartilhada no drive para disponibilização de materiais e realização de vídeo conferência.

Nas Figuras 1 e 2, pode-se observar a utilização do e-mail e do *Google Drive*, como metodologia de orientação remota.

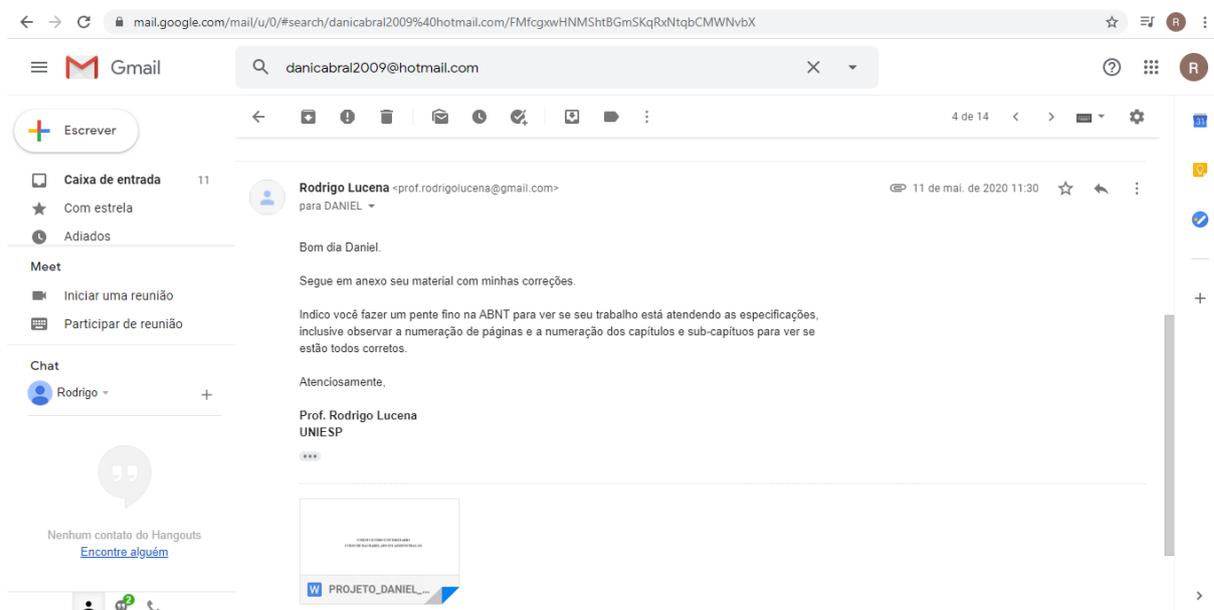


Figura 1 - Utilização do e-mail pelo Professor Rodrigo Lucena.
Fonte: Arquivo pessoal de Rodrigo Lucena, 2020.

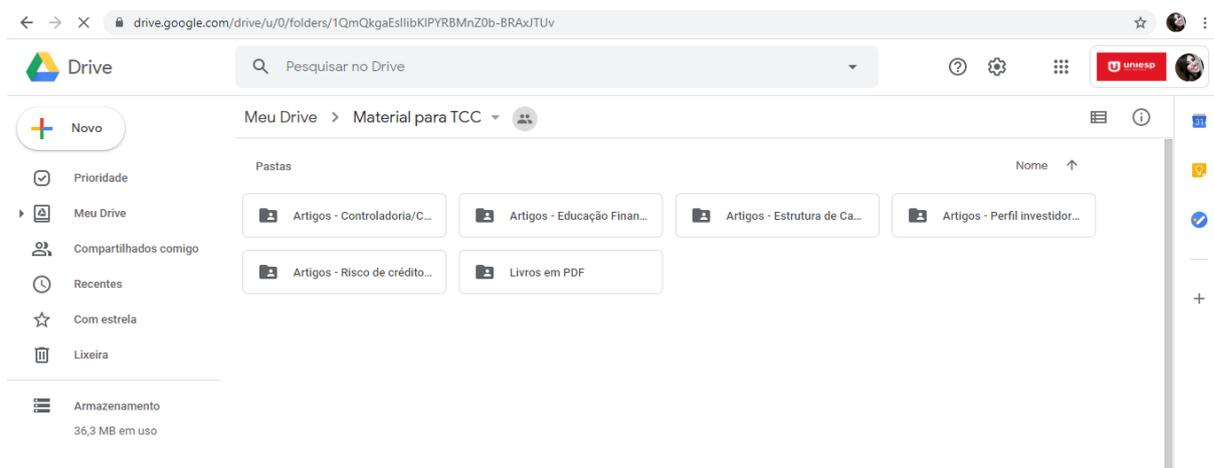


Figura 12 - Criação de pasta compartilhada no *Google Drive* pela Professora Rayana Martins.

Fonte: Arquivo pessoal de Rayana Martins, 2020.

Embora o uso destas ferramentas seja relevante, a comunicação é mais do que simplesmente transmitir um significado. Esse significado também precisa ser compreendido. Por isso, há de se considerar a existência de fragilidades na interação entre as partes (orientadores e orientandos) apenas com o uso do e-mail,

por exemplo. Sendo necessário, portanto, a utilização de outras ferramentas para potencializar a comunicação e minimizar os obstáculos enfrentados pelos alunos na produção de trabalhos acadêmicos.

Nesse sentido, a metodologia citada por todos os respondentes foi a criação de grupos no *Whatsapp* para agendamento de reuniões, compartilhamento de links, envio de vídeo aulas e dicas para elaboração do TCC, bem como para indicações de artigos e livros. Mantendo dessa forma a comunicação interativa.

Relato 3: Utilizei bastante o *Whatsapp* para marcamos reuniões e confirmar a assiduidade, ligação por telefone quando necessário e e-mail semanal para leitura dos materiais produzidos pelos (as) alunos(as) confirmando a participação constante deles(as).

O uso de Smartphones e da *web mobile* no processo de aprendizagem é uma realidade crescente atualmente, sendo o uso de aplicativos, como o *Whatsapp* cada vez mais comum (TAPIA-REPETTO; GUTIERREZ; TREMILLO-MALDONADO, 2019). Nas figuras 3 e 4 pode-se observar de que forma se sucedeu a comunicação em alguns grupos dos orientadores.



Figura 3 - Grupo de Orientação da Professora Rayana Martins no *Whatsapp*.
 Fonte: Arquivo pessoal de Rayana Martins, 2020.



Figura 413 - Grupo de Orientação do Professor Eduardo Sá no *Whatsapp*.
 Fonte: Arquivo pessoal de Eduardo Sá, 2020.

Apesar do papel fundamental que as ferramentas citadas acima exercem na orientação remota, há a necessidade de as partes envolvidas utilizarem linguagem clara e concisa para uma comunicação efetiva. Por isso, de forma complementar, nos momentos síncronos, os professores realizaram orientações de forma individual e coletiva através de plataformas de vídeo conferência, no intuito de manterem a comunicação em tempo real.

Relato 4: Grupo no *Whatsapp*, aula em grupo sobre as normas da ABNT através de videoconferência e orientações individuais por videoconferência. Troca de e-mails e ligações telefônicas. Envio de vídeo aula para os alunos e links da *internet* para pesquisa, e acesso a artigos.

Relato 5: Videoconferência no Zoom e Jitsi individualmente, contatos com o grupo de alunos orientados no *Whatsapp*, partilha de arquivo corrigido no Google Docs.

As plataformas utilizadas foram: *Google Meet*, *Zoom*, *Jitsi*, *Webex* e *Skype*. As Figuras 5, 6 e 7 retratam momentos de orientação disponibilizados por alguns professores do curso.



Figura 5 - Orientação coletiva realizada pela Professora Luciana Rabay no *Google Meet*.

Fonte: Arquivo pessoal de Luciana Rabay, 2020

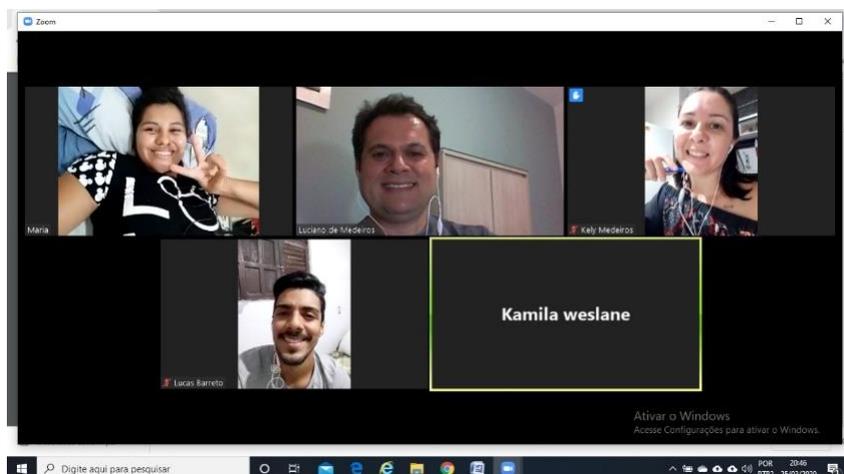


Figura 6 - Orientação coletiva realizada pelo Professor Luciano Medeiros no *Zoom*.

Fonte: Arquivo pessoal de Luciano Medeiros, 2020.

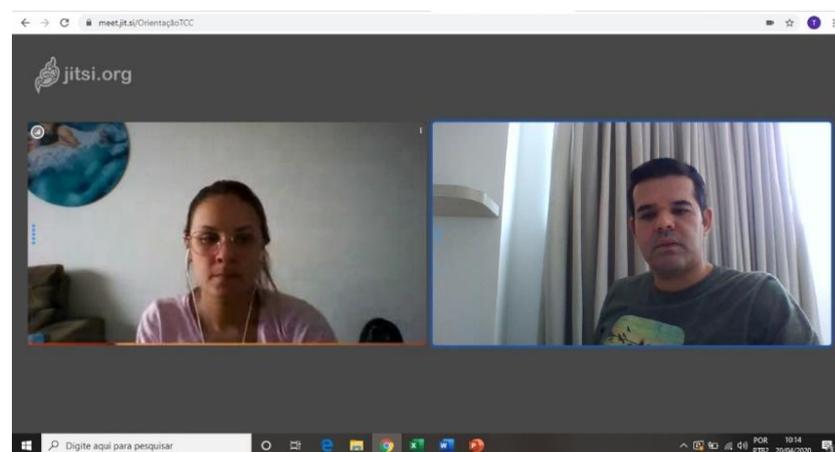


Figura 7 - Orientação individual realizada pelo Professor Túlio Augusto no *Jitsi*.

Fonte: Arquivo pessoal de Túlio Augusto, 2020

Mesmo que de forma remota, a videoconferência foi à metodologia adotada pelos professores de Administração no intuito de manter discussões e dar *feedbacks* acerca do desenvolvimento do TCC e com isso, proporcionar segurança e o enriquecimento dos trabalhos desenvolvidos pelos orientandos.

As orientações ocorreram tanto de forma assíncrona, quanto síncrona, onde foram utilizadas diferentes ferramentas tecnológicas para estimular a comunicação entre orientador e orientando, sendo de fundamental importância, a relação estabelecida entre as partes, o acompanhamento das etapas do trabalho e a transmissão de conhecimento durante o ensino remoto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato foi elaborado com o objetivo de verificar quais foram as metodologias utilizadas pelos professores orientadores do curso de Administração do UNIESP Centro universitário durante o ensino remoto. O que permite identificar não só as ferramentas adotadas mediante as falas dos orientadores de conteúdo, mas refletir acerca dos desdobramentos exigidos durante a modalidade remota e qual o papel exercido por estes agentes no ensino superior no processo de orientação.

Os relatos aqui apresentados evidenciaram o uso de diferentes ferramentas tecnológicas, o que podem vir a auxiliar a comunidade acadêmica a entender não só os desafios, mas as soluções propostas pelos docentes durante as orientações. As ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem que tiveram maior uso durante as orientações remotas foram o uso do *Whatsapp* na modalidade assíncrona e o uso de videoconferência para comunicação na modalidade síncrona.

Observa-se que, os orientadores, nas suas escolhas, optaram por estas e outras ferramentas apresentadas durante o relato, no intuito de agendar as orientações, compartilhar materiais e dicas acerca das temáticas escolhidas pelos estudantes, bem como da ABNT, dar *feedbacks* dos trabalhos desenvolvidos e acompanhar o progresso dos orientandos. Atuando desta forma, como mediadores na construção do conhecimento, minimizando possíveis barreiras quanto a escrita acadêmica dos trabalhos.

Quanto à temática orientação, vale ressaltar a sua importância não só para a área de Administração, mas para todas as áreas de pesquisa que contribuem com a construção do conhecimento científico. Por isso, compreender de que forma se deu a relação entre orientador e orientando é um dos pilares para minimização e solução de problemas que podem vir a surgir no relacionamento entre as partes.

Espera-se, portanto, que este relato possa gerar indagações, fomentando assim o desenvolvimento de pesquisas acerca da temática de forma a investigar o papel do professor orientador e as novas formas de ensinar e aprender. Sugere-se também o desenvolvimento de pesquisas que retratem os desafios e experiências por parte dos orientandos, tendo em vista que o processo de orientação se dá mediante interações entre orientador e orientando.

REFERÊNCIAS

- ABMES – Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. **Portaria MEC Nº 343, de 17 de março de 2020**. Disponível em <<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3017/portaria-mec-n-343>>. Acesso em: 24 maio 2020.
- ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância na *internet*: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 327-340, 2003.
- BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.
- FIALHO, M. L.; MACHADO, A. B. Análise do papel do professor orientador no processo de orientação à distância: Um estudo de caso comparativo entre instituição pública e privada. **International Journal Of Knowledge Engineering and Management**, v. 2, n.3, p. 39-65, 2013.
- FILHO, G. A. L.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. spe, p. 99-109, 2006.
- MACHADO, A. B.; DOMINGUINI, L.; KAHL, J. C. O papel do orientador de monografia da educação à distância. **Revista Travessias**, v. 8, n. 2, p. 197-209, 2014.
- MORGADO, L. O papel do professor em contextos de ensino online: problemas e virtualidades. **Discursos**, III Série, nº especial, pp. 125-138, Univ. Aberta, 2001.
- TAPIA-REPETTO, G.; GUTIERREZ, C.; TREMILLO-MALDONADO, O. *Nuevas tecnologías en educación superior. Estudio de percepción en estudiantes acerca del uso de Whatsapp y entornos virtuales de aprendizaje (Plataforma Moodle)*. **Odontostomatología**, v. 21, n. 33, p. 37-43, 2019.

EDUCAÇÃO FISCAL – NOTA CIDADÃ

BRITO, Cleber Soares de¹

1 INTRODUÇÃO

Diante desse cenário de pandemia em que o mundo atravessa, todos os setores da sociedade vêm sofrendo dificuldade para desenvolver suas atividades. No caso do ensino superior não é diferente, como dar prosseguimento as ações de educação nesse cenário adverso? Foi necessário que também o setor da educação se reinventasse. O projeto de pesquisa sobre educação fiscal que estou a frente, pertencente a coordenação de Ciências Contábeis e Gestão Financeira teve que se reinventar também, como realizar suas ações de maneira remota? Com a pandemia do novo Coronavírus e a suspensão das atividades de sala de aula de forma presencial, teve-se que repensar a sua forma de execução, a partir das tecnologias de informação e comunicação. Assim, buscando adaptar-se a essa nova realidade, criou-se o curso de extensão nota cidadã, sendo realizado com aula remota, apoiado pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA e estratégias de ensino e aprendizagem em Acesso Remoto.

Diante desse novo cenário as aulas foram realizadas a partir de *webconferência*, vídeo do *youtube*, *slide no powerpoint*, disponibilização de apostilas em PDF, uso do AVA na plataforma Moodle, onde foi discutido todo o conteúdo proposto sobre a nota cidadã paraibana.

Diante do exposto e a complexidade de disseminação do tema da educação fiscal no ensino superior e sociedade paraibana, como continuar a promover o fortalecimento do exercício da cidadania, por meio de ações integradas da Administração Pública e da sociedade, visando a participação proativa do cidadão paraibano na arrecadação do ICMS?

¹ Mestre em Gestão das Organizações Aprendentes, Ciências Contábeis e Gestão Financeira. Professor em Ciências Contábeis da UNIESP.

2 DESENVOLVIMENTO

Diante da pandemia do Coronavírus instalada no Brasil, todas as ações educacionais presenciais foram suspensas e momentaneamente substituídas por atividades remotas.

Essa nova perspectiva trouxe enormes desafios para todo sistema educacional. O Ministério da Educação – MEC em dezoito de março de dois mil e vinte, publicou em Diário Oficial da União – DOU a autorização da substituição das disciplinas presenciais por aulas que utilizassem meios e tecnologias de informação e comunicação em cursos que estão em andamento. Essa nova possibilidade do ensino a distância atingiu também todas as faculdades e Centro Universitários privados.

Esse cenário adverso dificulta ainda mais a vida de desigualdade e exclusão social da sociedade brasileira. Muitos dos direitos conquistados ao longo do tempo se devem a luta daqueles que são contrários à exploração e à dominação das classes mais abastadas, impondo cenários que tem nos colocado em uma triste realidade.

Acredita-se que a partir do desenvolvimento crítico das pessoas é possível ter comportamentos diferentes, se contrapondo muitas vezes ao que o governo deseja impor, por meio da conscientização individual, compreendendo e opinando, por exemplo, quando se entende mais profundamente qual a função socioeconômica do tributo, como também do incentivo que o tributo pode trazer ao exercício do controle social, exercendo assim de forma efetiva nossas obrigações como cidadão.

Percebe-se que quanto maior for o acesso dos cidadãos aos conhecimentos que envolvam a educação fiscal, que os instrua sobre a função do tributo e do controle social, maior será sua forma de intervir, pois aí poderá ter condições de participar mais ativamente na fiscalização de seus gestores públicos.

Educar cidadãos significa formar para autonomia, isto é, para autogovernar-se. Os educandos, educadores e a comunidade tem o direito de saber que o tributo que pagam é a principal fonte de financiamento da máquina pública e é responsável pela consecução das políticas sociais de saúde, educação, previdência e assistência social, segurança e aplicações em infraestruturas. A visão do cidadão como agente

transformador da realidade social pressupõe o domínio dos conceitos de Educação Fiscal.

Nesse sentido, optou-se nessa ação desenvolver um trabalho junto ao público acadêmico e sociedade local de forma gratuita, disponibilizando a partir de aulas remotas o curso nota cidadã, como um curso de extensão do Centro Universitário UNIESP.

2.1 EDUCAÇÃO FISCAL

Educar para a cidadania é um desafio para os estudiosos do assunto. Observa-se que de um ponto de vista mais abrangente, praticamente tudo o que ocorre em nossa vida, tem alguma repercussão no exercício de sua cidadania.

Para Pablo Gentili (1995, p. 145), compreender a ação de educar para o exercício da cidadania significa saber, primeiramente, qual é a nossa percepção sobre cidadania. Para este autor, a cidadania é compreendida com base em dois pontos de vista, muito embora dependentes: a cidadania como “condição legal” e como “atividade desejável”.

Quanto à cidadania como “condição legal”, está ligada a comunidade política em que os indivíduos possuem direitos assegurados por lei ou por norma jurídica. Gentili (1995, p. 145) destaca uma afirmativa de Thomas Marshall, ao considerar a cidadania a garantia do indivíduo de considerar-se parte integrante de uma comunidade de sujeitos iguais. Assegurar esse pressuposto corresponde, quase sempre, à concessão de direitos.

Já no que se relaciona a qualidade da “atividade desejável”, Gentili (1995, p. 145) destaca que a cidadania se volta para um conjunto de valores comuns que aproximam as pessoas e lhes confere uma percepção de pertencimento a uma determinada comunidade. Essa perspectiva se preocupa em desenvolver nas pessoas uma infinidade de valores: liberdade, igualdade, autonomia, solidariedade, tolerância, desobediência aos poderes totalitários e respeito à diversidade, às diferenças e às identidades diversas.

Observa-se que o controle social é entendido para Carvalho (1995, p. 8) como uma “expressão de uso recente e corresponde a uma moderna compreensão de relação Estado-sociedade, onde a esta cabe estabelecer práticas de vigilância e

controle sobre aquele”. O controle social tem por objetivo “contribuir com a garantia de que os recursos arrecadados pelo governo por meio dos tributos sejam utilizados na consecução de políticas públicas que atendam às demandas da sociedade, a legítima proprietária dos recursos públicos” (ROCHA, 2014, p. 157)

Os desafios propostos atualmente para um desenvolvimento equilibrado da relação envolvendo o Estado e os cidadãos compõem, em um cenário social, objetivos recomendados para uma adequada proposta que envolve uma reflexão tributária e compreensão da realidade fiscal vivenciada no país.

A imagem negativa da administração fiscal, relacionada à falta de transparência fiscal, afeta o comportamento dos cidadãos. A relação entre a conscientização, por parte do contribuinte, e as decisões conflituosas, tomadas pelo Estado, seria efetivamente reduzida se existisse um insistente processo de formação de ambas as partes.

A educação fiscal é resultado de uma formação sistêmica, voltada à conscientização do contribuinte sobre o papel social do tributo. Na interpretação desse autor a educação fiscal é parte do contexto geral da educação, parte da ciência da pedagogia, uma vez que se preocupa com os problemas da sociedade e suas possíveis soluções, de acordo com Bujanda (1967) apud Gomes (2012).

Em nosso país, a Constituição Federal de 1988 deixou evidente que a educação, além de visar o pleno desenvolvimento das pessoas e de sua qualificação para o trabalho, deve, também, prepará-la para o exercício da cidadania, quando da edição de seu artigo 205 que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Da mesma maneira, a Lei Federal 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB estabeleceu em seu art. 2º, que a finalidade da educação, construída nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

De acordo com os parâmetros curriculares nacionais que serve como referenciais para que o sistema educacional do país para balizar-se e propiciar à educação que caminhe rumo ao processo de construção da cidadania, tendo como objetivo atingir a igualdade de direitos entre os cidadãos (LAVOR, 2003).

Vale destacar que o Programa Nacional de Educação Fiscal – PNEF foi desenvolvido pelo governo federal para promover e institucionalizar a Educação Fiscal para o pleno exercício da cidadania, uma vez que para seus articuladores “[...] é um trabalho de sensibilização da sociedade para a função socioeconômica do tributo”. O PNEF originou-se em 1996 quando foi lançado o programa de conscientização tributária para despertar a prática da cidadania. Posteriormente, em 1999, tornou-se o Programa Nacional de Educação Fiscal – PNEF, e em 2002 foi finalmente regulamentado como Programa Nacional de Educação Fiscal – PNEF, através da Portaria Interministerial do Ministério da Fazenda – MF e MEC nº 413/02 de 31 de dezembro de 2002. O PNEF está sendo disseminado em todo o país sob a coordenação da Escola de Administração Fazendária - ESAF, Ministério da Fazenda e Ministério da Educação (BORGES et.al., 2013, p. 41).

Em 2012 aconteceu a 1ª Conferência Nacional sobre Transparência e Controle Social. Ambas as conferências (2010 e 2012), focaram-se na formação cidadã para as próximas décadas. Expressas pela vontade popular e pelos desafios vivenciados pela administração pública, a realidade política brasileira se mostra cada vez mais voltada para a gestão participativa e consciência política dos seus cidadãos, construindo um estado social com mentalidades cívicas de novas disposições sociais.

Até início do último triênio de 2014, o Brasil ocupou, dentre os 30 países com maior carga tributária, a posição de pior retorno de arrecadação em prol de benefícios à sociedade. Com alto grau de arrecadação e baixo nível de retorno, o país ficou atrás de países como Uruguai e Argentina (AMARAL, OLENIKE, AMARAL, 2013).

Diante disso, a educação fiscal apresenta-se como um processo necessário para formação da opinião da sociedade perante o conhecimento, significado e aplicabilidade do tributo. Com isso, preocupado com a temática, o Estado propõe ações e políticas públicas com a finalidade de promover a conscientização dos cidadãos e estreitar os laços que ligam o estado e a população.

Reis, Pfitscher e Casagrande (2012, p. 41) reforçam que “em decorrência das novas imposições legais ao ente público, a ação estatal sofreu modificações, o que afetou o dia a dia da sociedade”.

É preciso que tenha a percepção do dever fundamental de pagar impostos pode-se afirmar com Nabais (2007), que o imposto não é mero poder do Estado, nem simples sacrifício do indivíduo, mas consiste numa contribuição indispensável para a vida em comunidade, organizada em Estado. É o preço da sociedade organizada. Não pode ser visto apenas como uma carga, senão também como a garantia de uma liberdade (ESTEVAN, 2002).

Vale salientar que num Estado fiscal, dependente da arrecadação, o imposto não é um fim em si mesmo, mas um meio do Estado cumprir seus objetivos, um “instrumento de realização das tarefas (finais) do Estado” (NABAIS, 2012, p. 227).

Dessa forma, essa ação promovida pela UNIESP em prol da educação fiscal, e da percepção do dever fundamental de pagar impostos é que motiva esse projeto de pesquisa a desenvolver esse curso de extensão, continuando a disseminar a informação sobre a nota cidadã, fazendo com que o cidadão seja partícipe no processo de construção de uma sociedade mais justa, a partir de uma atitude proativa, assertiva, opinativa, sendo determinante na escolha dos novos papéis que devemos exercer dentro de nossa sociedade.

2.2 NOTA CIDADÃ

O Governo do Estado com o objetivo de aumentar a arrecadação vem desenvolvendo uma série de ações e o programa nota cidadã paraibana é mais uma delas. Inúmeras campanhas foram realizadas incentivando a emissão de notas fiscais nas relações comerciais e de serviços, a exemplo da última campanha realizada em 2014 aqui no Estado da Paraíba. Essas campanhas buscam também desenvolver de forma educativa a consciência cidadã em relação as suas obrigações, com informações sobre a história e as finalidades dos tributos.

Assim, o Governo do Estado, através da sua Secretaria da Fazenda, buscou estimular o cidadão paraibano a solicitar a nota fiscal de consumidor eletrônico na aquisição de suas mercadorias, a partir da criação do decreto nº 39.862 de 13 de dezembro de 2019. Publicado no DOE de 14.12.19 dispõe sobre a regulamentação da campanha da “Nota Fiscal Paraibana”, e dá outras providências. O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, no uso das atribuições que lhe confere

o art. 86, inciso IV, da Constituição do Estado, e tendo em vista a Lei nº 11.519, de 25 de novembro de 2019, D E C R E T A:

Art. 1º Este Decreto regulamenta a campanha da “Nota Fiscal Paraibana”, instituída pela Lei nº 11.519, de 25 de novembro de 2019, também denominada de “Nota Cidadã”, cuja finalidade é fortalecer o exercício da cidadania, por meio de ações integradas da Administração Pública e da sociedade, visando à participação proativa do cidadão paraibano na arrecadação do ICMS.

§ 1º Para participar da Campanha e concorrer às premiações, o interessado deverá:

I - efetuar o seu cadastramento no endereço eletrônico: www.portaldacidadania.pb.gov.br, aceitando as condições estabelecidas neste Decreto;

II - exigir a emissão de Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica - NFC-e - ou Nota Fiscal Eletrônica - NF-e - autorizadas pela Secretaria de Estado da Fazenda - SEFAZ-PB, com a inclusão do número de seu CPF, independente do valor do documento fiscal, para geração do bilhete e posterior controle.

§ 2º Serão consideradas válidas para participar da Campanha e concorrer aos prêmios as NFC-e ou NF-e emitidas no mês anterior ao do sorteio.

§ 3º Não serão consideradas válidas para participar da Campanha as NFC-e ou NF-e decorrentes de operação de fornecimento de energia elétrica, água, gás canalizado, comunicação ou de prestação de serviços de transporte interestadual e intermunicipal.

§ 4º As NFC-e ou NF-e só valerão para geração de bilhetes dentro do período de apuração, ou seja, no mês da emissão dos citados documentos, regra que também valerá para os respectivos bilhetes.

Art. 2º O participante da Campanha deverá:

I - autorizar a cessão de direito de uso de nome, imagem e voz, bem como a indicação de seu local de domicílio, exclusivamente bairro e município, para divulgação institucional sem quaisquer ônus para o Estado;

II - manter os seus dados cadastrais atualizados, não havendo responsabilidade dos órgãos públicos envolvidos na Campanha pelos erros nas informações prestadas.

§ 1º O participante poderá desistir de sua participação na Campanha, devendo manifestar essa opção no Portal da Cidadania.

§ 2º O participante terá seu cadastro excluído no caso de comprovação de fraude.

Art. 3º Poderá participar da Campanha qualquer pessoa física, maior de 18 (dezoito) anos, no gozo de sua capacidade civil que tenha adquirido mercadoria, como consumidor final, em estabelecimento inscrito no Cadastro de Contribuintes do ICMS do Estado da Paraíba - CCICMS, atendidos os requisitos de participação previstos neste Decreto.

Art. 4º Os estabelecimentos comerciais deverão informar aos adquirentes, no ato da emissão da NFC-e ou NF-e, a necessidade de inclusão do CPF para participação da Campanha.

§ 1º Os estabelecimentos comerciais poderão informar em seu material de divulgação a sua participação na Campanha.

§ 2º A inclusão do número do CPF no documento fiscal eletrônico não poderá ser condicionada a nenhuma espécie de cadastro prévio no estabelecimento comercial.

Art. 5º A Campanha terá as seguintes modalidades de sorteios:

I - mensais;

II - especiais.

§ 1º Cada compra efetuada e registrada, mediante os documentos fiscais eletrônicos NFC-e ou NF-e com a inclusão do CPF, habilitará o adquirente a concorrer às premiações dos sorteios mensais e especiais, não sendo considerados, no cômputo para os sorteios, os documentos fiscais emitidos com erro, dolo, fraude ou simulação.

§ 2º A SEFAZ - PB, mediante ato de seu Secretário, publicará em Portaria a forma, o cronograma, o quantitativo e o valor dos prêmios, o período de apuração e as datas de realização dos sorteios mensais e especiais.

§ 3º Os dados relativos às NFC-e ou NF-e só poderão ser utilizados uma única vez por documento fiscal e por CPF.

Art. 6º O valor de cada prêmio divulgado constituirá valor líquido, já descontados os tributos incidentes.

§ 1º Os ganhadores dos prêmios terão seus nomes divulgados nos sítios eletrônicos: Phoca PDF Este texto não substitui o publicado oficialmente. “www.portaldacidadania.pb.gov.br” e

“www.sefaz.pb.gov.br.”

§ 2º O recebimento do pagamento do prêmio pelo ganhador será feito por meio de cheque nominal.

§ 3º Os participantes contemplados nos sorteios terão o prazo de até 180 (cento e oitenta) dias contado a partir da data de homologação do resultado final dos respectivos sorteios para resgatarem seus prêmios, inclusive para sanar qualquer inconsistência em seus dados cadastrais.

§ 4º Caso o valor do prêmio sorteado não seja resgatado conforme previsto no § 3º deste artigo, o mesmo será devolvido para o Tesouro Estadual.

§ 5º O pagamento do prêmio ficará condicionado ao cumprimento do disposto no inciso I do art. 2º deste Decreto.

§ 6º O participante que estiver com débitos tributários perante a SEFAZ - PB ficará impossibilitado de receber os prêmios.

Art. 7º Caberá à Loteria do Estado da Paraíba - LOTEPE:

I - manter os registros completos dos sorteios e os respectivos documentos de homologação por um prazo de 5 (cinco) anos;

II - realizar e homologar os sorteios, observado o disposto no art. 14 deste Decreto;

III - expedir normas complementares, juntamente com a SEFAZ - PB, referentes à operacionalização da Campanha.

§ 1º Após a homologação de que trata o inciso II deste artigo, os resultados dos sorteios serão considerados definitivos.

§ 2º Caberá à Controladoria Geral do Estado - CGE - auditar os sorteios da Campanha.

Art. 8º O Portal da Cidadania servirá como plataforma de interação entre os participantes da Campanha e conterá:

I - material de divulgação das ações da Campanha;

II - área para acesso restrito do participante;

III - divulgação dos resultados das premiações. Parágrafo único. O participante terá acesso em sua área restrita no Portal da Cidadania:

I - ao extrato de todos os documentos fiscais eletrônicos devidamente transmitidos para a SEFAZ - PB e autorizados, com a inclusão de seu CPF; II - à consulta dos bilhetes com os quais participará dos sorteios mensais e especiais; III - à consulta dos prêmios a que tiver sido contemplado e dos procedimentos para resgatá-los; Phoca PDF Este texto não substitui o publicado oficialmente. IV - à possibilidade de registrar sugestões ou reclamações.

Art. 9º A Gerência Operacional do Programa de Educação Fiscal da SEFAZ - PB será a responsável pelo planejamento da Campanha.

Art. 10. Será reservado à SEFAZ - PB o direito de utilização das informações fiscais prestadas pelo consumidor para exercer a fiscalização dos estabelecimentos emissores das NFC-e ou NF-e, e para fins estatísticos.

Art. 11. Ao participar da Campanha, o consumidor aceitará expressamente que os órgãos da Administração Direta, autarquias, fundações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista e suas controladas, os fundos especiais e os órgãos em regime especial do Governo do Estado da Paraíba não poderão ser responsabilizados por quaisquer danos ou prejuízos oriundos da sua participação.

Art. 12. O consumidor que desejar consultar os seus bilhetes gerados poderá fazê-lo pela *internet* nos sítios eletrônicos: “www.portaldacidadania.pb.gov.br” e “www.sefaz.pb.gov.br”.

Art. 13. A autorização do pagamento do prêmio estará condicionada à validação da NFC-e ou NF-e pela SEFAZ, desde que não seja documento fiscal considerado inidôneo, observado o disposto no § 1º do art. 5º deste Decreto.

Art. 14. Os sorteios serão realizados na sede da LOTEP, situada à Rua Cardoso Vieira, s/n, Varadouro, João Pessoa, Paraíba, com a presença de 1 (um) representante da Escola de Administração Tributária - ESAT, 1 (um) representante da SEFAZ-PB, 1 (um) fiscal da LOTEP, 1 (um) representante da Diretoria da LOTEP e 1 (um) representante do público presente, quando houver, em ato público, podendo ocorrer, excepcionalmente, em outro espaço definido pela LOTEP. Parágrafo único. Os sorteios somente serão realizados se

estiverem presentes, no mínimo, 3 (três) dos representantes relacionados no “caput” deste artigo.

Art. 15. A periodicidade, as datas, o local e os horários dos sorteios poderão ser revistos, a qualquer tempo, pela SEFAZ - PB em conjunto com a LOTEP, observando-se os princípios da publicidade e da universalização do conhecimento dos sorteios.

Art. 16. O bilhete de participação premiado em sorteio mensal será também considerado no sorteio especial para o mesmo período de apuração.

Art. 17. A LOTEP publicará os bilhetes de participação dos contemplados nos sítios eletrônicos: www.portaldacidadania.pb.gov.br e www.sefaz.pb.gov.br no prazo de até 72 (setenta e duas) horas, a contar da realização dos sorteios. Parágrafo único. Para fins do “caput”, poderão ser utilizados quaisquer meios de comunicação públicos e/ou privados, oficiais ou não, em atendimento ao princípio da publicidade. Phoca PDF Este texto não substitui o publicado oficialmente.

Art. 18. Os casos relativos à Campanha não disciplinados neste Decreto serão resolvidos, em conjunto, pela SEFAZ - PB e pela LOTEP.

Art. 19. Será considerada nula a premiação de servidores sorteados que estejam envolvidos diretamente com a Campanha e em exercício na SEFAZ - PB, na LOTEP e na Companhia de Processamentos de Dados da Paraíba - CODATA, bem como consumidores que não atendam as regras deste Decreto e normas complementares. Parágrafo único. Uma vez nula a premiação, nos termos do “caput” deste artigo, a quantidade de sorteios do mês posterior será acrescido da mesma quantidade dos anulados.

Art. 20. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, produzindo efeitos a partir de 1º de janeiro de 2020.

Desde a sua implementação, os sorteios realizados demonstraram que ainda existe uma participação muito pequena dos cidadãos paraibanos em relação a emissão de notas fiscais de consumidor eletrônica.

Assim, o sistema de comunicação do Estado desenvolveu a mídia da campanha para disseminar essa nova demanda, conforme figura 1.



Figura 1– Banner de divulgação da Nota Cidadã.
 Fonte: SEFAZ. Disponível em: <https://www.sefaz.pb.gov.br/> Acesso em: maio 2020.



Figura 2 - Premiação entregue ao cidadão ganhador.
 Fonte: SEFAZ. Disponível em: <https://www.sefaz.pb.gov.br/> Acesso em: maio 2020.

Na figura 2 tem-se o cheque de 20 mil reais sendo entregue ao sorteado através do sorteio online realizado todo dia 10 dom mês, sendo gravado o respectivo sorteio pelo *youtube* que é realizado diretamente na LOTEPE todos os meses.

A seguir um levantamento realizado com as notas emitidas dos cidadãos cadastrados ao sorteio.

Nr ord	Mês	Notas	Participantes
01	Janeiro	10599	2708

02	Fevereiro	43730	6585
03	Março	64023	10006
04	Abril	64590	11702
05	Maio	45862	10592

Tabela 01 – levantamento de notas emitidas em 2020.

Fonte: Portal da Cidadania. Disponível em:

<https://portaldacidadania.pb.gov.br/NotaCidada/Receita/NotaFiscalPB/RalatoriosDeSorteios>

Acesso em: maio 2020.

É possível observar na tabela 01 um crescimento na emissão de notas fiscais até o mês de abril, vindo a cair esse número somente no mês de maio de 2020. Mesmo o início da pandemia tendo nos atingido no mês de março, apenas em maio essa queda veio a acontecer. É importante que continue a ser monitorado esse controle de emissão de notas, para eventuais ações futuras de divulgação do tema.

2.3 METODOLOGIA

Com a suspensão das ações presenciais a COOPERE que tem por objetivos Incentivar a Iniciação Científica, a Extensão, a Responsabilidade Social e a produção acadêmica através do estímulo aos docentes e discentes, nos motivou a desenvolvermos cursos de extensão, onde pudéssemos explorar novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

O curso de nota cidadã contemplará os seguintes tópicos: programa nacional de educação fiscal, educação fiscal, Função social do tributo, Consciência Cidadã e a “Nota Fiscal Paraibana”, instituída pela Lei nº 11.519, de 25 de novembro de 2019, também denominada de “NOTA CIDADÃ”.

Assim, objetivando disseminar a educação fiscal, escolhi construir um curso de extensão sobre nota cidadã. Curso de 12h/a, onde tomariam duas semanas de estudos. Agendou-se o período de execução (21 de abril a 05 de maio de 2020) equivalente ao material disponibilizado.

Foi montado um banner de divulgação do curso para inscrição de participantes internos e externos ao UNIESP, conforme figura 3.



Figura 3 – Banner curso Nota Cidadã.
 Fonte: *Instagram* do projeto de pesquisa de educação fiscal, 2020.

No primeiro dia de capacitação remota, dia 21 de abril de 2020, foi realizada a *webconferência*, utilizando o programa *Jitsi Meet* para apresentação do curso (figuras 4 e 5). A turma foi composta de 17 (dezesete) participantes. Foi disponibilizado todo material disponível no AVA.

O tema é ainda desconhecido por muitos cidadãos paraibanos. Alguns participantes relataram que se inscreveram no curso por curiosidade, pois desconheciam o tema.

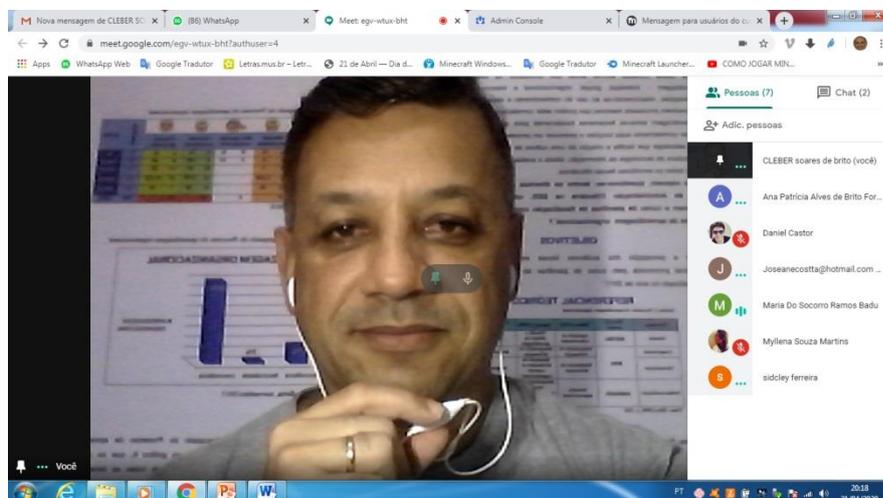


Figura 4 – Tela do tutor na *webconferência*.
 Fonte: Autor – *print jitsi*, 2020.

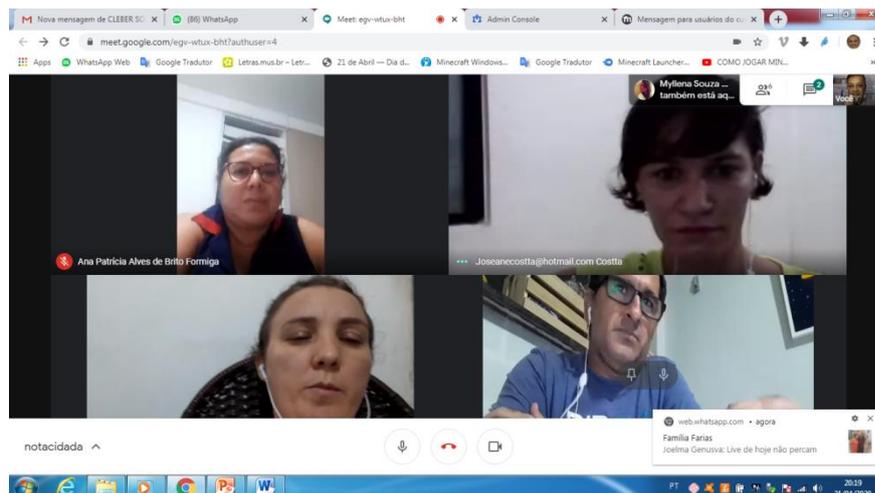


Figura 5 – tela dos primeiros alunos na *webconferência*.
 Fonte: Autor – *print jitsi*, 2020.

Na *webconferência* foram dadas todas as orientações para que os participantes pudessem navegar durante a execução do curso de extensão. Alguns tiveram dificuldade inicial no acesso ao programa *jitsi*, só conseguindo entrar bem depois de iniciada a aula remota. O acesso estava sendo feito pelo celular e/ou notebook. O acesso à *internet* foi outro dificultador.

Disponibilizei no ambiente virtual de aprendizagem todo material de apoio (figura 6). Aqueles alunos que não conseguiram, por exemplo, assistir os vídeos do curso, poderia acessá-los posteriormente.

Conteúdos

-  [Clique aqui para acessar o Google Meet](#)
-  [Vídeo Campanha - Nota Cidadã](#)
-  [Pra onde vai o imposto que você paga?](#)
-  [DECRETO No 39.862 DE 13 DE DEZEMBRO DE 2019](#)
-  [PORTARIA No 00338/2019/SEFAZ](#)
-  [Slides Nota Cidadã](#)

Figura 6 – Materiais disponibilizados no AVA UNIESP.
 Fonte: AVA UNIESP, 2020.

Foi disponibilizada uma atividade avaliativa (figura7). O participante só teria direito a certificação com o preenchimento da avaliação e obtenção de nota mínima 7,0. Essa avaliação foi disponibilizada a partir da segunda semana de curso.



Figura 7 – Atividade Avaliativa para certificação no AVA UNIESP.
Fonte: AVA UNIESP, 2020.

Dos 17 (dezesete) participantes apenas 09 (nove) se habilitaram a receber seu certificado de conclusão de curso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da oportunidade que se teve na aplicação de um curso de extensão gratuito, aberto tanto para público interno, quanto ao público externo, conseguimos de maneira remota, manter o objetivo de disseminar as ações de educação fiscal do projeto de pesquisa da coordenação de ciência contábeis e gestão financeira.

Esse relato de experiência nos faz refletir sobre nossas próprias práticas de ensino e aprendizagem. No período pós-pandemia, estaremos agindo de maneira diferente, buscando sempre difundir o ensino e aprendizagem para nossa sociedade paraibana, da melhor maneira possível.

A alternativa ofertada pela UNIESP nos fez aprender a lidar com a aplicação de *webconferência*, ambiente virtual de aprendizagem, dentre outras possibilidades.

Nesse sentido, optou-se nessa ação desenvolver um trabalho junto ao público acadêmico e sociedade local de forma gratuita, disponibilizando o curso de extensão nota cidadã, mantendo assim a disseminação da educação fiscal, pois existem pessoas que ainda a desconhecem. Informação essa citada por alguns dos participantes do próprio curso, conforme anteriormente.

Conforme tabela 01 de notas emitidas, percebemos que vínhamos numa ascendente em emissão de notas fiscais até o mês de abril, vindo a cair esse número somente no mês de maio de 2020. Mesmo o início da pandemia tendo nos atingido no mês de março, apenas em maio essa queda veio a acontecer. É importante que continue a ser monitorado esse controle de emissão de notas, para eventuais ações futuras de divulgação do tema.

O prazo de inscrição para o curso foi curto, não conseguimos prospectar o mínimo de 25 alunos, servindo de parâmetro para ofertas futuras.

A partir de um contato mais aproximado com o setor de comunicação do Centro Universitário UNIESP, poderemos ampliar esse número de inscritos para uma segunda turma.

Essa experiência foi bastante enriquecedora, pois serve como forma de aprendizagem para os alunos, certificação como carga horária complementar e ainda, nos fazendo refletir sobre novas oportunidades de aprendizagem, mesmo em momentos tão complicados quanto o que estamos vivendo com essa pandemia.

Quando for possível executar novas turmas, esse relato de experiência nos instiga também a aplicarmos questionários de pesquisa para avaliar o comportamento do consumidor na obtenção de suas notas, quanto as mercadorias que adquiriram nos últimos meses.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. L.; OLENIKE, J. E.; AMARAL, L. M. F. **Carga tributária brasileira 2012**. Curitiba: IBPT, 2013 (Nota Técnica).

BORGES, Erivan Ferreira; et al. - Educação Fiscal, Terceiro Setor e Funções De Governo: Uma Análise da Influência do Programa de Educação Fiscal do RN nos Indicadores das Funções de Governo dos Municípios. **REUNIR – Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**. ISSN: 2237-3667 – Vol.3, nº 4, Set./Dez., p. 39-61, 2013.

BRASIL. Congresso. Lei 9.394. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996.

PARÁIBA, Decreto nº 39.862. **Nota Fiscal Paraibana**” de 13 de dezembro de 2019. Publicado no DOE de 14.12.19.

BUJANDA, F. S. de; Y DIRECHO, Hacienda. Teoría de la educación tributaria. **Madrid: Talleres**, 1967.

Carvalho, A. I. de. **Conselhos de Saúde no Brasil**: participação cidadã e controle social. Rio de Janeiro: Fase/Ibam, 1995.

ESTEVAN, Juan Manuel Marquero. **La función del tributo en el Estado social y democrático de Derecho**. Prólogo de Juan Ramllo Massanet. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2002. (livre tradução).

GENTILI, P. Pedagogia da exclusão: **crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Erivan Ferreira. **Educação Fiscal e Eficência Pública** – um estudo das suas relações a partir de recursos pela administração municipal. UNB, UFPB E UFRN, 2012.

LAVOR, Anthony Fermino Repetto. **O Papel do Programa de Educação Tributária na Mudança de Hábito da População Jovem do Espírito Santo**: o caso dos municípios de são mateus e muniz freire. Fundação Getulio Vargas Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa Curso de Mestrado Executivo. 2003.

NABAIS, José Casalta; SILVA, Suzana Tavares da. (coord.). **Sustentabilidade fiscal em tempos de crise**. Coimbra: Almedina, 2011.

ROCHA, Alexssandro Campanha. **A educação para cidadania no Programa Nacional de Educação Fiscal**: uma avaliação de suas propostas conceituais e de seus resultados e impactos na formação de professores no Estado da Bahia. 2014. Tese de doutorado na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ENSINO REMOTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE UM PROFESSOR DE CONTABILIDADE E GESTÃO FINANCEIRA

BEZERRA, Darlan Oliveira¹

1 INTRODUÇÃO

A educação é algo que depois de conquistada e adquirida ninguém pode lhe tirar. No Brasil existe várias modalidades de ensino, no entanto o ensino presencial ainda é o mais tradicional e o mais escolhido pela maioria das pessoas. Porém, ninguém imaginava que algo inesperado poderia mudar essa realidade de ensino de um dia para o outro. Foi exatamente o que aconteceu no Brasil em meados de março de 2020. O Brasil mudou totalmente sua rotina por causa de um vírus, o novo Coronavírus. A pandemia causada pela COVID-19 mudou a rotina da grande maioria das empresas e negócios, afetando também o ensino mais tradicional, o presencial, fazendo com que as faculdade e escolas se adaptassem com essa nova realidade inesperada.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), até 02 de junho de 2020, aproximadamente 1,13 bilhões de alunos estavam sendo afetados pelo fechamento de instituições de ensino como resposta à pandemia (UNESCO, 2020). Ainda segundo a Organização, 134 países estavam adotando fechamentos nacionais. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o fechamento temporário das escolas protege jovens e crianças contra o novo Coronavírus, e reduz as chances de eles se tornarem vetores do vírus para a comunidade, principalmente para idosos e outros grupos de risco (ONU, 2020).

Neste sentido, esse artigo tem como objetivo relatar como eu, Darlan Oliveira Bezerra professor dos cursos de Ciências Contábeis e Gestão Financeira da UNIESP consegui me adaptar nessa nova modalidade de ensino remoto (Ensino a Distância). Esse artigo tem como método a descrição narrativa de como eu consegui me adaptar com essa nova realidade de ensino remoto.

¹ Mestre em Ciências Contábeis e professor dos cursos de Ciências Contábeis e Gestão Financeira da UNIESP.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O INÍCIO DA QUARENTENA

A data era meados de março de 2020 quando a Paraíba se viu diante do inesperado, começava a quarentena por causa do Coronavírus, que já estava propagado em vários países do mundo. De início veio o desespero, e agora? Como serão as aulas agora? Qual método eu irei adotar para minhas três disciplinas? Qual meio irei usar para me comunicar com os meus alunos? Foram várias perguntas e muitas dúvidas no início, algo normal, pois eu e milhares de professores nunca havíamos passado uma situação dessas.

A primeira semana com certeza foi difícil para nós professores e para os alunos, claro. Era a primeira vez que eu estava dando aula de forma remota através de uma plataforma digital (*Jitsi Meet*). Mas com o passar dos dias e das semanas eu começava a me acalmar e me acostumar com a nova modalidade de ensino remoto. As aulas aconteciam nos mesmos horários das aulas presenciais. Eu mandava o convite para os grupos das disciplinas e os alunos entravam na plataforma para assistir as aulas. Claro que no início os alunos reclamavam um pouco, pois toda grande mudança é difícil de aceitar, mas quando não se tem outra alternativa, então o jeito é se adaptar, pois o homem se adapta ao meio, sempre.

2.2 ENSINO REMOTO: METODOLOGIAS UTILIZADAS

Quem é professor de várias disciplinas sabe que a metodologia do ensino pode mudar de uma disciplina para outra, pois depende muito do tipo de conteúdo que irá ser ministrado, de acordo com a ementa. Nesse sentido eu tive que adaptar a minha metodologia à nova realidade. Só para constar, eu estava como professor de Contabilidade Internacional no curso de Ciências Contábeis e das disciplinas de Administração Estratégica e Administração Mercadológica no curso de Gestão Financeira.

Algumas metodologias foram usadas em minhas aulas, entre elas, a aprendizagem baseada em problemas, estudos de caso e seminários, que são conhecidas como metodologias ativas. Segundo Berbel (2011, p. 29), as

Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos.

Atualmente, entende-se que os procedimentos de ensino são tão importantes quanto os próprios conteúdos de aprendizagem. Portanto, as técnicas de ensino tradicional passam a fazer parte do escopo de teóricos não só da área da Educação, mas de toda a comunidade intelectual que busca identificar suas deficiências e buscam propor novas metodologias de ensino-aprendizagem. (PAIVA et al, 2016, p. 146)

Em todas as disciplinas a principal metodologia foi o ensino remoto através da plataforma *Jitsi Meet*. Com a utilização de exposição oral e de slides para facilitar o ensino-aprendizagem. Aconteceu também o envio de alguns exercícios para o aluno online, plataforma da faculdade, como também o envio de artigos científicos para os alunos de Contabilidade Internacional, tendo em vista que eram alunos do 7º período, prestes a elaborarem o seu TCC. Esses artigos eram com a temática da disciplina, eles tinham que lerem os artigos para responder os exercícios.

É importante salientar que antes de escolher a plataforma que seria utilizada, várias ideias eram colocadas no grupo dos professores dos dois cursos. Então foi muito importante a troca de ideias e experiências com os colegas professores.

Vale ressaltar que existe várias plataformas e recursos utilizados no ensino a distância no Brasil, mas como a nossa modalidade é presencial, então inicialmente ficamos com dúvidas em qual plataforma utilizar.

Sobre a modalidade à distância, Moran (2009, p. 67) diz que:

A educação a distância está se transformando, de uma modalidade complementar ou especial para situações específicas, em referência para uma mudança profunda do ensino superior como um todo. Este utilizará cada vez mais metodologias semi-presenciais, flexibilizando a necessidade de presença física, reorganizando os espaços e tempos de ensino.

Outra coisa muito importante em uma situação como essa é a comunicação. Eu procurei aumentar ainda mais a comunicação com meus alunos através de vários meios como: o portal do aluno, e-mails e criação de grupo de *whatsapp* para cada disciplina. A tecnologia com certeza foi uma grande aliada nesse momento ímpar, pois sem ela seria difícil ter passado com êxito por tudo isso.

É importante também deixar explícito todo o esforço e comprometimento da instituição UNIESP, no sentido de se adequar a essa nova realidade, construindo meios e capacitando colaboradores e professores para superarmos as dificuldades e não comprometer o aprendizado dos nossos alunos.

Sendo assim, os dias seguiram e aos poucos nos adaptamos e nos acostumamos com as aulas remotas, e com muita garra e comprometimento conseguimos chegar até o fim do semestre.

2.3 AVALIAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Com a mudança para o ensino remoto também veio a pergunta: Como avaliar através do ensino remoto? Pois bem, assim como a metodologia das aulas, as avaliações também precisavam passar por uma mudança. Foi aí que foram surgindo algumas ideias até que por chegou o dia da primeira avaliação.

Na primeira avaliação a principal mudança foram nos tipos de questões, pois os alunos iriam responder em sua casa de forma consultada no material das aulas, como também com o recurso da *internet*. Sendo assim as provas tiveram que ser muito mais elaboradas com questões contextualizadas e subjetivas, fazendo o aluno pensar mais e expressar também a sua opinião e visão crítica. Os meus alunos também tiveram alguma pontuação pelos exercícios desenvolvidos durante as aulas.

Para a segunda nota, foi utilizada uma metodologia que já estava programada no plano de ensino original, que seria parte da nota seminário e a outra prova. A dúvida era só saber se iria dar certo fazer seminário de forma remota. Portanto, decidi arriscar e permanecer com os Seminários para as três disciplinas, e para minha felicidade deu muito certo. Todos os seminários foram feitos em grupo de três ou quatro alunos e ainda teve aluno que fez sozinho por opção.

Na disciplina de Contabilidade Internacional, foram escolhidos temas relacionados com a temática e também com normas nacionais de Contabilidade. Os alunos apresentaram em duas aulas através da plataforma *Google Meet*, que segundo a maioria seria a mais adequada para o ensino remoto até então. Fiquei bem satisfeito com o resultado da maioria dos trabalhos.

Na disciplina de Administração Estratégica do curso de Gestão Financeira foi feito da seguinte forma: Cada grupo deveria fazer um planejamento estratégico em

todas as suas etapas de uma empresa hipotética ou real, tendo como um dos critérios que as estratégias utilizadas no planejamento teriam que levar em consideração o momento atual de pandemia, pelo qual as empresas estavam passando. O resultado foi maravilhoso, foram muitas ideias incríveis e criativas, foi muito enriquecedor para eles e para mim.

E por último na disciplina de Administração Mercadológica, também foi utilizada uma metodologia semelhante à disciplina anterior. Nessa disciplina, os alunos teriam que fazer um planejamento de marketing para uma empresa real ou hipotética, também levando em consideração esse momento de pandemia. O resultado também foi muito bom, fiquei muito satisfeito com as ótimas ideias e estratégias utilizadas pelos grupos, tendo em vista que eram alunos do primeiro e segundo período. Fiquei muito orgulhoso deles.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que vivenciei nesse processo de mudança, com aulas remotas, com novas metodologias de ensino, uso de tecnologias e várias adaptações, percebi que todos nós somos seres que nos adaptamos às situações que a vida nos impõe.

No início foi difícil, mas aos poucos fomos nos ajustando e nos entendendo e nos adaptando, com paciência e empatia pelo aluno, que é o nosso agente principal desse processo.

Por fim, quero dizer que estou muito feliz por ter conseguido atingir o meu objetivo, que é transmitir conhecimento e trocar informações para a formação profissional do nosso aluno. Estou feliz por ter dado tudo certo no ensino remoto, e agora percebo mais, que o ensino EAD vai crescer ainda mais depois dessa experiência única. Posso até dizer que o ensino remoto venceu a pandemia.

REFERÊNCIAS

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

MORAN, José Manuel. **Ead porque não? Modelos e Avaliação do Ensino Superior a Distância No Brasil**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.54-70, jun. 2009.

ONU. **A experiência internacional com os impactos da COVID-19 na educação**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-a-experiencia-internacional-com-os-impactos-da-covid-19-na-educacao/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira et al. **Metodologias Ativas de Ensino-aprendizagem: Revisão Integrativa**. SANARE, Sobral - V.15 n.02, p.145-153, Jun./Dez. – 2016.

UNESCO. **COVID-19 Educational Disruption and Response**. 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 28 abr. 2020.

APÊNDICE

ALGUMAS FOTOS DAS AULAS REMOTAS

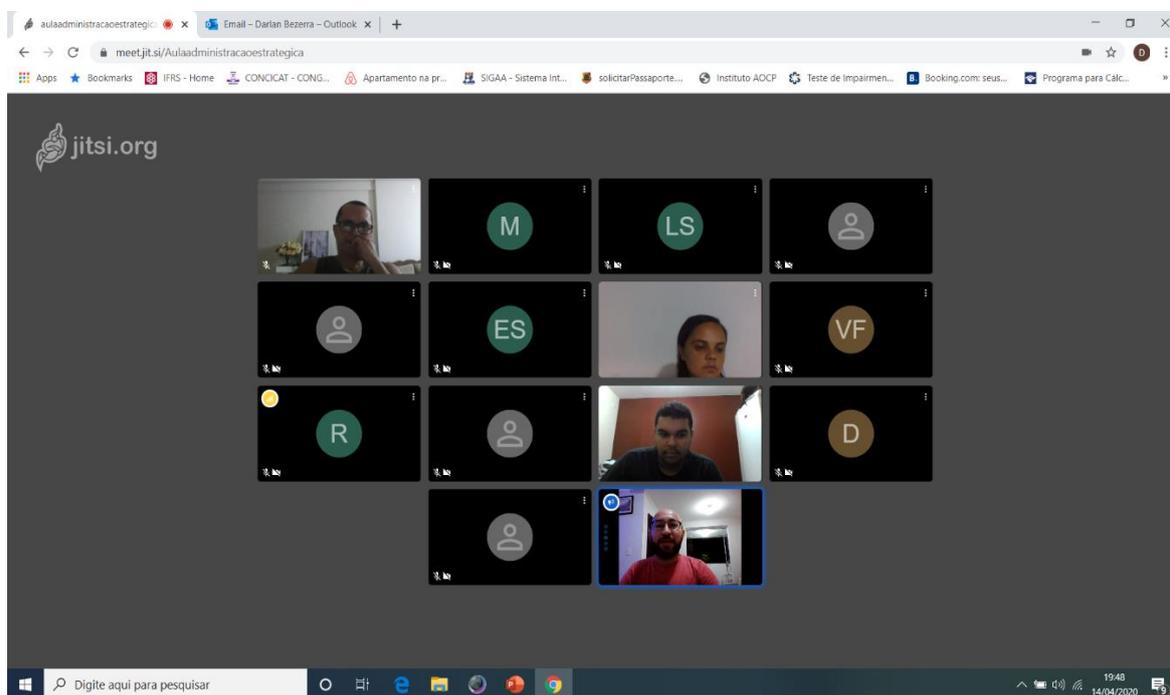


Figura 01 - Aula de Administração Estratégica.
Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

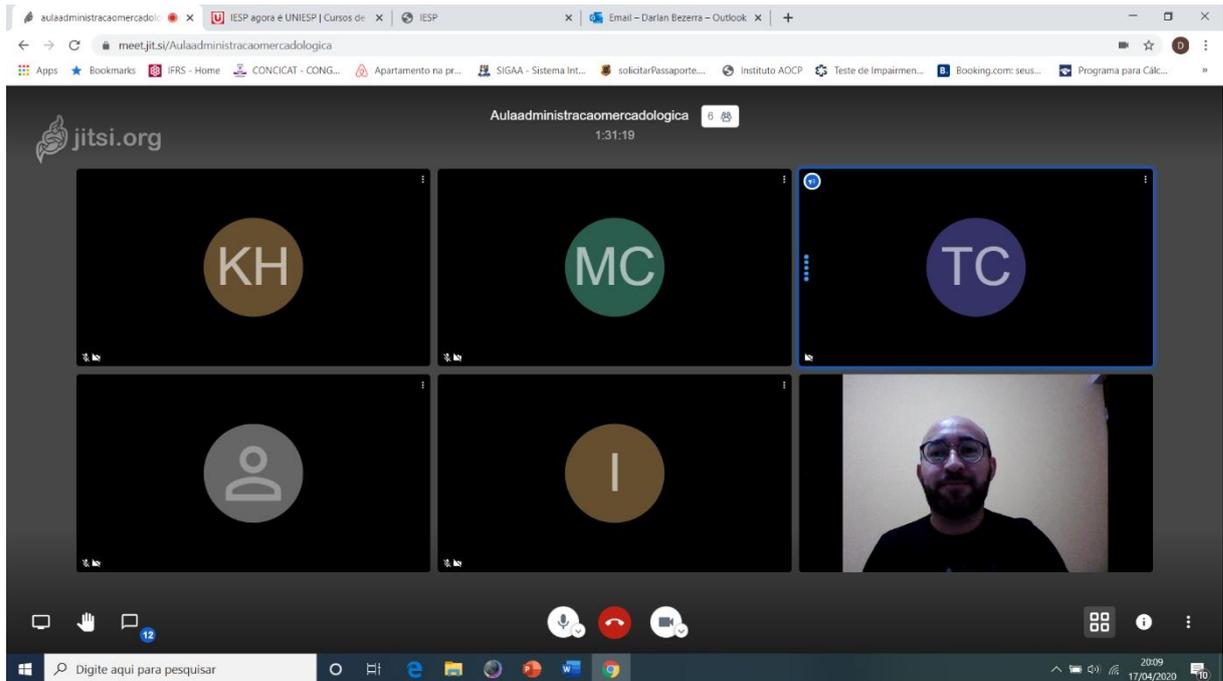


Figura 02 - Aula de Administração Mercadológica.
 Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

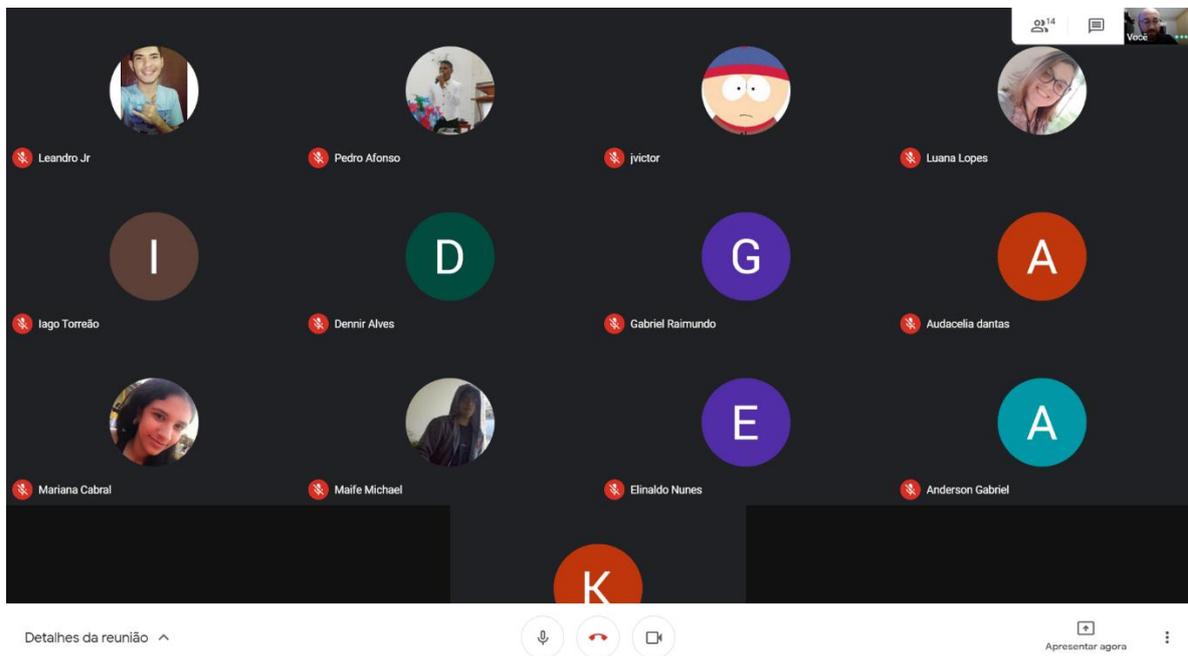


Figura 03 - Aula de Administração Mercadológica.
 Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

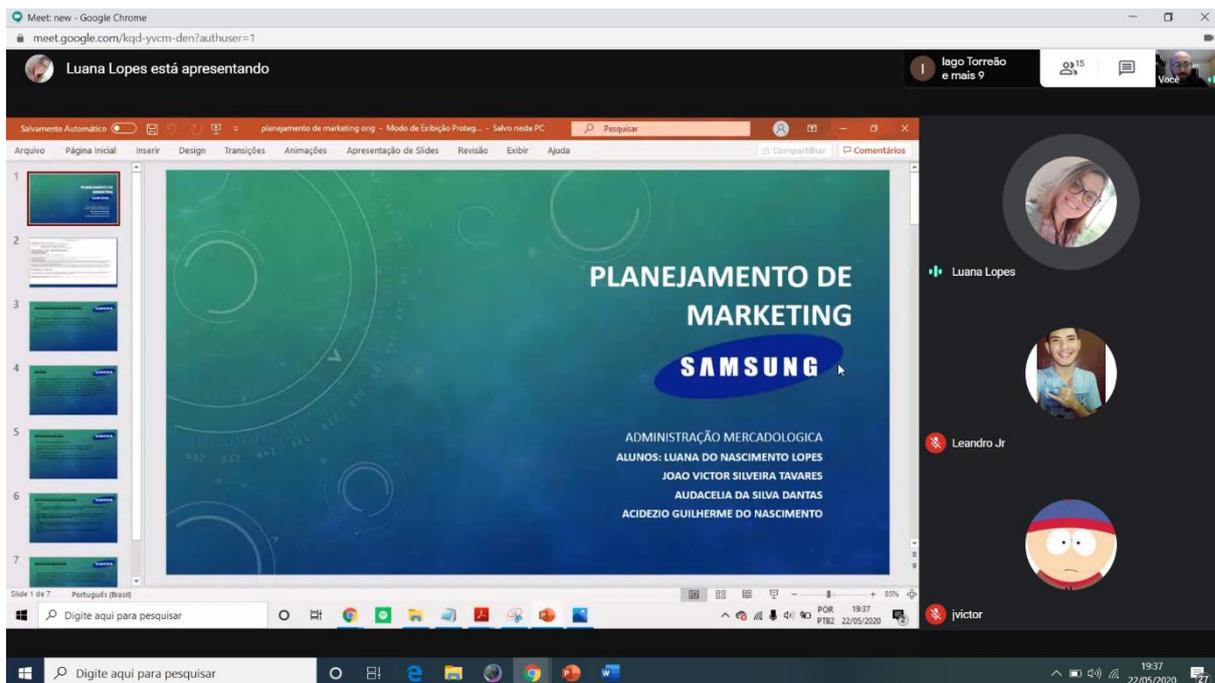


Figura 04 - Seminário de Administração Mercadológica.
 Fonte: Elaborada pelo autor (2020).



Figura 05 - Aula de Contabilidade Internacional.
 Fonte: Elaborada pelo autor (2020).



Figura 06 - Aula de Contabilidade Internacional.
Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

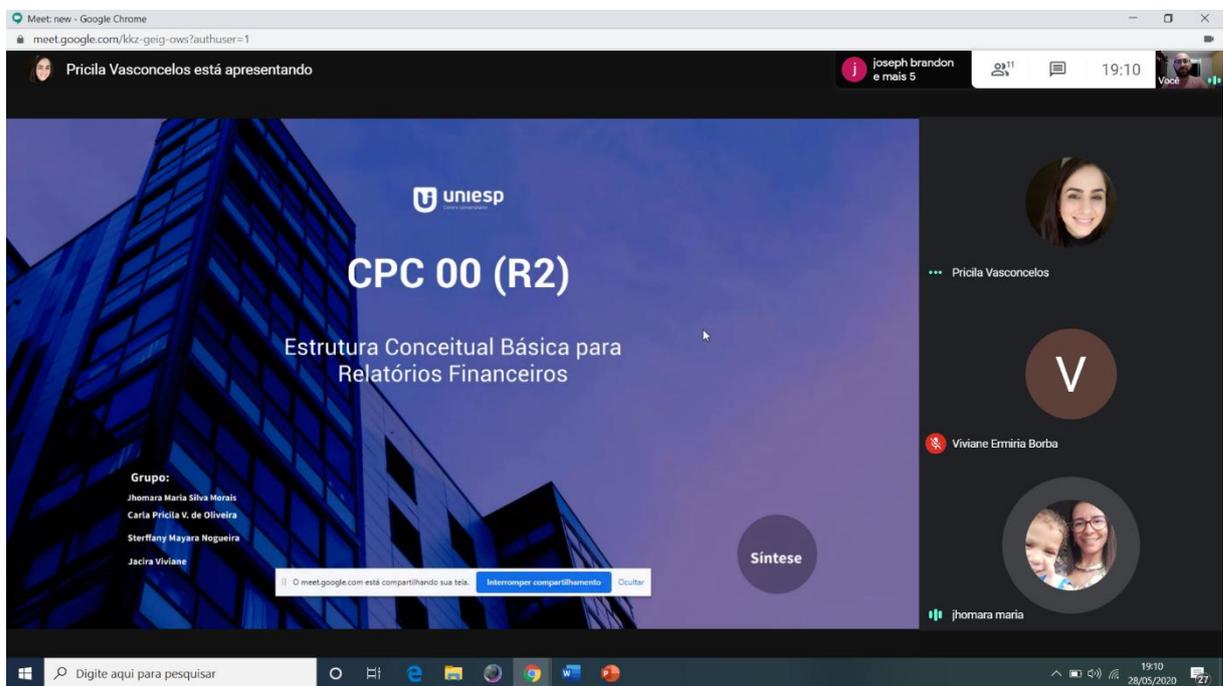


Figura 07 – Seminário de Contabilidade Internacional.
Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

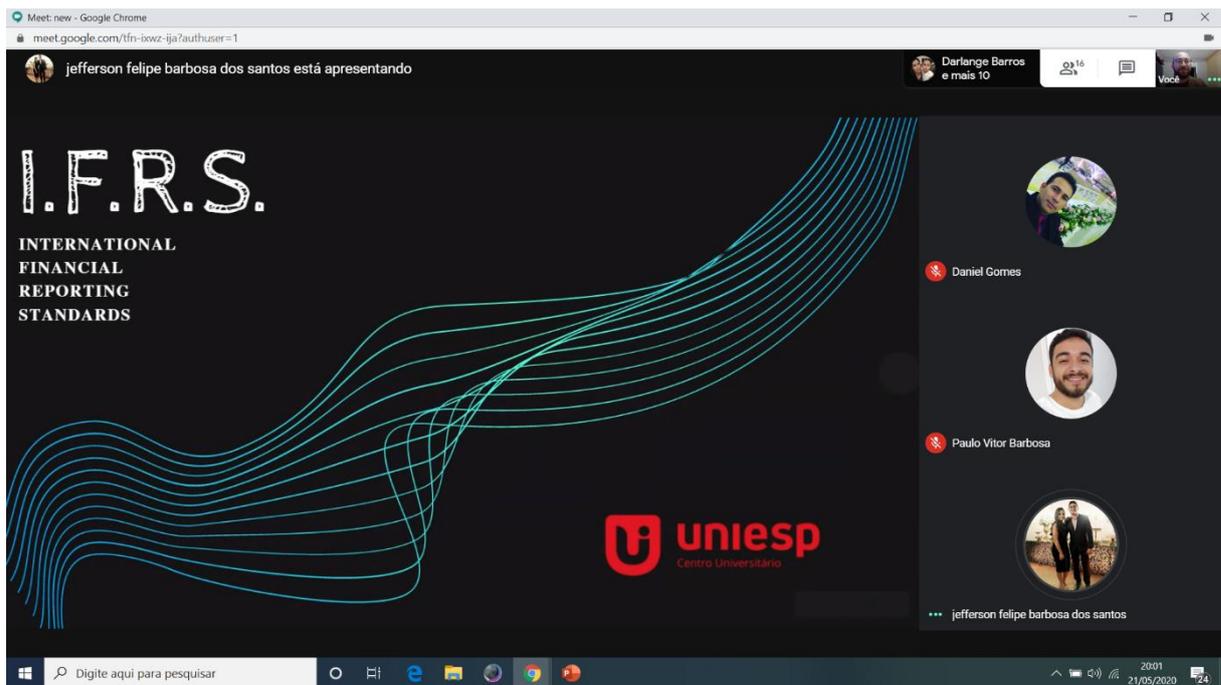


Figura 08 – Seminário de Contabilidade Internacional.
Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

WEBFÓLIO, QUADRINHOS, SEMINÁRIOS E TECNOLOGIAS INTERATIVAS RESSIGNIFICANDO AS AULAS EM ACESSO REMOTO

ALVES, Márcia de Albuquerque¹

1 INTRODUÇÃO

O Ensino formal seja Educação Básica ou Superior, público ou privado, no Brasil e no mundo foi diretamente afetada pelo Covid-19, a pandemia que invadiu todo o planeta em suas mais diversas facetas. De contaminação rápida, com efeitos diferenciados em cada corpo, sem tratamento definido e nem vacina descoberta para combater o vírus a Organização Mundial da Saúde (OMS) indicou o Isolamento social como medida emergencial para evitar o contágio imediato, o aumento das curvas de contaminação e o colapso nos sistemas de saúde. Enquanto não se tem uma vacina ou um tratamento totalmente aprovado, o isolamento foi à alternativa mais apropriada diante do cenário devastador que se formava.

Diante desta orientação, o Centro Universitário - UNIESP a partir do dia 16 de março de 2020 parou suas atividades presenciais, inicialmente com previsão de retorno para quinze dias. Nesta noite em especial, estávamos todos aguardando o horário da nossa aula, quando a Coordenação de Ciências Contábeis anunciou uma reunião urgente. Nesta reunião sabíamos apenas que precisávamos parar e pensar possibilidades de ensinar à distância temporariamente, por acesso remoto. Não tínhamos noção do que estava efetivamente acontecendo.

Diante deste quadro fomos todos e todas para casa e começamos então a pensar possibilidades. Cada professor e professora compartilhavam suas descobertas. O uso da tecnologia se fazia presente, mas não dominávamos tudo, era um universo novo, o que exigiu de nós mudanças na rotina, nos equipamentos, no uso de tecnologias e nas descobertas.

Para cada descoberta, criamos tutoriais e compartilhávamos focados no processo de uma aprendizagem ativa, uma vez que segundo Bacich e Moran (2018, p. 02), “a vida é uma aprendizagem ativa, de enfrentamento de desafios cada vez mais complexos”. Não havia dúvidas, estávamos enfrentando um desafio imenso e

¹ Mestra em História (Ensino e Saberes Históricos) – PPGH/UFPB. Especialista Em História da Paraíba – CINTEP. Graduada em Licenciatura em História – UFPB. Professora no Curso de Ciências Contábeis nas disciplinas de Ética Geral e Profissional; Fundamentos Sócio Antropológicos e Trabalho de Conclusão de Curso – UNIESP.

complexo. Diante deste cenário, surgiu o seguinte questionamento: Como ministrar aula em Ciências Contábeis, por meio de acesso remoto, despertando o interesse dos alunos e das aulas, cumprindo com o cronograma de atividades e conteúdos? Este foi o fio condutor do relato que aqui apresentamos. E na intenção de responder a este questionamento, relatamos algumas experiências com metodologias ativas, fazendo uso de variadas possibilidades.

Para tanto, este se fundamenta em autores como Aranha (2006) Camargo e Daros (2018), Bacich e Moran (2018), entre outros. Enquanto caminho metodológico este perpassa o processo de pesquisa bibliográfica (exploratória, descritiva e explicativa), além de um aprofundamento da temática, em uma pesquisa experimental na qual se relata toda uma estrutura de adaptação.

Este estudo tem como fundamento possibilitar reflexões sobre alternativas para prática em sala de aula em acesso remoto, no entanto, muito mais que isso, tem o propósito de apresentar possibilidades para professores e professoras da Educação básica e superior, referente a metodologias, ferramentas e possibilidades de práticas interativas para dinamizar aulas em acesso remoto. Para o pós-pandemia, acredita-se que este possa contribuir com a construção de conhecimento referente às práticas de ensino-aprendizagem, como registro de pesquisas empíricas e práticas que fazem parte de um processo singular de transformação na educação brasileira.

Assim sendo, este se organiza com esta breve introdução; uma contextualização histórica, teórica e didática, na qual se apresentam os relatos de experiências; e as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRIA, TEÓRICA E DIDÁTICA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Uma das experiências mais complexas é viver o “presente”, ser protagonista do “presente” e registrar o “presente”. Escrever a história no momento atual nos impossibilita o distanciamento necessário à reflexão entre o observador e o objeto. No contexto do século XXI, ano de 2020, somos ao mesmo tempo o observador e o observado. Não tivemos oportunidade de vivenciar o distanciamento. O cenário foi

montado diante de nossos olhos e pouco podemos ver além dele. Estamos intrínsecos ao momento presente, e tal como afirma Hobsbawm (2013, p. 317) que “Todo historiador tem em seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo”, a referida autora que vos escreve, observa, vive e interfere no tempo ao qual ora registra. Suas impressões e seus registros compõe uma narrativa de singularidade de cada sentimento vivenciado no momento presente.

O tempo, segundo Barros (2013), é visceral para os historiadores, tanto que na operação historiográfica, torna-se ele o senhor do tempo. Se tivéssemos de escolher uma única palavra que expressasse a singularidade da história, nada seria mais adequado que o “tempo”, este tempo ao qual nos envolve, esse tempo ao qual nos foi dado e ao qual nos foi tirado.

O tempo vivido parecia não ter mais marcação cronológica. Compromissos, agendas, pessoas, espaços, festas e trabalhos marcaram historicamente nossa vida no século XXI. No entanto, este mundo conectado em redes virtuais se divide entre a vida privada e a pública. A “vida como ela é” e a “vida que queríamos” que fosse vista, sentida e compreendida. Ou seja, a vida que fabricávamos. Burke (2009, p.58), em *A fabricação do rei*, relata a construção da imagem pública de Luís XIV, tal quando afirma que “a imagem real deveria ser considerada uma produção coletiva. Pintores, escultores e gravadores contribuíram para ela”, todos estavam de alguma forma, construindo a imagem que o rei desejava construir no imaginário coletivo. Existia um desejo de demonstrar uma imagem específica, por vezes, muito distante da real.

Essa dualidade do ser quanto à imagem que se deseja construir aos olhos dos outros, se fez presente e forte no século XXI, o ciberespaço ganhou visibilidade e prestígio diante do público jovem, e segundo, Nalini (2015), o futuro é desenhado pela tecnologia. E todo esse contexto, antes configurado como fenômeno social, torna-se um caminho primordial de conhecimento. A pandemia pelo Covid-19 transformou intensamente a vida de todos. Esse tempo vivido para fora, passou a ser um tempo vivido para dentro. A *internet* nos aproximava de quem estava longe e nos distanciava de quem estava perto. A pandemia nos aproximou de quem está perto e a *internet* se tornou uma janela para olhar o outro, para ver seu sorriso, sentir alegria no seu olhar, sentir o coração acelerar em poder ao menos vê-lo e nos possibilitou experimentar o *kairós*, um tempo sem medida, um tempo não cronológico.

A sensação de estranhamento se fez intensa em cada ser humano. Queríamos estar perto, sentir o toque, ouvir, viver a visceralidade dos encontros, mas precisávamos estar longe. E o que era um divertimento se tornou efetivamente a nossa realidade. O mundo virtual ressignificou o momento presente, os encontros, os sentimentos, as amizades, os relacionamentos, os trabalhos e a sala de aula. Esse tempo Cronos e Kairós está sendo vivido por cada um em seu contexto. Todos, enfrentando a mesma adversidade, mas em universos totalmente diferentes.

A compreensão, segundo Bacich e Moran (2018), de que cada um aprende o que é mais importante e relevante para si, fez presente em todas as nossas reflexões. Exigiu da referida historiadora e professora, reflexões intensas de como pensar e criar possibilidades de processos de aprendizagem múltiplos. De acordo com Bacich e Moran (2018, p. 03) “o professor tem o papel de ajudar os alunos a irem além de onde conseguiriam ir sozinhos, motivando, questionando e orientando”, mas como fazer isso sem estar perto, sem olhar, sem instigar, sem provar? Estas foram às inquietações que nos impulsionaram a nos redescobrir.

Diante do contexto, enquanto professora de Graduação em Ciências Contábeis, ministrando as disciplinas de Fundamentos Sócio-Antropológicos; Ética Geral e Profissional; e Trabalho de Conclusão de Curso, além de atuar na Pós-graduação com módulos de Metodologia do Trabalho Científico no Centro Universitário UNIESP, se fez necessário um mergulho intenso em leituras e estudos referentes a tecnologias, plataformas e ferramentas digitais. A aprendizagem dinâmica híbrida e ativa, se fez presente em busca de caminhos. Precisávamos compreender sobre o ressignificar dos espaços de nossa sala de aula, antes físicos e no momento atual, virtuais. Estudar além do conteúdo específico, metodologias, atividades, e principalmente, como desenvolver interação no ensino-aprendizagem de acesso remoto. Livros, cadernos, canetas, bibliotecas, plataformas, *software* passaram nos auxiliar nas dinâmicas das salas virtuais, por meio do *Google Meet*, e nas técnicas. A busca era em torno de dinâmicas de ensino, por meio do acesso remoto, para educar, construir conhecimento, aprender e ensinar por meio de plataformas digitais. O que era recurso didático se tornou meio didático, se tornou o caminho, a alternativa.

Iniciou-se assim o processo de aprendizagem, testes e aplicações. A metodologia ativa se tornou o mergulho mais intenso nas reflexões de nossa nova demanda de práticas diárias. Valente (2018, p. 27) define que

As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação e solução de problemas.

Ou seja, era emergente um ensino-aprendizagem focado no aprendiz transformando-o em protagonista do seu tempo.

2.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Segundo Gil (2015), “Não é possível tratar satisfatoriamente os problemas educacionais sem fazer considerações acerca de sua historicidade e vinculação com fenômenos sociais mais amplos”. O tempo, a história, a prática, a experiência, o trabalho, os relacionamentos, a vida mudou completamente com o advento do Covid-19, no ano de 2020. A educação foi diretamente ressignificada pelo momento atual, e nesta transformação, considerando todo o contexto, muitas atividades e práticas foram aplicadas, testadas e aprovadas. Estas podem nos auxiliar na nossa prática durante e pós-pandemia. Diante deste contexto, relatam-se algumas das experiências vividas ao longo destes noventa dias (março a junho de 2020).

2.2.1 Slides Narrados

O dia 16 de março foi à data oficial do início de isolamento social no Centro Universitário – UNIESP. Nesta noite, a qual a professora aguardava o horário, seria a aula de Ética Geral e Profissional. O conteúdo seria “Ética e Sociedade”, um dos capítulos do livro de Nalini (1997). Ao chegarmos em casa, sem a mínima noção do que poderia ser feito naquele momento, abrimos o arquivo da aula e analisando os *Slides*, intuitivamente buscávamos uma alternativa imediata.

Nesta busca, no *software PowerPoint*, encontramos a opção “Apresentação de *Slides*” e “Gravar Apresentação de *Slides*”, conforme Figura 01. Clicamos e imediatamente a apresentação ativou o som e exibição em tela completa do slide.

Intuitivamente começamos a falar. Paramos a apresentação no segundo slide e ela voltou à tela inicial com uma diferença, o símbolo de “som” que apareceu no lado inferior direito do slide, conforme destaque na Figura 01. Ficamos alguns minutos testando como funcionava esse som, mas nada aconteceu. Então, colocamos para exibir a tela, e aí a grata surpresa, o som da nossa voz explicando o que significava aquele conteúdo. Vibramos. Imediatamente, apagamos o símbolo do som, retirando aquela gravação teste e iniciamos novamente todo o processo, mas agora completo, passo a passo.

Ao finalizar, o programa nos questiona se desejamos salvar, “sim” salvamos, ouvimos e vibramos. Conseguimos resolver aquele momento, aquela noite. Foi enviado o material para os alunos e alunas da turma por meio do “Aluno Online”. Solicitamos por meio do *chat* que ouvissem e dessem um *feedback* se foi possível entender, o que nos resultou de forma bem positiva. Diante do cenário, criamos grupos do *Whatsapp* com todas as turmas, para estreitar nossas conversas, dúvidas e explicações. O resultado do *slide* narrado naquela fatídica noite foi esplendido. Foi a nossa primeira experiência e funcionou. Os alunos e alunas conseguiam ver e nos ouvir nossas explicações referentes ao conteúdo e no *chat* institucional apresentar suas dúvidas para que pudéssemos suprir. Ao vivenciar essa experiência, nesta primeira semana de isolamento, todas as nossas aulas adaptadas desta forma, utilizando os *Slides* narrados, conforme pode ser conferido nas figuras 02, 03 e 04.

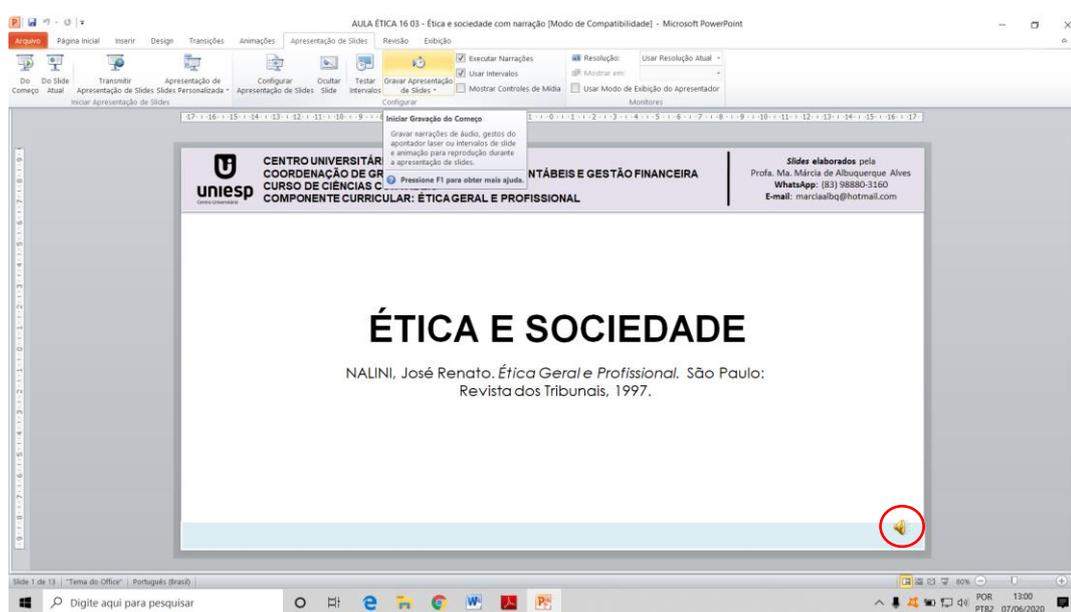


Figura 1 - *Slides* Narrados Turma de Ética Geral e Profissional – Aula 16/03/2020.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

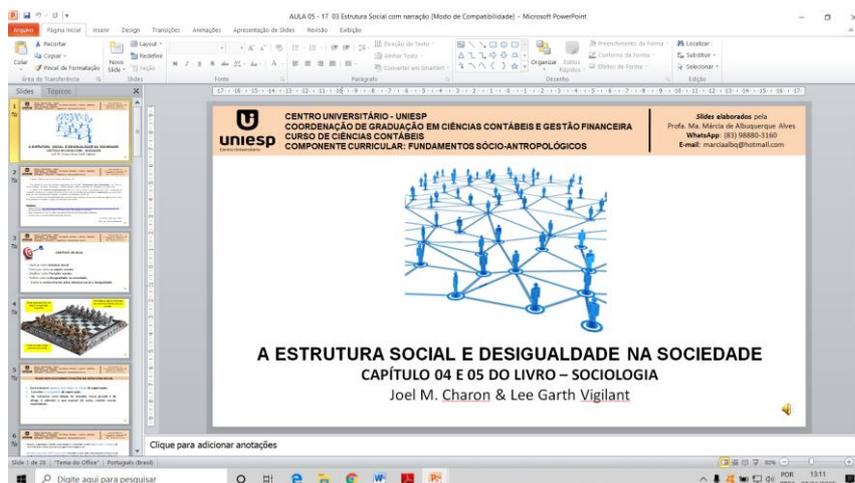


Figura 2 - Slides Narrados Turma de Fund. Sócio-Antropológicos - Diurno – Aula 17/03/2020.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

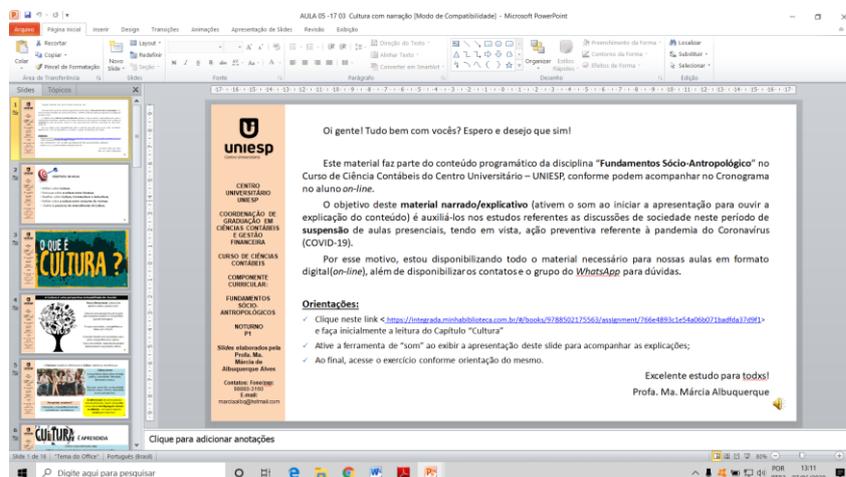


Figura 3 - Slides Narrados Turma de Fund. Sócio-Antropológicos - Noturno – Aula 17/03/2020.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

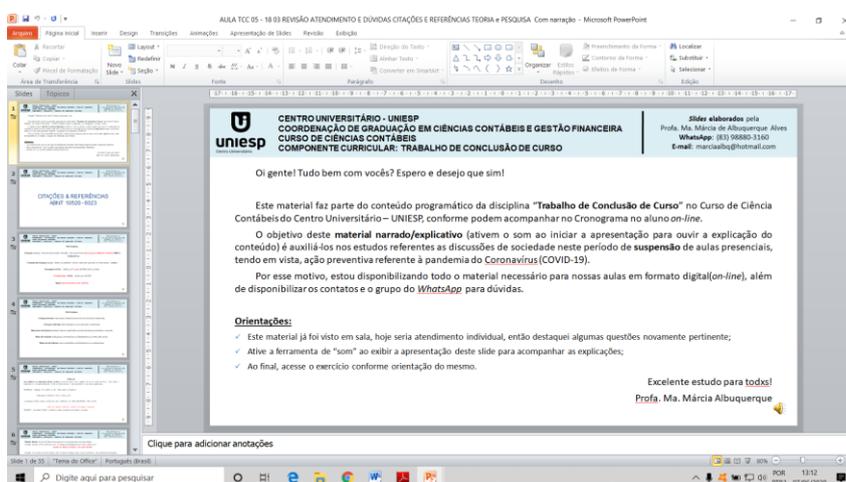


Figura 4 - Slides Narrados Turma de Fund. Sócio-Antropológico - Noturno – Aula 17/03/2020.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2020

Depois da experiência dos *Slides* narrados, encontramos outra alternativa por meio da Plataforma *Loom*², a qual nos permitia gravar os *Slides* com apresentação da nossa imagem e disponibilizar na *internet* por meio do *youtube* (Figura 05).



Figura 14 - Aulas gravadas com auxílio da Plataforma *Loom*. (2020).
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

2.2.2 Webfólio

Seguimos nossas aulas em busca de alternativas que pudessem dinamizar nossos encontros pelo *Google Meet* e encontramos no Portal da Educação, um artigo intitulado *Ambiente virtual de aprendizagem utilizando o Webfólio: novas possibilidades para a ação docente na EaD*³, escrito pela Pedagoga Valéria Ribeiro de Carvalho Tavares. Neste momento conhecemos o *Webfólio*, que de acordo com o referido artigo, é um recurso inovador e envolvente, que estimula o aluno a elaborar suas escritas. Neste caso, é um *portfólio online*, um registro do aluno que envolve o seu amadurecimento intelectual. Trata-se de publicações na *internet* e disponíveis para todos no universo da *cibercultura*.

Deste artigo seguiram-se outras leituras e partilhas até a construção da atividade. Inicialmente, pensamos em estimular todos os alunos e alunas a criação do *Webfólio* individual. No entanto, considerando todo o processo de adaptação, ao qual, os alunos e alunas estavam vivendo, criamos à possibilidade de um *Webfólio* coletivo, direcionado a turma, inicialmente a turma de “Ética Geral e Profissional”.

² Disponível em: <https://www.loom.com/> Acesso em: 07 jun. 2020.

³ Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/ambiente-virtual-de-aprendizagem-utilizando-o-webfolio-novas-possibilidades-para-a-acao-docente-na-ead/2347> Acesso em: 07 jun. 2020.

Elaboramos então a plataforma intitulada “Ética Geral e Profissional⁴” conforme figura 06.



Figura 15 - Webfólio Ética Geral e Profissional.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

No dia 13 de abril de 2020, a aula na turma de Ética Geral e Profissional foi sobre “Ética Empresarial”. Na ocasião, já ministrávamos aula em Acesso Remoto pelo *Google Meet*, o que permitiu que tivéssemos contato diretamente com os alunos e alunas. Nesta aula, discutimos sobre a ética e a responsabilidade social das empresas, e ao final apresentamos a atividade, sobre a qual, disponibilizamos um vídeo no *youtube* explicando a proposta (figura 07).

Ao criar a página, disponibilizamos aos alunos e alunas o *login* e senha, e solicitamos que toda a turma, após a aula, lessem, discutissem e escrevessem textos referente ao seguinte tema: “*Empresas que estão superando a Crise advinda da quarentena proveniente do Covid-19 com Responsabilidade Social!*”. O resultado foi surpreendente. Os alunos pesquisaram, dialogaram com o texto discutido em sala de aula e construíram, individualmente, tal como pode ser percebido nos exemplos que seguem nas figuras 08 a 13.

⁴ Disponível em: <https://eticacontabeisuniesp.blogspot.com> Acesso em: 13 abr. 2020.



Figura 7 - Vídeo do youtube sobre Webfólio.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



Figura 8 - Texto de A⁵



Figura 9 - Texto de B

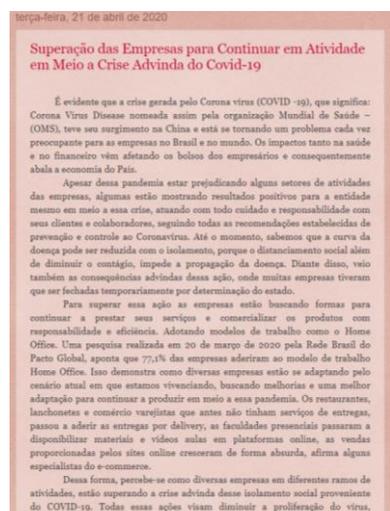


Figura 10 - Texto de C



Figura 11 - Texto de D

⁵ Foram utilizadas as letras A, B, C, D, E e F para resguardar a identidade dos alunos e alunas.



Figura 12 - Texto de E



Figura 13 - Texto de F

2.2.3 Quadrinhos

Seguindo na busca incessante de conhecimento e aprendizado, iniciamos a leitura de Fausto Camargo e Thuinie Daros na obra *A sala de aula inovadora* (2018). Nesta leitura, na segunda parte “Estratégias pedagógicas para o aprendizado ativo”, estudamos mais dedicadamente a Estratégia 04 “Aplicativos na educação”. Destes aplicativos, dois foram extremamente pontuais no que desejávamos fazer, tratava-se do *Pixton*⁶, ferramenta para criação de quadrinhos e *Storyboard*⁷ para criar histórias.

Neste momento, na turma de Fundamentos Sócio-Antropológicos, estávamos estudando o tema “Os Símbolos, o Eu e a Mente”, uma discussão proposta por Joel M. Charon e Lee Garth Vigilant na obra *Sociologia* (2012). Este conteúdo aborda a questão da liberdade individual, nos questionando até que ponto somos efetivamente livres. Nesta discussão, aprendemos que tudo tem seu princípio por meio dos símbolos decodificados pelo nosso olhar, ou seja, palavras, objetos, gestos, entre outros. Nós olhamos, automaticamente decodificamos a informação. Nosso “eu” interior ler, reflete e dialoga consigo. Pensa, interfere e questiona. E este processo final é a mente. Os símbolos, o eu e a mente, são os elementos que podem, segundo os autores, permitir a cada um de nós, liberdade.

Tendo em vista a complexidade e o alto grau de reflexão necessária deste conteúdo, idealizamos então uma atividade relacionada à criação de quadrinhos. Ao

⁶ Disponível em: <https://www.pixton.com/br/> Acesso em: 07 jun. 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.storyboardthat.com/pt> Acesso em: 07 jun. 2020.

finalizar a aula, no dia 28 de abril, nos propomos a explicar o que seriam os quadrinhos ou HQ's. E iniciamos essa aula contando a história de Mafalda, conforme figura 14.



Figura 14 - Slides sobre HQ's.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Mafalda foi criada em 1964, pelo cartunista argentino Quino, que em período de Ditadura Militar, encontrou na menina inquieta um meio de questionar o sistema. Todo o desenvolvimento de Mafalda acompanha um contexto histórico da época. A cada acontecimento, Quino lhe trazia um novo personagem. Quando Arturo assumiu o poder, sendo este extremamente lento e burocrático, Quino presenteia Mafalda com “Burocracia”, seu bichinho de estimação (figura 15). Posteriormente, vieram os amigos: Liberdade – a filha de *hippies* que impressionava pelo nome e pelo tamanho; Manolito – o filho de comerciante que só pensava em criar uma rede de supermercados; Susanita – a garota fútil que só queria casar com um homem rico e ter filhos; Filipe – o garoto responsável; Miguelito – o amigo literal, que não compreendia o que Mafalda falava; e Guile – irmão de Mafalda que simbolizava o novo tempo.



Figura 15 - Tirinhas de Mafalda.
Fonte: Google, 2020.

A aula transcorreu simples e divertida. Eles interagiram e discutíamos sobre os elementos que compunha uma tirinha. Posteriormente a aula, foi proposta a turma, que eles individualmente ou em dupla lessem o texto, revissem as anotações da aula, e refletissem sobre os símbolos, o eu e a mente, que segundo os autores, permitem aos seres humanos alguma medida de liberdade. Desta forma, eles tinham o desafio de usando à criatividade, utilizar os modelos de tirinhas disponíveis na *internet*, para que eles usassem o modelo e criassem o diálogo, ou utilizassem as ferramentas *Pixton* ou *Storyboard* e criassem seus próprios quadrinhos, explicando e demonstrando a diferença entre os símbolos, o eu e a mente, por meio da comunicação.

O resultado foi muito positivo, uma vez que gerou uma interação, uma aula dinâmica e descontraída, além de ficar perceptível que o conteúdo havia sido apreendido. No dia 05 de maio de 2020, a turma iniciou a apresentação dos trabalhos. Em nossa sala virtual, por meio do acesso remoto, foi explicado aos alunos como poderiam exibir suas telas e tivemos uma excelente discussão a respeito dos símbolos, do eu e da mente. Nas figuras 16 a 23 são demonstradas a apresentação dos quadrinhos.

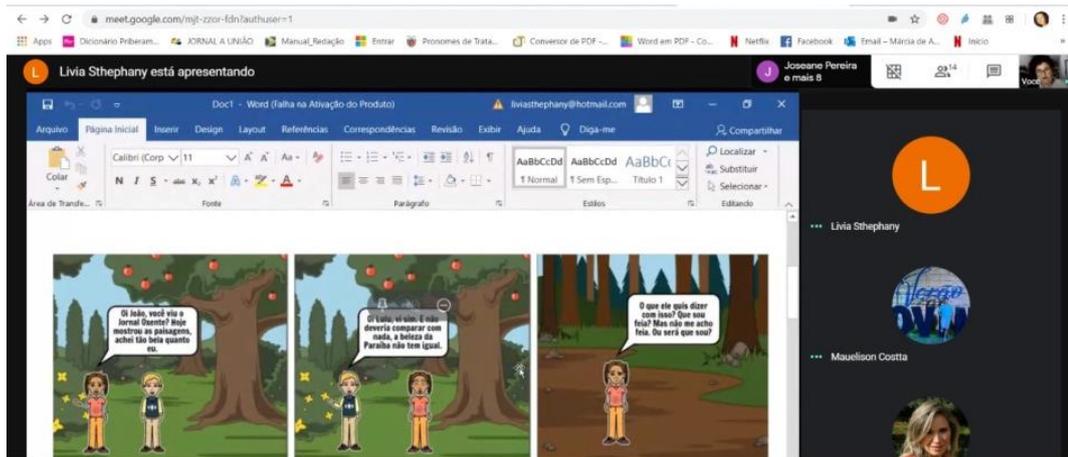


Figura 16 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

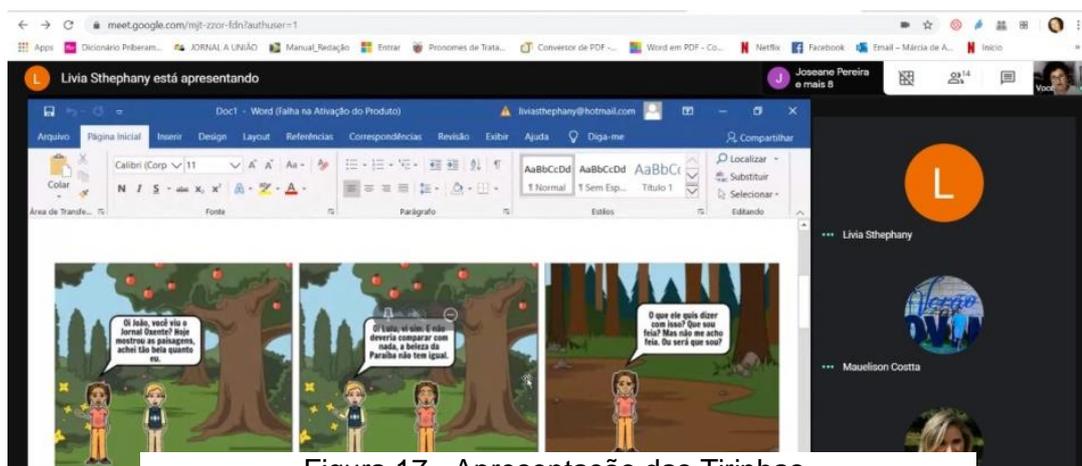


Figura 17 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

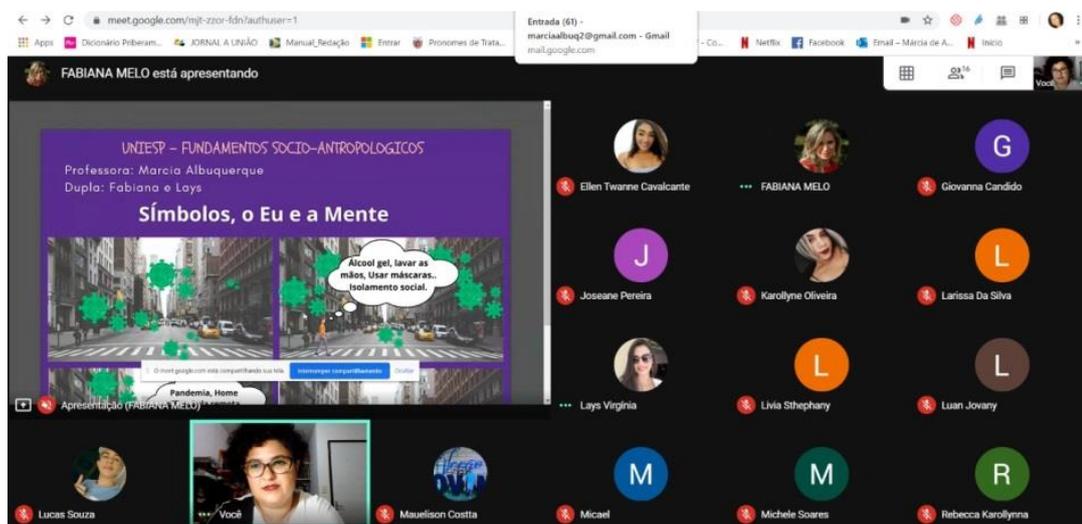


Figura 18 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

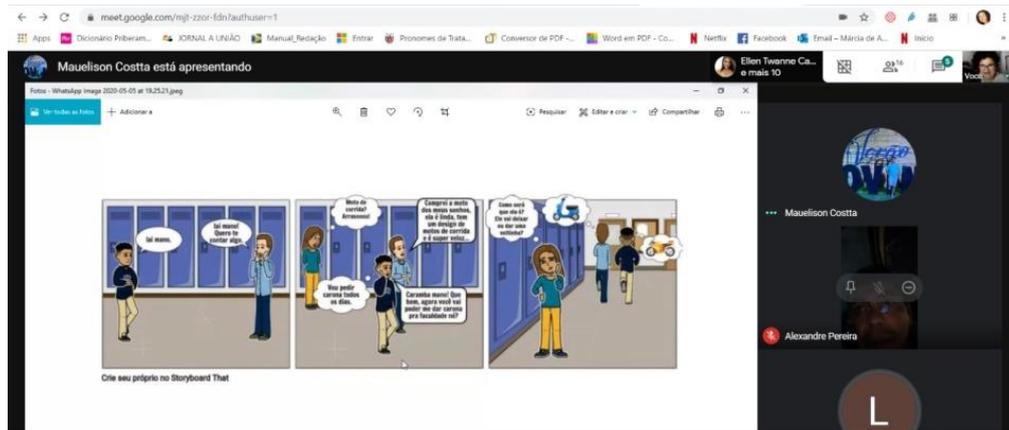


Figura 19 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

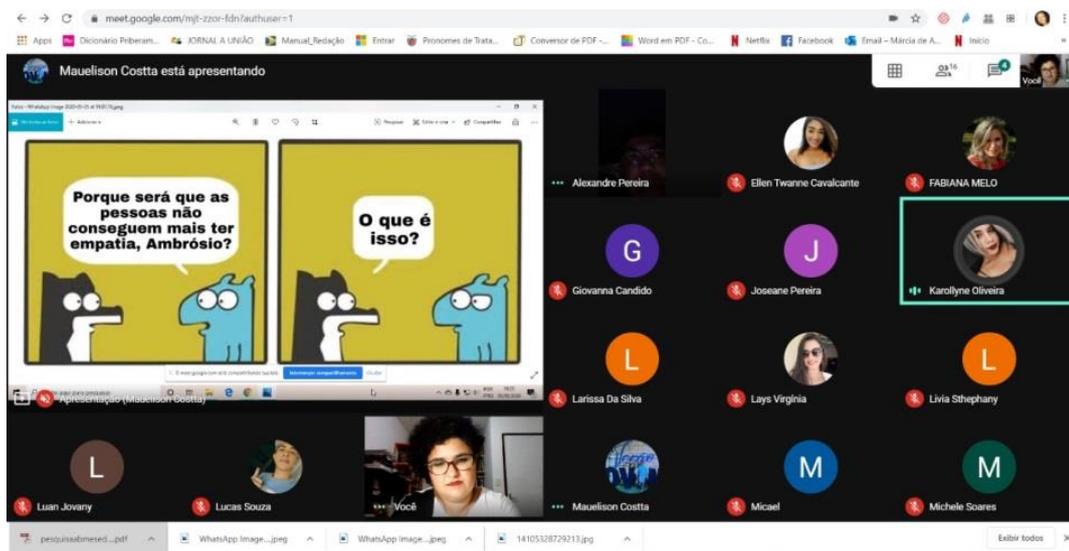


Figura 20 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

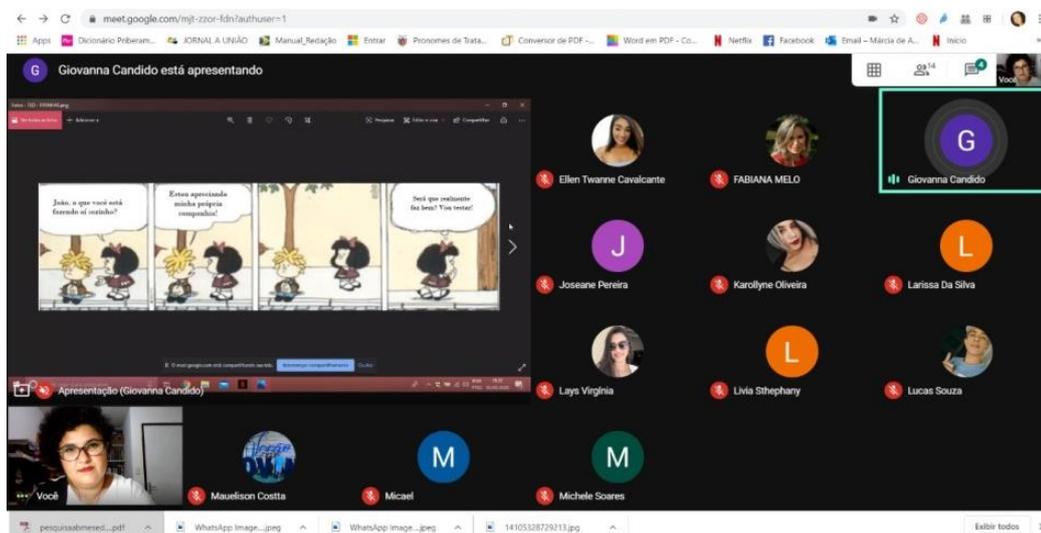


Figura 21 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

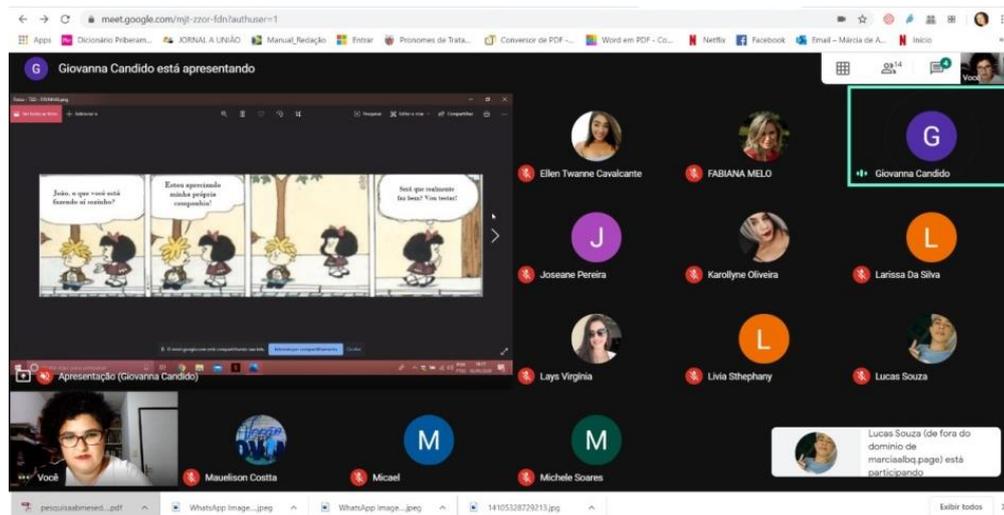


Figura 22 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

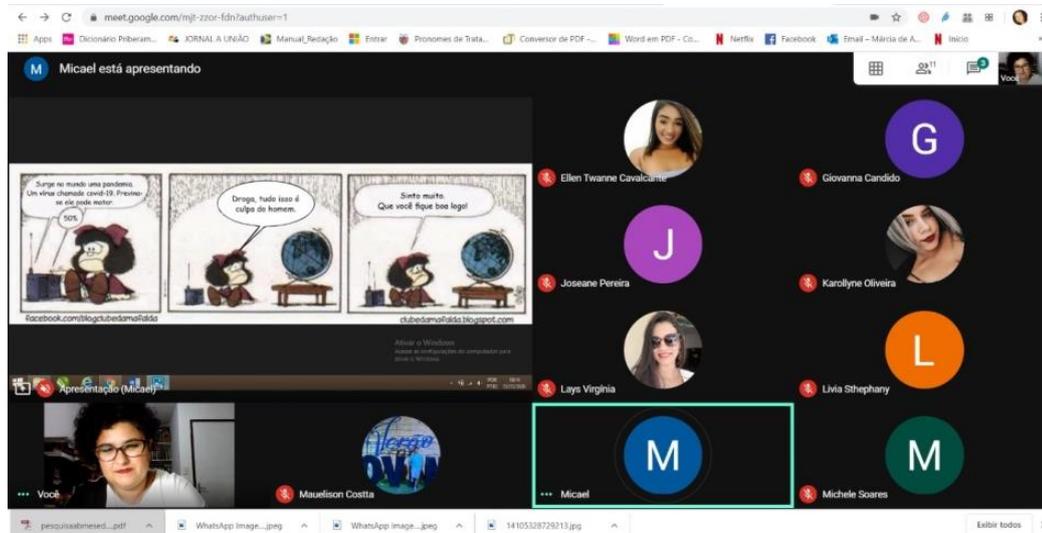


Figura 16 - Apresentação das Tirinhas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

2.2.4 Seminários Virtuais

A utilização de Seminário é uma prática comum no mundo acadêmico. Segundo Gil (2015, p.80)

O Seminário é um tipo especial de discussão que vem sendo utilizado com frequência cada vez maior no ensino superior. O nome dessa técnica vem da palavra latina *sêmen* (semente). Daí por que o seminário é tido como uma estratégia das mais adequadas para semear ou fertilizar ideias.

Desta forma, a técnica do seminário foi utilizada em dois momentos diferentes. Inicialmente na turma de Fundamentos Sócio-Antropológicos. Nesta turma, a discussão permeava a temática “Ordem Social, Poder Social, Controle Social e Desvio Social” uma discussão proposta por Joel M. Charon e Lee Garth Vigilant na obra *Sociologia* (2012). Assim, estando esta questão relacionada à atuação dos seres sociais nas mais diversas organizações como díades, grupos, organizações formais, comunidades e sociedades, e estando estes alunos, construindo sua formação em torno de profissionais referentes a área da Contabilidade, após a aula sobre o conteúdo, propomos o seguinte desafio: individualmente ou em grupo de até três integrantes eles deveriam usar a criatividade, ler o texto e discutir.

Posteriormente, deveriam criar uma Organização (clube, grupo, empresa, igreja, escola, comunidade, entre outros) destacando seu nome fantasia, objetivo e estrutura (organização). Sobre a aplicação do conteúdo, precisava destacar como – dentro da organização – garantiriam ordem Social, o controle social, a lealdade dos integrantes; e por fim, como pretendem lidar com os desvios sociais. Poderiam utilizar conceitos, imagens, ilustrações, e principalmente a criatividade. Deveria primeiro elaborar o projeto e depois sua apresentação em alguma ferramenta que possa ser exibida no acesso remoto para toda a turma.

Qual foi o objetivo? A aplicação direta do conteúdo construído em sala de aula para a dinâmica social do mercado de trabalho. Aos alunos e alunas foi proposta uma estratégia de construção de situação-problema. Segundo Camargo e Daros (2018, p.43),

O problema coloca o aluno no centro do processo, como protagonista. No entanto, é necessário construir situações-problema que vão estruturar essa aprendizagem, de modo que esses cenários ou problemas sejam situações que se caracterizem como um problema para os alunos.

Desta forma, o conteúdo discutido no âmbito do teórico, a partir da atividade, contempla a problemática aplicada na realidade. Os alunos e alunas precisavam criar um ambiente no qual soubessem aplicar estes conhecimentos e manter a ordem social, o controle social, a lealdade dos integrantes e saber lidar com os desvios sociais. O resultado foram empresas e instituições pensadas em seus

detalhes, desde estrutura física do ambiente, organização dos funcionários e demais questões solicitadas, conforme pode ser visto nas figuras 24 e 25.

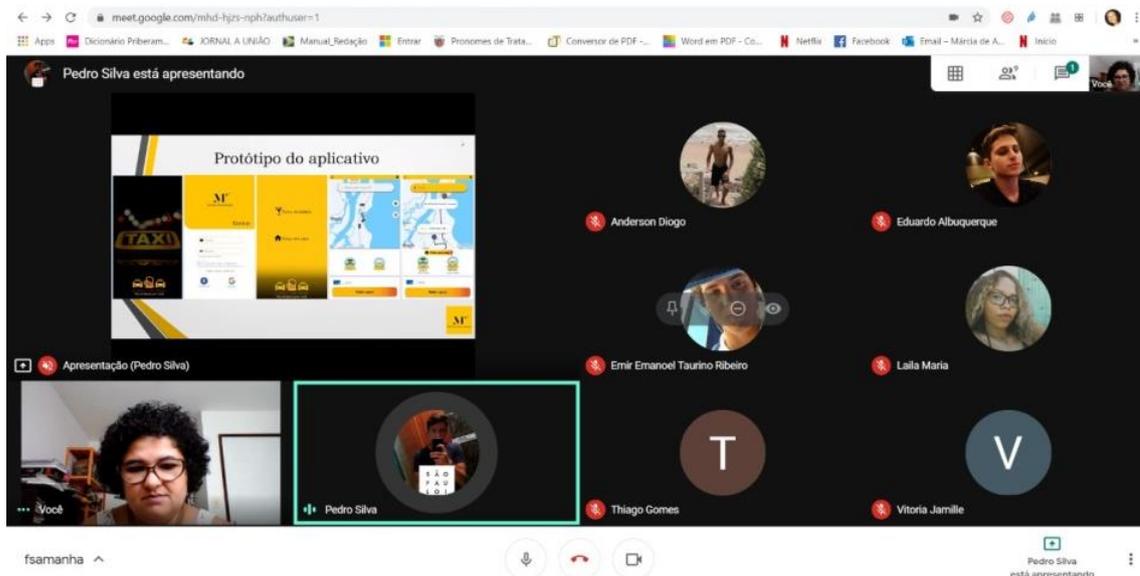


Figura 24 - Apresentação das Empresas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

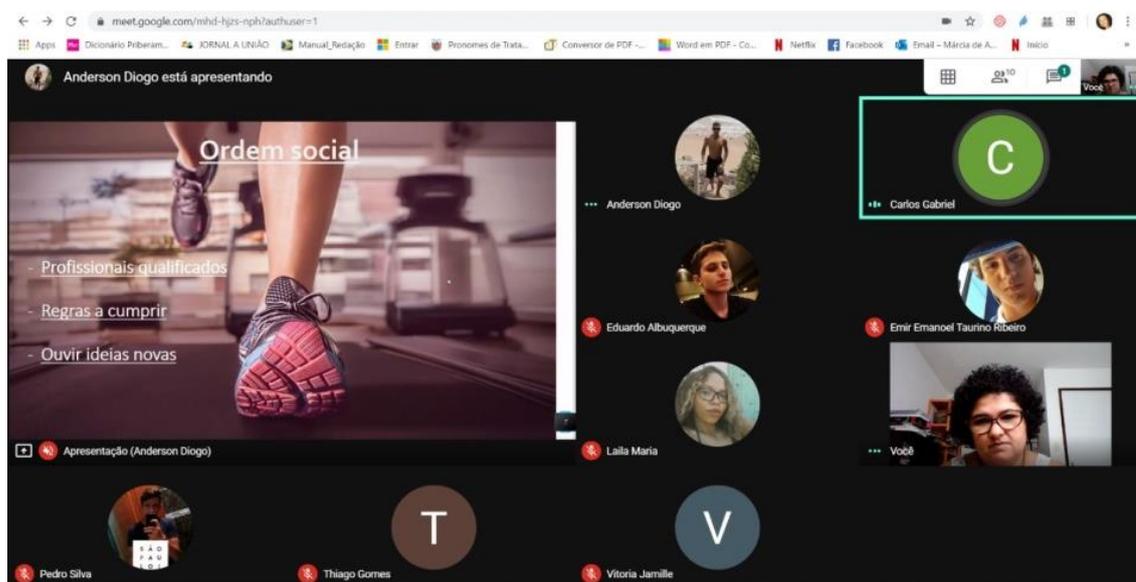


Figura 25 - Apresentação das Empresas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Outra experiência de Seminário foi vivenciada na prática da Pós-Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho do Centro Universitário – UNIESP no Módulo “Metodologia do Trabalho Científico”.

Este módulo é composto por discussões que permeiam a ciência, conhecimento, pesquisa e metodologia. Após a discussão referente à elaboração do

projeto de pesquisa, foi solicitado aos alunos e alunas que utilizando uma ficha elaborada pela professora, lessem um artigo da sua área e identificassem: título, problema, objetivo, justificativa, metodologia, fundamentação teórica e estrutura do mesmo. Em seguida foi solicitado que os grupos apresentassem os seus trabalhos. Como resultado, pudemos observar a apropriação por parte dos alunos e alunas em termos de conteúdo, além de uma apresentação pertinente, conforme pode ser observado nas figuras 26 a 30.

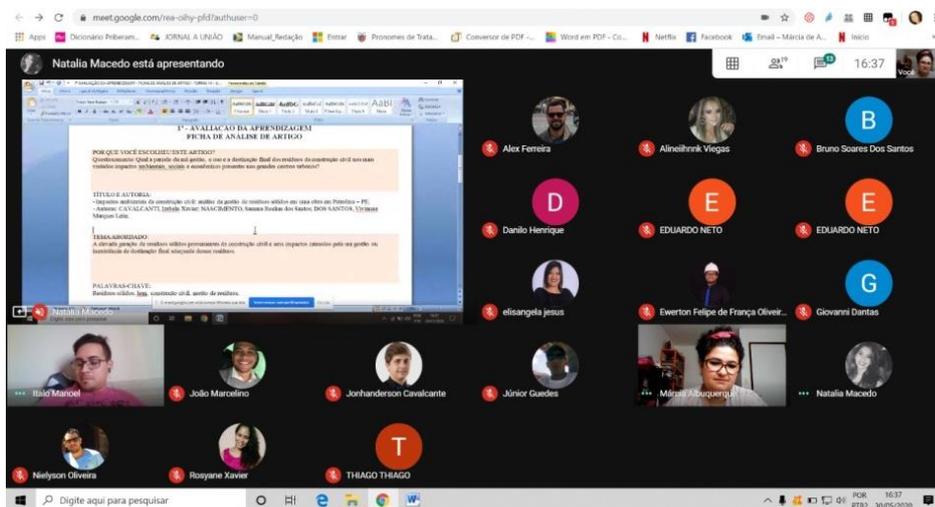


Figura 26 - Apresentação da Análise estrutural de Artigos.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

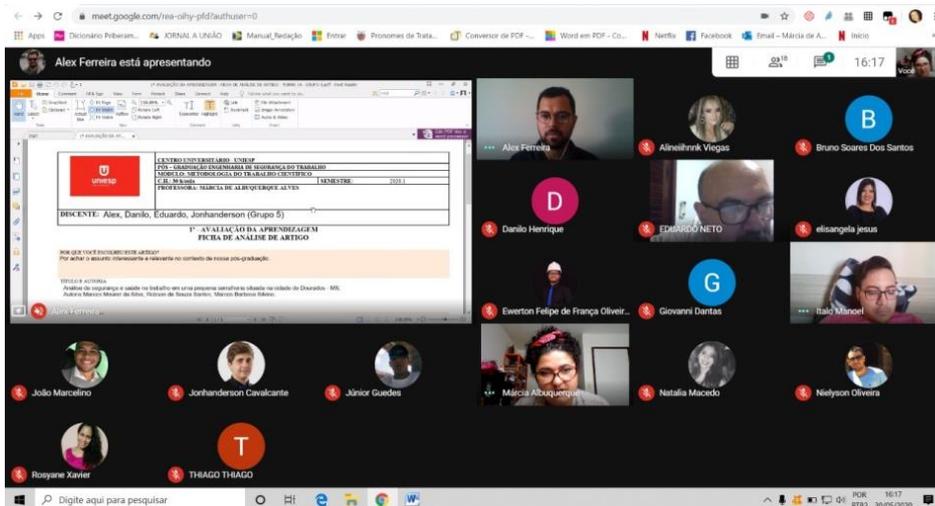


Figura 27 - Apresentação da Análise estrutural de Artigos.
 Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

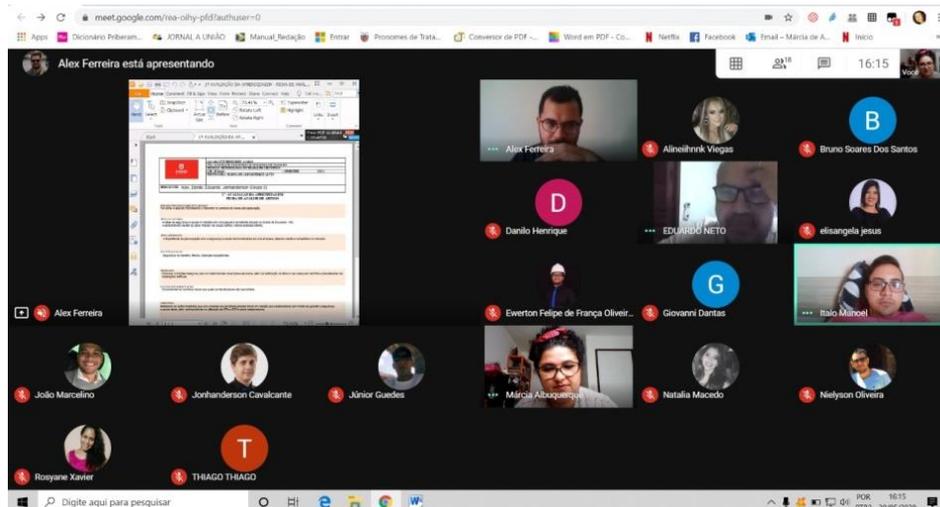


Figura 28 - Apresentação da Análise estrutural de Artigos.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

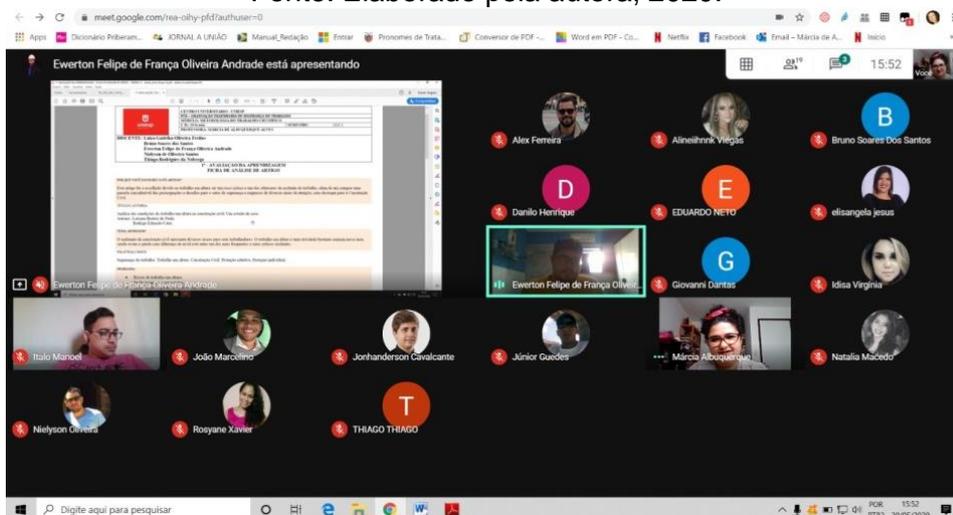


Figura 29 - Apresentação da Análise estrutural de Artigos.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

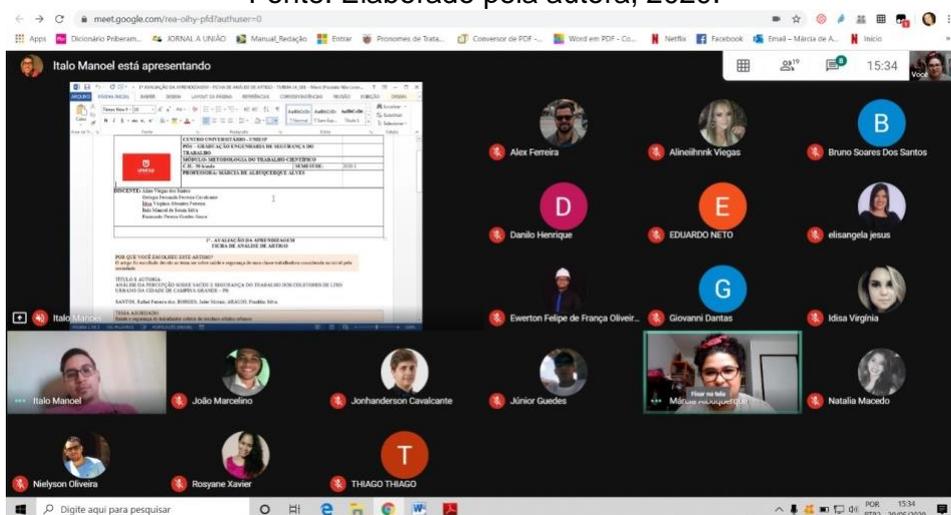


Figura 30 - Apresentação da Análise estrutural de Artigos.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

2.2.5 Plataformas interativas

Outra experiência vivenciada na prática da aula no acesso remoto esteve relacionada à Plataforma interativa *Mentimeter*⁸. Trata-se de uma plataforma que nos possibilita criar interações em tempo real, como enquetes, nuvem de palavras, jogos e desafios.

Estando ministrando aula na turma da Pós-Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho do Centro Universitário – UNIESP, no Módulo “Metodologia do Trabalho Científico”. Ao iniciar a discussão referente ao conhecimento construído na fundamentação teórica dos trabalhos acadêmicos, precisávamos nos voltar para a essência do conteúdo específico deste curso. Desta forma, iniciamos conhecendo a plataforma *Mentimeter* (figura 31).

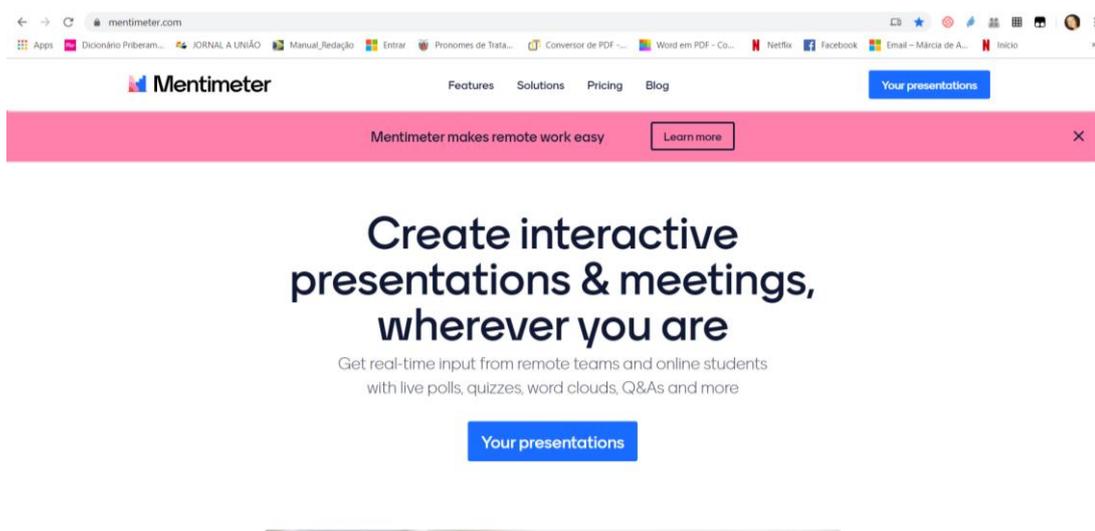


Figura 31 - Plataforma *Mentimeter*.
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Posteriormente fizemos o nosso cadastro, e tivemos a elaboração de uma apresentação. De acordo com a figura 32, pode-se escolher qual atividade queremos utilizar. Nesta ocasião, utilizamos “*World Cloud*”, a nuvem de palavras.

⁸ Disponível em: <https://www.mentimeter.com/> Acesso em: 07 jun. 2020.

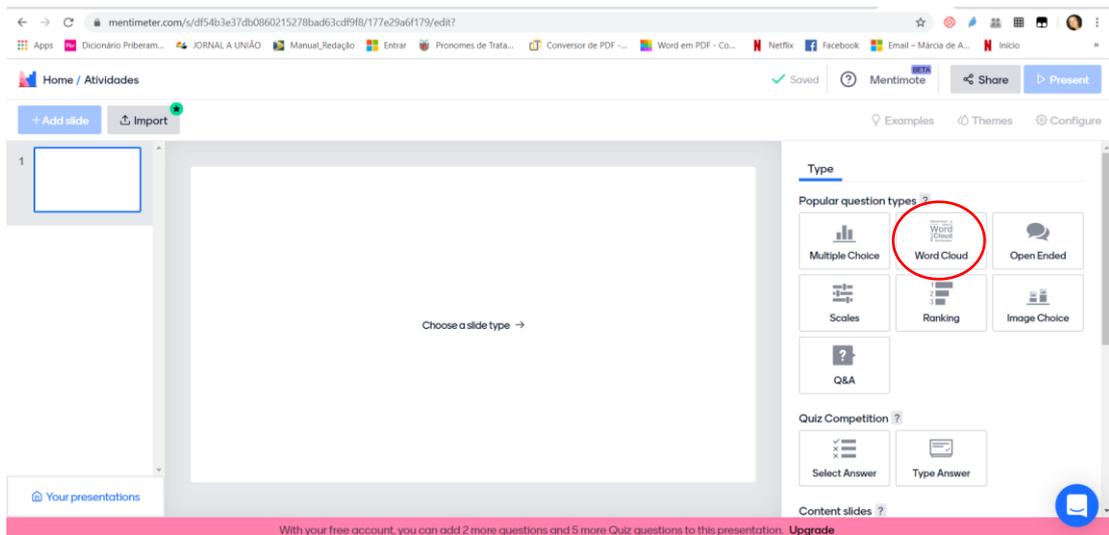


Figura 32 - Escolhendo atividades na *Mentimeter*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Ao decidir a atividade, conforme podemos observar na figura 33, escolhemos os critérios, o número de palavras, o título e geramos um *link*, o qual foi enviado aos alunos.

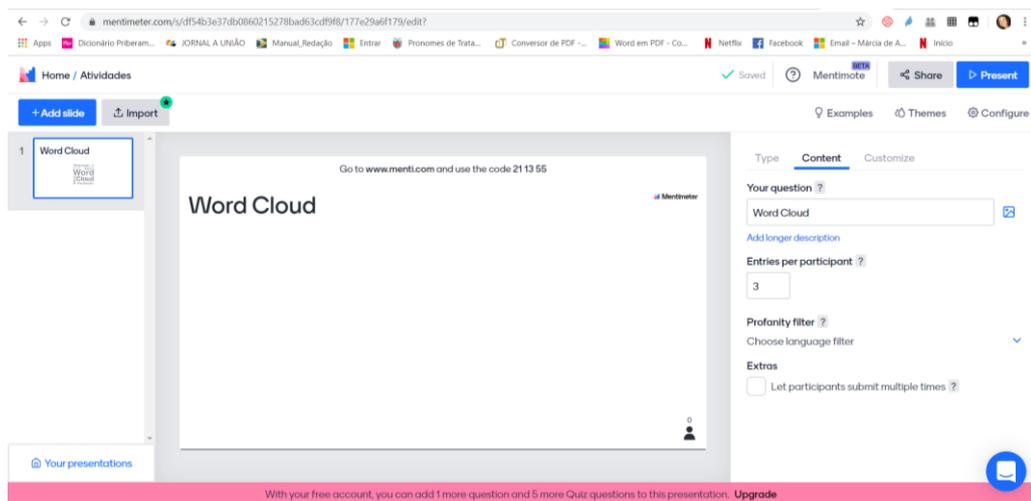


Figura 33 - Escolhendo os critérios para atividade na Plataforma *Mentimeter*.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Iniciamos a aula e exibimos a tela grande “O que significa segurança do trabalho?”. Em seguida enviamos o *link* para o grupo do *whatsapp*. Ao receber o *link* os alunos acessaram. Foi solicitado que observassem a tela e pensando nesta frase, digitassem três palavras que correspondiam integralmente ao que significava “Segurança do Trabalho”. Ao enviar, os alunos foram se surpreendendo com as palavras surgindo na tela e modificando o formato da nuvem. Ao longo da atividade,

na área da “Engenharia de Segurança do Trabalho”, tendo como base a conexão das palavras escolhidas por cada aluno e aluna presente. Desta forma, os conteúdos teóricos, que inicialmente pareciam pesados e difíceis, transcorreram com mais facilidade e diálogo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ministrar aula em Ciências Contábeis, por meio do acesso remoto, despertando o interesse dos alunos e alunas e cumprindo com o cronograma de conteúdos e atividades? Este foi o fio condutor dos relatos de experiência que apresentamos.

O contexto social mudou e a educação percorre o tempo paralelo à história (ARANHA, 2006). O Covid-19 trouxe à tona a necessidade emergente de pensar a “sala de aula”, refletir nossas práticas e nos reinventar. A pandemia nos impactou profundamente, nos afastou de quem amamos e do que amamos, mas não nos impediu de criar, de reinventar, de reconstruir e de ressignificar o nosso ensino-aprendizagem em sala de aula.

Alcançamos o nosso objetivo inicial neste presente artigo, uma vez que desejávamos demonstrar como poderíamos construir conhecimento mediante o acesso remoto. Nestes relatos que hora apresentamos, estão intrinsecamente esmiuçados os nossos desafios. Aprendemos a utilizar diversos recursos, como o *Power point* narrado; a plataforma do *Loom* para gravar nossas aulas; a sala virtual para vídeos conferências no Meet; plataformas de criação de quadrinhos como *pixton* e *storyboard*; plataformas interativas como *Mentimeter*, entre outras.

A partir destas ferramentas, adaptamos nossos conteúdos mediante metodologias ativas, proporcionando autonomia e protagonismo aos nossos alunos e alunas, além de manter mediante quarenta, o cronograma de conteúdos curriculares. Aprender não é mais suficiente, precisamos estar dispostos a nos reinventar, a aprender algo novo. É preciso estar disposto a desfazer-se, desconstruir antigas crenças e construir novas possibilidades, ou seja, estarmos dispostos a construir outras formas de chegar ao conhecimento coletivamente e de diversas maneiras.

É fato que tudo mudou, jamais voltaremos a ser quem éramos antes. Agora somos novas pessoas, com novas experiências, singularidades e contextos. Nossa prática educacional não poderia permanecer cristalizada, ela emerge por mudanças e nós estamos mudando, estamos aprendendo a nos reconstruir a todo instante.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias Ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARROS, José D' Assunção. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado. Porto Alegre: Penso, 2018.
- CHARON, Joel m.; VIGILANT, Lee Garth. **Sociologia**. 2ª Ed São Paulo: Saraiva, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- HOBBSAWN, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- NALINI, José Renato. **Ética Geral e Profissional**. 12 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.
- VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias Ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- TAVARES, Valéria Ribeiro de Carvalho. **Ambiente virtual de aprendizagem utilizando o Webfólio**: novas possibilidades para a ação docente na EaD. Portal da Educação. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/ambiente-virtual-de-aprendizagem-utilizando-o-webfolio-novas-possibilidades-para-a-acao-docente-na-ead/2347> Acesso em: 07 jun. 2020.

LER, RELER E LER DE NOVO EM PLENO ISOLAMENTO SOCIAL

GALVÃO JÚNIOR, Paulo¹

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do isolamento social decorrente da pandemia global do COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, e ao mesmo tempo é um relato de experiência de um docente dos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de Recursos Humanos (RH) no Centro Universitário UNIESP, localizado na cidade portuária de Cabedelo.

É um breve relato de um docente muito sensibilizado com a atual crise econômica no mundo e no Brasil, que provoca prejuízo em diversos setores, em especial o turismo, falência de empresas, desemprego em massa, elevada inadimplência, aumento da pobreza e crescimento da fome nos cinco continentes do planeta e nas cinco regiões do País.

Esse inédito artigo revela a importância do uso das *videoconferências* nas aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira, desde 17 de março de 2020 até os dias atuais, com a suspensão das atividades acadêmicas nos blocos do UNIESP.

Esse artigo tem como objetivo principal relatar algumas experiências de aulas em acesso remoto, além de incentivar a leitura de *e-Books* entre os jovens universitários, além de objetivos específicos como ajudar na tarefa de permanecer o máximo possível em casa com o uso de aulas remotas e de Olimpíadas por *Whatsapp*, além de retratar cronologicamente a aplicação de ferramentas tecnológicas como *Webex*.

Este artigo é uma pequena contribuição ao valioso *e-Book* do UNIESP, oriundo do meu relato de experiência na transição das aulas presenciais para as aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira; na mudança das provas para as atividades avaliativas; na passagem das Olimpíadas UNIESP de Economia e de Economia Brasileira em sala de aula para Olimpíadas por *Whatsapp*; na transição da

¹ Economista formado pela UFPB, Especialista em Gestão de RH pela UNINTER e Professor de Economia e de Economia Brasileira nos cursos de Ciências Contábeis, Administração, Gestão Financeira e Gestão de RH no UNIESP.

Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado para a Biblioteca Virtual do UNIESP; e em *home office* no uso das novas ferramentas tecnológicas e das novas metodologias para compartilhar sobre os ciclos econômicos.

2 DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada neste estudo foi descrever com qualidade a transição das aulas presenciais para aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira. Podemos relatar vários momentos tensos como a falta de energia elétrica, como também, momentos engraçados como os latidos dos cachorros durante a explicação da recessão econômica.

Foi descrever precisamente como ocorreu esta rica experiência em pleno isolamento social. Salientamos as várias dificuldades de enviar as atividades avaliativas pela plataforma do Aluno *Online* por parte dos discentes, sobretudo porque ficava o sistema caindo o tempo todo, além de relatar a minha experiência contextualizando-a com a realidade da economia brasileira.

As aulas presenciais foram suspensas no UNIESP. Em seguida, começaram as aulas remotas, logo, os professores e os alunos atravessaram sérios problemas socioeconômicos no Brasil. A crise econômica é grave, mas toda crise é cíclica. Toda crise econômica tem início, meio e fim. Em tempos econômicos difíceis é necessário estudar muito a duração da recessão econômica em forma de letras V, U, W, L ou I no Brasil.

A minha previsão é uma recessão econômica de 4,3% a 8,3% em 2020. A taxa de desemprego subirá para 17,2% da PEA no final do ano. O contingente de pessoas na pobreza aumentará significativamente por causa da pandemia do COVID-19. A crescente miséria elevará o Índice de Gini que revela anualmente a nossa absurda desigualdade. A inadimplência de pessoas físicas e jurídicas crescerá cada vez mais nos próximos meses com 92 tributos vigentes em todo o Brasil. Milhões sem Auxílio Emergencial de R\$ 600 este mês, sem R\$ 20 por dia, logo, mais geladeiras vazias, mais contas atrasadas, mais fome.

2.1 DAS AULAS PRESENCIAIS PARA AULAS REMOTAS

O meu relato sobre a experiência de ensino de Economia e de Economia Brasileira, inicia-se, exatamente na quarentena em minha residência, no bairro dos Expedicionários, na secular capital paraibana. Após 14 dias consecutivos sem notícias da vacina oral contra o mortífero COVID-19, no dia seguinte, estamos em tempos de isolamento social. Neste momento tão sombrio é fundamental uma reflexão crítica sobre o Ensino à Distância (EaD) em um país lusófono que lê muito pouco em comparação com os países emergentes como a Argentina e a Índia ou com os países desenvolvidos como o Canadá e a França.

“Dos 21 volumes lidos em média por ano na França, 17 são em versão impressa e 4 em versão digital” (UOL, 2019). Já o brasileiro lê, em média, menos de 5 livros por ano. Outra certeza, esta estatística já mudou com a pandemia do SARS-CoV-2. Portanto, é necessário ler, reler e ler de novo em pleno isolamento social.

É evidente que o estudante universitário lê pouco nos 26 estados federados e no Distrito Federal (DF). Com este inédito e inesquecível isolamento social, o estudante brasileiro começou a ler mais, com mais tempo disponível no computador, notebook, celular ou smartphone com acesso à *Internet*.

Do dia 03 de fevereiro até 16 de março de 2020 ocorreram às aulas presenciais de Economia e de Economia Brasileira no UNIESP, com aperto de mãos e contato visual, com ênfase na leitura das obras primas de Adam Smith (1723-1790) e de Celso Furtado (1920-2004).

O economista escocês Adam Smith escreveu sua obra prima intitulada **Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações**, mais conhecida mundialmente como **A Riqueza das Nações**, em março de 1776, ou seja, 244 anos atrás, em pleno século XVIII.

Segundo o Pai da Economia moderna, o economista escocês Adam Smith (1983, p.50) a iniciativa privada deveria agir livremente:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhe falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles.

O economista brasileiro Celso Furtado publicou sua obra prima denominada *Formação Econômica do Brasil*, em janeiro de 1959, ou seja, 61 anos atrás, em pleno século XX.

O célebre livro foi escrito quando o economista paraibano Celso Furtado estudava no *King's College* da famosa Universidade de *Cambridge*, em *Cambridge*, na Inglaterra, a convite do professor e economista inglês Nicholas Kaldor (1908-1986), discípulo de Keynes.

O interesse maior de Celso Furtado era compreender a especificidade do Brasil e o grande atraso de um país com tantas potencialidades, no qual levou-o a buscar uma explicação dos ciclos econômicos, desde o século XV até o século XX. Na Introdução da sua obra prima, Celso Furtado (1999, p.1) escreveu, “O PRESENTE LIVRO pretende ser tão-somente um esboço do processo histórico de formação da economia brasileira”.

A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda do economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946) foi publicada em fevereiro de 1936, ou seja, 84 anos atrás, e mudou completamente os rumos da economia mundial, com sua defesa de forte intervenção do Estado na economia de mercado. Conforme Keynes (1983, p.102), “A verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas em escapar das velhas ideias”.

O brasileiro permanece conectado à *Internet* em média de 9 horas e 29 minutos por dia (Canaltech, 2019). Com certeza, esta estatística já aumentou com a propagação geométrica do novo coronavírus. É fundamental utilizar ferramentas digitais de webconferência como *Zoom Cloud Meetings*, *Jitsi Meet*, *Cisco Webex Meetings* e *Google Meet* para incentivar o salutar hábito de leitura entre os futuros contadores, administradores, gestores financeiros e gestores de RH do quinto maior país em extensão territorial do planeta.

As aulas remotas podem ser realizadas por várias ferramentas digitais como *Skype*, *Hangouts Meet*, *GoToMeeting* e *Google Forms*. Entre 18 e 19 de março de 2020 iniciaram as minhas primeiras aulas remotas pelo *Instagram*, através de três *lives*, mas com sérias dificuldades de interação com o aluno, devidas apenas uma hora de duração, além de demora de todos os alunos adicionarem o professor no *Instagram* para poder assistir sua primeira aula virtual.

Entre 23 e 26 de março de 2020, na segunda semana de quarentena, as minhas aulas remotas migraram para o *Zoom Meetings*. Instalei o aplicativo em meu notebook da *Gateway* e ao mesmo tempo no meu celular da *Samsung* pelo *Android*. Foi a minha primeira experiência com webconferências e o *Zoom* é um aplicativo grátis de computador para videoconferências (ZOOM, 2020). O *Zoom* é uma plataforma *online* de videoconferência para empresas, profissionais liberais e agora sendo usados por docentes e discentes do UNIESP.

A modalidade gratuita do *Zoom* tem limitações de participações, apenas 100 (cem) alunos, e sobretudo, tempo para ministrar aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira com no máximo 40 (quarenta) minutos. De 10 até 20 de abril as minhas aulas remotas foram redirecionadas pelo aplicativo *Jitsi*, com interação com os discentes em tempo real nos horários de aula presencial, mas com várias dificuldades com esta nova plataforma, sobretudo, problemas de som, mas sem problemas de segurança e privacidade do *Zoom*.

Do dia 22 de abril de 2020 até os dias atuais, as aulas remotas de Economia e de Economia Brasileira foram realizadas da minha casa, no famoso *home office*, pelo excelente aplicativo *Webex*, com ênfase na leitura da *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, a obra prima do economista inglês *John Maynard Keynes*, o Pai da Macroeconomia moderna.

O *Webex* (2020) é gratuito, sem precisar de cartão de crédito nem de débito, excelente para uma aula remota com 100 (cem) alunos, com videoconferências simples, mas eficientes e de fácil acesso ao *link* pelo *e-mail*, *Whatsapp* ou *web.Whatsapp*. O meu *link*² de acesso rápido para aulas remotas é disponibilizado e é fácilimo iniciar uma reunião (leia-se aula remota) e compartilhar conteúdos como e-Books, vídeos, apostilas e artigos de Economia e de Economia Brasileira.

Nessa sessão do relato de experiência devo acrescentar as novas impressões dos discentes sobre a importância da leitura em sua vida acadêmica durante o isolamento social. Todavia, estamos todos morrendo de saudades das aulas presenciais e das provas em sala de aula no UNIESP.

² Disponível em: <https://meetingsamer13.webex.com/join/paulogalvaojunior>. Acesso em: maio 2020.

2.2 DAS PROVAS PARA ATIVIDADES AVALIATIVAS

No Centro Universitário UNIESP utilizamos um sistema chamado Professor *Online*. Estar disponível um *Chat* no Professor *Online* para enviar e receber mensagens acadêmicas. Pelo Professor *Online*, o docente envia suas provas ou atividades avaliativas para os discentes, além de possibilitar o acesso aos *eBooks*, apostilas, conteúdos complementares, Trabalho Efetivo Discente (TED) e outras atividades acadêmicas.

Em sala de aula, as provas de Economia e de Economia Brasileira têm 20 (vinte) questões, sendo 18 (dezoito) de múltipla escolha e 2 (duas) questões abertas, sendo cada questão certa vale 0,5 (meio) ponto, sem direito a consulta. As provas sempre são realizadas uma semana depois das Olimpíadas UNIESP de Economia e de Economia Brasileira.

O aluno e a aluna do UNIESP precisam ter consciência que tem 86 bilhões de neurônios e que é muito inteligente. Eu sempre incentivo à leitura de livros, de livros digitais, artigos, revistas e sites de Economia. Eu sempre revelo ao discente que o seu maior inimigo é o tempo e o seu maior aliado é o sonho de ser contador, administrador, gestor financeiro e gestor de RH no sexto país mais populoso do mundo.

Nesse período de isolamento social para prevenção ao novo Coronavírus, surgem as atividades avaliativas, com 2 (duas) questões abertas, cada questão valendo 5 (cinco) pontos e que são enviadas pelo Professor *Online* e, posteriormente, o próprio discente encaminham as respostas pelo sistema Aluno *Online*, utilizando a sua matrícula e a senha.

2.3 DAS OLIMPÍADAS EM SALA DE AULA PARA OLIMPÍADAS POR WHATSAPP

A Olimpíada UNIESP de Economia em sala de aula sempre ocorre nos Blocos A e D, nos turnos diurno e noturno, com três grupos distintos, Vermelho, Branco e Preto. Já a Olimpíada UNIESP de Economia Brasileira ocorre também em sala de aula, no Bloco A, no segundo andar, nos turnos diurno e noturno, com três grupos diferentes, Verde, Amarelo e Azul.

A disputa da Olimpíada de Economia em sala de aula acontece através de uma prova de 20 (vinte) questões, sendo 18 (dezoito) delas de múltipla escolha e 2 (duas) discursivas. Os participantes são divididos em três grupos, que respondem às perguntas no limite do tempo da aula e com direito a consulta de uma única questão pelo líder e em consenso com o grupo. A equipe com mais questões corretas é a vencedora, utilizando como critério de desempate o tempo de entrega do gabarito oficial pelos três líderes. Os integrantes do grupo campeão recebem medalhas de ouro e 2,0 pontos na prova da disciplina de Economia, além de kits UNIESP, ao passo que o segundo e terceiro colocados recebem 1,5 e 1,0 ponto, respectivamente, e também medalhas de prata e bronze das mãos do coordenador de Ciências Contábeis e de Gestão Financeira ou da coordenadora de Administração e de Gestão de RH.

No período 2020.1 ficou combinado entre o professor, os alunos e os coordenadores, a estimada coordenadora Suelem Pinto e o estimado coordenador Thyago Henriques, a entrega dos troféus Economista Adam Smith e Economista Celso Furtado, numa atividade acadêmica que incentiva aos alunos ao trabalho em equipe. A Olimpíada UNIESP de Economia acontece desde o semestre 2014.2 no Curso de Graduação em Ciências Contábeis e é uma aula bem dinâmica, cujo objetivo é incentivo ao trabalho em equipe. Apesar de ser uma competição muito disputada, todos ganham, porque a disputa gera conhecimento.

Infelizmente, em 24 de março de 2020, o Japão adiou as Olimpíadas de Tóquio de 2020, devido a pandemia do novo coronavírus e não a descoberta da vacina oral contra o mortal COVID-19. Em pleno isolamento social, realizamos seis Olimpíadas UNIESP de Economia e quatro Olimpíadas UNIESP de Economia Brasileira por *Whatsapp*. Os comentários dos alunos e das alunas pelo *WebChat* das turmas de Economia, diurno e noturno, são verdadeiros incentivos, sinceros elogios, portanto, eu estou no rumo certo ao exercer a profissão mais importante do mundo, o professor:

(23/03/2020 09:53:53 A³). *Bom dia Prof Paulo, muito honrada em participar da primeira Olimpíadas Online de Economia.*

³ Os participantes são identificados pelos códigos: A,B,C,D,E,F,G,H,I,J,L,M,N,O,P e Q.

(23/03/2020 09:56:39 B). *bom dia Professor, muito feliz com nossa olimpíada. Feliz com o nosso ouro! Independente disso, meus parabéns a toda turma.*

(23/03/2020 10:04:50 C). *Bom dia, Professor. Agradeço pela experiência. Tenho certeza que todos aqui tiramos aprendizados, muito além do conhecimento herdado pelo estudo.*

(23/03/2020 20:23:41 D). *Parabéns a todos! Foi muito boa esta experiência.*

(23/03/2020 20:25:43 E). *Já queremos a próximaaaa.*

(23/03/2020 20:26:59 F). *ansiosa para próxima olimpíada em maio, obrigada pela emoção professor!*

(23/03/2020 20:27:21 G). *Parabéns a todos! Até a próxima.*

(23/03/2020 20:29:16 E). *momento ímpar, muita emoção e ação para ganhar esta olimpíada. adoreiii.*

(23/03/2020 20:35:05 H). *Parabéns a todos, foi incrível e muito produtivo. Amei nossa I Olimpíadas de economia !!!!*

(23/03/2020 20:35:21 I). *EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA. TOP ESSA OLIMPIADA!!*

(23/03/2020 21:01:46 J). *Boa noite, que experiência incrível com nosso grande professor Paulo Smith Galvão! está de parabéns.*

(23/03/2020 21:05:25 L). *Vlw professor, foi bastante proveitoso, muito disputado !!!!!*

(23/03/2020 21:06:08 M). *Boa noite! dia de muita emoção nessa olimpíada.*

(23/03/2020 21:21:34 N). *Boa noite! Foi muito top, maravilhoso.*

(27/03/2020 19:02:07 O). *Uma experiência única e proveitosa, adquirimos muitos conhecimento. Foi top, parabéns a todos !!*

(28/03/2020 14:24:16 P). *Boa tarde! Muito bom ter participado das olimpíadas. A on-line foi interessante, mas, aguardo ansiosamente a presencial #Rumoaoouro! Parabéns a todas as equipes e a dedicação do professor.*

(28/03/2020 20:31:10 Q). *Boa noite! A primeira olimpíada online foi um sucesso! Uma forma de aprendizagem enorme, pois não só testa o conhecimento que temos do assunto, mas também nos prepara para as cobranças que o mercado de trabalho e acadêmico tanto nos cobra!*

(18/05/2020 20:22:06 E). *Uhu! Novamente o grupo branco é campeão das Olimpíadas de Economia ministrada por esse professor top! Adorei muito, até a próxima.*

(18/05/2020 20:32:00 G). *Mais uma olimpíada de economia e o grupo branco campeão! Uhu!*

A participação e a resiliência dos líderes dos grupos Vermelho, Branco e Preto foram decisivas para o grande sucesso das Olimpíadas UNIESP de Economia por *Whatsapp*. Por isso, meus sinceros agradecimentos aos líderes do grupo Preto (Leandro Gonçalves Pereira Júnior, Natália Gomes da Silva Onório e Henrique Azevedo de Almeida), do grupo Vermelho (Mariana de Araújo Cabral, Jéssica de Souza Cavalcante e Matheus Rodrigues dos Santos) e do grupo Branco (Gerônimo Marco Silva do Nascimento, Eduarda Karla Bastos Marinho Maciel e Maria Clara dos Santos Silva). O líder de um grupo com vontade de vencer é muito importante para os bons resultados nas Olimpíadas após o envio do gabarito oficial do grupo conforme as regras (exemplo: 1! A! 2! B! 3! C! 4! D! 5! E!).

Ao ler novamente os comentários dos alunos e das alunas no *WebChat* das turmas de Economia Brasileira, diurno e noturno, sobre as Olimpíadas por *Whatsapp*, eles e elas confirmam a minha missão possível de compartilhar o ouro do século XXI, o conhecimento:

(26/03/2020 08:53:11 A1⁴). *Sou do grupo amarelo. Por mais que no momento a olimpíada foi a distância, eu achei muito bacana a experiência e a interação de todos no grupo.*

(26/03/2020 08:53:19 A2). *Bom dia, com a olimpíadas de economia com o professor Paulo Galvão shooow, grupo amarelo sempre representando.*

(26/03/2020 08:54:56 A3). *Foi muito boa a olimpíada com a participação ativa dos alunos.*

(26/03/2020 08:59:48 A4). *Bom dia! As olimpíadas foi ótima, mesmo distantes teve uma boa interação.*

(26/03/2020 09:00:04 A5). *Muito boa a olimpíada de economia e de grande conhecimento para os demais alunos.*

(26/03/2020 09:36:42 A6). *Bom dia !! As olimpíadas foram excelente! O professor mesmo com a distância soube conduzir bem os alunos !! Adorei.*

⁴ Os participantes foram codificados entre A1 a A20.

(26/03/2020 09:46:07 A7). *Bom dia Professor! Nossa 2 olimpíada com o professor, e a 1 olimpíada online, foi ótima!!!! Uma experiência diferente com um ótimo professor. Obrigada!*

(26/03/2020 19:35:04 A8). *Boa noite, a olimpíada foi ótima, uma nova experiência por ter sido a distância!*

(26/03/2020 19:57:54 A9). *2020.1 Olimpíadas de Economia Brasileira foi bom demais *-*.*

(26/03/2020 20:00:06 A10). *Boa noite Professor! Essa primeira Olimpíadas de 2020 mesmo sendo diferente por ter acontecido online, em meio a essa pandemia não nos deixou de participar, foi ótimo!*

(26/03/2020 20:00:42 A11). *Boa noite professor e turma! Foi um prazer participar da primeira olimpíada de economia brasileira online, foi muito bem organizado e didática, parabéns professor Paulo Galvão Júnior e obrigado por todo seu esforço.*

(26/03/2020 20:01:18 A12). *Olimpíada completamente organizada. Foi ótima!*

(26/03/2020 20:02:23 A13). *Boa noite professor, foi ótimo participar mais uma vez de uma de suas olimpíadas, mesmo estando todos distantes.*

(26/03/2020 20:05:38 A14). *Professor, mesmo diante dessa situação que estamos passando agora, a olimpíada foi ótima!! Que venham outras!!*

(26/03/2020 20:49:42 A15). *Olimpíadas de Economia Brasileira, foi muito top, obrigado professor por compartilhar seus conhecimentos e nos passar. Abraços.*

(26/03/2020 20:51:54 A16). *Boa noite professor, a Olimpíada de Economia Brasileira Online, foi muito organizada e completa.*

(26/03/2020 20:54:13 A16). *Nós alunos, e com a frase, ler, reler e ler de novo, fica mais fácil de aprender !!*

(26/03/2020 20:55:00 A17). *Boa noite professor muito bem organizada a olimpíada parabéns.*

(26/03/2020 20:55:17 A18). *Grande Olimpíada, muito organizada e completa, foi uma honra compartilhar nossos conhecimentos!*

(26/03/2020 21:04:13 A16). *Valeu pela Olimpíada professor Paulo Galvão, a melhor já feita, parabéns todos participantes!*

(26/03/2020 21:13:55 A19). *Ótima olimpíadas professor Galvão!*

(27/03/2020 08:20:57 A20). *bom dia! parabéns professor pela olimpíada muito organizada, os alunos precisa disso de professores dinâmico.*

(21/05/2020 09:56:12 A1). *Adorei a II Olimpíada de Economia a lembranças do Grande Economista Celso Furtado, adquirimos mais conhecimentos e sabedoria, gostei dessa olimpíada porque foi mais rápido que a primeira, muitos amigos do grupo amarelo se ajudando rapidamente. O Ouro do Século XXI É o Conhecimento.*

(21/05/2020 11:37:41 A3). *Muito boa a olimpíada Professor.*

(21/05/2020 22:21:27 A18). *Olimpíada muito boa, organizada e completa!!! Parabéns a Todos.*

Com certeza, a participação ativa e a resiliência dos líderes dos grupos Verde, Amarelo e Azul foram relevantes para o grande sucesso das Olimpíadas UNIESP de Economia Brasileira por *Whatsapp* no Centenário de Celso Furtado. Os líderes poderiam realizar uma única consulta pela senha da pergunta (11! Celso Furtado?) pelo *Whatsapp*. Meus sinceros parabéns aos líderes do Grupo Amarelo (Joel Maurício da Silva Santos e Jonas Queiroz do Nascimento), do Grupo Verde (Matheus Guilherme da Silva e Johnny Wesley Lins Ferreira) e do Grupo Azul (Giovane de Queiroz Andrade e André Cosme de Lima Júnior), os futuros administradores do Brasil no mercado globalizado e extremamente competitivo.

2.4 DA BIBLIOTECA PADRE JOAQUIM COLAÇO DOURADO PARA BIBLIOTECA VIRTUAL DO UNIESP

A Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado é a mais moderna biblioteca privada do estado da Paraíba e localizada nos 1º e 2º andares do Bloco Central, o bloco mais frequentado no UNIESP. Os estudantes universitários um dia ou dois dias antes das provas, a Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado permanece lotada.

Eu sou o professor universitário que mais frequentava a Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado, sempre em busca do ouro do século XXI. A Biblioteca Padre Dourado tem conceito máximo, conceito 5 (cinco) na avaliação do Ministério da Educação (MEC). O professor tem direito de sete títulos emprestados por 15 (quinze) dias corridos. Na sala multimídia, eu sempre utilizava um computador novo com acesso à *internet* gratuito e com *headphone*, assim realizava, diuturnamente,

várias pesquisas para escrever os meus artigos, e, conseqüentemente, os meus *eBooks* de economia.

Com a pandemia do COVID-19, a Biblioteca Padre Dourado está fechada. É o espaço acadêmico que mais sinto falta nos últimos 82 dias. Eu frequento uma biblioteca desde criança com a inauguração da Biblioteca Juarez da Gama Batista no Espaço Cultural José Lins do Rego em 1982. Mas, pelo portal da Biblioteca Virtual do UNIESP podemos ler, reler e ler de novo em pleno isolamento social. Sim, concordamos com o pensamento da estimada reitora da UNIESP, a professora Érika Marques (2020), “Nesse momento de pandemia, a leitura nos ajuda a manter nosso equilíbrio”.

Eu sou também um dos docentes com mais livros digitais na Biblioteca Virtual do UNIESP. No site oficial⁵ é possível ler oito publicações de minha autoria pela Editora UNIESP: (i) RBCAI; (ii) Novas reflexões socioeconômicas; (iii) Vamos fazer juntos a economia verde?; (iv) Por que o Brasil é muito desigual?; (v) O ouro do século XXI; (vi) Diversos enfoques econômicos; (vii) Novos enfoques econômicos; e (viii) Liberdade econômica e igualdade social.

Durante o período de isolamento social, pelo *Whatsapp*, enviei para todos os estimados alunos e as estimadas alunas os meus *e-Books* de economia, além de um livro digital de poesias intitulado *O Eclipse*, com lindo posfácio da estimada ex-aluna Ana Formiga de Gestão Financeira. Foi enorme a capacidade de transmissão do conteúdo de Economia e de Economia Brasileira pelos *e-Books* enviados no Dia Mundial do Livro em 23 de abril e no Dia Internacional da Língua Portuguesa em 05 de maio de 2020.

2.5 AS PESQUISAS ONLINE EM HOME OFFICE

Em plena Quarta Revolução Industrial, estou em casa trabalhando muito no meu escritório repleto de tecnologia. As terças e sextas-feiras eram direcionadas para orientação de sete discentes (duas alunas e cinco alunos) na sua elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou do seu Projeto de TCC pelo *Whatsapp* e pelo *Webex*.

⁵ Disponível em: <http://bibliotecavirtual.iesp.edu.br/> Acesso em: maio 2020.

Mesmo em *home office*, ainda encontrei tempo disponível para escrever os meus artigos de Economia para um futuro *e-Book* intitulado *A recessão das nações: Apenas olhe para o lado bom da economia*. Deu tempo para a minha primeira entrevista numa *live* pelo Instagram ao ex-aluno de Ciências Contábeis e ex-orientando Vamberto Ricardo, um dos sócios-proprietários da empresa Keep Contabilidade Estratégica, em 19 de maio de 2020, além de realizar uma pesquisa sobre a economia brasileira em pleno isolamento social, através da ferramenta *Google Forms*, com a formulação de um questionário *online* com 10 (dez) perguntas de múltipla escolha.

Aproveitando este artigo para divulgar e compartilhar os dois principais resultados, sem pizzas. Constatamos dos 26 (vinte e seis) entrevistados *online*, que a maioria era do sexo masculino, com 53,8% do total e em segundo lugar, do sexo feminino com 46,2%. A maioria dos entrevistados tem idade de 21 a 25 anos, com 34,6% do total e em segunda colocação, com 23,1% tem de 16 a 20 anos de idade. A maioria dos entrevistados tem ensino superior incompleto, com 57,7% e em segunda posição, com 23,1% do total tem especialização. Percebemos que a maioria dos entrevistados era solteiro com 73,1% do total e em segundo lugar, 26,9% eram casados.

Entre as dez questões, destacamos que na pergunta sobre a previsão de retração das atividades econômicas no Brasil no ano de 2020, 15,4% apontaram para uma queda de 3,5% e 11,5% do total apontaram uma redução de 2,5%. Em 03 de abril de 2020 o Banco Central do Brasil (BACEN) pelo Relatório FOCUS projetava uma retração econômica de 1,18% na economia brasileira no ano de 2020. Em 5 de junho de 2020, o Relatório FOCUS tem projeção de uma recessão econômica de 6,48% em 2020. Todos os discentes recebem pelo *Whatsapp* este Boletim nas segundas-feiras.

Na questão em seguida sobre como combater a pandemia do COVID-19 e ao mesmo tempo recuperar a economia brasileira, a maioria dos entrevistados sinalizou para menos tributos com 57,7% do total e em segundo lugar as menores taxas de juros, com 26,9%.

Na pergunta posterior sobre a taxa de desemprego no Brasil em dezembro de 2020, com 42,3% do total, a maioria apontou para 17,2% da População

Economicamente Ativa (PEA), enquanto, na segunda posição, verifica-se a taxa de 15,2% da PEA, com 26,9%.

Já na questão sobre a duração em meses da recessão econômica no Brasil, a maioria dos entrevistados prevê de 35 meses, com 23,1% do total, e empatado com 10 meses, com 23,1%.

Na pergunta seguinte sobre o maior medo do entrevistado até o final do ano de 2020, ficar doente pelo COVID-19 em primeiro lugar com 42,3% do total e com 23,1% foi ficar desempregado. Esta liderança reflete o medo em tempos de pandemia do novo Coronavírus. Segundo o Prêmio Nobel de Medicina de 1958, o médico americano Joshua Lederberg (2016), “A única e maior ameaça ao domínio do homem sobre o planeta é o vírus”. O Doutor PhD. Joshua Lederberg (1925-2008) descobriu que as bactérias podem acasalar e trocar genes que tornam resistentes aos antibióticos. A gripe espanhola surgiu no mundo em 1918, com mais de 40 milhões de mortos no final de 1920. E quase cem anos depois, assola o COVID-19 em 2019, na China, com até agora 400.225 mortos no planeta (Universidade de Johns Hopkins, 2020). Em que abismo sanitário caímos desta vez?

Finalmente, na última e décima questão da pesquisa *online*, então, foi perguntado e já pensando em 2021, qual era a previsão do entrevistado para a economia brasileira. As maiorias dos entrevistados informaram que irá piorar, com 50% do total e em segundo lugar, não sabe responder, com 23,1%.

Estamos num estado de emergência em saúde pública no Brasil desde 04 de fevereiro de 2020 e sabemos que nas adversidades econômicas não vence o mais forte, mas os que se adaptam melhor ao novo ciclo econômico da economia brasileira.

2.6 OS CICLOS ECONÔMICOS NAS WEBCONFERÊNCIAS

O Brasil à beira de uma recessão econômica e os principais impactos negativos do COVID-19 na economia brasileira são, por exemplos, os choques de oferta como a falência de fábricas, lojas, restaurantes, bares, hotéis, pousadas, barbearias e salões de beleza, como também, os choques de demanda como a forte redução dos gastos das famílias brasileiras.

Nas aulas remotas utilizei muito o tema dos ciclos econômicos, inicialmente pelo *Zoom*, em seguida pelo *Jitsi*, e, sobretudo, pelo aplicativo *Webex*. As quatro fases cíclicas são a prosperidade, a recuperação, a recessão e a depressão. A prosperidade econômica é a melhor fase cíclica, é o pico do ciclo econômico e a economia alcança o seu ponto máximo na produção de bens e na prestação de serviços. A recuperação econômica é a retomada do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) após uma fase cíclica de recessão econômica ou de depressão econômica. A recessão econômica é a fase cíclica de forte diminuição das atividades econômicas e de forte elevação do desemprego e tecnicamente inicia quando o PIB retrai por dois trimestres consecutivos. Já a depressão econômica é a pior fase cíclica, é o fundo do poço de uma economia, pois indica que a economia de mercado apresenta um nível muito alto de desemprego e baixíssimos níveis de produção, de consumo e de investimentos, além de severa redução dos salários.

Na Teoria Macroeconômica, são consideradas duas fases de expansão (prosperidade e recuperação) e duas fases de retração (recessão e depressão). A expansão é mais conhecida internacionalmente como *boom* e a retração como *bust*.

Uma pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) foi realizada com 10.384 empresários brasileiros, microempreendedores individuais (MEI), proprietários de microempresas e de pequenas empresas em 26 estados e no DF. Para 48% do total, acreditam que a economia brasileira irá se recuperar no prazo de um a seis meses. Já 37% acreditam que a economia brasileira deve recuperar no período de 07 a 12 meses. Os 15% restantes apontam que a recuperação irá demorar mais de um ano (Revista PEGN, 2020).

Para o SEBRAE, no Brasil, os pequenos negócios são mais 99% de todas as empresas do País e respondem por quase 30% do PIB brasileiro (REVISTA PEGN, 2020). Logo, as microempresas e as pequenas empresas são os dois pulmões da economia brasileira. Com a crescente falência de micro e pequenas empresas nos dias atuais, a economia brasileira está sem fôlego, sem ar para se recuperar o mais rápido possível.

As micros, pequenas e médias empresas geram muito trabalho formal nas cinco regiões do País. Infelizmente, com o novo Coronavírus, elas foram obrigadas a medidas como a suspensão de contrato de trabalho (29%), a implementação de

férias coletivas (23%), a redução da jornada de trabalho com redução de salários (18%) e a redução do salário com complemento do seguro-desemprego (8%), além de 12% dos pequenos negócios tiveram de demitir funcionários de carteira assinada (REVISTA PEGN, 2020).

É preocupante o colossal aumento do desemprego no Brasil. Segundo os dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego já alcançou 12,2% da PEA, ou seja, 12,9 milhões de desempregados no primeiro trimestre de 2020 no País. O elevado desemprego aumentará a desigualdade social no sétimo país mais desigual do mundo. Em um país já muito desigual, o COVID-19 provocará o crescimento dos pedidos de seguro-desemprego nos 5.570 municípios brasileiros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os meus relatos de experiência em pleno distanciamento social foram muito enriquecedores e os resultados observados são relevantes para o Centro Universitário UNIESP. O COVID-19 mudou completamente a relação entre professores e alunos na rubro-negra Paraíba. O SARS-CoV-2 mudou radicalmente as rotinas, as atividades, os diálogos e os espaços entre docentes e discentes na rubro-negra UNIESP.

Jamais esqueceremos desse período de atividade *online* no UNIESP. Jamais esqueceremos das aulas remotas no *Webex*, das Olimpíadas por *Whatsapp*, da Rádio Quarentena FM nos cinco grupos de *Whatsapp* ou das reuniões dos professores com os coordenadores Thyago Henriques e Suelem Pinto pelo *Google Meet*.

Nunca uma frase foi tão verdadeira no início da pandemia em 17 de março de 2020 para os alunos e as alunas do UNIESP: Ler, reler e ler de novo. Esta frase continua muito verdadeira em 8 de junho de 2020, com o Brasil em segundo lugar no mundo no número de casos de COVID-19, com 691.758 pessoas infectadas, atrás apenas dos Estados Unidos com 1.951.722 pessoas contaminadas pelo novo Coronavírus (UNIVERSIDADE DE JOHNS HOPKINS, 2020).

Estamos em casa. Fiquem em casa, lendo. O isolamento social na Grande João Pessoa e as aulas remotas no UNIESP evitaram milhares de mortes na

Paraíba pelo novo Coronavírus. Por favor, se cuidem, lavem as mãos com sabonete ou sabão líquido. Por favor, se protejam com máscaras descartáveis e álcool em gel 70%. Juntos somos mais fortes! Vamos vencer juntos o mortal COVID-19! Vamos juntos superar a recessão de 2020! É fundamental ler mais, estudar mais, pesquisar mais e trabalhar mais para uma recuperação econômica forte do Brasil no pós COVID-19 em 2021.

REFERÊNCIAS

BACEN. **Relatório de Mercado FOCUS**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20200605.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

CANALTECH. **Brasil é o segundo país do mundo a passar mais tempo na internet**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/brasil-e-o-segundo-pais-do-mundo-a-passar-mais-tempo-na-internet-131925/>. Acesso em: 22 maio 2020.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 29. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1999.

HOPKINS, University of Johns. **COVID-19**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 8 jun. 2020.

IBGE. **Desemprego sobe para 12,2% e atinge 12,9 milhões de pessoas no 1º trimestre**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27535-desemprego-sobe-para-12-2-e-atinge-12-9-milhoes-de-pessoas-no-1-trimestre>. Acesso em: 26 maio 2020.

LEDERBERG, Joshua. **Filme Epidemia ano 1995**. Disponível em: <https://prezi.com/denl3qwpeip4/filme-epidemia-ano-1995/>. Acesso em: 25 maio 2020.

KEYNES, John Maynard. **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARQUES, Érika. **LinkedIn**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:6675343163672145920/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

PROFESSOR ONLINE. **Webchat**: Converse com o pessoal da sua turma ou um aluno!!!. Disponível em: https://sistemas.iesp.edu.br/PROFESSOR_ONLINE/Chat. Acesso em 8 jun. 2020.

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS E GRANDES NEGÓCIOS (PEGN). **Donos de pequenos negócios pedem redução das taxas de juros, impostos e tarifas**. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2020/05/donos-de-pequenos-negocios-pedem-reducao-das-taxas-de-juros-impostos-e-tarifas.html>. Acesso em: 23 maio 2020.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas. Volume I. Introdução de Edwin Cannan. Apresentação de Winston Fritsh. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

UOL. **Franceses leem 21 livros, por ano, cinco vezes mais que brasileiros**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/03/13/franceses->

leem-21-livros-por-ano-cinco-vezes-mais-que-brasileiros.htm. Acesso em: 04 jun. 2020.

WEBEX. Conferência de vídeo descomplicada que simplesmente funciona. Disponível em: <https://www.webex.com/pt/index.html>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ZOOM. Como baixar e usar o Zoom no notebook e PC para fazer videoconferências. Disponível em: <https://www.zoom.com.br/notebook/deumzoom/como-usar-o-zoom-no-notebook-e-computador-pc-para-fazer-videoconferencia>. Acesso em: 22 maio 2020.

PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM EM TEMPO DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

CAVALCANTE, Paulo Roberto Nóbrega Cavalcante¹

1 INTRODUÇÃO

O papel do fator educação, no contexto do desenvolvimento social e econômico de qualquer nação, tem sido, normalmente, entendido como relevante, isto quase de forma irrestrita, ou seja, um consenso no meio dos estudiosos do assunto, independentemente de aspectos relativos às nações, tais como: posição geográfica, número de habitantes, regime político prevalecente etc.

Para que se compreenda amplamente a importância do fator educação no contexto de uma nação, convém dirigir o olhar para os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, expressos no artigo 3º da Constituição Brasileira:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Parece ser impossível que tais objetivos constitucionais sejam alcançados em ambiente afastado de uma educação adequada, a qual tenha como vetor de orientação exatamente os propósitos encontrados na essência de tais objetivos.

Seguindo a linha de raciocínio, se a educação se constitui em fator relevante para o desenvolvimento social e econômico dos países, é preciso notar que em torno dela existe uma quantidade grande de questões as quais, caso não sejam bem conduzidas e solucionadas, servirão como obstáculo ou restrição para que a

¹ Doutor em Ciências Contábeis (USP, 2004). Professor em Ciências Contábeis no Centro Universitário UNIESP.

educação cumpra o papel dela esperado, cabendo, entre aquelas questões, destaque para o processo de ensino e aprendizagem.

Para uma compreensão adequada da questão, convém que o primeiro passo seja externar o que se entende pelo substantivo “educação”. Entre as definições encontradas no Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (Michaelis online) constam:

1. Ato ou processo de educar(se).
2. Processo que visa ao desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, através da aplicação de métodos próprios, com o intuito de assegurar-lhe a integração social e a formação da cidadania.
3. Conjunto de métodos próprios a fim de assegurar a instrução e a formação do indivíduo; ensino.
4. Conhecimento, aptidão e desenvolvimento em consequência desse processo; formação, preparo.

As definições conduzem ao entendimento que o cerne da educação, a sua essência, é o conhecimento, o qual é materializado via algum tipo de relação entre o sujeito aprendente e outros sujeitos, pela via do compartilhamento, ou entre o sujeito aprendente e a natureza, pela via do desenvolvimento do autoconhecimento.

Qualquer que seja a via, compartilhamento ou autoconhecimento, é certo que o fenômeno da aquisição do conhecimento e, portanto, da educação, advém de um processo de absorção daquilo o que é ensinado e/ou percebido na natureza, sendo que a educação dita “formal” está alicerçada na via do compartilhamento.

A educação denominada de “formal²” diz respeito a uma formação organizada, coerente, ou seja, regrada, através da qual o aluno precisa passar por certos trâmites para obter o título final. Nesse tipo de educação, ganha relevância o processo ensino – aprendizado.

O processo ensino – aprendizagem se constitui em um fenômeno a respeito do qual muitos pesquisadores lançam o olhar, o escolhendo como objeto de pesquisas, as quais explicam o processo de variadas maneiras, por distintas óticas, ainda que o resultado final esperado seja o de contribuir para a eficácia do ensino e, portanto, da educação.

Cabe notar que a preocupação, em geral, com a educação e, no particular, com o processo ensino – aprendizagem, tem justificativa na necessidade de

² Sobre Educação Formal, consultar Editorial Que Conceito. São Paulo. Disponível em: <https://queconceito.com.br/educação-formal> Acesso em: 15 Mai. 2020.

desenvolvimento do conhecimento e os seus reflexos em todos os quadrantes da vida humana.

Convém perceber que a educação não ocorre desligada no ambiente no qual é praticada. De outra forma, e amparado nas observações de KUBO e BATOMÉ (2001), a respeito dos trabalhos de Paulo Freire, convém observar a necessidade de se estabelecer uma relação entre conhecimento e a relação da pessoa com a sua realidade de inserção, sua vida concreta, fora dos limites temporais e geográficos das condições de ensino.

Um pressuposto que pode e deve ser considerado nessa discussão é que a eficácia do processo de ensino e, por consequência, da aprendizagem, resulta da metodologia aplicada, ou seja, do caminho seguido para realizar o processo. Traduzindo: a metodologia (o caminho) do ensino influenciará a eficácia do processo (o nível da aprendizagem).

A experiência vivida em quase todos os países do mundo neste ano, isto como consequência da pandemia do vírus especificado como Covid-19, pandemia tal que obrigou, entre outros reflexos, a um isolamento social, ou seja, a um afastamento das pessoas, findou por trazer para o ambiente das instituições de ensino uma situação sem precedentes, a qual tem a ver, naturalmente, com o processo ensino – aprendizagem.

Ocorre que, em virtude do isolamento social, docentes e estudantes ficaram proibidos de frequentar presencialmente o ambiente de aprendizagem, restando duas alternativas: (i) parar todo o processo, interrompendo o ensino e aguardando a situação voltar à normalidade, sem que existisse uma perspectiva a respeito de quando isto ocorreria; (ii) passar a realizar o processo por vias alternativas, sem deixar de realizar aquilo que estava programado, cuidando-se da sua qualidade.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida em um curso de Ciências Contábeis, oferecido por uma instituição privada de ensino superior, a qual, mesmo diante o imenso desafio imposto pela pandemia do Covid-19, decidiu por não interromper o processo de ensino, isto ao amparo da orientação de não diminuir a qualidade do aprendizado.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho pode ser classificado como relato de experiência vivida, de cunho essencialmente qualitativo, sem a pretensão da construção de novas teorias, mas sim, amparado pela justificativa de propiciar

conhecimento novo que sirva para outros processos de ensino – aprendizagem em situações similares.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTO DO ENSINO

O curso de Ciências Contábeis faz parte da área das Ciências Sociais Aplicadas e é visto, notadamente por aqueles que nunca tiveram qualquer aproximação com ele, mesmo de integrantes de outras áreas acadêmicas, como um curso de conteúdo exclusivamente prático e ligado às Ciências Exatas, o que não condiz com o verdadeiro conteúdo das disciplinas ministradas e com aquilo o que o estudante frequentador do curso precisa aprender.

No Quadro 1 estão listadas as disciplinas sob responsabilidade do docente avaliador autor deste trabalho.

Disciplina	Reduzido	Turno	Período	Alunos
Planejamento e Contabilidade Tributária	Tributária	Diurno	P5	14
Prática Contábil II	Prática II	Norturno	P6	26
Prática Contábil III	Prática III	Norturno	P7	29
Teoria Geral da Contabilidade	Teoria	Norturno	P5	25

Quadro 1 - Disciplinas ministradas.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O ensino das quatro disciplinas, para levar para o aluno o que está especificado nas respectivas ementas, obriga a opção por conteúdo tanto teórico, quanto prático, sendo que a disciplina Teoria Geral da Contabilidade é a que apresenta o maior conteúdo teórico e as disciplinas Prática Contábil II e Prática Contábil III apresentam o maior conteúdo prático.

É importante perceber que o conteúdo que deve ser ministrado em cada disciplina requer habilidades distintas da parte dos alunos, isto porque o conteúdo mais teórico exige do aluno mais reflexões e desafios maiores na abordagem e compreensão da realidade, enquanto o conteúdo mais prático exige do aluno um

conhecimento prévio a respeito daquilo o que será praticado, bem como a solução de exercícios.

Para que o aprendizado alcance o nível desejado, o professor precisa escolher uma metodologia que melhor se adeque às necessidades dos alunos. Nesse sentido, a metodologia aplicada no início do semestre letivo estava baseada em aulas expositivas, sendo os tópicos da abordagem apresentados em *slides*, textos e solução de exercícios, sendo que todo o material usado pelos alunos foi previamente colocado à disposição deles no sistema disponibilizado pela instituição.

A exposição de cada ponto do conteúdo iniciando inalteradamente, independente da essência do conteúdo, com o conceito daquilo o que estava sendo discutido, e apresentando exemplos para que aos alunos visualizassem o que se discutia na realidade por ele vivida. Um resumo dos recursos utilizados nas disciplinas é apresentado no Quadro 2:

Recurso	Tributária	Prática II	Prática III	Teoria
Apresentação de slides	X	X	X	X
Uso de quadro branco	X	X	X	X
Leitura e discussão de textos	X	-	-	X
Análise de casos reais	X	X	X	X
Uso de sistemas informatizados	-	X	X	-
Solução de exercícios	X	X	X	X

Quadro 2 - Recursos didáticos usados em sala de aula.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Entende-se que o compromisso de aprendizado do aluno pode ser mensurado com base na frequência dele nas aulas. Nesse sentido, a frequência média dos alunos, durante o período no qual as aulas ocorreram de forma presencial é apresentada no Quadro 3.

Disciplina	%
Planejamento e Contabilidade Tributária	80,0%
Prática Contábil II	76,0%
Prática Contábil III	74,7%
Teoria Geral da Contabilidade	76,0%

Quadro 3 - Frequência em aula presencial.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Chama-se a atenção para o fato de a frequência nas disciplinas, nas aulas presenciais, ser próxima em termos percentuais, independente da disciplina ter um conteúdo mais teórico ou mais prático. O intervalo foi de 5,3 pontos percentuais, ficando o limite superior de frequência com a disciplina Planejamento e Contabilidade Tributária, com 80,0%, enquanto o limite inferior de frequência coube à disciplina Prática Contábil III, com 74,7%.

O semestre letivo foi alterado da forma presencial para a forma virtual a partir do dia 16/03/2020, faltando duas semanas para a realização dos exames de avaliação do aprendizado na Unidade I. A despeito dessa mudança, inicialmente vista como “radical”, os exercícios de avaliação, como apresentado na Quadro 4, apresentaram uma frequência de alunos, em termos percentuais, superior à frequência das aulas, exceto na disciplina Planejamento e Contabilidade Tributária.

Disciplina	%
Planejamento e Contabilidade Tributária	78,6%
Prática Contábil II	96,2%
Prática Contábil III	100,0%
Teoria Geral da Contabilidade	88,0%

Quadro 17 – Participação na Avaliação Unidade I.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Até o final do mês de Maio/2020, a instituição, amparada no compromisso com os alunos e cumprindo orientação das autoridades legais, especialmente o Ministério da Educação, no que diz respeito à ideia de isolamento social, manteve todas as atividades de ensino, sendo as atividades desenvolvidas de forma virtual a partir do dia 16/03/2020.

A mudança da aula presencial para a aula virtual, a princípio, colocou para gestores e docentes da instituição uma série de dúvidas, as quais indagavam, objetivamente, sobre como seria mantida a relação ensino – aprendizagem.

O tópico seguinte relata a experiência de ministrar aulas de forma virtual, tendo como pano de fundo a ideia de manter a qualidade do ensino e destacando-se, desde logo, que tal experiência, pelo ineditismo e pelo curto tempo durante o qual está sendo vivida, ainda é demasiadamente jovem para ter os seus efeitos adequadamente visualizados.

2.2 MINISTRANDO AULA DE FORMA VIRTUAL – A EXPERIÊNCIA

No momento no qual a decisão de suspender as aulas presenciais foi tomada pela instituição, foi colocado, de forma inequívoca, que a suspensão das aulas presenciais não implicava na paralização da atividade de ensino, o que resultou que os docentes deveriam encontrar uma alternativa para ministrar as suas aulas, mantendo, no maior nível possível, a qualidade do ensino.

A primeira opção que utilizei foi gravar as aulas para os alunos e disponibilizá-las via *internet*. Tenho um *site* registrado em meu nome³, no qual posso disponibilizar material para quem quiser acessar. As aulas gravadas foram armazenadas no *Google drive* e o *link* de acesso foi disponibilizado no meu *site*.

Gravei os vídeos das aulas de todas as disciplinas e os disponibilizei no meu *site*. Para que os alunos fossem informados a respeito, postei no *chat* do sistema da instituição as instruções de como os vídeos poderiam ser acessados. Ainda que a alternativa resultasse na disponibilidade de aula para o aluno, refleti sobre dois problemas: (i) ausência de interação entre o professor e os alunos; (ii) ausência de algum tipo de controle dos acessos, ou seja, não seria possível saber se os alunos estavam “aprendendo” o que estava registrado no vídeo.

Vale lembrar aqui do conteúdo das disciplinas. O aprendizado de conceitos e teorias ou mesmo da aplicação prática de um dado conhecimento parece funcionar melhor se o aprendente pode interagir diretamente com o instrutor. Tal ideia, associada com a insegurança relativa ao acesso dos alunos e, mais importante, ao aprendizado, fez com que a alternativa fosse abandonada.

A alternativa seguinte foi a realização de aulas por videoconferência. Para esse fim, existem disponíveis na rede mundial de computadores diversos aplicativos que permitem a realização de encontros, reuniões etc. por videoconferência. A partir da análise de vários deles, fiz a opção pelo *Zoom*, efetuando uma assinatura do aplicativo (15 dólares americanos por mês) e passei a ministrar as aulas por essa via.

É certo que existem aplicativos que permitem o acesso sem custo, todavia isto ocorre com algumas restrições, sendo a mais significativa delas o número de pessoas que podem acessar uma mesma reunião, sendo que o número máximo,

³ Disponível em: prncavalcante.com Acesso em: maio 2020.

para aplicativos de uso livre, são 10 pessoas. Tendo em vista que entre as disciplinas sob a minha responsabilidade há disciplina com o número de 29 alunos matriculados, não era possível usar a alternativa com um aplicativo de uso livre, daí a necessidade da assinatura, o que permitiu a realização das minhas aulas com a possibilidade da presença de todos os alunos de cada disciplina.

Para realizar as aulas, faço o agendamento individual de cada aula no aplicativo, normalmente com 24 horas de antecedência. Agendada a aula, coloco os dados para acesso, quais sejam: (a) o link, (b) o ID da reunião e (c) a senha no *chat* do sistema da instituição e, ao mesmo tempo, envio para o representante da turma, normalmente via *e-mail*, e envio mensagem para o grupo da turma no *Whatsapp*, tudo contendo as mesmas informações.

As aulas são agendadas para o dia e hora regularmente previstos e, nessa linha, são iniciadas respeitando tais parâmetros. O aluno tem a flexibilidade de acessar a aula tanto via computador, o que é mais adequado, quanto via *Smart Phone* (celular), o que é menos recomendável. No horário previsto, o aluno acessa o *link* e pede autorização para entrar na reunião (sala de aula).

Alunos que necessitam usar o sistema auxiliar durante a aula, normalmente acessam a aula pelo celular e, ao mesmo tempo, usam o computador para acessar o sistema e realizar as operações discutidas durante a aula.

O tempo de agendamento de cada aula virtual é o mesmo da duração de uma aula presencial, cabendo destacar que na aula virtual não é feito o intervalo que, normalmente, existe na aula presencial. Algumas vezes há comentários de alunos a respeito da ausência do intervalo.

A dinâmica de uma aula presencial é, quase sempre, mais ativa que a dinâmica de uma aula virtual. Assim, a despeito do tempo agendado para a aula virtual ser, como já comentado, o mesmo de uma aula presencial, a aula virtual, na maior parte das vezes, termina antes do tempo previsto no agendamento.

Nesse mister, é importante perceber que quando da realização de aulas práticas, os alunos se sentem melhor e, algumas vezes, a aula virtual tem um período de duração maior que o previsto. Já no que diz respeito às aulas essencialmente teóricas, os alunos se sentem cansados e desejam o encerramento da aula virtual mais cedo.

O comportamento dos alunos na sala de aula virtual, no que se refere aqueles que frequentam a aula virtual, tem sido similar ao comportamento mantido na sala de aula presencial. Características como, por exemplo, interação com o professor, colocação de questões, nunca falar, brincar com os amigos, chegar atrasado à aula etc., são encontradas nos mesmos alunos, quer na aula presencial, quer na aula virtual.

A partir do momento que o aluno entra na sala de aula virtual, a presença fica registrada e pode ser acompanhada. O acompanhamento é melhor, naturalmente, se o aluno disponibilizar a câmera, já que ficará sendo visto por todos os presentes na sala, inclusive pelo professor. Se o aluno faz conexão apenas de áudio, é possível perceber que o seu equipamento está conectado com a sala, mas não é possível afirmar que o aluno esteja assistindo a aula.

Já recebi relato de alunos afirmando que há colegas que entram na sala, deixam o equipamento (celular ou computador) conectado apenas no áudio e não assistem a aula, mas sim, se dedicam a fazer outra atividade. Pode-se deduzir, portanto, que deixar o áudio conectado é uma espécie de artifício para, aparentemente, estar na aula, sem efetivamente estar.

É certo que tal atitude não faz o menor sentido, seja do ponto de vista do aprendizado, uma vez que o autor engana a si próprio e não ao professor, seja da perspectiva do controle de frequência, haja vista que tal controle foi flexibilizado pela instituição para o período de aulas virtuais.

Apesar do relato desses de casos, nas disciplinas sob minha responsabilidade não exijo que o aluno mantenha a câmera ligada e controlo a presença dos alunos apenas com base no pedido de acesso à sala. Durante a aula um controle que é necessário é da disponibilização do áudio. Sempre solicito que o aluno que não esteja falando, desligue o seu áudio para evitar que a aula fique barulhenta.

Lógico que o esforço de ministrar aulas por essa alternativa só produzirá o resultado esperado se o aluno estiver presente às aulas. Nesse sentido, conforme é apresentado no Quadro 5, o percentual de frequência nas aulas virtuais ficou bem baixo em comparação com o percentual de frequência das aulas presenciais.

Disciplina	%
Planejamento e Contabilidade Tributária	48,6%
Prática Contábil II	53,1%
Prática Contábil III	37,9%
Teoria Geral da Contabilidade	39,3%

Quadro 5 – Frequência em aula virtual.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Mensurada em termos de pontos percentuais, como evidenciado no Quadro 6, a disciplina que apresentou a maior redução de frequência nas aulas virtuais, em comparação com a frequência das aulas presenciais, foi a disciplina Teoria Geral da Contabilidade, com uma queda de 48,7 pontos percentuais. Enquanto a disciplina que teve a frequência das aulas virtuais mais próxima da frequência das aulas presenciais foi a disciplina Prática Contábil II, com uma redução de 22,9 pontos percentuais.

Disciplina	p.p
Planejamento e Contabilidade Tributária	31,4
Prática Contábil II	22,9
Prática Contábil III	36,8
Teoria Geral da Contabilidade	48,7

Quadro 6 – Redução da frequência em aula virtual.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A redução na frequência das aulas se constitui em um fenômeno esperado, seja pela apreensão dos alunos em relação ao novo, seja por questões de compreensão dos alunos sobre como deve ser executado o contrato que mantém com a instituição de ensino, seja pelo fato de a dinâmica da aula presencial ser mais convidativa que a dinâmica da aula virtual ou em virtude de outras razões, as quais ainda merecem ser explicadas por parte dos estudiosos do assunto, entre eles, pedagogos e psicólogos.

No tocante aos recursos utilizados nas aulas virtuais, todos aqueles recursos usados nas aulas presenciais (veja Quadro 2) foram mantidos, cabendo destacar que as disciplinas de Prática Contábil II e Prática Contábil III, que fazem uso de um sistema auxiliar de gestão, trocaram a versão *desktop* do sistema pela versão *web*, com um ganho de utilidade.

No particular da troca das versões do sistema, tendo em vista que diversas disciplinas utilizam o mesmo sistema, os professores responsáveis por aquelas disciplinas receberam, de forma virtual, treinamento em todos os módulos do sistema, permitindo, assim, que as aulas fossem ministradas com segurança e que o conhecimento relativo ao uso do sistema fosse transmitido para os alunos de modo adequado.

No efetivo de realização da aula, a tela do computador do professor é compartilhada e, dessa forma, os alunos enxergam tudo o que o professor apresenta na tela do seu computador. Assim, no que diz respeito aos *slides*, recurso principal de orientação das aulas presenciais, nada foi mudado. Nas aulas virtuais os *slides* continuaram a ter a mesma função que tinha nas aulas presenciais. Os *slides* são colocados no modo de apresentação do *Power Point*, e o professor ministra a aula seguindo a orientação ali presente. Isto facilita a compreensão dos alunos, sobre aquilo o que está sendo explicado.

No que diz respeito ao uso do recurso “quadro branco”, este foi substituído nas aulas virtuais pelo uso da planilha eletrônica *Excel*, para apresentar exemplos e cálculos, os quais seriam realizados no quadro branco na sala de aula presencial. O editor de textos *Word*, da mesma forma, foi utilizado para apresentar documentos ou textos a respeito do qual se precisar discutir durante a aula. Ressalvando-se, sempre, que todo o material utilizado em sala de aula o aluno recebe no sistema da instituição.

Durante a realização das aulas virtuais, do mesmo modo que nas aulas presenciais, os alunos são chamados a comentar aspectos daquilo o que está sendo discutido, responder questões, emitir opiniões etc., tudo no sentido de manter a dinâmica da aula virtual parecida com a dinâmica da aula presencial. Eventualmente faço um comentário engraçado, de forma que o clima da aula fique descontraído.

Em várias aulas virtuais, comento com os alunos que a situação vivida é transitória e que o tempo não para o que requer que cuidemos para que quando a situação atual findar, tenhamos perdido o mínimo possível daquilo o que deveria ter sido realizado durante o período da transitoriedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de ministrar aulas de forma virtual, experiência esta vivida por imposição da pandemia do Covid-19, afetou de modo acentuado a atividade de ensino, naturalmente com reflexos na relação ensino – aprendizagem, reflexos tais que ainda é muito cedo para serem avaliados de forma segura.

Nada obstante, é possível perceber, mesmo que de forma empírica e não amparada em teorias, aspectos positivos e aspectos negativos, como era de se esperar diante do ineditismo e do alcance da situação, merecendo destaque, isto na opinião e em relação às disciplinas sob a responsabilidade do autor deste trabalho:

1. A relação ensino – aprendizado foi afetada, o que é possível afirmar independente da realização de pesquisa ou outro tipo qualquer de investigação. Tal consideração tem na sua base a ideia que o impacto de aulas presenciais, no tocante à absorção do conhecimento, é distinto do impacto de aulas virtuais, sendo possível que tal impacto seja distinto entre disciplinas, se de conteúdo mais teórico ou de conteúdo mais prático.
2. A relação ensino – aprendizagem é, naturalmente, uma relação de dupla mão, o que implica que, do mesmo modo que o professor tem influência no alcance dos objetivos, o aluno também tem. Nesse sentido, a redução da frequência nas aulas virtuais pode sinalizar um baixo nível de compromisso da parte dos alunos, o que pode afetar a relação e, até mesmo, a visão que se tem a respeito da instituição, fenômeno este que merece apreciação por parte de gestores de instituições de ensino, haja vista que se o fenômeno efetivamente existe, ele deve influenciar, também, a aprendizagem em aulas presenciais.
3. É possível que a falta de experiência do professor, em relação ao exercício de ministrar aulas virtuais, possa ter afetado o ânimo dos alunos para decidir sobre se assistiam ou não as aulas. Contudo, na experiência aqui relatada, os alunos que continuaram a frequentar as aulas virtuais foram sempre os mesmos, o que pode sugerir que a despeito de qualquer deficiência no ministrar das aulas, eles aceitaram bem as aulas como instrumento de aprendizado.

4. Relativamente aos recursos utilizados em sala de aula, para as disciplinas ministradas pelo autor deste trabalho, os mesmos recursos foram utilizados nas aulas presenciais e nas aulas virtuais, o que implica em afirmar que nesse sentido as aulas virtuais não afetaram a relação ensino – aprendizagem. Cabe destacar que para as disciplinas de Prática Contábil II e Prática Contábil III, os recursos utilizados nas aulas virtuais até foram melhores, no que se refere aos sistemas auxiliares, que os recursos utilizados nas aulas presenciais.
5. Apesar das dificuldades, a obrigatoriedade de ministrar aulas virtuais findou por propiciar a capacitação de professores no uso e manuseio de ferramentas como, por exemplo, os aplicativos pelos quais é possível realizar videoconferências, recurso este que poder ser utilizado mesmo fora de situações como a que levou, agora, a sua utilização e sempre em benefício do ensino.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fayson Rodrigo Merege; CANALLI, Micaella Paola. Qual a importância da relação professor – aluno no processo de ensino – aprendizagem? Disponível em: EFDepores.com. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16, n. 160, *Septiembre* de 2011. Acesso em: 18/Maio/2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Editorial Que Conceito. São Paulo, Disponível em: <http://queconceito.com.br/educação-formal>. Acesso em: 15 Mai. 2020.

KUBO, Olga Mitsue; BATOMÉ, Sílvia Paulo. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Revista Interação em Psicologia**, UFPR, v. 5, n. 2, 2001.

LOPESE, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8. Acessado em: 18 Ago. 2018.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. **Metodologias do Ensino Superior**. Disponível em www.repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/984/5/Metodologia. Acessado em: 15 Ago. 2018.

DESCORTINANDO AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E GESTÃO FINANCEIRA DO UNIESP EM TEMPOS DE CORONA VÍRUS

FERNANDES, Tatiana Falcão de Souza¹
SOARES, Teófilo Augusto da Silva²

1 INTRODUÇÃO

Quando tudo se encaminhava no semestre 2020.1, o cenário se modificou, o Brasil e o mundo, se viu diante de uma luta contra um inimigo invisível, um vírus que não tinham vacinas e nem remédios para destruí-lo, um desconhecido e temido por todas as nações de países mais ou menos desenvolvidos. Para conter sua propagação, proteger e salvar vidas, surgiu a necessidade do isolamento social, o que segundo o relatório do banco mundial, trouxe como consequência, a seguinte situação: “[...] cerca de 1,5 bilhão de estudantes ficaram sem aulas presenciais em 160 países”. Pelo mesmo motivo, nossa instituição também aderiu ao isolamento, citado por Mendonça Filho, Ex-ministro da Educação.

O principal impacto, do isolamento social, dentre outros fatores, foi a mudança na rotina das pessoas, que passou a ser desenvolvida no ambiente doméstico, quer seja de trabalho ou de estudo, somado ao convívio familiar. O que nos condicionou a agirmos com resiliência e buscarmos novas possibilidades para o desenvolvimento do processo de ensino- aprendizagem, tivemos que realmente “pensar fora da caixa” e em um novo ambiente e formato, garantir que o nosso papel de ensinar continuasse a ser produzido com a mesma qualidade que fazíamos de forma presencial.

Inúmeros foram os desafios, identificar as tecnologias disponíveis no mercado, estudar a funcionalidade de algumas ferramentas tecnológicas que pudessem atender de forma adequada ao novo formato de ensino. Passamos horas à frente do computador, numa busca constante e incansável, inúmeros foram os desafios iniciais, mas a garra, força de vontade e a busca constante para sermos protagonistas nessa história, nos motivou a irmos além daquilo que estávamos acostumados a fazer. Fazemos parte de uma equipe de professores dos cursos de

¹ Graduada em Ciências Contábeis. Mestre em Ciência da Informação. Mestranda em Ciências Contábeis. Docente dos cursos de Ciências Contábeis e Gestão Financeira do UNIESP.

² Graduado em Ciências Contábeis. Pós-Graduado em Controladoria e Finanças. Mestrando em Ciências Contábeis. Docente dos cursos de Ciências Contábeis e Gestão Financeira do UNIESP.

Ciências Contábeis e Gestão Financeira do UNIESP, coordenada pelo prof. Thyago Henriques, que conseguiu “reger a orquestra” e assim, conduziu todo o processo, fornecendo a confiança necessária para que juntos de mãos dadas, criássemos a possibilidade de nos reinventar nesse “novo mundo”. Com o suporte das ferramentas tecnológicas, continuamos fornecendo o ensino de qualidade e com qualidade para os nossos alunos, com foco, não apenas na transmissão de conteúdo, mas também em entendê-los diante da situação atual e distinta para todos.

A união do corpo docente nesse momento, foi essencial, e se fez de forma constante, por meio de cada experiência que eram compartilhadas em nosso grupo. Nesse cenário, aprendemos juntos, criamos e adaptamos algumas experiências as nossas disciplinas, melhoramos a cada dia, recebemos o feedback constantes dos nossos alunos. Essa prática, nos fortalecia e mesmo estando distante, em relação aos espaços geográficos, a sensação de que estávamos cada vez mais próximos, nos trazia a força necessária para prosseguirmos nessa caminhada, com a certeza de que estávamos trilhando o caminho certo, na integração de novas tecnologias, adaptando para a realidade atual.

De acordo com o pensamento de (Huang, 2016) A integração de novas tecnologias no ensino permite aos docentes criar e recriar materiais de aprendizagem a partir de uma combinação de material multimídia interativo. Na perspectiva de (Moran 2009, p.66). A educação a distância está se transformando, de uma modalidade complementar ou especial para situações específicas, em referência para uma mudança profunda do ensino superior como um todo. Tal afirmação, reflete o momento atual em que diante da situação do isolamento social, nos trouxe a possibilidade de utilizarmos desses meios para continuarmos exercendo o nosso ofício.

Diante desse contexto, apresentamos alguns relatos da nossa experiência nesse período, referente as práticas que foram desenvolvidas nas disciplinas de Teoria da Contabilidade, no Curso de Ciências Contábeis e Gestão de Pessoas, no curso de Gestão Financeira ministrada pela Profa. Tatiana Falcão (figura 1), e as disciplinas: Planejamento Tributário e Análise das Demonstrações Contábeis, no Curso de Ciências Contábeis, ministradas pelo prof. Teófilo Soares (figura 17).

2 DESENVOLVIMENTO

Tudo novo para cada um de nós, como prática de início de semestre todos os docentes fazem seus planejamentos, iniciamos o semestre de 2020.1, com um maravilhoso planejamento, recebendo treinamento sobre metodologias ativas, dentre essas, a elaboração de um painel de notícias ministrado pela Profa. Carol Kruta da UFPB, tal ação foi implementada em sala de aula, quando ainda estávamos no formato presencial, a metodologia foi muito bem recepcionada pelos alunos, os quais participaram de forma ativa, de todo o processo. Borba e Luz (2002, p. 55), afirmam que: “O uso de estratégias variadas motiva o envolvimento do grupo quando permite a relação dos conhecimentos científicos com a realidade profissional, com problemas e questões da área e com as necessidades dos alunos”.

A disciplina de Gestão de Pessoas é bastante teórica e pensando nessa característica, buscava sempre levar algo que fosse atrativo e prendesse a atenção dos alunos para proporcionar o interesse no aprendizado.



Figura 1 - Profa. Tatiana Falcão de Souza Fernandes. Disciplina: Gestão de Pessoas. Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Quando surgiu todo processo de afastamento social, nossa opção foi por ministrar aulas por meio de videoconferências, para que pudéssemos ficar mais próximos aos alunos, inicialmente optamos pela ferramenta *zoom*, quando tudo parecia que estava estabilizado, surgiu umas notícias que tal ferramenta não era segura, pois estavam roubando dados das pessoas que a utilizavam. Fomos para outro momento, de buscar uma nova ferramenta que pudesse favorecer da mesma forma a videoconferência e foi que encontramos no *Google Meets*, a ferramenta adequada a utilização em sala de aula, diante da situação atual.

Seguimos em frente, nesse sentido, ficamos mais próximos dos nossos alunos, cada semana, ministrando conteúdos, ouvindo cada um e tentando fazer com que eles pudessem participar de forma ativa das discussões teóricas muitas vezes baseadas no livro de Chiavenato (2014), que estava disponibilizado na biblioteca virtual da nossa instituição. Aula a aula, fomos percebendo que alguns alunos demonstravam que estavam cansados e algumas vezes relatavam o fato de

terem a sensação que estavam trabalhando de forma dobrada para conseguir desempenhar suas funções, essa era a sensação de todos, pois estávamos em processo de adaptação.

Quando buscamos em uma de nossas aulas a participação desses alunos, verificamos que essa ocorreu de forma bem pequena, diferente de aulas anteriores, a sensação era de que todos estavam realmente cansados. Resolvemos então, levar a metodologia do painel de notícias e adaptá-la para o ambiente virtual. Levamos para sala de aula algumas notícias já definidas relativas ao impacto do corona Vírus na Gestão de Pessoas, o objetivo da atividade foi de fazer com que os alunos realizassem o debate em grupos pequenos de 4 alunos e em seguida compartilhassem o que foi debatido no grupo grande da turma, o outro objetivo foi de fazer com que cada tema que fosse apresentado, servisse para fazer um paralelo com a teoria estudada no livro de Chiavenato e o que cada um estava vivenciando no seu ambiente de trabalho. As notícias trabalhadas foram a representadas nas figuras 2 a 6.

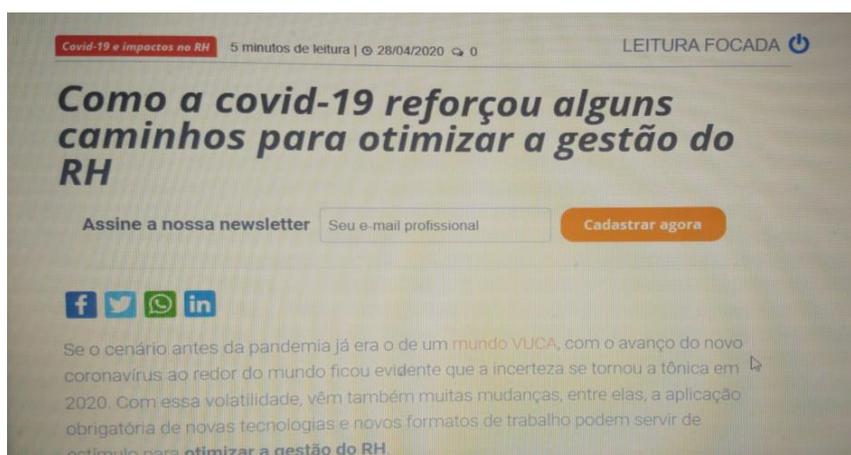


Figura 2 - Grupo 1- Como a COVID-19 reforçou alguns caminhos para otimizar a gestão do RH. Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.



Figura 3 - Grupo 2- Treinamento com games pode aproximar empresa e colaborador.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.



Figura 4 - Grupo 3- Seu RH está preparado para tantas transformações?
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

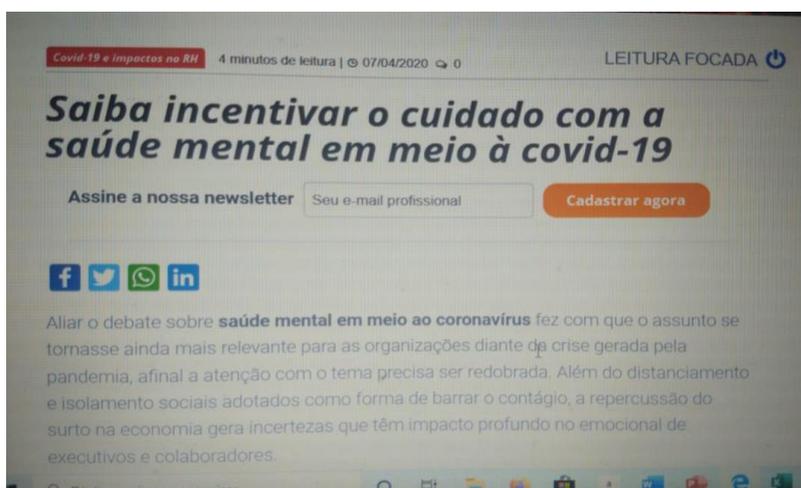


Figura 5 - Grupo 4- Saiba incentivar o cuidado com a saúde mental em meio à covid- 19.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.



Figura 6 - Grupo 5- O impacto do Coronavírus nas pequenas e médias empresas.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Os *links* de cada artigo foram disponibilizados para os alunos, e concedido 1 hora para realização da tarefa. O momento seguinte foi o desenvolvimento do debate, muito enriquecedor, trouxe à tona aspectos que estavam sendo trabalhados na teoria e estavam devidamente relacionados aos dias atuais, os alunos apresentaram a situação atual em seu ambiente de trabalho. Os reflexos de cada situação foram devidamente compartilhados e houve a participação de todos os alunos. Tal fato, proporcionou a participação não apenas naquele momento, mas também refletiu nas aulas seguintes, onde os alunos puderam se expressar diante de cada assunto e sempre relacionar ao seu ambiente de trabalho, compreender sua participação no cenário atual e refletir sobre a importância da gestão de pessoas na formação de um gestor financeiro e no ambiente organizacional, sobretudo, nos dias atuais, que a demanda pela sua prática apresenta-se como fator indispensável para ser inserido nas organizações, onde estão todos convivendo com o medo, desempregos e as incertezas desse novo mundo.

O painel de notícias foi essencial para que pudéssemos motivar os nossos alunos a apresentar sua importância no processo do ensino-aprendizagem, cada um apresentou relatos referente a motivação que a atividade gerou, especialmente, pela importância que foi dada a eles, para ouvir seus pensamentos e gerar o debate, apresentando suas inquietações, perspectivas futuras e importância que passaram a atribuir a disciplina gestão de pessoas na grade curricular.

Conforme visto na figura 7, além de fornecerem a participação ao vivo, alguns ainda colocaram no chat da ferramenta seus pensamentos.

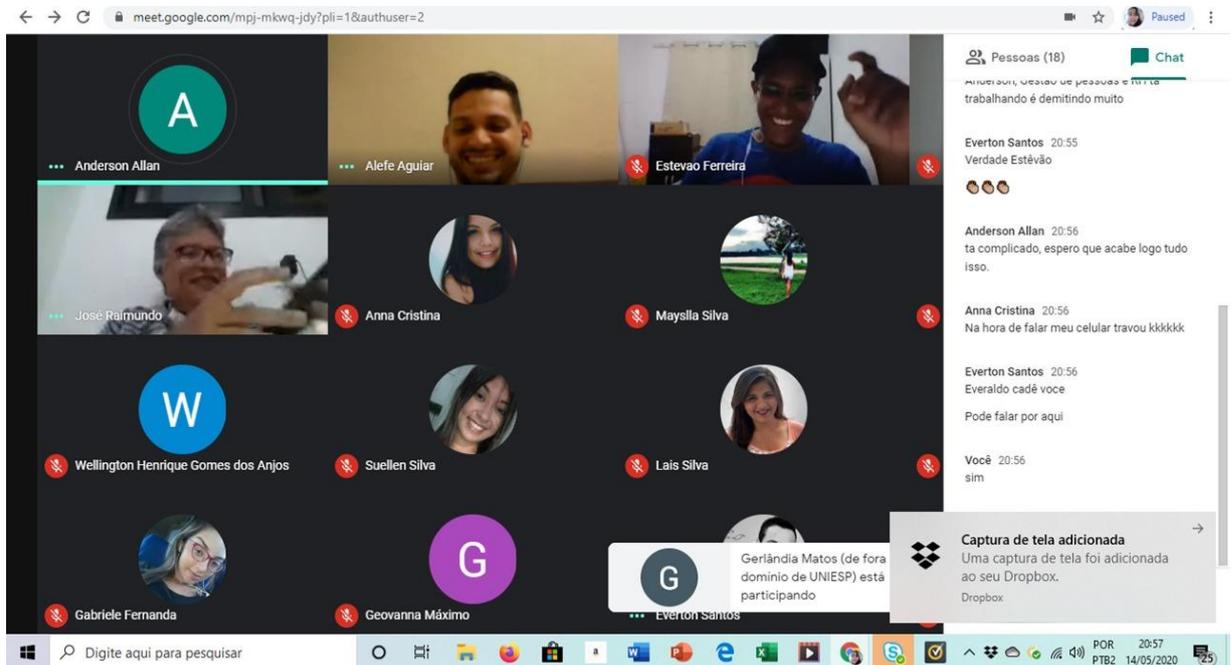


Figura 7 - Turma Gestão Financeira UNIESP- Período 2020.1
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

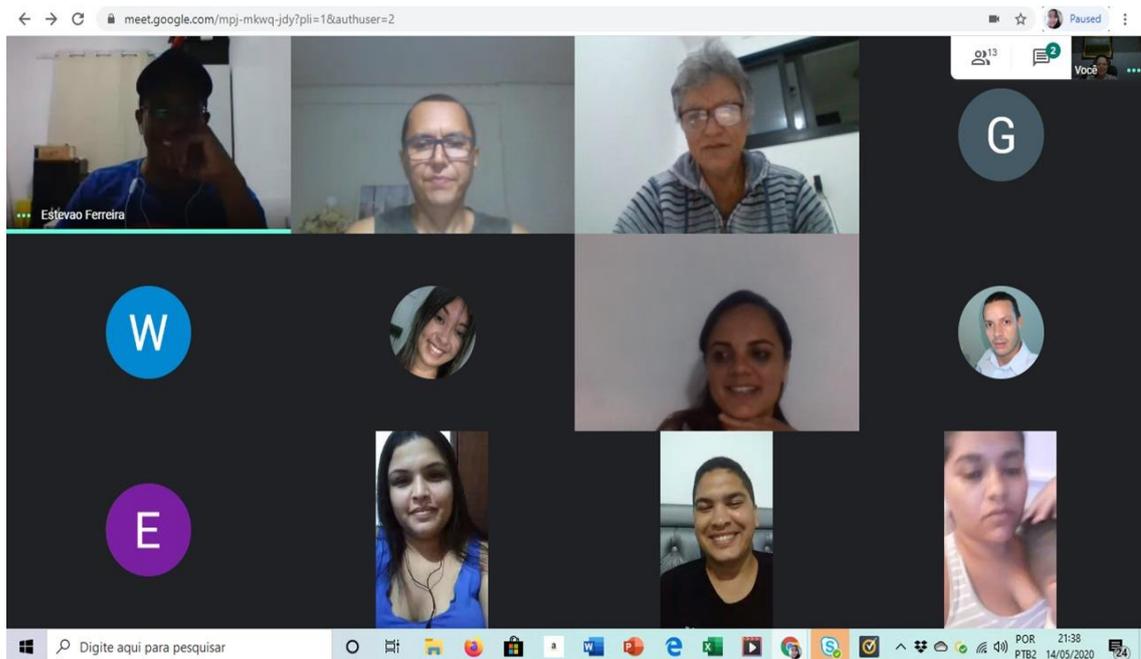


Figura 8 - Turma Gestão Financeira UNIESP- Período: 2020.1
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Após a dinâmica realizada, utilizamos a ferramenta tecnológica *Mentimeter*³, disponibilizada de forma gratuita, com o objetivo de compreendermos a percepção dos alunos relativa a metodologia aplicada, o resultado foi apresentado por meio da nuvem de palavras, com a percepção de cada um dos alunos. Os alunos acessavam a ferramenta com um código disponibilizado previamente, e ao digitar o respectivo código, ele acessava o questionamento relativo à metodologia empregada. E a pergunta foi: O que você achou da aula de hoje a partir da dinâmica do painel de notícias? Conforme figuras 9 a 11.



Figura 9 – Nuvem de Palavras pelo Mentimeter.
Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

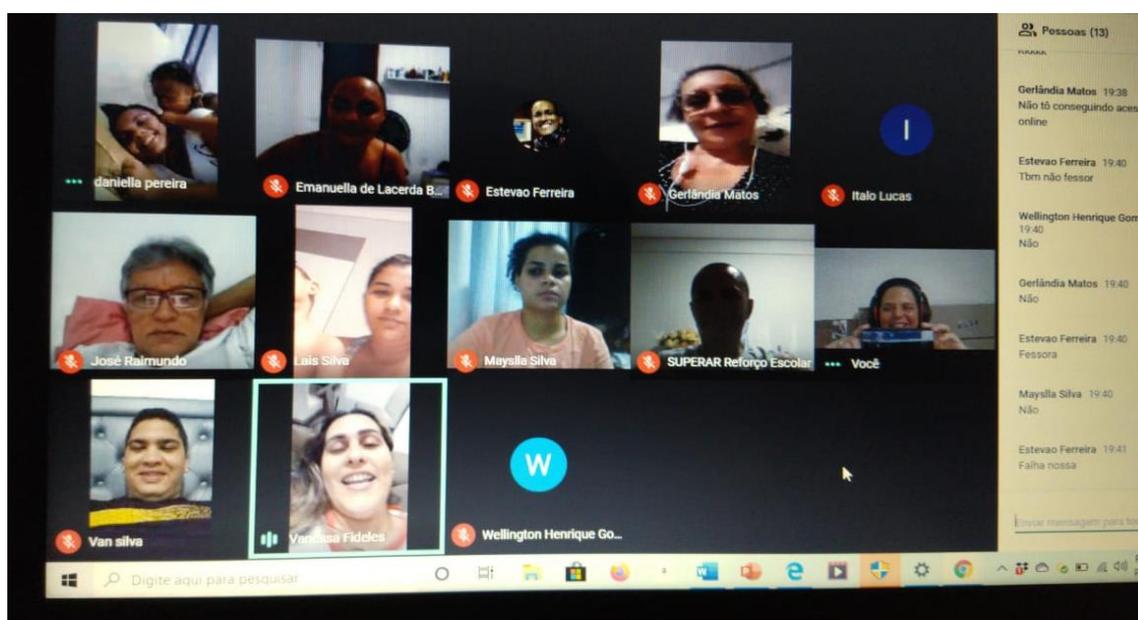


Figura 10 – Reação da turma com o uso da interação com a nuvem de palavras.
Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

³ Disponível em: <https://www.mentimeter.com/> Acesso em: maio 2020



Figura 11 - Reação da turma com o uso da interação com a nuvem de palavras.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Os resultados foram surpreendentes, e o objetivo inicialmente proposto foi atendido de forma adequada. A interação ocorreu e a participação foi intensificada. Participaram de nossas aulas algumas crianças que juntamente com suas mães, vivenciaram o processo e também interagiram com a turma, tal fato, não trouxe prejuízo, pela turma, trouxe a aproximação do ambiente familiar e a tranquilidade de poder participar de forma tranquila, mesmo em meio a todos os fatores externos que poderiam possibilitar o afastamento dos alunos nesse processo.

A outra metodologia utilizada foi o Seminário (Figuras 12 a 16), na disciplina de Teoria da contabilidade. A proposta foi lançada com o intuito de fazer com que os

alunos pudessem ler a na nova Estrutura Conceitual- CPC 00 (R2), fazer uma verdadeira imersão. O que bastante proveitoso, pois, eles relataram a dificuldade de ler e entender a linguagem técnica trazida pelos Comitês de Pronunciamentos Contábeis e as Normas Brasileiras de Contabilidade. Os alunos demonstraram o interesse nas pesquisas que realizaram, viram que tem muitas coisas a serem descobertas na contabilidade e compreenderam que precisam buscar conhecimentos que venham somar ao que eles vivenciam em sala de aula.

Os alunos demonstraram o nível de absorção dos conhecimentos adquiridos, e relataram que não imaginavam que poderiam aprender em meio a esse afastamento social, a maioria informou que prefere a modalidade presencial, e que todos estavam com o sentimento de saudades do convívio na universidade, mas que conseguiram absorver os conteúdos ministrados pelos professores, que viram nitidamente o esforço de cada professor do curso em fornecer o seu melhor para que o aprendizado e a absorção dos conteúdos pudessem acontecer.



Figura 12 - Turma Ciências Contábeis- P-5 – Período 2020.1.
Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Figura 13 - Apresentação de Seminário Teoria da Contabilidade- P-5.
Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

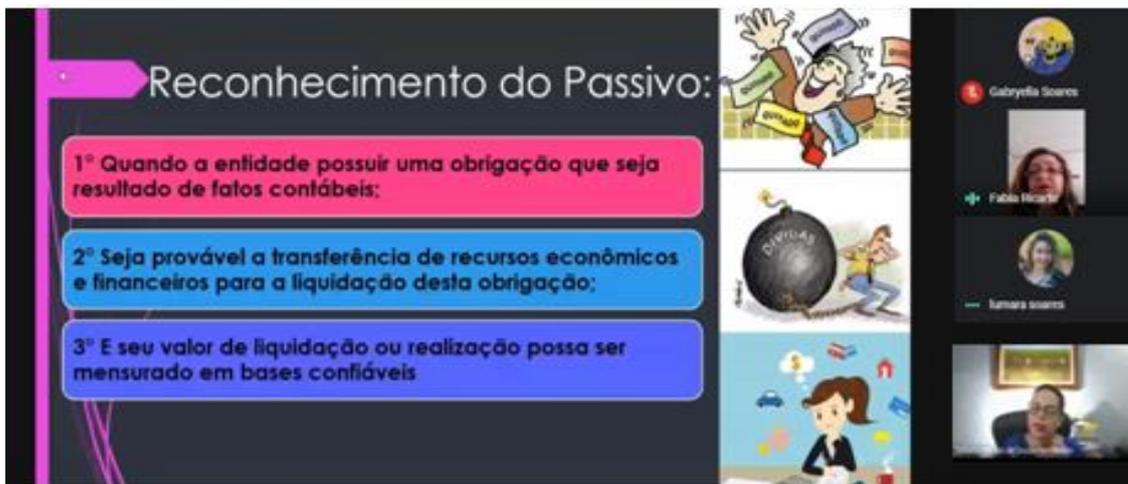


Figura 14 - Apresentação de Seminário Teoria da Contabilidade- P-5 - Turma 2020.1.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

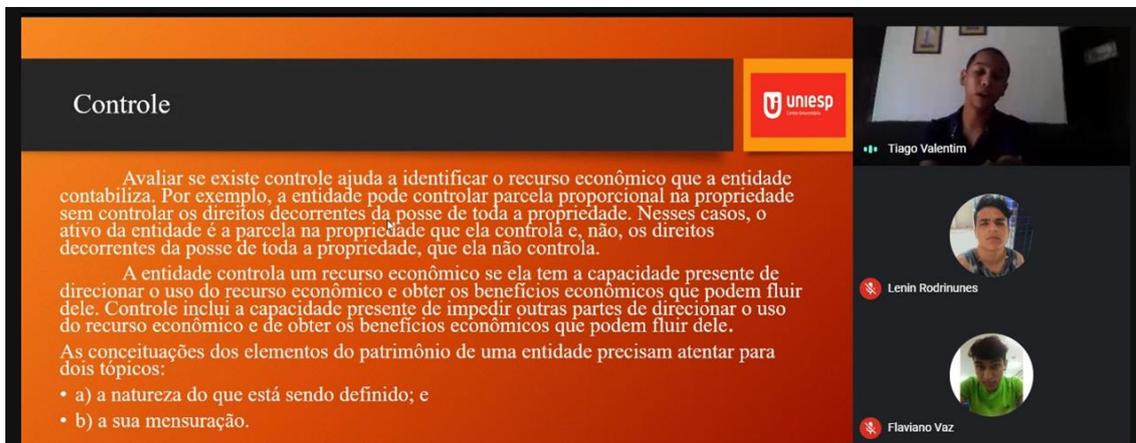


Figura 15 - Apresentação de Seminário Teoria da Contabilidade- P-5 -Turma 2020.1.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.



Figura 16 - Apresentação de Seminário Teoria da Contabilidade- P-5 -Turma 2020.1.
 Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

Foi perceptível a evolução dos nossos alunos durante o processo de apresentação, foram brilhantes.

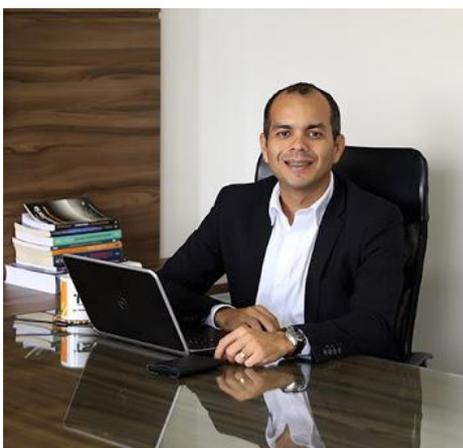


Figura 17 - Professor Teófilo Augusto da Silva Soares
Disciplinas: Contabilidade e Planejamento Tributário e Análise das Demonstrações Contábeis.
Fonte: Acervo Pessoal do Autor, 2020.

O momento acelerou processos e todos tiveram que lidar com os desafios que o uso da tecnologia traz, mas, também, aproveitar o potencial que as ferramentas possibilitam, especialmente de forma pedagógica. E passados quase 90 dias de isolamento social causado pela pandemia do novo Coronavírus, seguimos em plena atividade de forma remota, mantendo o calendário acadêmico e promovendo atividades complementares que levam ainda mais conhecimento aos estudantes e à comunidade externa.

Por meio de recursos tecnológicos como *Zoom*, *Hangouts* e *Google Meets*, além de redes sociais e outras plataformas, o conteúdo tem sido disseminado e cumprido seu objetivo educacional.

Quando tudo começou nos adaptamos bem, tendo em vista que já utilizava as plataformas digitais para divulgar os nossos trabalhos, mas como sala de aula virtual realmente foi uma experiência nova, tendo em vista, que era o único meio para transmitirmos nossas aulas, sendo que alguns alunos não tinham tanto contato com essas plataformas, como: *Zoom*, *Hangouts* e *Google Meets* e outros com a *internet*, e tiveram que se adequar. Nosso maior receio foi em relação à percepção dos estudantes sobre o ensino e como manter a qualidade na construção do conhecimento. O que mais preocupava era não ter o feedback dos estudantes, se estavam se apropriando. Mas ao longo das aulas os retornos foram vindos, e descobrimos uma nova forma de ensinar e aprender. Como perspectiva para o futuro, acreditamos que o ensino presencial e o virtual são complementares, sendo uma nova realidade a partir de agora.

A melhor palavra para representar a experiência individual e coletiva com as atividades remotas certamente é desafio. A situação tem sido desafiadora para os alunos e professores. Mas, ao mesmo tempo, é muito gratificante chegar tão perto de finalizar o semestre letivo e perceber que tanta coisa foi construída remotamente.

Conteúdos foram apreendidos e vivências foram feitas, e da melhor maneira que poderíamos ter, considerando o momento. Então além de desafiadora, a experiência online é uma superação. Todos sairão evoluídos dessa jornada inesperada pois ganhamos a força da tecnologia e a capacidade de se reinventar, e o melhor e mais bonito de tudo é saber que só ganhamos isso porque temos trilhado esse caminho, juntos e de mãos dadas.

O nosso papel como docente foi de oferecer diversas atividades que pudessem ajudar nossos alunos na travessia desse momento desafiador com mais leveza, segurança e sobretudo com conhecimento. Os temas são diversos, mas, em geral, possuem um eixo comum: iniciativas que contribuíram para a formação de pessoas e profissionais qualificados e humanizados, prontos para atuação nos novos tempos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O semestre está se encerrando, estamos felizes com o resultado que estamos alcançando, juntos acreditamos que poderíamos ir mais além das nossas salas de aula e fazer com que a motivação tanto de cada um de nós docentes, quanto dos discentes para o aprendizado, para que a nossa sala de aula pudesse permanecer viva e a produção do conhecimento não ficasse na inércia. Buscamos nessa perspectiva a força necessária para continuidade dos nossos trabalhos.

Sabemos que novos desafios ainda estão por vir, mas juntos estaremos preparados para evoluir, criar e nos reinventar, porque acreditamos que é pela educação que conseguimos e conseguiremos modificar o mundo a nossa volta, que podemos e poderemos melhorar aspectos tão essenciais a nossa sociedade, desde a atitude de saber lavar as mãos, ter higiene, ser responsável e proteger o próximo, até aspectos de contribuição de forma ativa para modificar a nossa sociedade. E assim que como dizia o poeta Mario Quintana:

“Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E

— ó delicioso vôo!
 Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
 Outra vez criança...
 E em torno dela indagará o povo:
 — Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
 E ela lhes dirá
 (É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
 Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
 — O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...”



Figura 18 – Prof. Teófilo Soares e Profa. Tatiana Falcão.

Fonte: Acervo Pessoal da Autora, 2020.

O momento atual está sendo difícil para TODOS, sabemos que ainda teremos um longo caminho a percorrer e para que a normalidade possa acontecer, porém o que se sobrepõe a tudo isso, é a esperança de que em algum momento, em um futuro próximo, poderemos olhar para trás e ver que fomos vencedores e que contribuimos com a formação de nossos alunos. Foi muito importante não interromper as atividades acadêmicas, pois sabemos que essa crise irá passar, e ao final dela, deveremos ter acumulado o conhecimento, através das

nossas atividades, com o auxílio da tecnologia.

Reconhecemos que teremos muitos desafios a serem superados, mas, temos à esperança de que conseguiremos juntos, evoluir na construção de uma sociedade melhor. É por meio da educação que teremos a verdadeira arma para mudar o mundo e fazer dele um lugar melhor para se viver. E que possamos continuar mostrando aos nossos alunos o quanto à contabilidade é linda!!!

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 4 Ed. Barueri: Manole, 2014.

BEZERRA FILHO, José Mendonça. **O coronavírus contaminou a Educação**. Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2020/04/17/o-coronavirus-contaminou-a-educacao-por-mendonca-filho/> Acesso em: 17 abr. 2020.

BORBA, Amândia Maria De; LUZ, Sueli Petry da. **Formação continuada para docentes do ensino superior**: apontamentos para novas alternativas pedagógicas. Pró-Reitoria de Ensino, Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2002.

HUANG TC, Chen CC, Chou YW. Animating eco-education: to see, feel, and discover in an augmented reality-based experiential learning environment. *Comput Educ[Internef]*. 2016[Cited 2016 Oct 02];96:72–82.

MORAN, J.M. Modelos e avaliação do ensino superior à distância no Brasil. *Revista ETD – Educação Temática Digital da Unicamp*, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/977/992>

QUINTANA, Mário de Miranda. **Nova Antologia Poética**. Editora Globo - São Paulo, 1998, p. 118.

SUBSTITUIÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS POR AULAS EM MEIOS DIGITAIS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE DIREITO DO UNIESP

ALVES, Ana Virgínia Cartaxo¹
CAHÚ, Marlene Pereira Borba²

1 INTRODUÇÃO

O mundo acompanhou perplexo, quando, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença Covid-19, causado pela Sars-Cov-2, constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), considerado o nível mais alto de alerta da referida Organização. Infelizmente, o surto evoluiu drasticamente de modo que o Diretor-Geral da OMS, *Tedros Adhanom Ghebreyesus*, em 11 de março de 2020, anunciou a pandemia do vírus (OPAS, 2020).

A situação atual da saúde mundial tem causado as mais variadas reações nas pessoas e governantes. Uns a temem, outros são céticos, alguns politizam, todavia, é certo que se vive em um momento preocupante de saúde comunitária sem precedentes desde a chamada “gripe espanhola”.

O que tem se visto desde então é, de um lado, os esforços das comunidades científicas de todo o mundo em busca de vacina que promova a cura da Covid-19 ou de medicamentos que atenuem os sintomas, muitas vezes fatais, das pessoas infectadas.

A intenção é tentar “achatar”, ainda que temporariamente, a curva de transmissão. A situação como se apresenta, sem uma cura para o vírus, tem causado colapso nos sistemas de saúde e um número elevado de óbitos.

De acordo com os dados da Universidade de Medicina *Johns Hopkins*³, o mundo registra, até o momento, 6.2017.949 de pessoas infectadas, totalizando 373.072 mortes. O Brasil está em segundo lugar entre os países com maior número

¹ Doutoranda em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco. Especialização *Lato Sensu* em Direito Processual Civil. Professora do Curso de Direito do UNIESP. Advogada. E-mail: profavirginiacartaxo@gmail.com. CV <http://lattes.cnpq.br/8759454660341204>

² Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba. Especialização *Lato Sensu* em Direito Civil e Processo Civil (UGF). Professora do Curso de Direito e Publicidade e Propaganda da UNIESP Centro Universitário. E-mail: marlene.cahu@hotmail.com. CV <http://lattes.cnpq.br/0875323793518924>

³ Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>, Acesso em: 01 Jun. 2020.

de infectados, 514.849, atrás apenas dos Estados Unidos da América. O contexto que se apresenta choca pela grandeza numérica e pelas consequências advindas da realidade que se impõe.

De outra monta, vários países, inclusive o Brasil, iniciaram medidas restritivas de deslocamento de pessoas, de modo a evitar aglomeração e propagação do contágio, salvo para atividades consideradas essenciais. A vida de cada pessoa foi impactada por essa dura realidade, das mais diversas formas, seja social, pessoal ou profissionalmente.

A vida cotidiana, a rotina habitual, repentinamente, não existia como sempre fora. Percebeu-se que não era mais possível pensar no “eu” e esquecer-se do “outro”, desde os entes mais queridos, aos colegas de trabalho, os alunos, ou mesmo, os desconhecidos.

Dentre as recentes medidas adotadas pelo Poder Público, para controlar a disseminação do Covid-19, está a paralisação das aulas em escolas e universidades, a fim de permitir o isolamento social, haja vista que somente assim há a possibilidade de frear o aumento do número de novos casos da doença no país.

Com este objetivo, o Ministério da Saúde declarou estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo corona vírus (SARS-CoV-2), nos termos da Portaria nº 188, de 03.02.2020.

Diante do referido cenário emergencial, o Governo do Estado da Paraíba, por meio do Decreto Estadual nº 40.122, de 13.03.2020, decretou Situação de Emergência no Estado da Paraíba e, mediante o Decreto Estadual nº 40.135, de 20.03.2020, posteriormente prorrogado pelo Decreto Estadual nº 40.242, de 16.05.2020, determinou a suspensão das aulas presenciais em todas as escolas, universidades e faculdades da rede pública e privada no território do Estado da Paraíba até o dia 31.05.2020.

Para regulamentar a continuidade do ensino durante o isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19, o Ministério da Educação publicou a Portaria nº 343, em 17.03.2020, regulamentando a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a pandemia, estabelecendo a responsabilidade das instituições de ensino acerca da definição das disciplinas que

poderiam ser substituídas, assim como a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam acompanhamento dos conteúdos e a realização das avaliações.

O Centro Universitário UNIESP anunciou a suspensão das aulas e atividades acadêmicas presenciais, a partir 17.03.2020 e, desde então, as direções acadêmica e pedagógica, em conjunto com as coordenações dos cursos da instituição, definiram as normas sobre a disponibilização das aulas e avaliações por meio digital.

Diante do quadro emergencial e excepcional de substituição das aulas presenciais para continuidade do semestre letivo em meio ao isolamento social, elabora-se o presente artigo com o objetivo de avaliar a forma de utilização dos meios digitais disponíveis para ministrar o conteúdo programático no curso de Direito do UNIESP, assim como, verificar as maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes autores da presente pesquisa.

Como problema, indaga-se qual seria o melhor método de adaptação das aulas presenciais com utilização de recursos digitais no curso de Direito? Como hipótese, propõe-se que as aulas gravadas em vídeo ou áudio, unidas ao uso de plataformas de videoconferência com encontros virtuais entre docentes e discentes, para as disciplinas teóricas do curso de Direito, seriam viáveis para substituição das aulas presenciais.

Para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, utiliza-se o método de estudo de caso, como estratégia para investigar o fenômeno examinado, a partir da coleta de dados narrativos e uso das experiências individuais dos autores da pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

No que se refere à metodologia utilizada na presente pesquisa, contextualiza-se o estudo de caso de substituição de aulas presenciais por meios digitais no curso de Direito do UNIESP, com recorte temporal de 30.03.2020 a 31.05.2020, mediante a coleta de dados qualitativos referentes às experiências individuais de cada uma das autoras.

Entende-se que a pesquisa qualitativa, como forma de entender melhor o “porquê” e o “como” do fenômeno examinado, em um contexto mais amplo, com uma maior proximidade do investigador com o objeto de pesquisa, orientado por uma perspectiva mais interpretativa e construtivista (MEIRINHOS, 2010).

Como estratégia de pesquisa, utilizou-se o método de estudo de caso, na modalidade descritiva, cujo “propósito essencial é descrever, isto é, dizer simplesmente “como é” o caso em apreço” (PONTE, 1994).

Para coleta de dados, segundo o critério de classificação proposto por Yin (1993) apud Meirinhos (2010), aplicou-se o estudo de caso descritivo múltiplo, isto é, cada pesquisadora analisou sua experiência individual na substituição das aulas presenciais por meios digitais em suas disciplinas teóricas e, ao fim da pesquisa, compararam-se os dois relatos de experiência.

O primeiro caso refere-se ao relato de experiência da professora Marlene Pereira Borba Cahú, na disciplina “Conciliação, Mediação e Arbitragem”, em duas turmas do 7º período do curso de Direito, contando com o total de 79 alunos.

O segundo caso, refere-se ao relato de experiência da professora Ana Virgínia Cartaxo Alves nas disciplinas “Direito Civil II - Obrigações”, do 3º período do curso de Direito, contando com 47 alunos, e “Direito Civil VI - Família”, do 7º período do curso de Direito, composta por 48 alunos. Totalizando o número de 95 alunos.

Ao final da pesquisa, compararam-se os dois casos analisados, apontando os pontos convergentes e divergentes, além das dificuldades e dos facilitadores identificados por cada investigadora.

2.1 DIRETRIZES DE ADAPTAÇÃO DE AULAS DO CURSO DE DIREITO

É importante destacar que, em conformidade com o regulamento editado pelo Ministério da Educação, mediante a Portaria nº 343, em 17.03.2020 e publicações posteriores, cabe a cada instituição de ensino definir a forma de substituição das aulas presenciais por meios digitais.

Especificamente, em relação ao curso de Direito do Centro Universitário UNIESP, em consonância com as diretrizes institucionais, o coordenador, professor José Carlos Luz, junto a uma equipe de contingência, formada por sete professores do curso, definiu as regras sobre a substituição das aulas presenciais.

Sobre a comissão de contingência do curso de Direito, da qual compõe a pesquisadora professora Ana Virgínia Cartaxo Alves, é importante destacar que semanalmente, ocorreram reuniões, com a participação do coordenador do curso,

por meio de plataformas virtuais de videoconferência, como *Zoom Meetings* e *Skype*, além do contato constante por meio de grupo de *Whatsapp*.

Além disso, para auxiliar os demais professores na adaptação das aulas, cada professor componente da comissão de contingência, tornou-se responsável por um grupo de cinco ou seis professores tutelados, por meio de comunicação por grupo de *Whatsapp* ou contato por mensagem privada ou chamada telefônica.

Com o escopo de definir as diretrizes gerais e uniformizar a forma de substituição das aulas presenciais, a coordenação em conjunto com a comissão de contingência estabeleceu a adaptação das aulas por meio do uso de plataformas de gravação de vídeo, como o *Youtube*, ou de gravação de áudio em *slides*, como o *PowerPoint*, para gravação do conteúdo remotamente, a critério do professor; assim como, determinou-se o uso de plataformas que permitem o recurso de videoconferência, a exemplo do *Zoom*, *Google Meet*, *Jitsi Meet* dentre outras, a critério do professor, para que os docentes estivessem disponíveis aos alunos, no horário de aula durante, pelo menos, 40 minutos, para fins de sanar dúvidas e promoverem a discussão acadêmica da matéria ministrada por meio de aulas gravadas em vídeo ou *slides* com áudio.

Ademais, recomendou-se que cada educador utilizasse a plataforma “professor *online*”⁴ do site do UNIESP, para disponibilizar o material da disciplina, tais como *slides*, aulas gravadas em áudio, resumo de aula, estudos de caso, atividades, artigos científicos, etc. Igualmente, os professores poderiam disponibilizar os *links* das aulas gravadas em vídeo nas plataformas como *Youtube*, *Zoom Meetings*, *Jitsi Meet*, dentre outras.

Além disso, orientou-se os professores para utilizarem a ferramenta “*chat*”, presente na plataforma “professor *online*” como facilitador da comunicação entre docentes e discentes.

Para a avaliação dos alunos por meio das avaliações institucionais, seguiu-se o calendário institucional, e as atividades equivalentes às avaliações foram disponibilizadas pela ferramenta “materiais de ensino” do sistema “professor *online*” e recebidas através da ferramenta “atividades enviadas”.

⁴ Disponível em: <https://www.iesp.edu.br/> Acesso em: maio 2020.

2.2 CASO 1: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROF.^a MARLENE CAHÚ

O primeiro caso analisado se refere à experiência da Prof.^a Marlene Cahú, ao ministrar a disciplina “Conciliação, Mediação e Arbitragem”, em duas turmas do 7º período do curso de Direito, contando com o total de 79 alunos. Nos seguintes termos:

Como professora do curso de Instituição de Ensino Superior, sempre lecionei de forma presencial, tanto em disciplinas teóricas quanto práticas. O contato direto com o aluno, a interação em sala, o companheirismo, as indagações, foram uma constante em meu trabalho, mas esse formato iria mudar.

A instituição de ensino superior, seguindo a orientação da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde, anunciou a suspensão das aulas e atividades acadêmicas presenciais, a partir 17 de março. Recordo-me que, no dia anterior, estava em sala de aula e pude perceber que alguns alunos já se mostravam temerosos em virtude da pandemia, havia um clima de apreensão no ar.

Uma nova realidade de impunha. Com a impossibilidade da realização das aulas na forma presencial, a versão remota surgiu de um dia para outro na minha vida e de todos os outros professores.

É importante pontuar que, apesar do contato constante com computadores, *smartphones* e outras tecnologias, inclusive, para a elaboração e apresentação das aulas, essas tecnologias, de repente ganhavam outras dimensões. Eram imprescindíveis.

Sentimentos conflitantes afloraram em mim. Senti-me, a um só tempo, desafiada e temerosa. Não raro me perguntava se conseguiria, eram tantas coisas novas para aprender. Acredito que a experiência de 10 anos na academia e a segurança com relação ao meu trabalho, representaram um eixo de sustentação firme nessa nova trajetória.

Passado o impacto inicial, o pensamento foi o de seguir adiante. Afinal eu não estava só. Coordenadores e colegas professores se uniram em prol de um objetivo comum. O que aconteceu a seguir foi um compartilhamento de ideias e estratégias

concentradas em manter a excelência na apresentação dos conteúdos para os alunos.

O sistema online da universidade sofreu alterações de modo a propiciar uma melhor interação entre professor/aluno. Então, o canal institucional era, nesse momento, a certeza de que ninguém seria excluído.

Paralelamente ao sistema acadêmico oficial, formei grupos no *Whatsapp* com as turmas, com quem mantive contato permanente. Outro elo importante de contato com os alunos foram os líderes de turmas. Sempre pude contar com todos eles para alinhamento de informações, avisos e disponibilização dos *links* das aulas.

As aulas se mostraram como o maior desafio. Qual o melhor formato? Como atender a todos da melhor maneira possível? Nesse ponto o meu relato é de aprendizado constante. Além do sistema oficial, outros recursos poderiam ser implementados de modo a contribuir para a aprendizagem.

Num primeiro momento optei por gravar a explicação da aula no *PowerPoint*, (figura 1) usando o recurso disponibilizado pela *Microsoft*, utilizado para criação de apresentações gráficas, mas que também permite a gravação de voz na própria apresentação. Eu gravava esses áudios, ao menos um dia antes da data que seria disponibilizado no sistema do aluno online. Durante aproximadamente três semanas trabalhei com esse formato, contudo, eu e os alunos sentimos falta do contato mais direto, de um diálogo, mesmo sendo virtual.

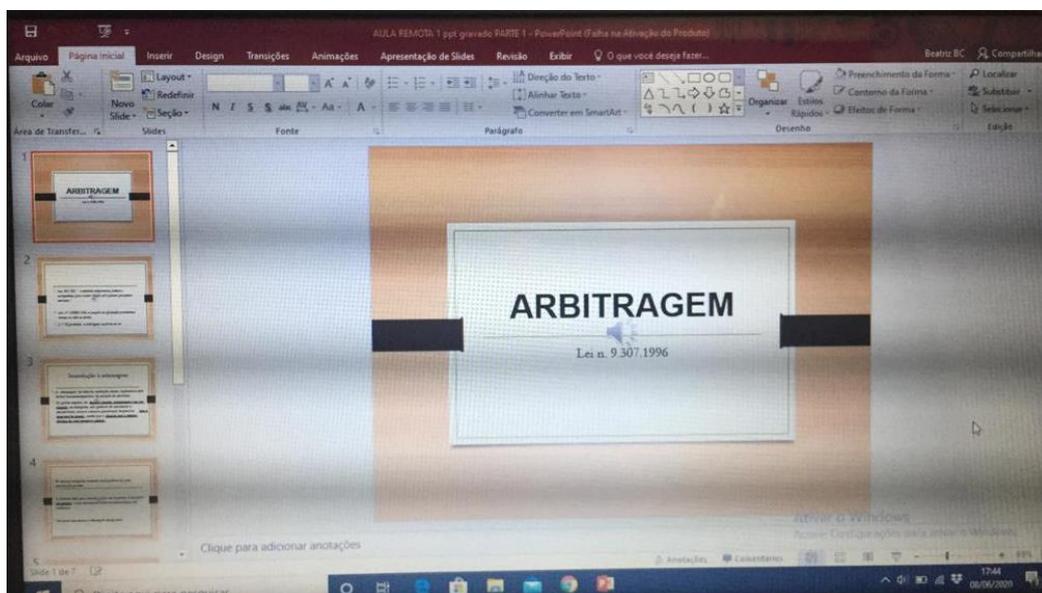


Figura 1 - Aula da disciplina “Conciliação, Mediação e Arbitragem”, do 7º período, com áudio gravado em *slides* pelo *PowerPoint*.
Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

A solução para essa questão veio com a opção de aulas pelas plataformas de conferências *online*. Seria a minha primeira experiência com essa tecnologia. Com um tutorial e a ajuda da coordenação do curso e de colegas, optei pela plataforma de videoconferência *Zoom Meetings* que, de início, se mostrou eficiente. Então, além do envio das aulas no formato do *PowerPoint*, iniciei os encontros online na plataforma.

De acesso simples, permitia um número razoável, mas suficiente de pessoas na sala, possibilitava compartilhamento de tela e upload das reuniões/aulas nas nuvens. Contudo, após algumas aulas, o sistema se mostrou ineficiente, os alunos passaram a ter dificuldades de acesso, de modo que migrei por outra plataforma.

A exemplo de outros colegas professores, passei a utilizar nas aulas o *Jitsi Meet* (figura 2). As ferramentas eram semelhantes ao *Zoom Meetings*, porém, não apresentou tantos problemas de acesso. Os alunos haviam aceitado bem esse novo formato e segui minhas aulas dessa forma durante todo o período, conforme registro fotográfico:

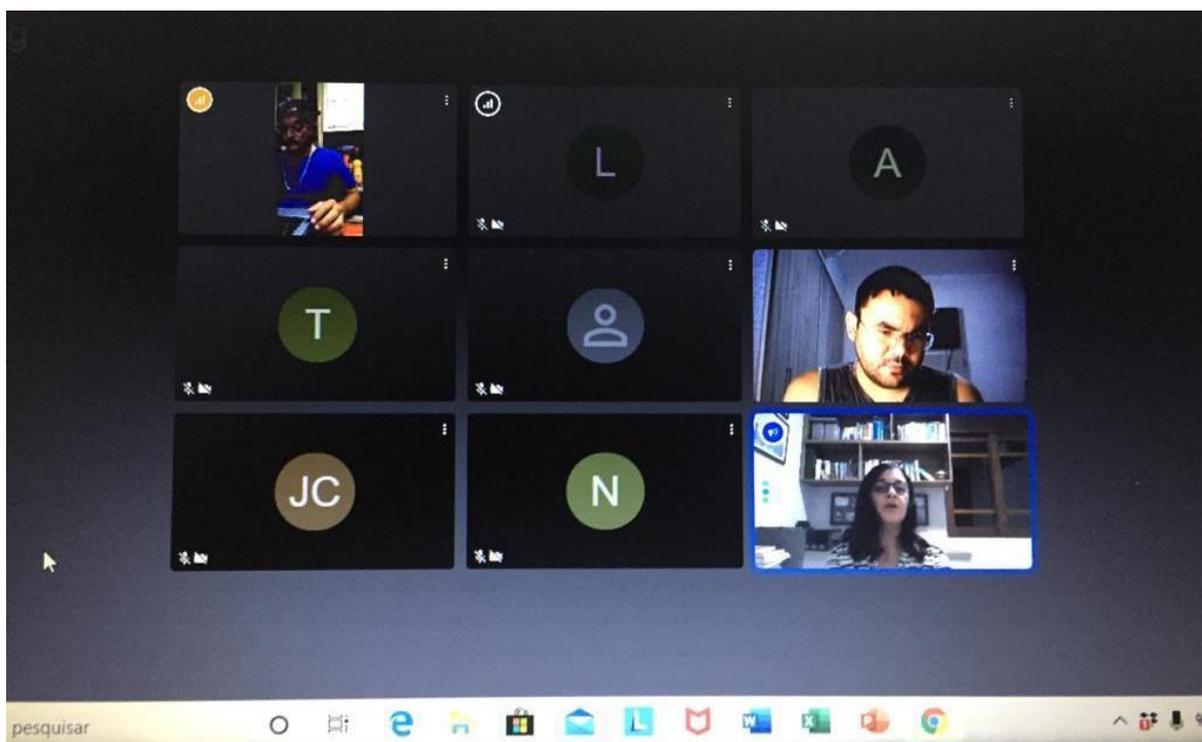


Figura 2 - Aula da disciplina “Conciliação, Mediação e Arbitragem”, do 7º período, pela plataforma *Jitsi Meet*.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Agora, próximo ao término do semestre letivo, percebo que aprendi muito. As “novas” tecnologias passaram a fazer parte do meu cotidiano e procurei tirar o maior proveito possível delas, certamente continuarão contribuindo, sobremaneira, para minha vida profissional.

Com relação ao contado aluno e professor, para minha surpresa, o novo formato de aula remota nos aproximou, havia uma cumplicidade, um entendimento de que todos nós estávamos fazendo o possível para que tudo desse certo.

Esse sentimento nunca falado, mas sempre presente, me emociona muito, pois sei que cada aluno naquela sala de aula virtual, tinha uma vida e essa vida estava de ponta a cabeça, como a minha própria. Não nos abatemos, continuamos persistentes, com a certeza de que tudo iria passar.

2.3 CASO 2: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PROFa. ANA VIRGÍNIA ALVES

O segundo caso examinado é concernente ao relato de experiência da professora Ana Virgínia Cartaxo Alves nas disciplinas “Direito Civil II - Obrigações”, do 3º período do curso de Direito, contando com 47 alunos, e “Direito Civil VI - Família”, do 7º período do curso de Direito, composta por 48 alunos. Seu relato consiste nos seguintes termos:

Inicialmente, destaco que sempre lecionei na modalidade presencial e não tinha qualquer experiência, nos meus quase oito anos de docência em instituição de ensino superior, em metodologia de Ensino à Distância (EAD) ou por meio remoto de plataformas digitais.

É importante ressaltar que há grande diferença entre EAD e a substituição excepcional das aulas presenciais por meios digitais, primeiro porque naquela, as aulas são gravadas por equipamentos apropriados com a programação devida e carga horária própria, além de transmitidas para um grande número de alunos que são orientados por meio de tutores, que, geralmente, não são os professores que ministraram a aula gravada.

Noutro turno, a situação da substituição excepcional das aulas presenciais por meios digitais se refere à circunstância abrupta, sem planejamento ou expectativa prévia, em que o professor deve adaptar a forma de ministrar o conteúdo programático por meio digital, mas que continua como responsável direto pela

turma, estando à disposição dos alunos para tirar dúvidas, podendo, inclusive, ministrar aulas *ao vivo* por meio de plataformas que permitem a videoconferência.

O grande desafio foi, repentinamente, ter que se adaptar a plataformas com as quais não tinha nenhum contato prévio, assim como, aprender a gravar aulas de vídeo sem equipamento adequado e sem qualquer experiência anterior.

Somado a isso, tem-se a ansiedade de viver em um tempo de isolamento social e em meio a uma pandemia global, com crescente número de mortos, inclusive pessoas conhecidas.

Para as estratégias de aula, optei pela adoção de mecanismos diferentes para o 3º e o 7º períodos, tendo em vista que os alunos do início de curso ainda estão em fase adaptativa e demandam maior atenção já que ainda estão em processo de aprendizado em como estudar para as disciplinas do curso de Direito.

Para o 3º período, o conteúdo fora ministrado da seguinte maneira: aulas gravadas em áudio e *slides* por meio do *PowerPoint* (figura 3), utilizando-se o material de ensino que já utilizava em sala de aula e apenas um dos conteúdos fora ministrado por meio de aula gravada em vídeo e disponibilizado através do *Youtube*.

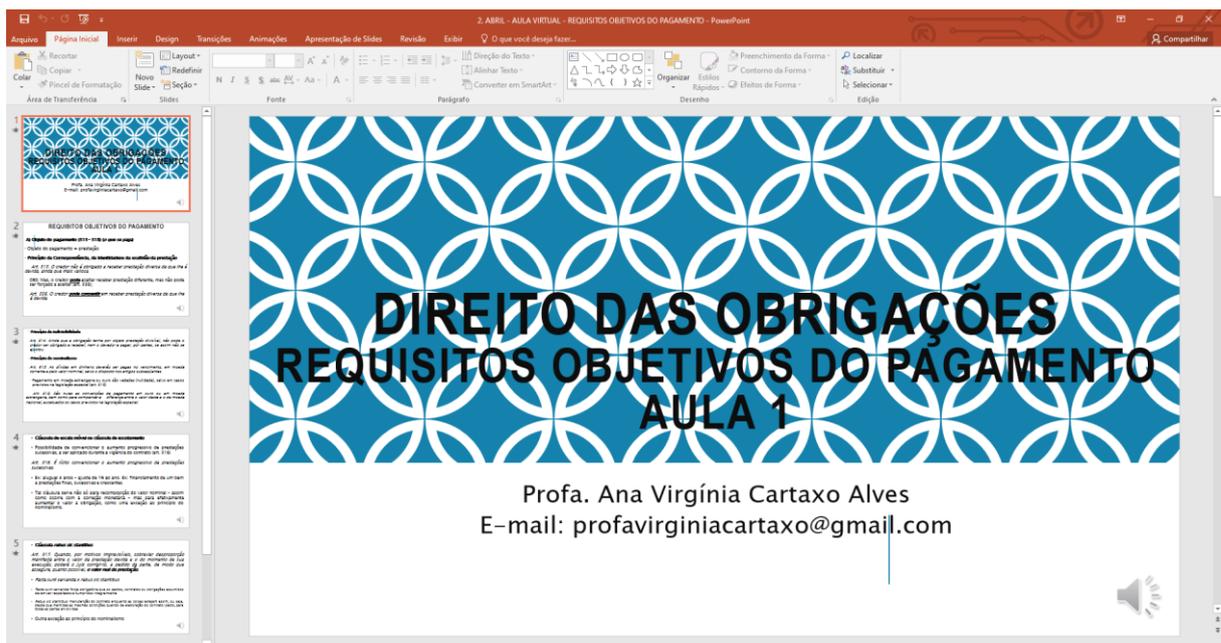


Figura 3 - Aula da disciplina “Direito Civil II - Obrigações”, do 3º período, com áudio gravado em *slides* pelo *PowerPoint*.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Para a disciplina “Direito Civil II - Obrigações” optei por aulas em *slides* com gravação em áudio por ser uma matéria que demanda muita análise legislativa, além de se tratar de alunos de início de curso, que estão em fase de aprendizado de como ler e interpretar os dispositivos legais. Assim, o recurso visual do *slide*, a meu ver, permite aos alunos um melhor processo de aprendizado.

Enviava a aulas online com antecedência, além de enviar estudo de caso acerca da matéria vista e artigos científicos complementares por meio do sistema “professor *online*” do site do UNIESP, e, no dia da disciplina, no horário da aula, reunia-me com a turma por meio de plataformas que permitem videoconferência, oportunidade em que resolvia o estudo de caso e retirava as dúvidas dos discentes.

No primeiro momento, utilizei a plataforma *Zoom Meeting*, entretanto, devido a problemas com segurança de dados, passei a utilizar a plataforma *Jitsi Meet* e, por fim, o *Google Meet* (figura 4), que em comparação aos demais, demonstrou ser a melhor das plataformas utilizadas, pois além do sistema ser mais estável, permite gravar as aulas e incluir *slides* durante a apresentação, além de não ter limite de tempo para duração da aula.



Figura 4: Aula da disciplina “Direito Civil II - Obrigações”, do 3º período, pela plataforma *Google Meet*.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Como senti que a turma precisava de mais atenção, além do contato por meio do representante de turma e pelo “*chat*” do sistema “professor *online*”, nomeie outro aluno como auxiliar da disciplina e criei grupo de *Whatsapp* com os alunos da turma, que permitiu, além do contato direto para passar avisos e enviar os *links* das aulas, um canal oportuno para os discentes tirarem dúvidas acerca do conteúdo, o que ocorreu habitualmente.

Com relação à disciplina “Direito Civil VI - Família”, do 7º período, como os alunos estão mais avançados no curso e já sabem ler e interpretar os dispositivos legais optei por gravar aulas em vídeo com o celular, depois transferia para o computador, compactava o tamanho do vídeo por meio do aplicativo *Handbrake*, e, a seguir, fazia o *upload* para o canal de *Youtube* (figura 5) criado para essa finalidade. Os vídeos eram disponibilizados não eram públicos, de modo que a visualização se dava por meio de *links* enviados por meio de *Whatsapp* ao representante de turma, como também, disponibilizado no sistema “professor *online*”.

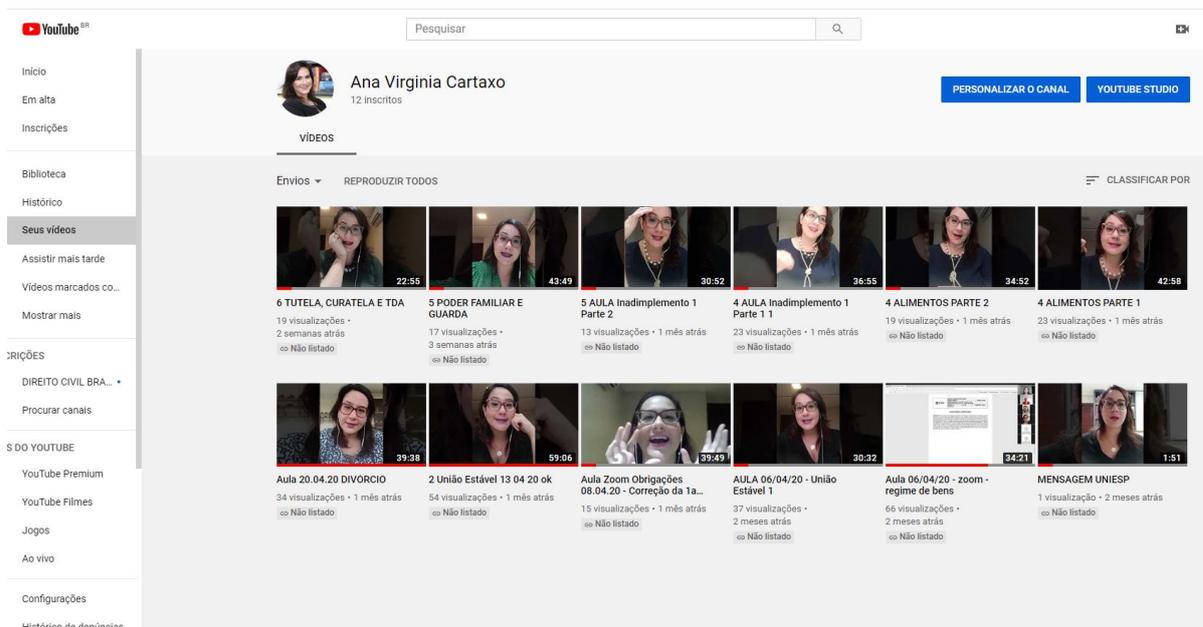


Figura 5 - Canal do *Youtube* criado para hospedar as aulas gravadas em vídeo.
Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Ainda, disponibilizava *slides*, estudo de caso sobre a matéria lecionada e artigos científicos complementares por meio do sistema “professor *online*”. E, no dia da disciplina, reunia-me com a turma por meio das plataformas digitais que permitem videoconferência. Assim como ocorreu com as aulas do 3º período, utilizei diversas plataformas até que, por fim, optei pelo *Google Meet*.

A grande vantagem das aulas por videoconferência (figura 6), em ambas as turmas, era a oportunidade de conviver com os alunos, esclarecer o conteúdo ministrado por meio das aulas gravadas, retirar as dúvidas, promover discussões acadêmicas sobre a disciplina, ouvir as sugestões dos discentes, e, mesmo, ouvir relatos pessoais dos discentes, muitos deles sensibilizados em razão do isolamento social e da pandemia.

A desvantagem verificada foi a instabilidade do sistema e mesmo da *internet*, eis que, por vezes o sistema ou a *internet* ficava muito instável, impossibilitando os alunos de entenderem bem minha fala, que ficava cortada ou mesmo, em certas ocasiões, alguns discentes tiveram sua conexão repentinamente cortada.



Figura 6 - Aula da disciplina "Direito Civil VI - Família", do 7º período, pela plataforma *Jitsi Meet*.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2020.

Outra dificuldade verificada consiste na frequência dos alunos, já que as aulas por meio de videoconferência tinham, em média, um quórum de 15 a 20 alunos, em turmas com quase 50 alunos. Muitos alunos justificaram as faltas com as novas responsabilidades familiares decorrentes do isolamento social, outras tiveram

parentes próximos contaminados pelo Covid-19 e um dos alunos do 7º período enviou atestado certificando sua contaminação pelo vírus.

Uma das questões que facilitou a adaptação das aulas foi o contato com os representantes de turma, por meio o *Whatsapp*, demonstrando-se reais intermediários do professor com a turma, e foram de grande colaboração nas minhas disciplinas. Além disso, reforcei o contato por meio do “*chat*” da plataforma institucional e disponibilizei meu e-mail para que enviassem as atividades por este meio, caso ocorresse alguma instabilidade no sistema do “professor *online*”, o que ocorreu em algumas ocasiões. Sempre fiz questão de, nas aulas, reforçar minha disponibilidade por qualquer um desses meios e senti uma boa aprovação dos alunos, além de efetiva utilização dos canais remotos para comunicação, envio de material e retirada de dúvidas.

Por fim, concluo meu relato individual ressaltando que o conteúdo programático fora integralmente ministrado dentro do calendário institucional e as notas das avaliações, entregues e enviadas por meio do sistema do “professor *online*”, foram satisfatórias, com média semelhante à observada durante as aulas presenciais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos casos analisados - com base nos relatos de experiência de ambas as pesquisadoras, em suas turmas de disciplinas teóricas do curso de Direito - verificou-se os seguintes pontos de convergência:

Ambos os relatos demonstraram dificuldades de adaptação e aprendizagem dos docentes na utilização dos meios digitais para ministrar o conteúdo e que tiveram que utilizar diversas plataformas de videoconferência distintas até chegarem a uma ferramenta mais eficiente.

Os casos analisados também convergiram nas facilidades apresentadas pelo sistema institucional “professor *online*”, que, em que pese não hospedar vídeo, foi uma ferramenta importante para o processo pedagógico, tendo sido aprimorado durante o isolamento para melhorar sua funcionalidade.

Outro ponto de aproximação foi bom funcionamento do contato docente e discentes por meio dos representantes de turma, mediante o uso de mensagens de

Whatsapp, que se apresentaram como grandes auxiliares e facilitadores durante o processo de adaptação das aulas.

Sobre os métodos de aula, os dois relatos apresentaram resultados positivos acerca da utilização das plataformas de videoconferência por permitirem o contato direto entre professor e alunos e possibilitarem melhor aproveitamento do processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, enquanto no primeiro relato houve a junção das aulas de *slides* por meio do *PowerPoint* e aulas ministradas por meio das plataformas de videoconferência; no segundo relato, houve a continuidade da utilização dos dois métodos de forma concomitante, optando-se tanto pelas aulas previamente gravadas, em áudio ou vídeo, quanto pelas aulas em videoconferência.

Como conclusão à pesquisa, por meio dos dados qualitativos coletados, chega-se à seguinte conclusão: apesar das grandes dificuldades iniciais para adaptação repentina da forma de ministrar o conteúdo através de meios digitais, as plataformas disponíveis foram eficientes e satisfatórias para transmissão do conteúdo em meio às circunstâncias excepcionais impostas pelo isolamento social e suspensão das aulas presenciais.

Por fim, defende-se que o método de substituição das aulas presenciais por meio digital de videoconferência, com a presença remota dos alunos e professor, no horário da aula, apresenta-se como melhor estratégia para o processo de ensino e aprendizado no âmbito das aulas teóricas do curso de Direito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério Da Saúde. **Portaria nº 188**, de 03.02.2020. Brasília, 2020. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/prt188-20-ms.htm> Acesso em 31 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17.03.2020. Brasília, 2020. Disponível em: < <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>> Acesso em 31 maio 2020.

CENTER FOR SYSTEMS SCIENCE AND ENGINEERING. **COVID-19 Dashboard**. Johns Hopkins University of Medicine. Baltimore, 2020.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *In EDUSER: revista de educação*. Vol. 2 (2), 2010.

OPAS Brasil. **Folha informativa – COVID-19**. Disponível em:

<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875> Acesso em 31 maio 2020.

PARAIBA. **Decreto Estadual nº 40.122**, de 13.03.2020. João Pessoa, 2020.

Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-14-03-2020.pdf/>> Acesso em 31 maio 2020.

PARAIBA. **Decreto Estadual nº 40.135**, de 20.03.2020. João Pessoa, 2020.

Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/marco/diario-oficial-21-03-2020.pdf/>> Acesso em 31 maio 2020.

PARAIBA. **Decreto Estadual nº 40.242**, de 16.05.2020. João Pessoa, 2020.

Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/maio/diario-oficial-16-05-2020-suplemento.pdf>> Acesso em 31 maio 2020.

PONTE, João Pedro. O estudo de caso na investigação em Educação Matemática. *in Quadrante*. Vol. 3, n.1, 1994.

MUDANÇA DE PARADIGMA DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE AULAS REMOTAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

HOLLANDA, Ana Paula¹
ALMEIDA, Fabiana de Cássia²

1 INTRODUÇÃO

Com a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia do novo **Coronavírus**, nós professores de IES precisamos nos reinventar, recorrendo ao ensino remoto para tentar concluir esse semestre no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem. Essa **mudança exigiu adaptação rápida** por parte dos professores, o que levanta debates e questionamentos: os professores estão preparados para lecionar além do formato remoto?

Em decorrência do acima exposto, o professor precisou se reinventar e tomar como base sua experiência na prática pedagógica para levar os alunos a se tornarem agentes conscientes e autônomos e críticos do seu papel de aprendentes num processo de abertura para nova modalidade de aulas remotas.

Entendemos que a formação inicial e continuada do professorado deve possibilitar um saber fazer prático e racional, fundamentado para agir em situações complexas de ensino, propiciando uma constante dialética entre a prática profissional e a formação teórica. Ainda, nessa perspectiva, ressaltamos que o conhecimento pedagógico não pode estar desvinculado da relação teoria e prática. (TARDIF, 2002)

Contudo, se o professor é do tipo “tradicional/conservador”, que muitas vezes, limita-se ao modelo pronto e acabado de planejamento, não conseguindo se desvencilhar da opressão dos planos de aula, tornando-se refém da rotina e da burocracia, mecanizando com isso o processo de ensino-aprendizagem. Essa atitude compromete, visto que é fundamental ter liberdade para explorar e arriscar novas formas em busca de novas ideias e linguagens, rompendo, dessa maneira, com as formas padronizadas. Precisamos entender que ensino remoto praticado atualmente durante a pandemia, assemelha-se a Educação a Distância - EAD

¹ Graduada em Pedagogia (UPE), Administração (UNICAP) e Filosofia (UFPE). Especialista em Gestão de Pessoas (UPE) e Gestão de Educação do Município (UFPB). Professora nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Publicidade do UNIESP.

² Graduada em Pedagogia (UEPB). Especialista em Psicopedagogia (UEPB) e em Gestão de Educação do Município (UFPB). Professora no curso de Pedagogia da UNAVIDA-UVA

apenas no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. Mas os princípios seguem sendo os mesmos da educação presencial.

A partir do momento que a situação de isolamento social impôs às pessoas o distanciamento físico, a Educação na modalidade a Distância – EAD surgiu nos discursos dos órgãos envolvidos de educação, bem como para educadores e alunos que essa seria a solução capaz de reordenar e reorientar as atividades acadêmicas de ensino. Porém, assim como a complexidade da situação que envolve uma pandemia também há necessidade de entendimento sobre a modalidade de ensino EAD que apresenta um enredo a ser entendido.

O relato de experiência que apresentaremos aqui terá como objetivo apresentar as ferramentas que utilizamos em sala de aula remota com aplicativos, plataformas, metodologias colaborativas e planejamento individualizado, podendo inspirar outros docentes em suas estratégias metodológicas.

Nesse sentido, se faz necessário oferecer subsídios teórico-práticos para a execução do planejamento, pautado em princípios condizentes com o acesso à aprendizagem dos alunos agregando recursos e estratégias pedagógicas adequadas para o ensino remoto.

2 DESENVOLVIMENTO

Esse relato traz a experiência de uma turma de alunos que ao iniciar um novo módulo, na UNAVIDA-UVA, no curso de Licenciatura em Pedagogia que até então acontecia em Regime Especial com aulas aos sábados e se deparou com os obstáculos de uma aula remota que nesse momento seria necessário para dar continuidade a sua vida acadêmica. A disciplina foi ministrada por duas professoras em momentos distintos desde a socialização ao fechamento do módulo.

A disciplina em questão é Tecnologias da Informação e Comunicação ou simplesmente TICs. Essa disciplina engloba todas as tecnologias que fazem parte dos processos informacionais e comunicativos da sociedade. Foi abordado, conforme planejado, os conjuntos de recursos tecnológicos que interagem entre si. E fizemos reconhecer que as tecnologias estão presentes em todo o mundo, nos negócios empresariais, nas faculdades, no campo, nas cidades, nos transportes e em todos os seguimentos do círculo social.

Kenski (2007, p.46) afirma que: “*Não há dúvida de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação*” [...]. Devemos levar os alunos a perceber que as novas irão ajudar a encontrar novos caminhos e a definir bem esses objetivos, ajudando na melhoria do processo e na qualidade da educação.

E como trabalhar tecnologia se os próprios alunos não tinham habilidades e apropriação das ferramentas? Como realizar uma aula atrativa e colaborativa sem que seja necessária a presença física? Como envolver alunos à distância se nem o professor eles conheciam?

Iniciar um módulo presencial de forma remota, com alunos que não tinham tantos recursos e habilidades tecnológicas: estava à frente de um desafio! O *start* da aula foi centrado em conhecer o meu público, meus alunos, suas realidades, onde moravam, se trabalhavam, ou só estudavam.

Segundo Piaget (1996), nenhum conhecimento, mesmo que puramente através da percepção, não é simples cópia do real ou se encontra totalmente determinado pela mente do indivíduo. É o produto de uma interação entre o sujeito e o objeto, é a interação provocada pelas atitudes espontâneas do organismo e pelos estímulos externos.

De acordo com a pesquisa inicial foi identificado que a turma era muito heterogênea e necessitava realizar uma atividade diagnóstica para entender por onde começar. Foi criada uma pesquisa no *Google Forms* (figura 1) para detectar o nível da turma, seus conhecimentos prévios e suas habilidades com as ferramentas tecnológicas.

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA - PEDAGOGIA

Objetiva verificar o conhecimento prévio de cada aluno, constatando as condições necessárias para garantir a aprendizagem.

Nome do aluno: *

Texto de resposta curta

Qual a principal ferramenta de estudo para participar de um curso na modalidade remota? *

Texto de resposta curta

Figura 18- Atividade Diagnóstica.
 Fonte: Atividade desenvolvida no *Google Forms*.

Após a coleta de dados foram realizadas algumas intervenções para que todos tivessem o mesmo acompanhamento e a mesmas condições de aprendizado.

Para tornar o conteúdo significativo e iniciar uma socialização da professora com a turma e entre os próprios alunos, realizou-se a dinâmica do “papel amassado”. Foi solicitado que pegassem uma folha qualquer desde que não estivesse amassa e olhando para essa folha imaginassem como estava sua vida antes da COVID19 e aos conhecimentos que já tinham sobre Redes Sociais e as Tecnologias da Informação e Comunicação. Após essas reflexões eles iriam amassar esse papel formando uma bola até que tivessem colocado todas as suas angústias, medos, dúvidas em seus movimentos. Então, foi solicitado que abrissem a folha e voltassem-na para o formato inicial. Todos relataram não ser possível, mesmo quando questionei se pudessem passar o ferro, ou colocar livros para que a folha voltasse a ficar lisinha como era antes de ser amassada. Sabia-se que não seria possível! Como hipótese foi lançada a relação dessa folha amassada com o que estavam vivendo nessa pandemia, relacionando com a aula e a nova percepção de seus conhecimentos pedagógicos que jamais seriam os mesmos.

Muitos alunos se comoveram e com seus relatos perceberam que realmente após esse isolamento social, nunca mais serão os mesmos, todos tiveram que se reinventar e reaprender até mesmo o que já estava acostumado a fazer, mas agora de forma diferente.

No contexto educacional atual, todos os envolvidos no processo educativo buscam a qualidade da aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, procuram alternativas, metodologias e propostas que possam potencializar o processo de ensino. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm se caracterizado como aliadas nesse processo uma vez que otimizam o trabalho do professor na elaboração de atividades, na interação em sala de aula e fora dela, e aproximam os conhecimentos construídos a partir da realidade dos alunos.

As TIC's são potencializadoras da aprendizagem, democratizam o acesso à informação, ampliam a relação da tecnologia como recurso pedagógico e proporcionam maior envolvimento dos alunos na realização das atividades didáticas. Ainda, as novas tecnologias usadas como suporte pedagógico devem promover produtos/técnicas e/ou processos que visam à interação comunicativa,

aprendizagem significativa por meio de uma linguagem digital (KENSKI, 2003; RAMOS, 2008).

Após essa vivência da atividade diagnóstica, iniciamos o segundo momento da aula com uma conversa informal para levantar palavras articuladas ao conceito de inclusão. Dessa forma, desenvolvemos uma Nuvem de palavras que possibilitou registrar os conhecimentos - os conceitos - prévios dos alunos sobre determinado conteúdo: a inclusão educacional.

Realizamos um *brainstorm* sobre o tema da disciplina TICs. Para essa estratégia foi disponibilizado um *link* pelo *Chat* no ambiente virtual de aprendizagem e cada aluno escreveu 2 (duas) palavras que estivessem relacionadas à TICs. E com o auxílio do aplicativo *Word_Clouds* criamos uma nuvem de palavras que serviu como base para as discussões iniciais (figura 2).

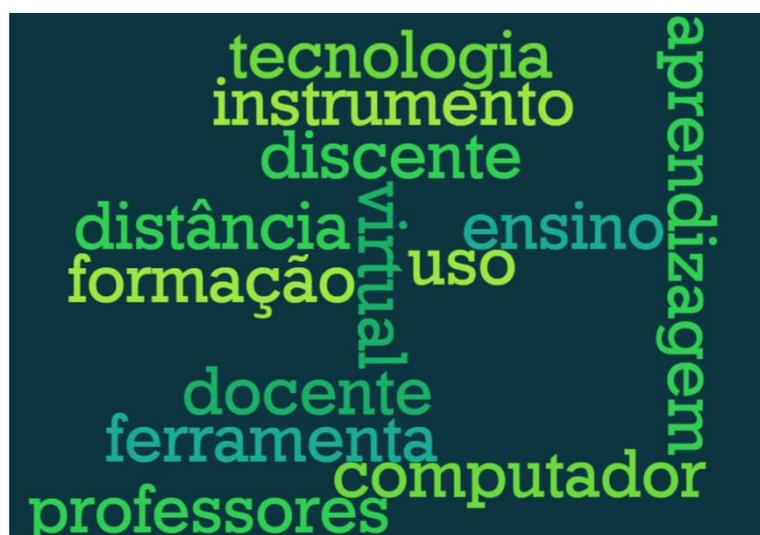


Figura 2 - Nuvem de palavras realizada com a turma de Pedagogia.
 Fonte: Desenvolvida pelo aplicativo *Word_Clouds*.

Com o intuito de promover um processo de ensino-aprendizagem significativo, a disciplina foi organizada a partir de textos de referência, discussões e elaborações de mapas conceituais. Os mapas conceituais visam promover a aprendizagem significativa e a organização gráfica do conhecimento (AGUIAR & CORREIA, 2013).

Em um dos momentos de ensino utilizamos um mapa conceitual que retratava o professor como um dos elementos do processo entre a Tecnologia e a Educação. Neste mapa, procuramos apresentar os principais conceitos e como funciona o uso de TIC's na escola (figura 3).

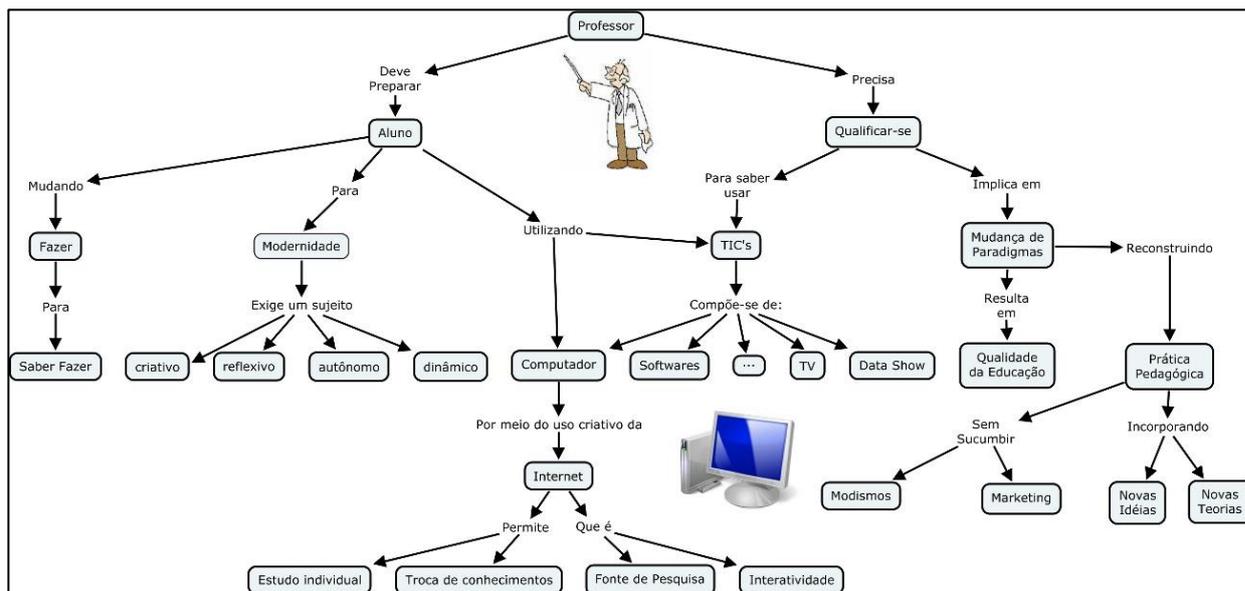


Figura 3 - Mapa conceitual: Tecnologia e Educação.

Fonte: Disponível em: <https://ticseadufsm.wordpress.com/2011/10/26/mapa-conceitual/>
Acesso em: 14 maio 2020.

Compartilhamos a figura 3 e solicitamos que relatassem quais mudanças eram possíveis de se observar na sociedade e no trabalho que foram provocadas pelas novas tecnologias. De forma bastante participativa os alunos fizeram suas considerações em relação as ligações conceituais e assim ampliaram sua capacidade analítica sobre o contexto que envolve as práticas tecnológicas na educação.

A dinâmica de sala de aula foi enriquecida com o uso dos mapas conceituais que possibilitou encontros de diálogo, aprendizado ativo e construção colaborativa do conhecimento que dificilmente seriam proporcionados exclusivamente através de métodos mais passivos quando esperamos a participação dos alunos.

Conversamos um pouco sobre a tecnologia e sua evolução ao longo da história, e disponibilizei para apreciação o trecho do filme: Tempos Modernos de *Charlie Chaplin* (figura 4) e continuamos refletindo sobre como os tempos mudaram e a evolução nos impulsiona e nos remete a mudar junto com as novas exigências sociais.



Figura 4 - Filme “Tempos Modernos”.
Fonte: Acervo da professora, 2020.

Outra ferramenta que trago nesse relato que foi utilizada no decorrer da disciplina foi o aplicativo Criador de *caça-palavras Geniol* (figura 5) para gerar um momento de descontração. Utilizamos as palavras que até o momento tinham sido destacadas durante a exploração do conteúdo. A cada palavra encontrada fazíamos uma relação do seu uso na atual conjuntura do uso e modernização das ferramentas tecnológicas.

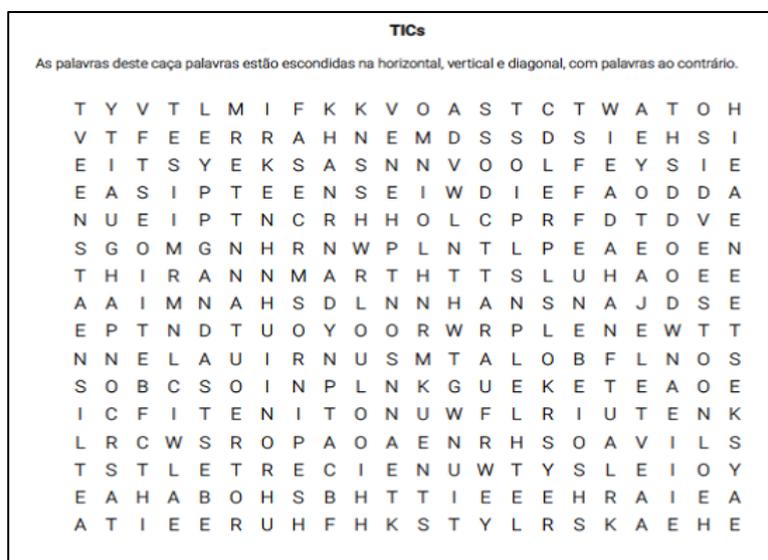


Figura 5 - Caça – Palavras sobre (TICs).
Fonte: Organizado pelo criador de Caça-palavras – *Geniol*

Os alunos ficaram encantados com o transcorrer da aula e relatavam como o tempo estava passando rápido e como estavam vivenciando um momento de aula tão prazeroso.

Continuamos analisando imagens, citações e conversando sobre como já vivíamos tanta coisa nova sem nos darmos conta de que como imigrantes digitais estávamos até bem situados nesse mundo digital e tecnológico.

Para refletirmos sobre como as informações que, na era tecnológica, se multiplicam em rápida velocidade, atingindo a comunicação em massa; lançamos uma notícia *para* concluir se era uma notícia *fake* ou fato.



Figura 6 - Manchete *fake* de jornal.
Fonte: Organizado pela professora, 2020.

Solicitamos que respondessem e imediatamente alguns disseram que sim, outros que não, mas ninguém se preocupou em pesquisar e observar se alguma fonte segura já teria noticiado algo nesse sentido. Assim, iniciamos uma conversa sobre ética e responsabilidade no compartilhar das notícias, fazendo uma relação com as “armas” que a tecnologia pode trazer como consequência de seu mau uso.

No transcorrer dos *slides* aparecia a imagem de uma lâmpada como balão de pensamento, que estava apagada, mas que acenderia com as ideias que os alunos trouxessem sobre o que estava sendo questionado sobre o conteúdo explanado e fomos incentivando a participação de todos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar esse artigo, retomamos nosso objetivo de pesquisa: apresentar as ferramentas que utilizamos em sala de aula remota com aplicativos, plataformas, metodologias colaborativas e planejamento individualizado, podendo inspirar outros docentes em suas estratégias metodológicas.

O que motivou a realização desse artigo foi o fato de poder contribuir com outros professores dentro da mesma Instituição de Educação Superior - IES, em todos os seus cursos, independente da área e oferecer subsídios aos futuros docentes do curso de Pedagogia com o uso de recursos pedagógicos tecnológicos.

Partimos do princípio de que a formação docente precisa oferecer subsídios teóricos e práticos entre a prática pedagógica e os conteúdos explorados, trabalhamos embasadas em várias ferramentas tecnológicas, que seriam aprendidos de maneira mais satisfatória, bem como, ampliaria o repertório das licenciandas quanto às potencialidades e possibilidades de recursos pedagógicos tecnológicos no planejamento de seus planejamentos.

Percebemos a importância de se discutir o uso de recursos tecnológicos como meio de potencializar o processo educativo, sendo instrumentos de mediação entre o ensino e a aprendizagem.

Muito provavelmente os professores que hoje atuam no ensino superior não estavam preparados para lidar com toda essa situação. Mesmo assim é possível ter uma visão de futuro, e perceber que o uso de soluções educacionais inovadoras e criativas, em situações como essa estão vivenciando por exemplo, podem ser um grande exemplo para educação, se pensarmos que estamos antecipando o futuro ao buscarmos lidar com o mundo digital de forma tão intensa e marcante.

O mundo moderno precisa disso. É essencial entender a necessidade do uso de recurso tecnológico que facilitem a gestão e o aprendizado. As modalidades de ensino que já atuam utilizando os métodos remotos são os que mais chamam a atenção dos estudantes e com certeza são os que melhor retém esses alunos. E sem dúvida será agora um diferencial dos demais que ainda não estão inseridos nesse processo de ensino virtualizado, seja de forma síncrona ou assíncrona.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joana & CORREIA Paulo Rogério Miranda. “Como Fazer Bons Mapas Conceituais? Estabelecendo Parâmetros de Referências e Propondo Atividades de Treinamento”. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, vol. 13, n. 2, 2013.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2003. (Série Prática Pedagógica)

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

RAMOS, S. **Tecnologias da informação e comunicação: conceitos básicos**. out., 2008. Disponível em: <http://esms.edu.pt/> . Acesso em: 05 maio 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

EDUCAÇÃO *ONLINE* EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

SOARES, Magnay Erick Cavalcante¹
Sousa, Hercilio de Medeiros²
Júnior, Ivanildo Félix da Silva³

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de isolamento social, a educação escolar se vê frente a um de seus, talvez, maiores desafios do Século XXI: como manter a rotina de estudos e interação social (aluno – professor; aluno – aluno), enquanto todas as atividades que demandam grandes concentrações de pessoas permanecem suspensas, sem perspectiva de retorno a uma nova normalidade à vista no horizonte?

Essa é a grande questão, para a qual todo o sistema de educação básica (pública e particular) busca, na atualidade, construir um modelo satisfatório, que atenda às necessidades emergenciais da sociedade de manter a rotina escolar e, quem sabe, “salvar” o ano letivo de 2020.

Apesar de as realidades entre o *público* e o *particular* continuarem sendo bem díspares no Brasil, ambos os seguimentos de educação básica enfrentam esse desafio de maneiras diferentes, mas com o mesmo objetivo: tentar manter o mínimo de qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

Pretendemos, portanto, investigar os reflexos preliminares de uma mudança repentina na forma como o sistema de educação brasileira vem construindo trilhas de aprendizagem no universo *ONLINE* para um público que, apesar de muitos já terem nascido na era das Tecnologias da Informação e Comunicação [TICs], não foi preparado previamente para uma transição imposta pelas circunstâncias sociais.

Buscamos ancoragem teórica em pesquisas que transitam no espaço comum de investigação das relações sociais (SOARES, 2000; ANTONIO, J. C. et.al, 2013, SANTAELLA, 2008; DELORS et.al, 2006), que se estabelecem entre educação e tecnologia (LITTO e MATTAR, 2017; VIANNEY et.al, 2020; MOURÃO, 2020;

¹ Graduado em Letras (UFCG). Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Educação a Distância (UFPB). Mestre em Linguística (UFPB). Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino do Município de João Pessoa. Professor do curso de Pedagogia do UNIESP.

² Licenciado em História (UVA), Pedagogia (FAMOSP) e Letras Libras (UNIDEAL). Especialista em Libras (FACEN). Mestrado em Linguística e Ensino (UFPB). Coordenador dos cursos de Pedagogia e Letras Português do UNIESP.

³ Tecnólogo em sistemas para internet (FATECJP), Licenciado em Letras Português (UFPB). Especialista em Segurança da Informação (FATECJP) e Educação a Distância (SENAC). Mestre em Linguística (UFPB) e Informática (UFPB). Professor dos cursos de Sistemas e Pedagogia do UNIESP.

AZEVEDO, 2017; MENESES e FERREIRA, 2012) no processo de ensino-aprendizagem, observando o lugar ocupado pela avaliação (MOURÃO, 2020) no contexto de educação *ONLINE*.

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso da disciplina de Ética e Educação, do curso semipresencial de Pedagogia do Centro Universitário UNIESP que, por força do decreto no. 40.122/2020 – Governo do Estado da Paraíba, teve suas atividades presenciais substituídas por encontros virtuais, fazendo uso de ferramentas e plataformas *ONLINE*.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A CULTURA DA EDUCAÇÃO PRESENCIAL *VERSUS ONLINE*: HÁBITOS E COSTUMES

Esse momento que vivemos da história da humanidade, de isolamento social forçado pela pandemia da Covid-19, sem sombra de dúvidas, representa um divisor de águas no que diz respeito ao processo de educação escolar. Tradicionalmente, a Educação Básica é moldada no modelo presencial de ensino, muito em função do estágio de desenvolvimento psicológico em que se encontram crianças, jovens, adolescentes e adultos, que necessitam de interação interpessoal física para construir os necessários esquemas mentais norteadores de como se comportar em ambientes sociais compartilhados.

É nessa fase do desenvolvimento humano que construímos hábitos e costumes que nos acompanharão durante toda vida, por vezes, passando por atualizações forçadas pelas experiências vividas. Logo, é possível inferir que o acesso a uma educação qualidade representa uma luta de poder entre classes sociais, o que se pode evidenciar em Soares (2020, p. 9):

[...] A escola pública não é, como erroneamente se pretende que seja uma doação do Estado ao povo; ao contrário, ela é uma progressiva e lenta conquista das camadas populares, em sua luta pela democratização do saber, através da democratização da escola.

Podemos reconhecer que o acesso ao ambiente escolar hoje se encontra relativamente democratizado. Ainda que nem todas as escolas, na extensão do território nacional, contenham uma estrutura física, tecnológica e humana adequada

à comunidade que faz uso desse espaço, as famílias têm enfrentado menos dificuldades para matricular seus filhos em escolas públicas.

Toda a tecnologia disponível no espaço físico da escola, portanto, tornou-se, ao longo da história, o lugar-comum por excelência para desenvolver comportamentos, aperfeiçoar a percepção de sentimentos e experimentar emoções. Em síntese, construímos nossas identidades em meio às diferenças que devemos aprender a respeitar em um ambiente escolar “pluridimensional que não se limita à aquisição de conhecimentos” (DELORS et.al, 2006, p.106).

O desenvolvimento de um indivíduo inicia no seio familiar, responsável, portanto, por estabelecer uma conexão entre os campos: afetivo e o cognitivo, na busca por um desenvolvimento harmonioso da criança, que implica

[...] uma complementaridade entre educação escolar e educação familiar [...], uma vez que, [...] cada um aprende ao longo de toda a sua vida no seio do espaço social constituído pela comunidade a que pertence [...], pois [...] A educação deriva da vontade de viver juntos e de basear a coesão do grupo num conjunto de projetos comuns [...] (DELORS et.al, op.cit, p.111 e 112).

O tocar, o sentir, o olhar - tecnologias sensoriais humanas que “transformam nossa relação com o mundo” (SANTAELLA, 2008, p.32) - que a educação presencial possibilita representam ações humanas de grande importância para o desenvolvimento psicossocial do ser humano, em particular, na primeira década de vida, que nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, é capaz de substituir.

Contudo, não podemos negar o surgimento de um novo personagem no contexto das relações interpessoais humanas: *as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação [TICs]*. Como Antônio (2013, p.10) destaca:

No trabalho, na escola, em casa, em muitos outros lugares e a qualquer momento estamos cercados pelas tecnologias. Elas criam ambientes que modificam nossa vida psíquica e, em consequência, nossas mentes. Suas interfaces estão ficando cada vez mais híbridas. Tanto a tela do computador em que você lê este texto, quanto sua mente e seu corpo se tornam mais íntimos com o passar dos dias [...]

Que as tecnologias digitais são uma realidade que nos abre múltiplas janelas para a aprendizagem, isso é um fato incontestável. No entanto, com elas, surge uma

nova demanda de comportamentos, frente à responsabilidade e/ou compromisso que cada indivíduo, em fase de escolarização, tem com o processo de construção do conhecimento.

Pensando sobre essa realidade, a Educação *Online*, apesar de se tratar de uma novidade, posto que se encontra em nosso meio desde antes da primeira guerra mundial, através do rádio, da televisão, de cursos por correspondência etc., na contemporaneidade, para muitos brasileiros, ainda se apresenta como um ambiente desconhecido, desafiador, por vezes hostil, especialmente em função de habilidades e competências que são demandas, mas que uma grande parcela da população ainda não as desenvolveu, seja por falta de oportunidade ou pela falta de acesso aos recursos tecnológicos mais modernos.

Compromisso com a aprendizagem, a disciplina com os horários para participar de momentos síncronos/assíncronos e a ética na produção de novos conhecimentos representam um grande desafio para professores e gestores de uma educação pautada no uso das TICs. Para Lepeltak e Verlinden, In: Delors (2005, p.207),

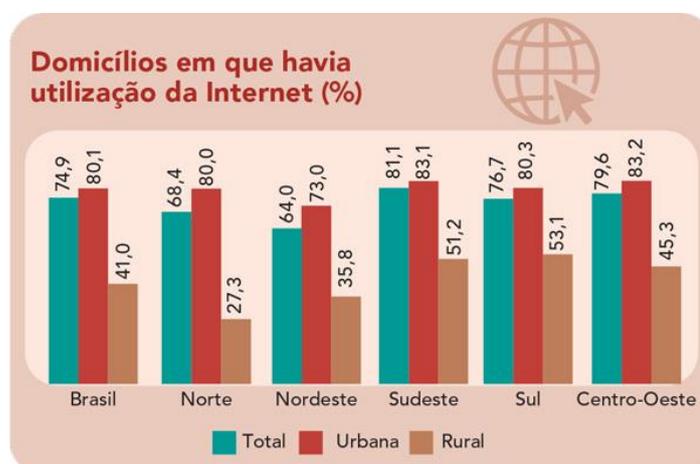
As tecnologias da informação podem representar um desafio para os professores e dar um novo impulso ao ensino. Elas permitem a individualização da trajetória educacional e conferem importância a novas matérias e a novas competências, como a capacidade de encontrar, de tratar e de fornecer rapidamente informação [...] ou a capacidade de resolver problemas. Mas podem ser igualmente uma fonte de frustração no âmbito da atual estrutura organizacional da educação, bastante estreita e bastante rígida. A pressão do trabalho, a falta de equipamentos (*hardware* e *software*) e, o que é um fenômeno frequente, sua má integração nos programas escolares pode ter um efeito negativo.

Se bem pensadas e planejadas, considerando cada realidade educacional em particular (pública e privada), as TICs poderão se tornar grandes aliadas no processo de ensino-aprendizagem. Do contrário, implementadas a toque de caixa, como em tempos de pandemia, podem se tornar vilãs e comprometer significativamente a qualidade do resultado final de um período de ensino. Nesse ínterim, será que vivemos uma verdadeira democratização do acesso às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação no Século XXI? Vejamos a seguir.

2.2 A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

Nem tudo são flores na vida daqueles que se aventuram nas trilhas do saber no universo digital. Mesmo para aqueles nascidos no século da informação, da construção colaborativa do conhecimento, muitos são os desafios a enfrentar. O primeiro desafio, e talvez o maior de todos, é ter acesso às TICs, especialmente em países como o Brasil, marcado fortemente pela desigualdade social e pela esmagadora concentração de renda.

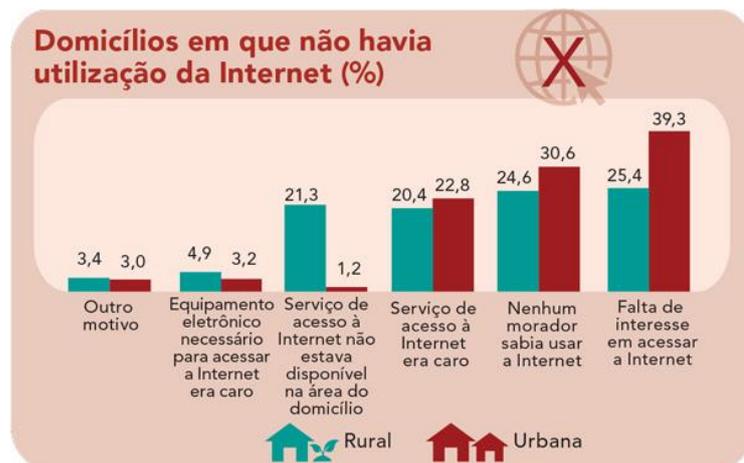
É bem verdade que as últimas pesquisas de senso demográfico por amostragem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017) apontam para uma crescente presença de recursos tecnológicos e pontos de acesso à *internet* nos lares brasileiros (figura 1).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017.

Figura 1 - Domicílios em que havia utilização da *Internet* (%).
Fonte: IBGE (2017).

Contudo, a presença das tecnologias digitais nos lares brasileiros ainda não alcançou níveis satisfatórios, em termos qualitativos, para que possamos considerar, verdadeiramente, que vivamos uma democratização do acesso aos recursos digitais, como nos mostra o gráfico na figura 2.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017.

Figura 2 - Domicílios em que não havia utilização da *Internet* (%).

Fonte: IBGE (2017).

Como é facilmente percebida através dos dados apresentados na figura 2, uma parcela considerável das famílias brasileiras de baixa renda ainda enfrenta grade dificuldades na aquisição e manutenção de equipamentos básicos, como computador/*notebook* e *smartphone*, sem falar na assinatura de um provedor de sinal contínuo de acesso à *internet* de qualidade.

No entanto, a sociedade moderna, na medida em que superou o processo de fragmentação na construção do conhecimento, marcante nas gerações do século passado e passou a produzir conhecimento de maneira integrada, colaborativa impôs aos indivíduos a necessidade não apenas de aquisição de recursos tecnológicos, mas também de domínio de técnicas e desenvolvimento de habilidades específicas.

A simples presença das TICs na vida das pessoas, por si só, não representa garantia de desenvolvimento espontâneo de habilidades para acessar a informação e produzir conhecimento digital de maneira qualitativa. O que se tem percebido largamente nas últimas décadas, no contexto da educação, é que “[...] usar tecnologias digitais em sala de aula não determina a excelência no processo de aprendizagem do aluno, tampouco melhor qualidade de ensino do professor [...]” (AZEVEDO, 2017, p.38).

No tocante à educação, por exemplo, faz-se de extrema importância garantir que, tanto os discentes, quanto os docentes vivam experiências de letramento digital e informacional. Tão importante quanto desenvolver habilidades para fazer uso das tecnologias digitais para acessar, apropriar-se e participar, colaborativamente, da construção de novos conhecimentos, é desenvolver competências para filtrar,

selecionar e fazer uso consciente e ético do conhecimento disponível no universo digital⁴.

Calma, não é interesse nosso criminalizar o uso das TICs na educação, nem tão pouco apenas apontar dificuldades quando esses recursos se fazem presente no ambiente educacional. Defendemos que se faça uso de todo e qualquer recurso que se apresente como válido para o processo de ensino-aprendizagem.

No contexto da sociedade digital moderna surgiu o que se convencionou chamar de Recurso Educacional Aberto (REA)⁵, que não necessariamente precisa ser digital, abarcando uma gama quase que infinita de tecnologias que a humanidade criou até então. Na compreensão de Miao, Mishra e McGreal (UNESCO, 2016), vivemos uma remodelação das sociedades no contexto da globalização, onde todo e qualquer recurso material (físico ou digital) produzido sobre a filosofia da licença livre, que possa ser copiado, adaptado e redistribuído sem custos, tem atraído cada vez mais simpatizantes.

Essa filosofia, que não é nova, por mais que você eventualmente nunca tenha ouvido falar, pois remonta ao desenvolvimento da imprensa no século XIX, alavanca possibilidades educacionais gigantescas, uma vez que defende a remoção de barreiras que impendem o acesso a informação e caminham na direção de uma ampla democratização do conhecimento (Cf. LITTO e MATTAR, 2017).

Precisamos, ainda, levar em consideração que temos, pelo menos, três gerações de indivíduos compartilhando os mesmos espaços sociais de convívio e aprendizagem, baseados na utilização de tecnologias digitais, mas ainda também analógicas, as: X (25 a 45 anos), Y (14 a 24) e Z (no máximo 14 anos), portanto, imigrantes e nativos digitais.

Imaginem os conflitos de interesses, habilidades e competências que surgem nesse convívio. Enquanto a geração Y se caracteriza por ser impulsiva e pela busca quase que insaciável pela inovação, por apresentar conflitos marcantes, como o desejo de liberdade incondicional, sem, contudo, tornar público sua intimidade e um marcante traço de individualismo, compromissados com a realização pessoal, mas orientados por valores éticos bem fundamentados, as gerações X e Y busca a liberdade e a individualidade, luta e defesa dos direitos adquiridos, sem abrir mão do convívio da coletividade (Cf. ANTONIO, 2013).

⁴ Cf. Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem (GASQUE, 2012).

⁵ Tradução do inglês *Open Educational Resources* (UNESCO, 2016).

É com as gerações X e Y que os docentes da atualidade lidam diariamente, sendo que a maioria dos professores pertence à geração X, aquela composta por indivíduos baseados nas tecnologias analógicas, portanto, imigrantes digitais. Enquanto a sociedade moderna demanda um tipo específico de professor – aquele chamado de professor 2.0 – familiarizado com as tecnologias digitais, muitos daqueles que foram, ou ainda são, seus professores estão no estágio 1.0, quando o assunto é utilização da *web 2.0*, segunda geração de recursos tecnológicos baseados na utilização da *internet* como plataforma, na inteligência coletiva compartilhada e na interatividade.

Uma equipe de pesquisadores ligados à UNESCO vem discutindo as necessidades formativas e de atualização tecnológica no universo da educação, inerentes às características de produção dos saberes das sociedades modernas já há mais de uma década, estabelecendo e discutindo os pilares do conhecimento no século XXI. No entendimento dessa equipe,

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (DELLORS et.al, 1998, p.89-90)

No século do compartilhamento digital da informação, à escola cumpri o papel fundamental de estimular o prazer de aprender a aprender, aguçando a curiosidade intelectual, pois a humanidade compreende hoje, talvez como nunca antes, a necessidade de se desenvolver uma educação ao longo de toda a vida, perpassando o período de escolarização formal e se estendendo por todos os ambientes sociais.

O desafio para a sociedade moderna em termos de democratização do acesso às tecnologias da informação e comunicação, infelizmente, ainda representa um entrave para que se promova uma educação verdadeiramente de qualidade no Brasil, pois por mais que os dados do senso do IBGE e do Relatório sobre a Vida

Digital em outro País (tradução livre) (CHUDOBA e HARSCH, 2018)⁶ apontem para um maior uso de dispositivos com acesso à *internet* nos lares brasileiros, o que se tem percebido desde a declaração de pandemia pelo Covid-19, suspensão das atividades presenciais em todo o sistema de ensino e implementação de medidas de isolamento social por estados e municípios é que estudantes das camadas mais populares têm enfrentando grandes dificuldades para manter uma rotina remota de estudos, seja por falta de equipamento, ou mesmo de um ponto de acesso à *internet* banda larga de qualidade.

Convidamos você a pensar conosco, a seguir, sobre os reflexos (positivos e negativos) de uma situação de isolamento social, em que as atividades presenciais de educação formal foram suspensas repentinamente, sem que houvesse tempo para que as autoridades planejassem e apresentassem soluções para o período de alguns meses de ensino inteiramente remoto, até que se mostre socialmente seguro a retomada das atividades presenciais de ensino.

2.3 DE REPENTE: ESTAMOS *ONLINE*

Imagine você, recém ingressado(a) no seu primeiro curso de graduação, na modalidade semipresencial⁷, tendo um encontro presencial por semana com a sua turma e interagindo fisicamente com professores, de repente é surpreendido(a) por um decreto estadual suspendendo todas as atividades de ensino presenciais por tempo indeterminado, em função dos riscos de contaminação pelo novo Coronavírus (Covid-19).

Diante da nova realidade educacional imposta pela pandemia, o Centro Universitário UNIESP, preocupado com a qualidade da formação acadêmica de seus alunos, buscou alternativas para possibilitar a continuação dos estudos de suas turmas regulares de ensino e tendo o Ministério da Educação emitido à portaria No. 343/2020 autorizando, em caráter excepcional, “[...] a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação [...]” (MEC, 2020), as aulas presenciais foram substituídas, temporariamente, por encontros virtuais, possibilitados por diversas

⁶ Somos o 4º país em número de usuários e o 2º em número de horas utilizando a *internet* (CHUDOBA e HARSCH, 2018).

⁷ Para entender melhor as diferenças entre as modalidades de ensino presencial, semipresencial e EAD, confira Silva (2020).

ferramentas para videoconferência [*zoom, Jitsi Meet, hangout* etc.] e recursos disponíveis em sua plataforma de EAD [*iesp.ead.edu.br*].

Nesse contexto, os dois principais grupos de agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (professores e alunos) começaram a viver experiências que, para muitos, vieram recheadas de desafios no tocante não somente ao uso adequado das TICs, mas também no que diz respeito à disponibilidade de dispositivos tecnológicos (computador/*notebook*) em ambiente residencial, equipamento que vem sendo substituído nos lares brasileiros pelo *smartphone* em razão da relação custo-benefício entre esses dois tipos de equipamentos que possibilitam o acesso aos serviços de *internet* no Brasil – para 97% dos usuários de *internet* no Brasil, o *celular* foi o principal meio de acesso à *web* em 2017, segundo dados do IBGE.

De acordo com a mesma pesquisa, o fato de o Brasil ser um dos países mais conectados à *internet* no mundo, essa realidade não apresenta paridade em termos democratização da qualidade do *link* de acesso nas diversas camadas sociais do nosso país, por diversos motivos, relacionados especialmente à desigualdade social (equipamento eletrônico necessário para acessar a *internet* é caro, serviço de acesso à *internet* não está disponível na área do domicílio ou ainda é muito caro para as prioridades financeiras da família), como é possível constatar no gráfico na figura 3.

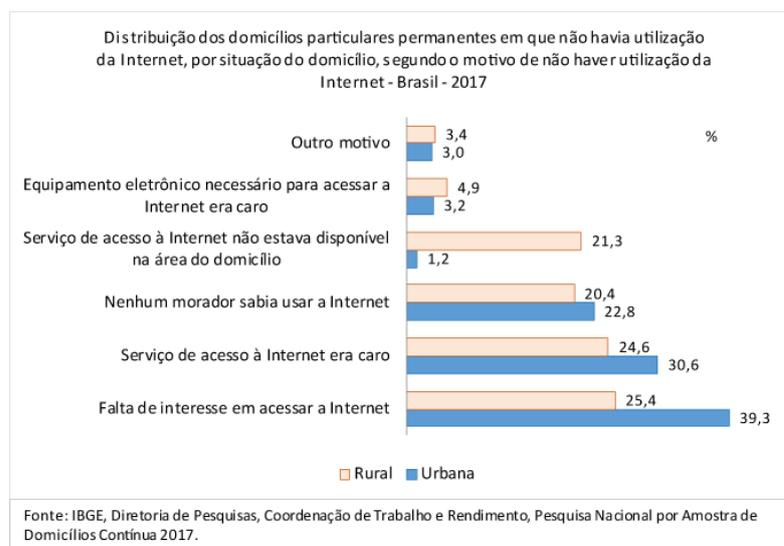


Figura 3 – Distribuição dos domicílios particulares permanentes em que não havia utilização da *Internet*, por situação do domicílio, segundo o motivo de não haver utilização da *Internet*-Brasil-2017.

Fonte: IBGE (2017).

É nesse contexto que muitos dos alunos que buscam os centros universitários particulares se encontram – pertencentes a famílias de baixa renda, lutando para conquistar o sonho da primeira graduação, muitas das vezes tendo que escolher entre a aquisição de um computador/*notebook* ou pagar a mensalidade da universidade, como observamos nas palavras de um (a) aluno(a) na figura 4.

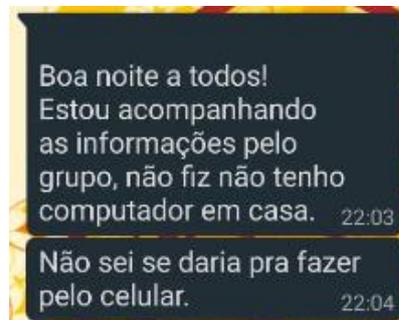


Figura 4 – Fala de aluno A.
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

E quando, com muita dificuldade, dispõe desses recursos em domicílio, esses alunos esbarram na falta de habilidades e competências para utilizar as TICs para fins específicos (como a educação), que extrapolam os limites do simples uso recreativo, que a maioria dos usuários brasileiros está acostumado a fazer – 95,5% dos usuários utilizou a *internet* prioritariamente para a troca de mensagens de texto, voz ou imagem em 2017.

Essas dificuldades foram sentidas na pele, por assim dizer, por alunos(as) de uma turma do curso de licenciatura em Pedagogia, modalidade semipresencial, do UNIESP Centro Universitário quando da publicação de medidas de isolamento social impostas pela pandemia do Covid-19 ainda no início do primeiro semestre letivo deste ano de 2020, como é possível constatar na figura 5, em recortes na troca de mensagens em aplicativo.

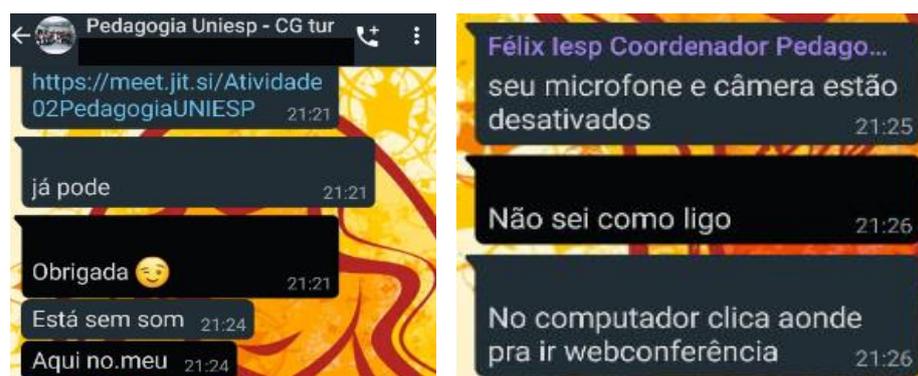


Figura 5 - Fala de aluno B.
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

As dificuldades manifestadas em realizar operações tidas como básicas e intuitivas na utilização de ferramentas para comunicação síncrona (*webconferência*) evidenciam lacunas de desenvolvimento social, que tendem a travar o acesso diversificado a fontes do conhecimento e do saber (Cf. DELLORS et.al, 1996).

De igual modo, a simples presença de dispositivos de última geração na residência do(a) aluno(a) não implica, necessariamente, em domínio de habilidades e competências necessárias para usá-los de maneira eficiente, explorando suas possibilidades de acesso e/ou interatividade com a informação/conhecimento (figura 6).

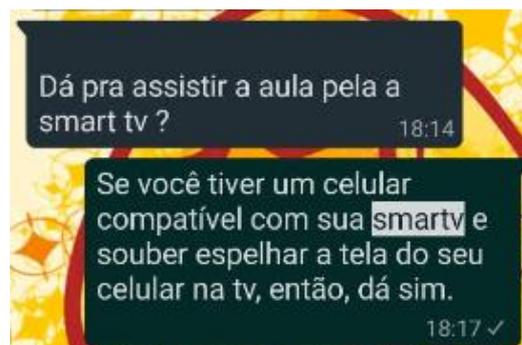


Figura 6 – Fala do aluno C.
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Note-se que são grandes as evidências de que nossos(as) alunos(as), ainda que disponham de algum recurso tecnológico em suas residências, manifestam desconhecimento evidente de como utilizá-los para fins educativos, o que implica em limitações de acesso e compartilhamento de informação. Infelizmente, não se trata de caso isolado, mas quase que generalizado, como é possível observar nos recortes na figura 7.

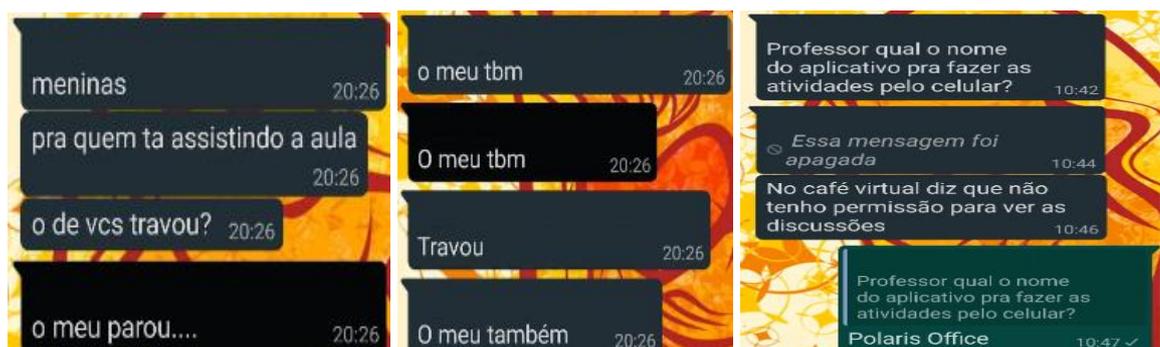


Figura 7 - Fala do aluno D.
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Os hábitos da cultura da educação presencial, de buscar na figura do professor o auxílio imediato para solucionar algum problema de acesso ao conhecimento, sem nem ao menos tentar solucionar sozinho(a), fazendo uso das ferramentas digitais de busca na *web* também se evidenciam no comportamento desse(a) aluno(a) que foi inserido na cultura da educação *online* sem o devido período de adaptação e orientação, necessário à apropriação de novos hábitos e costumes, baseados na autonomia do processo de construção do conhecimento. É nesse sentido que Lepeltak e Verlinden (DELORS, 2005, p.23) chamam a atenção para os desafios enfrentados por professores e alunos para impulsionar o ensino na era da informação digital.

Uma coisa é educar uma geração interativa, nativa digital, para quem “[...] as tarefas e as regras precisam ter uma razão [...]”, mas que habilidade e competência na utilização das TICs não representa um problema; outra coisa é lidar com uma geração imigrante digital, que vive na era da informação digital, mas que ainda se comporta no modelo analógico, para quem a inserção de qualquer novo recurso costuma demandar uma grande concentração de esforços para dominar sua utilização.

De toda forma, em um aspecto da educação, ambas as gerações são compreendidas igualmente: que na relação professo-aluno, o educando “[...] ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem”. (FREIRE, 1987, p. 68).

Mas, então, como ajustar a trajetória formativa de cada aluno, individualmente, para que nessa nova realidade de educação *online* – ainda que transitória, queremos acreditar – possamos ofertar uma educação de qualidade e excelência, alinhada às necessidades da sociedade moderna?!

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa não é, de fato, uma questão fácil de se solucionar em tempos “normais”, quem dirá em um momento em que a humanidade passa por uma fase de transição forçada das relações socioeconômicas em função da pandemia do Covid-19. Nesse contexto, as experiências das duas últimas décadas nos têm levado a crer que “[...]”

a tecnologia não pode, por si só, constituir uma solução milagrosa para as dificuldades sentidas pelos sistemas educativos [...]” (DELORS, et.al, 1998, p.188).

Se, por um lado, os professores precisam repensar estratégias e metodologias para atender a uma nova realidade da educação formal, o que demanda destes sujeitos também um considerável esforço, financeiro e cognitivo, para adquirir e aprender a utilizar os recursos possibilitados pela inserção de computadores, *notebooks*, *smart tvs* e *smartphones* conectados à *internet* no processo de ensino-aprendizagem, os(a) alunos(s), por sua vez, também enfrentam seus dilemas no tocante a compreender e participar do processo de construção de novos conhecimentos em um viés colaborativo (Cf. AZEVEDO, 2017, p.39), onde já não temos mais apenas um autor desenvolvendo reflexões, que culminarão na formulação de princípios, conceitos e teorias, mas uma comunidade de sujeitos pensantes, contribuindo ativamente no desenvolvimento de novos saberes, a exemplo deste texto que por hora você se dedicou a fazer a leitura.

É preciso, portanto, encontrar formas de superar essas dificuldades e limitações evidenciadas acima, no relato de experiências vividas com a turma de Pedagogia, do Centro Universitário UNIESP, pelo menos no que diz ao uso eficiente das TICs para fins educativos.

A oferta de oficinas teórico-práticas para as comunidades docente e discente, que proponham situações acadêmicas reais de uso dessas ferramentas, e seus recursos, parece apontar uma possibilidade de direção a se seguir, que mereça uma atenção especial de toda a equipe técnica e pedagógica das instituições, públicas e particulares, de ensino.

Por fim, não intentamos aqui esgotar todas as possibilidades de discussão deste tema da atualidade, relacionado à educação formal, de configurações tão complexas e de significativo impacto na formação das sociedades futuras, mas antes impulsionar a reflexão por parte daqueles que se interessem em contribuir com a proposição de direções a seguir por aqueles que hoje exercem a função de docente, responsáveis por intermediar o processo de ensino-aprendizagem, bem como àqueles que vivem a experiência da primeira graduação em tempos de isolamento social.

A única certeza que nos move neste momento é a de que o fluxo do conhecimento jamais interrompe sua trajetória para esperar que as adversidades

naturais, de um ecossistema tão complexo como o do nosso planeta apresente condições favoráveis para permitir que todos possamos retomar uma normalidade que ficou no passo, já não mais existe. Antes, ele encontrará, como sempre o fez, caminhos alternativos para seguir movendo mentes e corações na direção de um futuro desconhecido, restando a cada um de nós a decisão de buscar superar nossas limitações e dificuldades para acompanhá-lo.

E, então, qual será a sua escolha: entregar-se às suas dificuldades e limitações socioeconômicas e cognitivas, em meio a lamentações ou arregaçar as mangas e mergulhar no universo digital, com os recursos que você tem disponíveis, em busca de novos conhecimentos para desenvolver novas habilidades e competências?

REFERÊNCIAS

ANTONIO, J. C. et.al. Novos Modos de Aprender e Ensinar. *In: Educação no Século XXI*. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

AZEVEDO, Adriana Barros de. NARRATIVAS DIGITAIS E USOS COLABORATIVOS DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. *In: SILVA, Andreza Regina Lopes da. DEMANDAS PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL NO SÉCULO XXI*. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2017.

CHUDOBA, K.; HARSCH, C. *Digital Life Abroad*. *InterNations*, 2018. Disponível em: <<https://www.internations.org/expat-insider/2018/digital-life-39587>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

DELORS, J. et.al. **Educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DELORS, J. et.al. **EDUCAÇÃO: um tesouro a descobrir**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASQUE, K. C. G. D. **LETRAMENTO INFORMACIONAL: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: UnB, 2012.

JUNIOR, F. A. C.; MENESES, P. P. M.; FERREIRA, R. R. Diagnóstico de Competências e Expectativas em Relação ao Uso das TICs. *In: ALFINITO, Solange et.al. Aplicações e Tendências do Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação Superior Presencial no Brasil*. Brasília: UnB, 2012.

LITTO, Fredric M. e MATTAR, João. **EDUCAÇÃO ABERTA ONLINE: pesquisar, remixar e compartilhar**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MIAO, Fengchun, MISHRA, Sanjaya e McGreal, Roy. **Open Educational Resources: Policy, Costs and Transformation**. UNESCO, 2016.

MOURÃO, Janaína. **11 POSSIBILIDADES PARA O ENSINO À DISTÂNCIA (COM FERRAMENTAS GOOGLE E OUTRAS) PARA FAZER COM OS ALUNOS DURANTE A QUARENTENA DO CORONAVÍRUS**. Belo Horizonte: EDUCAETHOS, 2020.

MOURÃO, Janaína. **PROCESSOS AVALIATIVOS EM EDUCAÇÃO**. Belo Horizonte: EDUCAETHOS, 2020.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas e cibercultura. *In: 6o Encontro de Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação*. UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, 2008.

SILVA, G. **EaD**, presencial e semipresencial: qual é a diferença? EDUCA+BRASIL, 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/ead-presencial-e-semipresencial-qual-e-a-diferenca>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

SOARES, Magda. **LINGUAGEM E ESCOLA**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2000.

VIANNEY, João et. al. **A MIGRAÇÃO DIGITAL DA EDUCAÇÃO**. Foz do Iguaçu: Hoper Educação, 2020.

ATIVIDADE PARA CASA: EDUCAÇÃO REMOTA - UMA QUESTÃO DE LINGUAGENS

SOARES, Magnay Erick Cavalcante¹
SILVA, Elisângela Araújo²

1 INTRODUÇÃO

Discutir sobre educação hoje não se limita apenas aos velhos problemas e costumes, conforme nos habituamos, ao longo dos anos, quais sejam, questões salariais, *bullyng* em sala de aula, desrespeito aos professores, *déficit* de aprendizagem, dentre tantos outros temas que, até então, polarizavam opiniões de professores, especialistas da educação, gestores, estudantes, pais, enfim. O que temos vivenciado nos últimos meses está para além das velhas questões, certamente, a preocupação no tocante à relação ensino-aprendizagem se mantém isso porque o referido processo parece estar mais uma vez *em cheque*.

Estamos, portando, nos referindo ao cotidiano de professores e alunos que, nos últimos meses, têm enfrentado o novo modelo de educação imposto pela necessidade temporária de isolamento social: a educação remota. Evidentemente, não se questiona a emergência na pandemia causada pelo Corona Vírus, e quanto a este fato a educação remota se justifica.

Contudo, o que tem sido o alvo das queixas é a implantação de um modelo de educação que depende de ferramentas do universo das tecnologias digitais, suportes, métodos e pessoas habilitadas para tal, num prazo imediato e com um grau de exigência técnica que professores, em maior escala, e alunos, em menor escala, têm sentido dificuldade em se adaptar quanto às demandas sociais nesse sentido.

Se a própria realidade da educação brasileira já enfrenta muitos desafios no modelo presencial, no que tange à leitura e escrita, como dinamizar esses processos

1 Prof. Me. MAGNAY ERICK CAVALCANTE SOARES

Graduado em Letras (UFCG). Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Educação a Distância (UFPB). Mestre em Linguística (UFPB). Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino do Município de João Pessoa. Professor do curso de Pedagogia do UNIESP.

2 Profa. Dra. ELISÂNGELA ARAÚJO SILVA

Graduada em Letras (UFPB). Bacharel em Comunicação Social - habilitação em jornalismo impresso (UEPB). Mestra em Linguagem e Ensino (UEPB). Especialista em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Professora na Rede Municipal de Ensino de Campina Grande-PB. Orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso em Pedagogia (UNAVIDA/UVA).

mediante a educação remota? Como atender as sugestões da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) - quando recomenda uma educação baseada no protagonismo do aluno e no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs – em meio à instabilidade dessa realidade?

Dentre os desafiados, professores de Língua têm assumido essa missão de mediar as “linguagens”, utilizando metodologias, que de acordo com a nova BNCC devem ser ativas e oportunizarem uma maior participação do educando. Desse modo, propomos iniciar uma discussão aqui, por meio de uma revisão bibliográfica, sobre as novas perspectivas para o ensino de língua nessa dinâmica da educação remota, problematizando também como as metodologias ativas podem interferir nesse processo.

Antes de qualquer coisa, é preciso compreender a complexa dinâmica do terreno no qual nós - professoras e professores - transitamos há séculos com o objetivo de construir sociedades mais justas na igualdade de direitos e oportunidades. Convidamos, então, você a nos acompanhar nas reflexões que se seguem.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ENTENDENDO O X DA QUESTÃO

O universo da educação é, sem dúvida, uma área em constante evolução, uma vez que se constitui pela dinâmica da formação humana. Sabemos que o educar se inicia ainda na etapa anterior à escola, através da educação familiar. Mas, é na etapa da educação escolar, institucional, que os maiores desafios irão ocorrer.

Assim como a sociedade evolui, ao longo do tempo, a dinâmica no processo de ensino-aprendizagem também vai se adequando aos novos padrões de comportamento, aos diferentes níveis de exigência, de cobrança e atuação, tanto por parte do educando como por parte do educador, conforme temos observado. Evidentemente, os modelos de educação se sucedem, agregando constantes desafios a serem superados.

Muito já se discutiu sobre a educação brasileira, inclusive sob o ponto de vista dos documentos oficiais que regulamentam a educação no Brasil, com vistas a um

melhor desempenho das competências envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, com destaque a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Na última edição deste documento, publicada em 2018, o termo que ganhou visibilidade e a diferenciou, substancialmente, das demais edições foi à questão do *protagonismo do aluno*.

A partir desse entendimento, o aluno, como o próprio termo explica, passa a ser o centro das ações que envolvem as dinâmicas no processo de aprendizagem, em que se preconizam metodologias ativas (MORAN, J; BACICH, L., 2018). A partir desse protagonismo, a BNCC reconhece que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs atuam como ferramentas para dinamizarem esse processo de interação, em que o professor passa a orientar a aprendizagem, na perspectiva de coparticipante, e o aluno passa a protagonizar efetivamente as ações.

Contudo, o que nunca se imaginou, nem quando a BNCC foi criada, que em 2020 o mundo e, especialmente, o Brasil, passaria a enfrentar o maior de todos os desafios, desde que educação escolar foi criada, uma Pandemia que impôs a alunos e professores o cotidiano de uma nova realidade, ainda que transitória, baseada no universo das TICs, como se tem visto.

Ainda que a BNCC tenha sido construída sobre uma perspectiva de educação pautada no uso consciente das tecnologias digitais com fins pedagógicos, o que não se seria capaz de prever era que, de forma repentina, sem o devido planejamento e implementação monitorada, a inovação na educação ganharia múltiplos contornos, imprevisíveis, que gerariam efeitos colaterais e desafios ainda maiores para gestores, educadores e educandos.

Experimentamos um mundo cada dia mais dinâmico isso é fato, e nas palavras de Moran (2018, p. 11) implica dizer que se: “O mundo é híbrido e ativo, o ensino e a aprendizagem, também, com muitos caminhos e itinerários que precisamos conhecer acompanhar, avaliar e compartilhar de forma aberta, coerente e empreendedora”.

Apesar de ser incontestável na atual realidade que vivemos num mundo digital globalizado, às vezes, a impressão que temos é que a escola parou no tempo, especificamente no tempo em que foi estruturada para atender às necessidades do processo de industrialização do século XVIII. O referido período demandava uma formação de sujeitos com habilidades individualizadas, muitas das vezes pautadas

na reprodução mecânica de procedimento. Tal realidade se diferenciava da que vivemos hoje no século XXI, onde somos convidados, constantemente, a aprender a aprender, a redesenhar o conhecimento que acumulamos ao longo da vida para atender às necessidades sociais.

Nesse entendimento, avançar e evoluir parecem ser não apenas palavras instigadoras, mas necessidades emergentes e urgentes. Por outro lado, também é evidente que todo processo de evolução, mudança, exige adaptação, tempo e investimento, o que no âmbito educacional significa, principalmente, investimento no humano, uma vez que as relações de ensino-aprendizagem correspondem a uma mediação entre o ser humano professor com o ser humano aluno e em meio a essa relação dicotômica estão o conteúdo, os recursos e o método.

Infelizmente, as iniciativas institucionais no sentido de “reinventar” a escola para atender as necessidades sociais básicas de acesso às TICs na era da construção e compartilhamento do conhecimento em formato digital ainda são tímidas, quando existem, a exemplo do ProInfo³. Equipar uma escola com laboratório de informática, por exemplo, com estrutura física precária em termos de rede elétrica, resulta apenas em um amontoado de computadores sem utilidade prática, posto que professores e estudantes não podem usar.

Perdemos desta feita, a oportunidade de criar cenários educativos integradores de vivências multimidiáticas, capazes de dinamizar e ampliar as oportunidades de desenvolvimento de habilidades cognitivas importantes, essenciais por assim dizer, na construção de hábitos fundamentais para o compartilhamento de espaços e ferramentas para a atuação em rede, no campo social, profissional e das relações interpessoais, dentre outros (SERAFIM, M. L. e SOUSA, R. P., 2011).

Portanto, discutir o novo panorama da educação é, sobretudo, refletir sobre como se tem construído a relação entre o contexto social e tecnológico, e como esse processo tem interferido no espaço educacional, para daí, construir propostas metodológicas que forneçam aos sujeitos envolvidos, em todo o processo de educação formal, um norte a seguir, que apontem na direção de planos e ações que contemplem objetivos em um contexto de realidades antes nunca vividas.

³ Iniciativa do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância [SEED], criado pela Portaria nº. 522, de 09 de abril de 1997, desenvolvido em parceria com os governos estaduais e municipais, com diretrizes estabelecidas pelo MEC e pelo CONSED Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação].

O que se tem constatado desde a disseminação do novo *Corona Vírus* (*Covid- 19*) é um dia a dia em que o distanciamento social, necessário à prevenção da doença, passou a exigir um “protagonismo forçoso”, desta feita, por parte do educador, que de modo involuntário assume uma carga horária ilimitada de atividades trabalhistas, no formato *home office*, em meio a uma inexperiência com o uso das TICs, enquanto ferramenta cabível na modalidade *Educação Remota*.

Em face de tudo o que constitui esse novo contexto educacional, coube ao educador o dever de assumir, mediante a atual conjuntura da educação, em que o protagonismo passa a ser do professor, o papel ainda não necessariamente ensaiado de dominar o uso das ferramentas digitais, utilizando ao mesmo tempo estratégias que dinamizem suas aulas. E assim, as metodologias ativas são exigidas na sua postura, no planejamento e na criatividade para estar no modo à distância, por imposição de uma condição alheia às suas escolhas, mas que têm “cobrado” de sua essência profissional, pessoal e humana.

Tratar sobre metodologia ativa nesse contexto remete, portanto, a uma proposta de atuação que dinamize o processo de ensino-aprendizagem, afinal as

Metodologias são grandes diretrizes que orientam os processos de ensino e aprendizagem e que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas e diferenciadas. Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetivada de estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações (MORAN, 2018, p.04).

Em tempos de isolamento social, portanto, é preciso se reinventar, o que já tem sido um processo até corriqueiro para o educador que entende educação como processo, como etapa social e evolutiva. Talvez o grande questionamento seja como criar estratégias para lidar com os velhos problemas na nova realidade, a exemplo das aulas de língua, quando questões de leitura e escrita, agora na modalidade remota, continuam não só a representar grandes desafios a serem enfrentados e vencidos no tocante à logística de uma educação remota (Cf JUNIO et.al, 2017), como também inquiridoras de metodologias ainda mais ativas e inovadoras, por necessidade.

É nessa perspectiva que devemos pensar em uma educação institucional voltada às demandas políticas, sociais e econômicas do século XXI, onde possamos ultrapassar os limites do estímulo ao protagonismo do aluno, predominantemente, em ambiente escolar, criando estratégias que permitam ao educando a construção de uma trilha de aprendizagem capaz de desenvolver habilidades e competências que lhe dê a capacidade de se adaptar aos papéis inerentes ao exercício da cidadania e profissões em um mundo em constante transformação, que exige, cada vez mais, um espírito proativo, um pensamento livre, crítico e reflexivo, para que uma vez diante de qualquer situação-problema o indivíduo seja capaz de apresentar soluções criativas em benefício do coletivo.

As sociedades digitais vivem imersas em um fluxo gigantesco de informação, disponível quase que totalmente sem filtros, o que impõe aos sistemas educacionais a necessidade de preparar crianças, jovens e adolescentes para saber lidar com todo o conhecimento produzido e compartilhado em ambiente virtual, especialmente se levarmos em consideração que ter acesso à *internet* não significa ter competência para selecionar informações, verificar fontes e atestar a credibilidade em tempos de *Fake News*, quando se vive em um ambiente onde

As novas tecnologias da informação e da comunicação transformaram o mundo em uma verdadeira “aldeia global”. A informação circula com mais facilidade, em curto espaço de tempo. Já não são necessários grandes esforços para encontrá-la. Cada vez mais, eventos, fenômenos e fatos que ocorrem em vários lugares do mundo são divulgados de forma quase simultânea. (GASQUE, 2012, p.25)

Talvez, nunca tenha sido tão urgente e necessário que os estudantes passem por um processo de letramento informacional, que aprendam a lidar com a informação de maneira crítico-reflexiva, que desenvolvam um pensamento independente, capaz de lhes habilitar na tomada de decisões de maneira consciente, para que tenhamos a oportunidade de construir um mundo mais justo em termos de oportunidade, na promoção da igualdade social, pois “Tanto a solução de problemas quanto o pensamento crítico são alimentados pela possibilidade de acesso e análise de informações, os quais são facilitados pelas novas tecnologias e subsidiam a tomada de decisão.” (FILATRO, 2018, p.18).

Sabemos que no século XXI, o mundo digital permitiu o processo de globalização da informação, o que criou para o homem, sujeito de comunicação, um

cenário perfeito para a tessitura de múltiplas linguagens, ampliando as possibilidades de interação entre as comunidades. No entanto, no tocante à apropriação dos mecanismos de funcionamento da língua, bem como no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita inerentes ao processo de escolarização, as metodologias ainda se estruturam fundamentalmente nos moldes tradicionais, demandando contato físico, pois ainda que as novas gerações sejam digitais, nossos professores são, em essência, de gerações analógicas ou imigrantes digitais.

Então, como tem se dado essa relação entre *língua, leitura, escrita e internet* em tempos de educação remota no tocante a formulação de novas metodologias que atendam às necessidades formativas, adaptando-se ao universo digital? Entendemos ser necessário compreender esse novo cenário de educação remota para construir estratégias pedagógicas eficientes.

2.2 LÍNGUA, LEITURA, ESCRITA, *INTERNET*: “E AGORA, JOSÉ?”

Os desafios do professor de Língua Portuguesa na Educação Básica são inúmeros e vão desde apresentar as normas prescritivas da língua nos campos da morfologia, semântica, sintaxe e pragmática, até o estímulo à apropriação e desenvolvimento de habilidades relacionadas às práticas de leitura e escrita.

No entanto, o grande dilema da vida de um professor de língua é saber lidar com as demandas das novas gerações no tocante ao uso desse poderosíssimo instrumento de comunicação que perpassa praticamente todos os episódios de interação social, posto que “aquilo que se ensina não são as próprias coisas (a língua ou a história mesma), mas antes, um conjunto de conhecimentos sobre as coisas ou um modo, dentre outros possíveis, de se relacionar com elas” (BATISTA, 1997, p.3).

Cada geração faz um uso bem particular e criativo dos recursos de sua língua, para atender às demandas de sua época e nesse aspecto, a noção de *erro gramatical* que nos foi transmitida na escola do século XX e responsável pelo surgimento, talvez, de uma das mais cruéis formas de preconceito social, o linguístico, perde o sentido e dá lugar a uma nova noção, mais justa e adequada ao

contexto de comunicação multimodal introduzido pelo avanço tecnológico, conhecida como *desvio gramatical*.

Se por um lado é importante preservar a estrutura básica de uma língua, mediante a transmissão de seus mecanismos de funcionamento, o que fica a cargo das aulas de estudos da gramática, por outro lado é imperante que se esclareça que uma língua possui tantas formas de se apresentar socialmente quanto for o limite da criatividade e das influências sociais dos indivíduos que fazem uso cotidianamente da mesma, do que se encarrega a sociolinguística.

Afinal de contas, quando a criança, o jovem, o adolescente ou o adulto chegam à escola já dominam satisfatoriamente o idioma de sua comunidade linguística. Nesse sentido, em que se justifica impor-lhes um tempo considerável para “aprender” sua língua? Precisa ficar claro, tanto para alunos quanto para professores, que o objetivo das aulas de língua repousa na necessidade de se ampliar a competência comunicativa, leitora e escritora, da sociedade como um todo.

Desenvolver habilidades de leitura e escrita ao longo de toda a vida, mais especialmente no período de escolarização, onde o processo pode ser monitorado e orientado por especialistas na área tem se mostrado importante na promoção da ascensão social para as camadas mais populares de nossa sociedade. É nesse sentido que Fonseca (1992, p.260), no tocante ao papel da leitura e da escrita na vida social, defende importância de

a preparação do aluno para a produção ágil dos seus discursos e para a avaliação crítica dos discursos alheios – no que se conseguirá que ele obtenha uma maior eficácia na atuação social, um maior sucesso na descoberta de si mesmo e na sua intervenção na prática social.

Acima de tudo, defendemos que deve sempre prevalecer o respeito e a valorização dos produtos culturais inerentes ao uso social e real da língua, mas sem se negligenciar a importância de o aluno se apropriar e dominar a variante padrão eleita por sua sociedade, sob pena de se vê limitado quanto ao acesso à parte significativa do patrimônio cultural de seu país. O ideal seria buscar um ponto de equilíbrio entre as variantes coloquiais, usadas largamente no dia a dia pelos falantes de uma língua e a variante padrão do idioma.

Nunca, no entanto, a sociedade se viu tão cobrada quanto ao que se convencionou chamar de *letramento digital*, aquele que diz respeito ao uso

adequado e eficiente das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação [TICs] para solucionar velhos problemas, que se apresentam em novos formatos, com maior rapidez, administrando uma grande quantidade de informação⁴.

A *internet* tem desempenhado, nesse contexto, o papel de mola propulsora do desenvolvimento de uma educação idealizada para atender a demanda social por maior inclusão na era da sociedade da informação, a partir da expansão da Educação a Distância [EAD]. Esta, no entanto, tem sido direcionada nas últimas décadas para um público mais maduro, possuidor de alguma formação experienciada no formato presencial, que encontra na modalidade de EAD uma oportunidade de dar continuidade aos seus estudos.

Quanto à maturidade em termos de nível de formação e objetivos educacionais, o mesmo já não se pode dizer dos grupos mais jovens, em países que a cultura de Educação Básica se encontra profundamente enraizadas na modalidade presencial de ensino, por razões óbvias, é claro, uma vez que crianças, jovens e adolescentes necessitam de um monitoramento especial de seu comportamento em convívio social para, em momento oportuno, ofertar orientação corretiva na sua formação ética e moral.

Mas, é esse público que, de repente, saiu para o intervalo em um mundo “analógico”, em termos de educação, e retornou para uma sala de aula virtual, sem a devida formação necessária para gerenciar seus estudos de maneira autônoma, privada do necessário convívio social para o amadurecimento psicoemocional.

E o que falar dos professores nesse contexto? Temos, em sua maioria, profissionais formados para uma Educação Básica presencial, portanto, que carregam uma bagagem de conhecimentos e estratégias metodológicas alicerçadas na modalidade presencial de ensino que, a exemplo de seus alunos, também se viram, de uma hora para a outra, diante da exigência de não só dominar ferramentas digitais de interação remota (síncronas e assíncronas)⁵, mas também de lidar com metodologias [*inov*]ativas, capazes de estimular a criatividade e o protagonismo necessários à produção colaborativa do conhecimento, inerentes ao processo de ensino-aprendizagem em contexto de educação remota.

⁴ Enxergamos aqui um ponto de intercessão entre o que apresentamos anteriormente como *letramento informacional* (Cf. GASQUE, 2012) e o *letramento digital* (Cf. BARROS e CARVALHO, 2011), em uma relação de interdependência entre os dois processos.

⁵ Para um conceito de sincronicidade e assincronicidade, confira Barros e Carvalho, 2011.

2.3 SUGESTÕES METODOLÓGICAS [INO]VATIVAS EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA

Para muitos professores de línguas, inovar em sala de aula representa um desafio muito grande, posto que tenha sido comum ouvir relatos de que, apesar de terem sido apresentados a metodologias inovadoras ao longo da formação superior, a grande maioria inicia a carreira reproduzindo velhos métodos, pautados em uma abordagem prescritiva das normas da língua, com os quais “aprenderam” com seus professores na Educação Básica.

O grande problema que visualizamos é que velhos métodos não costumam motivar novas gerações. As gerações atuais desenvolveram novas formas de ler e [re]significar o mundo ao seu redor, ultrapassando as fronteiras do letramento da palavra, mergulhando em uma nova perspectiva de letramento, que Rojo (2012) tem chamado de *multiletramento* ou *multissemiose*.

Os textos, hoje, são “compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) [...] que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2012, p.19). Imagens, sons, movimentos, cores, formato (digital ou impresso), hipertextos, hiperfídmias etc., tudo concorre para uma negociação de sentidos no processo de construção de significados.

Portanto, repaginar as metodologias de abordagem dos estudos estruturais de funcionamento da língua tem se mostrado urgente, sob pena de ampliar, cada vez mais, o desinteresse pelas aulas de Língua Portuguesa. Afinal, que prazer se tem em um estudo focado em regras, que não faz o menor sentido na vida prática de nossos alunos?

Marcuschi (2008) nos adverte quanto à relevância da função sociocognitiva dos estudos reflexivos de gramática em período de escolarização, que possibilite uma atuação comunicativa consciente e eficiente, mas alerta também para o risco de se cair em um exacerbado reducionismo quanto às normas prescritivas, em função de uma hipervalorização das variantes sociais da língua, sob a justificativa de se combater eventual cultura do preconceito linguístico.

Algumas iniciativas institucionais (públicas e particulares) são percebidas no sentido de ofertar formação complementar pensada para auxiliar o professor que busca alternativas para inovar na apresentação de conteúdos em sala de aula

(presencial ou remota), tanto na direção de uma educação estética, quanto ética e crítica.

A Fundação Telefônica Vivo é um exemplo, com centenas de cursos *online*, totalmente gratuitos, voltados a apresentar alternativas metodológicas que agreguem as TICs ao currículo escolar. Na iniciativa pública encontramos “Mídias na Educação”, programa do Ministério da Educação (MEC) que oferta, através da Secretaria de Educação a Distância (Seed), formação continuada para professores da educação básica para o uso pedagógico das TICs.

Apropriar-se das ferramentas digitais através de cursos de formação complementar é importantíssimo para que a criatividade do professor possa agir e se manifestar na forma de metodologias ativas inovadoras, capazes de envolver e estimular o aluno a se engajar no processo de ensino-aprendizagem.

2.3.1 Educação estética remota

Os estudos da língua cumprem, também, o papel de formação estética dos indivíduos, aguçando o olhar tanto para as belezas, quanto para as tristezas emergentes manifestados no ato de comunicação mediado pelas linguagens que a humanidade faz uso para significar o mundo ao seu redor. Mesmo em tempos de isolamento social, não se pode negligenciar tal formação, em hipótese alguma, uma vez que ela concorre para o desenvolvimento do sentimento de empatia social.

Uma alternativa para trabalho remoto nesse sentido recai sobre sequências didáticas que explorem o potencial dos minicontos, explorando a leitura contemplativa na perspectiva da construção de sentido em relação às experiências de vida pessoal e familiar do aluno. Imagine você, leitor, o universo de discussão que se abre a partir de um como o que se segue:

Uma vida inteira pela frente.
O tiro veio por trás.
(Cíntia Moscovich)⁶

Boa parte da realidade social dos alunos da rede pública de ensino é marcada pela violência estruturada – seja em ambiente familiar, seja comunitário – pelo tráfico de drogas, vício do álcool, insegurança socioeconômica entre outros fatores.

⁶ MARCELINO, F. Os cem menores contos brasileiros do século. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Entendemos que contos que abordem temas com os quais o aluno já esteja relativamente familiarizado, em função das experiências de vida, tendam a despertar o interesse, visto ter o que compartilhar nos momentos de reflexão que se seguem à leitura contemplativa.

Considerar explorar esse gênero abre para o professor um leque de possibilidades de intercessão com as TICs, que vai desde produção de contos coletivos para a publicação em um *blog* da turma, até a produção e publicação individual em perfis particulares de redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*, etc.), perpassando por uma abordagem de estudo metalinguística pertinente à produção de textos considerando o canal de veiculação, bem como o público, o gênero, a faixa etária etc.

Observa-se nas gerações atuais um uso do computador, talvez mais ainda do *smartphone*,

[...] como ferramenta de leitura, de escrita e de pesquisa, o ciberespaço, a hipermodalidade e hipermedialidade que compõem os textos da *web*, além de motivarem as aulas, ainda propiciam aos alunos a possibilidade de desenvolverem habilidades de compreensão, produção e edição de textos de forma mais situada e a partir de novas tecnologias. (DIAS et.al, 2012, p.82)

Outra possibilidade de se estimular remotamente o desenvolvimento estético de crianças, jovens e adolescentes repousa na opção de trabalhar com o que Dias (2012, p.101) chama de hipercontos multissemióticos – espécie de gênero que se estrutura na utilização de diversos recursos tecnológicos que agregam “sons, *hiperlink*, imagens – em movimento ou não –, para promover interatividade e romper com a linearidade dos textos canônicos”.

Como sugestão metodológica, nesse sentido, seria interessante propor, após a leitura contemplativa de um miniconto de escolha consensual da turma, a produção de um vídeo-monólogo, gravado com a câmera de um celular, de releitura do miniconto explorado anteriormente. Dessa forma, o aluno estaria diante da oportunidade de expressar, de maneira autoral, a sua leitura particular de mundo a partir de estímulos e conhecimentos prévios.

2.3.2 Educação ética e crítica remota

No que diz respeito à formação educacional ética e crítica, o universo virtual oferece hoje diversas ferramentas que possibilitam a realização de atividades síncronas poderosas quando o assunto é estimular o debate e a tomada de posição frente a temas caros à sociedade, de um modo geral. Podemos citar alguns exemplos no âmbito da videoconferência (*Jitsi Meet, Google Meet, zoom* etc.) e das transmissões ao vivo *online* (*youtube, streamyard, instagram, facebook* etc.).

Todas estas ferramentas acima relacionadas possibilitam a interação remota em tempo real, seja via áudio ou texto, instaurando e desenvolvendo processos de letramento crítico, perpassando as relações [inter]intradiscursivas inerentes ao embate entre sujeitos do discurso, marcada pelo dialogismo *bakhtiniano*, determinando e sendo determinado pelas práticas de linguagem e pela história.

No contexto do multiletramento, o multiculturalismo encontra terreno fértil para se desenvolver e influenciar comportamentos, hábitos e costumes de velhas e novas gerações, a exemplo do movimento *Manguebeat* – “que, além de ser um movimento musical que tematiza a relação entre a cultural local de Recife e a cultura de massa, foi concebido conscientemente como um híbrido de sons, instrumentos, ritmos e danças” (TEIXEIRA e LITRON, 2012, p.171), espaço que se mostra ideal para a expressão de sentimentos e emoções que se chocam na efervescência de um mundo em constante transformação, que se [re]significa a todo instante.

A exemplo do *manguebeat*, outro gênero musical que manifesta forte relação de identidade com as novas gerações Brasil a fora é o *funk carioca* que, nas últimas décadas tem servido de instrumento de denúncia, protesto e luta contra os movimentos opressores de classe e para a expressão da indignação com relação ao abandono social em que a periferia brasileira se encontra em relação ao acesso a bens e serviços públicos.

A título de sugestão metodológica, indicamos o trabalho com projeto pedagógico *o funk carioca como expressão de identidade de classe*⁷ nos seguintes moldes: após a realização de um primeiro encontro utilizando uma das opções de ferramentas síncronas sugeridas (ou mesmo outra do domínio do professor que não

⁷ Esse título figura neste trabalho apenas como sugestão metodológica, não tendo sido efetivamente aplicado até então, estando o leitor, portanto, autorizado a utilizar da ideia, realizando ajustes e/ou modificações que julgar pertinentes.

tenha sido até aqui mencionada) para apresentação do projeto em suas etapas, de uma conversa descontraída sobre as impressões dos alunos quanto ao gênero funk carioca e a solicitação de que a turma se divida em grupos, que escolherão uma música do gênero com o objetivo de fazer um estudo interpretativo da letra, mais especificamente. Esse estudo deve refletir as relações de significado que cada grupo conseguirem estabelecer com a realidade vida da comunidade de cada membro do grupo.

Em um segundo encontro virtual, por videoconferência, uma roda de conversa deve ser proposta, tendo o professor como mediador, com o intuito de socializar as múltiplas leituras extraídas a partir do repertório eleito para trabalho. Note-se que até aqui a preocupação deve se concentrar no exercício de reflexão crítica da realidade socioeconômica de uma sociedade brasileira marcada pela desigualdade social.

O momento de culminância do projeto pedagógico *o funk carioca como expressão de identidade de classe* pode se dá na forma de produção de letras de funk expressando a realidade local dos estudantes que, por sua vez, pode resultar na compilação de um videoclipe a ser exibido em uma transmissão ao vivo *online* através do *Youtube*, ou outra ferramenta congênere, com a participação de representantes de cada grupo e a interação via chat dos demais alunos da turma.

Nesse sentido, uma proposta de trabalho com projeto pedagógico, envolvendo a leitura de múltiplos gêneros a partir de um repertório de música do gênero *funk carioca* constitui, no nosso entendimento, uma alternativa viável e promissora no que diz respeito à promoção do engajamento, especialmente, de jovens e adolescentes em atividades críticas reflexivas geradoras de consciência de classe.

Outra possibilidade de trabalho com a língua portuguesa, considerando a realidade de uma educação remota, repousa no campo da escrita. As gerações digitais têm na *internet* um espaço de livre manifestação, que admiti praticamente qualquer forma de expressão da língua, desde que compartilhada entre os pares onde circula. Esse cenário abre espaço para se trabalhar a percepção da variação linguística que se estrutura na heterogeneidade constitutiva de qualquer comunidade linguística.

Textos publicitários veiculados através de *outdoors* espalhados pelas ruas da cidade, a publicidade digital que atravessa os aplicativos das redes sociais mais

populares entre jovens, adolescentes e adultos, assim como os muros que se transformam em telas para expressão a céu aberto da arte latente que se manifesta através de grafites se apresentam como instrumentos para a prática de leituras e escritas multissemióticas na era da informação digital.

Para a percepção das *semioses* constituintes de cada estímulo de leitura, um roteiro de perguntas orientadoras deve ser previamente formulada “para que os alunos percebam o modo como elas se diferenciam quanto ao suporte empregado, ao traçado dos símbolos e às tecnologias empregadas para a sua produção” (CUSTÓDIO, 2012, p.204) e veiculação, observando que as intenções discursivas do produtor do texto exercem forte influência nas escolhas deste quanto aos recursos tecnológicos empregados no processo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de produção deste breve momento de reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem na educação básica em tempos de educação remota, que aqui compartilhamos com você, caro leitor, fez-nos reconhecer que os desafios são bem maiores do que se podia imaginar até então, uma vez que partimos da premissa de que nenhum dos sujeitos envolvidos estava preparado para mergulhar no oceano desconhecido de metodologias [*inov*]ativas voltadas a uma aprendizagem solitária, até certo ponto, que exige maior autonomia de crianças, jovens e adolescentes, em especial.

A maturidade psicocognitiva desses sujeitos da aprendizagem nos parece questionável para lidar com a realidade do isolamento social em processo de educação formal básica mediada pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação, assim como as habilidades dos professores para utilizar efetivamente as ferramentas digitais que, do dia para a noite, são-lhes exigidas para as práticas inerentes às atividades docentes.

Contudo, não se pode simplesmente pausar a educação básica como um todo sob a justificativa de que os alunos não possuem maturidade psicológica e cognitiva para se apropriar de novos conhecimentos no isolamento de suas casas, bem como que os professores não sabem utilizar as ferramentas para aplicação de metodologias síncronas e assíncronas.

A educação formal de nossas crianças, jovens e adolescentes deve seguir seu curso, buscando adequar-se às realidades de cada instituição (pública e particular), encontrando meios de ofertar formação complementar ao corpo docente no tocante o desenvolvimento de novas habilidades relativas ao uso das ferramentas digitais, esforçando-se por oferecer uma educação de qualidade, na medida do possível.

As propostas metodológicas aqui apresentadas figuram unicamente como sugestões de abordagem para o trabalho com os objetos de estudo da língua portuguesa, mais especificamente, que não chegaram a ser aplicadas, mas apenas resultam do desejo em contribuir com a reflexão acerca do tema em questão, ofertando alternativas viáveis como ponto de partida para que o professor de língua portuguesa solte a imaginação e desenvolva suas próprias propostas metodológicas, o que não impede de serem adaptadas aos conteúdos de outras áreas de estudo do currículo escolar.

De igual modo, entendemos que este estudo em questão jamais teve a pretensão de exaurir a discussão acerca de um tema de tamanha complexidade como esse, que se apresenta à comunidade acadêmica de pesquisa como desafio de reflexão teórico-metodológica a ser enfrentado por todos. Fez-se também a busca por compreender o processo de ensino de língua, suas delimitações, exigências e propor caminhos alternativos ao processo de ensino-aprendizagem remoto.

Por fim, acreditamos que, apesar de o tempo nos mostrar nossos erros e acertos, as experiências que a pandemia do Covid-19 nos impôs quanto à prática docente em formato remoto representará um divisor de águas, tanto para alunos quanto para professores e que, dessa feita, a educação presencial jamais voltará a ser como antes. Mesmo quando retornarmos ao “novo normal”, onde os encontros presenciais nas instituições de ensino forem liberados pelas autoridades sanitárias, as ferramentas digitais tendem a se tornar uma realidade irreversível daqui por diante.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. das G. e CARVALHO, A. B. G. **As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem.** In. SOUSA, R. P. de; MOITA, F. da M. C. da S. C.; CARVALHO, A. B. G. (Orgs.). Tecnologias digitais na educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- BATISTA, A. A. G. **Aula de português: discurso e saberes escolares.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CUSTÓDIO, M. A. **Documentário e pichação: a escrita na rua como produção multissemióticas.** In. ROJO, R. H. R. e MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DIAS, A. V. M.; MORAIS, C. G.; PIMENTA, V. R. e SILVA, W. B. **Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas.** In. ROJO, R. H. R. e MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- FILATRO, A. e CAVALCANTI, C. C. **Metodologias Inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa.** 1.ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.
- FONSECA, J. **Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação.** Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem.** Brasília: UnB, 2012.
- JUNIO, S. DOS S. et.al. **GESTÃO LOGÍSTICA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA DO IFRO: gerenciamento das informações e dos materiais utilizados.** In. SILVA, A. L. da (Org.). Demandas para a educação a distância no Brasil no Século XXI. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2017.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MORAN, J; BACICH, L. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda,** 2018.
- ROJO, R. H. R. e MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SERAFIM, M. L. e SOUSA, R. P. de. **Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar.** In. SOUSA, R. P. de; MOITA, F. da M. C. da S. C.; CARVALHO, A. B. G. (Orgs.). Tecnologias digitais na educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- TEIXEIRA, A. e LITRON, F. F. **O maguebeat nas aulas de português: videoclipe e movimento cultura em rede.** In. ROJO, R. H. R. e MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MEDIAÇÃO EM LEITURA E ESCRITA: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO

SOARES, Magnay Erick Cavalcante¹
GADELHA, Ney Oliveira²

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de globalização, acreditamos ser imprescindível levar em conta o papel do conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, da criança, do adolescente do jovem e do adulto no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa de um modo geral, uma vez que, em se tratando, eventualmente, de leitores pouco letrados, esse tipo de conhecimento pode estar muito aquém das exigências que a compreensão de um texto impõe, pois lemos para construir saberes, para nos manter informados, para fruição das relações interpessoais diárias, para entender o mundo.

A compreensão de um texto envolve inúmeras habilidades que ultrapassam a capacidade de simplesmente reconhecer as palavras, decodificá-las e atribuir significado. Ler é produzir sentido em um processo de interação autor-leitor-texto-mundo.

Nas últimas décadas tem crescido entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem o entendimento de que se deve trabalhar mais a leitura, seguida da escrita, desde cedo, proporcionando práticas diversificadas que incentivem os alunos ao interesse pela arte de ler e escrever. Uma educação de qualidade está ligada à leitura, pois, pessoas que têm o hábito de ler, manifestam maior facilidade de compreender, como também são mais instruídas e exercem melhor sua cidadania.

Há muitos anos que ouvimos falar de que no Brasil os estudantes têm baixo desempenho nas atividades de leitura, compreensão e interpretações de textos. Ainda é insuficiente nas escolas brasileiras iniciativas de projetos pedagógicos

¹ Graduado em Letras (UFCG). Especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Educação a Distância (UFPB). Mestre em Linguística (UFPB). Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino do Município de João Pessoa. Professor do curso de Pedagogia do UNIESP.

² Graduado em Letras Português [UFPB] e Pedagogia [Centro Universitário Facvest/Unifacvest - Lages - MG], especialista em Tecnologias Educacionais e EAD [Universidade Barão de Mauá-SP] e Metodologias do Ensino de Língua Inglesa [Faculdade de Educação São Luís - Jaboticabal - SP]. É professor da Rede Municipal de Ensino de Brejo dos Santos-PB. Atua como professor e palestrante nas áreas de Educação, Administração e Gestão.

voltados à inclusão da prática de leitura como uma ferramenta pedagógica de suporte para o desenvolvimento do hábito de ler.

Por outro lado, alguns professores insistem em atividades focadas no ensino da Gramática Normativa para que o aluno possa “falar e escrever bem”, apesar de os resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica [SAEB] evidenciarem que os estudantes brasileiros leem mal e escrevem pior ainda ao concluírem o Ensino Médio, mesmo tendo, nas aulas de Língua Portuguesa, um maior número de aulas voltadas ao estudo prescritivo das normas da variante padrão da língua.

Tudo bem. É admirável que se ensine as normas gramaticais, uma vez que, também é importante a prática da mesma para o bem se expressar em contexto de comunicação formal, oral ou escrita. Por outro lado, a ênfase dada à abordagem normativa da língua não resulta, obrigatoriamente, no desenvolvimento da habilidade de ler e escrever bem, posto que os resultados das produções textuais ainda continuam não agradando aos professores, de um modo geral.

De fato, investir em leitura em sala de aula seria uma das saídas para a transformação de uma realidade frustrante no âmbito da educação básica brasileira, pois o uso da leitura possibilita o acesso ao conhecimento de mundo, o que facilita na construção de sentidos, mediante a percepção das relações de intertextualidade inerentes ao processo de leitura, compreensão e interpretação textual.

Mas, de fato, a leitura é uma atividade exclusivamente linguística? Oliveira (2010, p. 59) responde que:

A importância dessa pergunta reside na resposta que o professor dá a ela, pois tal resposta revela sua posição teórica em relação ao ato de ler. O professor que responde essa pergunta afirmativamente é o mesmo que aposta no aprendizado da gramática tradicional para levar seus alunos a lerem com fluência. O professor que responde negativamente é aquele que tem consciência da natureza interacional da leitura e que busca ajudar seus alunos a construir conhecimentos que vão além do universo linguístico.

Dessa feita, não basta querer desenvolver um planejamento para construção de texto, por exemplo, especificamente voltado às regras da gramática tradicional, deixando os alunos cognitivamente exaustos e com aversão à disciplina de Língua Portuguesa. Outro lado, pode-se desenvolver uma atividade menos cansativa e mais produtiva, prazerosa, buscando identificar o que os alunos gostam de ler.

É diante desse contexto que nasce nossa motivação para desenvolver uma pesquisa sobre o processo de mediação em leitura, buscando trilhar os caminhos para o desenvolvimento do hábito de leitura na educação básica, por consideramos este um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola, o de fazer com que os alunos leiam com eficiência e compreendam o que, embora não esteja expresso, é parte integrante do texto. Ler nas entrelinhas, intuir o contexto, construir suas inferências pessoais pautadas nos limites intertextuais apontados pelo texto.

Intentamos contribuir, ainda que de forma incipiente, com a discussão sobre a importância da mediação em leitura para aquisição de novos conhecimentos na educação básica, ressaltando a prática da leitura como suporte de aprendizagem na sala de aula e desenvolvimento humano. Nesse ínterim, ancoramos nossa discussão em referências bibliográficas que consideramos básicas para a abordagem do tema em questão, tais como KLEIMAN (2002), MARCUSCHI (2008), SOARES (2003) entre outros que julgamos pertinentes às discussões do tema.

Sem mais delongas, convidamos você, leitor, a nos acompanhar no percurso traçado abaixo, ficando bem à vontade para tecer suas reflexões e construir suas conclusões a partir daquilo que apresentamos ao longo de nosso texto.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 UM POUCO SOBRE A NOÇÃO DE LETRAMENTO

O conceito de letramento, bastante difundido no meio acadêmico brasileiro, mesmo sendo empregado em inúmeros trabalhos, sobretudo naqueles que tratam da educação e das práticas de leitura, não encontra conformidade e estabilidade. São várias as obras que problematizam o conceito e é impossível estudar o tema sem percorrer uma trajetória que inclui pensadores como Ângela Kleiman (1995), Magda Becker Soares (2004), entre outros que têm refletido sobre o assunto.

Para início de conversa, no entendimento de alguns pesquisadores, até mesmo os sujeitos que não dominam as técnicas de ler e escrever, ou seja, os analfabetos podem ser letrados, uma vez que convivam dentro de uma sociedade em que a escrita e a leitura façam parte do cotidiano, considerando estas como habilidades complexas que ultrapassam os limites da [de]codificação da palavra. Ao

mesmo tempo em que um alfabetizado é um sujeito que domina uma tecnologia – da codificação e decodificação da palavra, o analfabeto relativamente letrado pode até não a dominar individualmente, porém, é ciente de que o domínio da língua escrita exige certos usos e abra muitas possibilidades.

Para Soares (2004, p.20), analfabeto é “aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas”. Para a autora em questão, o sujeito alfabetizado tem mais condições de conviver em sociedade, de exercer seu papel de cidadão e ser respeitado.

Quando alfabetizado, teoricamente, você não depende de ninguém para votar, opinar, fazer-se ler ou ouvir. Por outro lado, o analfabeto, que também é cidadão, muitas vezes fica impossibilitado de exercer plenamente seus direitos, mediante a incapacidade de acessar a palavra que, por sua vez, o limita no tocante a capacidade de interpretar todos os fatos que o cerca nos episódios de convívio social cotidiano e de atuar em defesa dos seus direitos.

As sociedades grafocêntricas, aquelas em que a escrita tem importância central, destacam-se, vergonhosamente, na prática da exclusão social daqueles que não dominam a tecnologia da escrita. No entanto, ser alfabetizado não é mais o bastante. É fundamental que se domine mais linguagens e técnicas do que apenas saber ler e escrever, é cada vez mais necessário ser letrado.

Poderíamos dizer que o processo de letramento é algo fundamental para o entendimento, a interpretação precisa de textos, portanto, para a compreensão das informações presentes em um dado texto. Nesse sentido, os processos de alfabetização e letramento são complementares, ambos estão associados. Podemos, então, entender que letramento

é um conjunto de práticas sociais mediadas pelas leituras e pela escrita, Como exemplo, a capacidade de ler uma notícia para se informar, ler livros religiosos, transcrever receitas para cozinhar, escrever e-mails, ler legendas em filmes, identificar tópicos centrais em textos científicos e relacioná-los a outras informações, compreender uma fábula lida oralmente por alguém, ministrar um seminário e organizar a partir de planejamento escrito etc. (SOUZA, 2012, p.15).

Dessa feita, as atividades sociais em que nossos alunos estão envolvidos constantemente, dentro e fora da escola, demandam habilidades de ler, escrever e

falar. Interessa-nos observar, no contexto da educação básica, em sala de aulas lotadas, a capacidade de o professor estabelecer uma relação entre as práticas de leitura envolvidas no processo de desenvolvimento do letramento com as realidades vividas pelos estudantes fora dos limites da escola, rompendo com o paradigma de um ensino padrão, preocupado apenas com regras e formas, negligenciando o uso de ferramentas de ensino que promovam uma formação educacional com mais qualidade, garantindo ao aluno o acesso aos bens sociais e culturais, dando suporte ao conhecimento, específico ou não para sua vida.

Uma forma de mapear os alunos que leem e escrevem além dos muros escolares é “o primeiro passo para se aproximar dos seus interesses. A partir desse reconhecimento, é possível planejar atividades de leituras, de fato, significativas para esses estudantes” (SOUZA, 2012 p, 15). Neste contexto, é importante ser levado em consideração de que a escola é um espaço de discussão sobre determinados assuntos globais. O docente, agindo dessa forma, amplia o conhecimento do aluno sobre determinado assunto e conduz aos demais discentes ao novo conhecimento. Nesse pensamento, a interatividade, em sala de aula, também serve como suporte para o letramento do sujeito.

É importante, ainda, compreender que as práticas de letramento, escrita ou falada, conduzidas em sala de aula no mundo contemporâneo se encontram conectadas às Novas Tecnologias da Informação e Comunicação [TICs], sejam utilizadas ou não em ambiente escolar por meio de recursos digitais. As TICs têm se tornado cruciais para o processo de letramento do indivíduo no contexto de uma educação para o Século XXI, o que também podemos considerar vital para a construção de um raciocínio lógico e preciso, para desenvolver o entendimento das informações adquiridas, processá-las e colocá-las em práticas dentro das necessidades específicas de cada um, não só na escola, mas na vida como um todo.

A necessidade de se focar na escola em práticas de letramento múltiplos alcança contornos de relevância na formação de sujeitos capazes de adotar uma postura de participação crítica nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, estabelecendo um diálogo entre os conhecimentos da vida cotidiana e os conhecimentos científicos, de formas mais ordenadas para compreender aspectos da realidade das sociedades.

Compreendemos que não existe um método específico de letramento que atenda à todas as realidades socioeducativas encontradas no Brasil. Pode-se entender então, que letramento envolve a imersão da criança, do jovem, do adolescente e do adulto no mundo das práticas de leitura e escrita. Neste sentido, para conseguir essa imersão, o professor pode adotar metodologias voltadas às práticas de leituras de livros, jornais e revistas, trabalhos com ilustrações e desenvolver projeto de leitura em sala de aula, que envolvam o uso de um maior número possível de linguagens que habitam o universo social do aluno.

Como é possível perceber, essa é uma discussão densa e complexa. Por isso, é importante que possamos ampliar as pesquisas na área sobre a participação dos ambientes escolares no processo de desenvolvimento do letramento em perspectiva múltipla. Evidentemente, se os conceitos sobre letramento são tão controversos quanto se pode perceber, é difícil imaginar que possa existir um único conceito para o termo, que se adeque a todas as pessoas, nos diversos lugares e tempos, ou até mesmo em qualquer contexto social, cultural e político.

Atualmente, a tendência sobre a formação de novos conceitos sobre letramento prevalece de forma “desagregada”, isso é decorrente do esforço para especificar um domínio sobre o termo, ou supostamente para estabelecer uma relação de função entre a leitura e a escrita com o exercício da cidadania. Soares (2004) traz exemplos pertinentes nesse sentido, tais como: letramento crítico, básico, funcional e integral, adequado e inadequado, geral e especializado, etc. A autora faz referências ao conceito de letramento desenvolvido por Gray (1956), o qual foi reforçado por Scribner (1982), titulado de letramento de sobrevivência:

A necessidade de habilidades de letramento na nossa vida diária é óbvia; no emprego, passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou a produção de símbolos escritos. Não é necessário apresentar justificativas para insistir que as escolas são obrigadas a desenvolver nas crianças as habilidades de letramento que as tornarão aptas a responder a estas demandas sociais cotidianas. E os programas de educação básica têm também a obrigação de desenvolver nos adultos as habilidades que devem ter para manter seus empregos ou obter outros melhores, receber o treinamento e os benefícios a que têm direito, e assumir suas responsabilidades cívicas e políticas. (SCRIBNER, 1982, p. 9 op.cit. SOARES, 2004, p. 73)

O grande avanço que se pode perceber nos estudos relativos ao processo de letramento diz respeito à compreensão de que não lidamos com apenas um letramento, mas múltiplos letramentos, uma vez que os textos que circulam nas sociedades modernas estão permeados de múltiplas linguagens que, por sua vez, demandam habilidades e competências diversas ao longo do processo tanto de produção, quanto de compreensão e interpretação.

2.2 A PRÁTICA DA LEITURA COMO SUPORTE DE APRENDIZAGEM NA SALA DE AULA

Na sociedade contemporânea, há discurso relativamente positivo da valorização da leitura. Trata-se de uma leitura nos espaços sociais em geral, ultrapassando os limites da escola. Na contramão, no entanto, existe uma contradição: se buscarmos alguma das inúmeras pesquisas que têm sido feitas no que se refere à prática de leitura, iremos perceber que o brasileiro lê pouquíssimo.

Se prestarmos atenção nos cadernos dos nossos filhos, como também no livro didático, iremos perceber que as atividades que estes recursos trazem, principalmente na disciplina de Língua Portuguesa, sempre tem alguma leitura, algum texto para ler e interpretar para em seguida responder questões. Isso se deve à preocupação dos educadores quanto ao estímulo à leitura como ferramenta para o desenvolvimento da habilidade leitora e escritora do aluno.

É notório que há uma nova maneira de ensinar fazendo uso da leitura e da escrita. O ato de ler implica em apreciar um texto, uma informação, comparar com outras leituras, atribuindo sentidos a ela. As escolas devem desenvolver ações que motivem a [re]leitura, o comentário e a comparação com outras leituras já realizadas, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo contexto. Com isso, a leitura toma sentido e forma, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico no educando.

Silva (1987, p.42) destaca que ler é fazer parte de um modelo mais crítico e ativo da comunicação humana e destaca algumas funções da leitura: leitura é uma atividade eficaz a qualquer área do conhecimento e mais efetiva ainda à própria vida do ser humano; leitura está profundamente ligada com o sucesso acadêmico do ser que aprende; leitura é uma das principais ferramentas que permite ao ser humano situar-se com os outros, de discussão e de análise para se chegar à práxis; a facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que

o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pela televisão; a leitura possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem.

Foi afirmado anteriormente que, ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato, o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor em uma determinada obra. (SILVA, 1987, p.43)

Podemos inferir que a leitura deveria ser tomada como atividade central das aulas, o que supostamente levaria aos professores perceberem a importância de mostrarem aos alunos o significado efetivo da leitura como ferramenta de acesso ao conhecimento e à construção de sentido no processo de leitura do mundo ao seu redor. Nesse processo, as crianças, por exemplo, podem conhecer diversos gêneros, escritores de suas obras, apreciar textos de qualidade e saber valorizar diferentes estilos.

2.3 O PAPEL DA LEITURA E DA ESCRITA NA FORMAÇÃO DE UM LEITOR ATIVO

Quando o assunto é ler e escrever, antes de qualquer coisa pensamos esta como uma obrigação da escola, pois ela ocupa um lugar central as atividades desta. Afinal, é na escola que grande parte da população se alfabetiza, como também passa a refletir sistematicamente sobre a leitura e a escrita. O ato de ler e escrever são essenciais para alguém ter um bom desempenho e continuar aprendendo, tanto dentro como fora dos muros da escola. De fato, como afirma Soares

Considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, ou seja, a alfabetização, quanto o desenvolvimento [...] das habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja, o letramento. (SOARES, 2003, p. 89).

Por outro lado, segundo Elias (2011, p. 198) “se evidencia um claro descompasso entre o material disponível e os resultados práticos na formação

leitora de estudantes”. No plano mais geral, a alteração nos resultados atuais passa pela difusão da leitura entre crianças, jovens, adolescentes e adultos, o que, por sua vez, está claramente associado à existência de uma política nacional que facilite o acesso ao livro didático, seja por meio de algum benefício que resulte em menor custo para o consumidor, seja por meio de aberturas de bibliotecas públicas e escolares, devidamente administradas por profissionais formados para as tarefas de desempenham.

No entanto, nem sempre os alunos dominam as habilidades necessárias para que sua participação tenha êxito nas práticas de letramento escolar, as quais são solicitadas a se desenvolver, mesmo elas fazendo parte do cotidiano de quase todas as disciplinas da escola. Um exemplo clássico do fracasso da escola em formar bons leitores e escritores reside no aluno que avança de série sem saber ler e escrever adequadamente os gêneros estudados no Livro Didático [LD], dificuldade que se reflete na incapacidade de interpretar os enunciados de problemas matemáticos e as falas dos professores.

Nesse sentido,

reconhecemos a necessidade de ampliar as práticas e habilidades dos jovens, mas isso implica, de um lado, reconhecer que eles já participam do mundo letrado e, de outro, identificar as diferentes maneiras como isso acontece. Nosso trabalho, portanto, deve começar pela identificação do que estes jovens são e fazem, e não do que eles “não são” e “não fazem” (SOUSA, 2012 p, 19).

É importante, portanto, que a escola, em conjunto com os professores, possa pensar em uma abordagem metodológica de leitura que envolva assuntos do interesse dos educandos. Este caminho, parece-nos contribuir com uma das múltiplas obrigações que a escola pública ou privada deva encarar: de fazer com que os alunos aprendam a ler e produzir textos eficientemente, sentindo prazer tanto pelo exercício de ler, quanto de escrever.

Sempre foi e sempre será responsabilidade do docente elaborar estratégias metodológicas de estudos em sala de aula. A diversidade de práticas de letramento no mundo contemporâneo, a influência delas no ambiente escolar e a necessidade de formar cidadãos críticos que possam fazer uso eficiente das novas tecnologias, elevam às reflexões sobre as práticas de leitura e escrita a um lugar privilegiado nas pesquisas e estudos sobre as formas dos indivíduos agirem na sociedade.

Quando se fala em trabalhos de leitura e escrita, todos os pensamentos se voltam à disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, ainda que a princípio possa parecer atribuição específica dessa disciplina, trata-se de uma tarefa mais ampla, que deve envolver as várias disciplinas da educação básica. Seja como atividade ou projeto, diferentes roteiros podem ser seguidos nas diversas áreas do conhecimento: atentar para o comércio de produtos juvenis, para as ofertas, catálogos, folhetos, anúncios na TV e *internet* etc.

De uma forma ou de outra, ler e escrever são práticas sociais que habilitam o indivíduo para infinitas possibilidades de crescimento no seu raciocínio lógico e eficiente na tessitura dos argumentos em seu discurso, o que facilita na construção de um ser humano ativo nas suas práticas de letramento, especialmente em contexto de interação social.

2.4 MEDIAÇÃO EM LEITURA: UM ESTUDO DE CASO

Os dados aqui discutidos resultam de uma pesquisa de campo que foi desenvolvida no Colégio Técnico Dom Vital, pertencente ao sistema particular de ensino, localizada na cidade de Catolé do Rocha-PB.

A mesma funciona nos dois turnos, com um total de 466 alunos ativos, oferecendo no turno matutino: educação infantil, ensino fundamental I/II e ensino médio e no turno noturno, cursos Técnico em Contabilidade, Administração e Segurança no Trabalho. Tem um total de 29 salas, sendo que apenas 16 funcionam como salas de aula, 36 professores, 03 coordenadores pedagógicas duas secretarias e um diretor geral.

Nesta pesquisa, de um modo geral, no caminho trilhado buscamos discutir, em linhas gerais, a importância da mediação em leitura, para a construção do letramento. Este momento do trabalho se realizou mediante a aplicação de um questionário em entrevista com 03 coordenadores, 01 gestor, 03 professores e 04 alunos, com o objetivo de analisar qualitativamente a percepção desses agentes no tocante ao processo de letramento escolar.

Inicialmente, as entrevistas se deram com os coordenadores pedagógicos, aqui denominados **C01**, **C02** e **C03** do ensino fundamental e médio. Questionados

sobre a importância do planejamento escolar voltado para a leitura no ensino fundamental I, como caminho para o letramento, **C01** diz que:

C01: Segundo Paulo Freire (se não me falha a memória, 1982) ser coordenador, “é um educador e, como tal, deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola”. Seria impossível coordenar uma equipe de mais de dez professores, sem antes ter em mente que a leitura sempre deve estar presente nas aulas como prática, como exercício que trará competências leitoras ao aluno. É impossível que ocorra um processo de educação sem que antes no campo escolar haja uma eficiência voltada para uma pedagogia para o uso da leitura nas diversas atividades existenciais no campo escolar. Temos aqui nesta escola, profissionais preparados, graduados e pós-graduados no âmbito educacional, que são cientes da necessidade de atuarem com a prática da leitura, principalmente nas séries iniciais, do 1º ao 5º ano, realizando projetos, sejam na sala de aula, na biblioteca, ou até mesmo na quadra de esportes com recursos do tipo livro didático, revistas, livros de crônicas, cartas, redações e até mesmo o jornal. Por que isto? Acredito que o espaço da sala de aula, muitas das vezes, deixa o educando cansado. E os projetos que fogem deste espaço, fazem com que o aluno encontre o prazer que vai além de vir até a escola e estudar, mais sim, de poder sentir que a educação e o conhecimento estão além da sala de aula, e se tratando de crianças, nada se compara do que viver o mundo deles, com brincadeiras educativas, rodas de conversas, leituras ligadas ao gosto de cada um. Isso é aprendizagem além da sala de aula, é conhecimento, e de fato, querendo ou não, a leitura tem que estar inserida em cada uma delas.

Como se perceber, a escola faz juízo da importância de um bom grupo de professores e de boas práticas pedagógicas de ensino com o propósito de procurar entender melhor a relação do aluno do ensino fundamental I com a prática de leitura e escrita enquanto ferramentas facilitadoras de acesso ao conhecimento e o despertar do prazer pela leitura, com métodos voltados a necessidade de cada um.

A maneira de **C01** compreender a forma de ensinar, com base na importância da leitura, evidencia que o constante exercício da leitura mediada pelo professor, pela escola em geral, facilita a aquisição de conhecimentos, o que sugere supostamente que o aluno também irá experimentar um bom desenvolvimento nas demais áreas do saber.

C02, sendo interrogado sobre a mediação da leitura enquanto um caminho para o desenvolvimento do letramento aponta esta como instrumento necessário

para o desenvolvimento do conhecimento enciclopédico do sujeito, o que acarretará num processo de múltiplo letramento, com conhecimento de mundo. Vejamos sua resposta:

C02: *a leitura é vital nessa construção, seja no ensino fundamental ou médio, posteriormente superior, sempre se deve ler muito. Não importa se é sobre português, literatura, geografia, ou até mesmo assuntos diversos, indiscutivelmente, na escola ou em casa, a leitura é um exercício que introduz no cidadão o conhecimento, seja ele enciclopédico ou de mundo.*

Podemos inferir, desta forma, que na sociedade moderna é inconcebível existir um sujeito eficientemente letrado sem que tenha aprendido a ler, escrever e a utilizar essas ferramentas para aprender cada vez mais, possibilitando-o oportunidades de crescimento social. Não se deve imaginar, no entanto, que a prática de leitura esteja limitada apenas a disciplina de Língua Portuguesa. Ao contrário, acreditamos que qualquer leitura promove a construção de conhecimento específico de área.

Aos assuntos diversos citados na colocação de **C02**, tais como revistas, jornais entre outros, estes por sua vez, trazem consigo informações gerais de assuntos variados, atualizando as informações e reforçando a ideia de como está a situação mundial nos diversos segmentos, industrial, moda e financeiro, por exemplo. Podemos observar, desta forma, evidências de um sujeito letrado, buscando a atualização de informações, ampliado sua oralidade ou escrita sobre diversos fatos.

C03, por sua vez, admite que os Livros Didáticos [LD] poderiam melhor ajudar no processo de letramento, “em alguns livros do ensino fundamental, procura-se um texto bom para se trabalhar sua interpretação” (fala transcrita de C03).

Pergunto a **C03** como ela definiria um texto bom para o processo leitura em sala de aula, para que pudesse ocorrer uma melhor mediação da leitura:

C03: *os alunos preferem discutir assuntos contemporâneos, a maioria dos meninos se identificam com assuntos do gênero esportivo, as meninas com histórias que envolvem romance ou drama e o LD, principalmente de LP, não apresenta esses conformes.*

Entender que o LD não apresenta “esses conformes” até certo ponto é compreensível, em função do processo de produção desse tipo recurso didático nem sempre ser acompanhado por uma equipe de especialistas. Mas, de fato, muito se tem discutido a respeito de como trabalhar textos nas escolas, por esta não ser uma tarefa fácil. Encontra-se nas salas de aulas uma forte resistência, da parte dos alunos, em relação à leitura e a produção de texto.

Marcuschi (2008, p. 252) chama a atenção para a complexidade do processo de compreensão da leitura, demonstrando como o leitor trabalha inferencialmente com informações textuais, conhecimentos pessoais e suposições. Segundo ele, as inferências são produzidas como aporte de elementos sociossemânticos, cognitivos, situacionais, históricos e linguísticos de vários tipos que operam integralmente no plano do conhecimento enciclopédico.

Com base nesses pressupostos, é importante que os profissionais da educação, especialmente aqueles envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, possam refletir sobre sua prática profissional, seguindo as sugestões apresentadas por Medel (2008):

a) identificando os desafios cotidianos; b) agrupando os desafios de acordo com sua natureza: pedagógicos, administrativos financeiros etc.; c) diferenciando desafios coletivos dos individuais; d) analisando os seguintes aspectos: por que permanece, como se relacionam, quais suas consequências e outros. (MEDEL, 2008, p.39)

Na sequência de nossas incursões para coleta de dados, deu-se uma conversa com a direção da escola, doravante denominada simplesmente de **D01**. **D01** é um profissional graduado em pedagogia há 20 anos, com especialização em Língua Portuguesa e mestrado em Literatura Brasileira.

Não exerce seu papel apenas como diretor, mas também de professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Atua como professor já faz mais de vinte anos e como diretor mais de dez anos, sempre na mesma instituição. É reconhecido por todos os alunos e componentes do quadro da escola, como também por toda a cidade, referência de profissional eficiente e ótimo administrador.

Buscou-se entender como a gestão escolar (**D01**) da instituição vê as metodologias que incluem a leitura como fonte de conhecimentos na construção de um sujeito letrado. **D01** diz que:

D01: *De início, há de se ver a leitura como uma porta aberta, uma fonte informativa e de propagação da cultura. Sempre foi e será de um valor imensurável, especialmente no mundo contemporâneo, para o qual a leitura é elemento indispensável para a inclusão social do indivíduo e evidentemente para a sua cidadania, pois é a partir do que se lê que tem o acesso a um conjunto de informações, conhecimentos novos; vitais para a interação consciente no meio social. Inegavelmente, a leitura é um ato marcado pelo conhecimento. A leitura traz a percepção e compreensão das relações que permeiam o mundo.*

Observando a resposta discursiva de **D01** é possível admitir que a direção da escola tenha a ciência do valor da leitura no campo escolar, no desenvolvimento do letramento. Entende-se ainda que a leitura acarrete o despertar do processo, no aluno, de aquisição de um conjunto de informações, a qual é instrumento vital para o sujeito lhe dar com o mundo contemporâneo, para socializar, para compreender os sentidos que as relações de mundos e culturas sempre trazem à nossa vida.

Dando continuidade a conversa, questiono à **D01** se a gestão escolar deve se preocupar com a qualidade de ensino de língua portuguesa e se sempre está vendo junto aos coordenadores a questão do exercício de prática da leitura em de aula.

D01: *Antes que o aluno possa descrever algo, interpretar e desenvolver textos ele precisa aprender ler. Não imagino uma escola com bons alunos em redação ou posicionamentos críticos, colaborações em sala de aula sem que haja, principalmente nas aulas de língua portuguesa, o exercício da leitura. Procuo junto aos coordenadores e professores manter uma relação interativa, sempre estamos juntos nos planejamentos mensais e percebo que os professores, principalmente de língua portuguesa, atuam com interpretações e desenvolvimento de redações e não vejo um bom aluno em interpretação e redação, sem que antes ele saiba ler bem, muito bem.*

No tocante a resposta de **D01**, percebemos que este se alinha ao pensamento de que uma escola não se faz apenas de alunos e professores, mas de direção, coordenação, suporte técnico e sociedade. Prevalece, portanto, o entendimento de que trabalhando em conjunto, os resultados tendem a manifestar maior qualidade e o grande beneficiário é o aluno.

No que se refere à mediação em leitura, **D01** afirma que:

D01: *Não basta querer ensinar língua portuguesa, se não trabalhar a “língua portuguesa”. E que para isso, não basta trabalhar com regras gramaticais e sim ler, ler e ler sempre. Discutindo as contribuições*

dessa leitura para nossa vida. É o aprendizado múltiplo, amplia o conhecimento enciclopédico, seguido duma leitura fluente, como também aprende para a vida.

Por atuar como professor, o diretor vive a oportunidade de observar e registrar eventuais problemas que mereçam uma atenção especial de toda a equipe pedagógica escolar no sentido de promover ajustes às trajetórias traças em momento de planejamento pedagógico, sempre em busca da qualidade do ensino, corrigindo eventuais desvios de atuação em sala de aula. Em sua atuação enquanto professor, **D01** ainda desempenha o papel de socio-educador, posto ser percebido como gestor, na maior parte do tempo, por seus colegas.

No entanto, como professor assume que não concebe suas aulas de português sem a prática da leitura, como instrumento para tornar o sujeito letrado nas relações de mundo. Observemos, a seguir, mais algumas de suas colocações:

D01: *O entendimento de leitura enquanto prática social requer um pensamento voltado para as múltiplas relações que o sujeito leitor coloca nesse exercício interativo, não podendo deixar de manter um elo com o universo sociocultural no qual se insere; é necessário ser um leitor apto a fazer da leitura sua fonte de informação e propagação da cultura. Ler também é ser indagado pelo mundo e por si próprio, podendo muitas respostas virem por intermédio da escrita e o acesso a esta é positivo no sentido de construir respostas marcadas por novas informações. Desse modo, há de se ver que para ser feito o uso social pela leitura, não é necessário que o sujeito não seja tão somente alfabetizado, mas também seja letrado.*

Neste contexto, podemos então remeter o entendimento de Magda Soares (2004), quando observa que na atualidade precisa-se enfrentar uma nova realidade social, para a qual não é suficiente saber ler e escrever, mas, sobretudo, é fundamental fazer uso do ler e do escrever, a fim de responder requisitos advindos da leitura e da escrita continuamente feitos pela sociedade, o que vem a ser denominado letramento.

Por diante, serão apresentados alguns trechos de conversas com professor do Ensino Fundamental I (**PEF01**) e outro do Ensino Médio (**PME02**) ambos de Língua Portuguesa. Para iniciarmos nosso passeio analítico, gostaríamos de ressaltar a existência de uma questão polêmica entre os níveis de ensino (Fundamental, Médio e Superior), onde se acredita que se deve dá mais atenção à qualidade nas series iniciais. Questiono à **PEF01** se com a prática da leitura em sala de aula e como

profissional ela tem esse mesmo entendimento. Observemos suas colocações discursivas:

PEF01: *Digamos que sim. Porém não podemos limitar o uso da leitura apenas nas séries iniciais. Por que é um dever maior de nossa parte sempre está praticando a leitura em sala de aula? As demais séries, com certeza, exigem do aluno uma leitura mais fluente, não basta que identifique códigos, mais sim, que já saiba utilizar esses códigos para descrever e entende-los.*

Evidentemente, **PEF01** reconhece seu papel como mediadora em leitura. Demonstra saber das consequências que acarretará no aluno se não tiver uma boa base leitora nesta fase de sua educação, fazendo com que manifeste entendimento quanto da importância do exercício da leitura para sua vida. Aproveitando o gancho, questiono-o como pensa sobre a aquisição de conhecimento, relativamente baseado em leituras mediadas. Observemos suas palavras abaixo:

PEF01: *Sem dúvida “meus pequeninos” [supostamente se refere às crianças as quais são seus alunos] precisam de um acompanhamento, principalmente no âmbito da leitura, pois gosto de trazer textos diversificados, inclusive jornais e revistas, discutir o que eles leem é mais do que uma forma de ensinar português, é trazer para eles informações sobre muitos assuntos. Não me considero uma alfabetizadora, porém, alguém que busca informar, ao meu aluno, das necessidades de conhecimentos gerais, gosto de proporcionar o letramento nos meus alunos.*

Claramente, assim como Soares (2003, p. 47), **PEF01** analisa as diferenças básicas entre alfabetizar e letrar: “alfabetizar: ação de ensinar/aprender a ler e a escrever. Letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita”. **PEF01** considera importante não apenas alfabetizar, mas apresentar recursos seguidos de uma metodologia favorável à construção do sujeito leitor crítico, uma vez que ser sujeito leitor é o caminho para existir um sujeito letrado.

Kleiman (2005), por sua vez, apresenta o termo agente de letramento referindo-se aos professores em formação inicial ou continuada, que utilizam de forma independente, flexível e consciente as práticas socialmente legitimadas dos usos da escrita. Nesse ínterim, **PEM02**, interrogado quanto ao seu papel de agente de letramento, revela-nos que

PEM02: *Enquanto professor procuro desenvolver estratégias adequadas para que meus alunos tenham acesso a uma cultura de letramento mais diversificada. Tais atividades requerem recursos do tipo jornal, debates escritos, temas de novelas e dentre outras. Assim, sendo pedagogo e professor de língua portuguesa, penso na importância da formação do pedagogo para que possamos reconhecer como agente de letramento e tenhamos subsídios concretos para a realização de nosso trabalho.*

Sobre a mediação em leitura na sala de aula como desenvolvimento do letramento, ambos **PEF01** e **PEM02** acreditam que através do ensino por meio das práticas de leitura é possível construir um ambiente que influencie direto na vida do aluno, no exercício de ler bem e escrever bem, seguido de uma melhor compreensão do mundo ao seu redor, das intertextualidades. Observemos o posicionamento de **PEF01** e **PEM02**:

PEF01: *é impossível acreditar que haja um bom aluno sem que o mesmo não saiba ler e escrever. O Brasil ainda passa por um momento de desenvolvimento na construção de uma boa educação. O que evidencia uma sobrecarga ao professor em construir um ambiente favorável ao ensino de qualidade, promissor. E o exercício da leitura ameniza este fator. Os nossos alunos ao ler constroem seu mundo, sua imaginação se torna fértil, desenvolvem as dúvidas, questionam-nos e toda turma aprende um pouco com a dúvida do outro, neste sentido, a prática da leitura também se torna como um norte à interatividade. **PEM02:** *diria que na escola a leitura precisa de reformulação: é necessário torna-la um objeto, sobre tudo, social, um pouco mais livre do tratamento cristalizado, avaliativo e quantitativo dado pela escola.**

Temos aqui um debate entre a necessidade da leitura em sala de aula, seguida das reformulações que a escola deve tomar mediante tal necessidade social. Segundo Bortoni-Ricardo (2012, p. 41), “não cabe mais à escola, em pleno século XXI, ser um abismo entre as necessidades escolares e as sociais” de sua clientela, afinal, embora a leitura deva ser um objeto de discussão antes, durante e depois de seu processamento, estamos convictos de que ela não pode ser vista apenas como um produto acabado e suficiente em si, porém como habilidade que permite aos sujeitos uma gama de aberturas para o convívio social.

Dando continuidade à nossa pesquisa, em busca de colher mais informações para confrontar com os posicionamentos institucionais verificados através das falas da coordenação, direção e docentes, partiu-se a questionar os alunos (**A6F01**,

A6F02) do 6º ano do Ensino Fundamental. Em seguida, do 2º ano do Ensino Médio (**A03M, A04M**), procurando-se entender como eles compreendem e se apropriam da leitura como um exercício fundamental para seu crescimento intelectual e se as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores os incentivam nas atividades de leitura e escrita, e se favorecem o desenvolvimento do costume à prática da leitura na escola, bem com ainda em outros espaços. Observemos as colocações levantadas a seguir.

Inicialmente, **A6F01** faz as seguintes colocações:

A6F01: *Não gosto ler. Sinto sono. A professora chama minha atenção o tempo todo. Quando é nas aulas de literatura, ao começamos a discutir aqueles contos, aquelas historinhas, umas conversas “veia besta”... Penso logo em acabar a aula e ir para casa.*

Logo se percebe que esse aluno não gosta de literatura. Pergunto como que seria uma boa aula de leitura para que ele não sentisse sono e nem a achasse “chata”. **A6F01** então responde:

A6F01: *Bem, eu gosto de ler sobre histórias de ação, futebol e até historinhas em quadrinhos da turma da Mônica.*

A6F02, por sua vez, indagado no mesmo sentido diz:

A6F02: *Eu sou do tipo que às vezes gosto de ler e tem momentos de que não gosto de ler. Aqui na “minha escola” sempre fico bem comportado na sala, e faço tudo que o professor pede, por que depois minha mãe pergunta para a professora como que estou me comportando. Em casa leio as revistas falam sobre beleza junto com minha mãe.*

Temos um exemplo que merece atenção, pois nos questionamos no sentido de entender quais são os melhores momentos para se ler? A motivação para o engajamento nas atividades de leitura depende da necessidade ou do gosto da turma? **A6F02**, segundo informações coletadas junto ao corpo docente, é uma boa aluna. No entanto, nos intriga a postura de **A6F01** – será que esse comportamento não é resultado das consequências de um fazer que segue na direção contrária do que seria verdadeiramente uma atividade de leitura estimulante para os alunos?

Apesar dos muros da escola criarem uma atmosfera de rejeição nos alunos por se sentirem “preso” e regulados em suas manifestações naturais em função de normas impostas pela escola para a garantia de uma boa convivência entre todos, certamente, existem inumeráveis elementos inerentes à escola que podem auxiliar no desenvolvimento do hábito de leitura enquanto atividade prazerosa, como, por exemplo, o acervo das bibliotecas escolares (revistas de moda, de jogos, de celebridades etc.) e as atividades culturais (música, dança, teatro).

No Ensino Médio, há também registros de dificuldades para se exercitar a leitura a partir dos livros didáticos, é mais complicado, segundo as palavras de **PEM02**:

PEM02: *por se trabalhar com jovens, norteados pelo mundo digital, eles se apegam menos ao material didático, ficam envolvidos com as redes sociais. Quando se trata de literatura parece que falei no “bicho papão”.*

É fato que o trabalho com a leitura de gêneros literários clássicos parece despertar pouco o interesse dos alunos, especialmente nas gerações digitais, o que implica na necessidade de se construir estratégias de mediação da leitura utilizando recursos digitais, de maneira a envolver os alunos, motivando uma participação mais ativa em sala de aula, como diz a aluna **A03M**:

A03M: *prefiro ler na tela do tablet, notebook ou até mesmo no celular.*

Embora a escola não disponha de um laboratório de informática, que acomode todos os alunos, a equipe docente conta com Datashow e telões, ao qual o professor deva recorrer como suporte, dispersando o aluno do livro, por exemplo.

A03M enfatiza ainda que:

A03M: *o bom seria que os livros fossem digitais, aliás, o caderno, livro e o “quadro branco, tudo fosse digital, como seria mais interessante e mais prazeroso para se ler e estudar para fazer as provas*

É notório destacar que o avanço digital está presente em nossas vidas constantemente. Desta forma, fica evidente que os professores devem adotar estratégias pedagógicas que envolvam estes recursos tecnológicos para mediar à

leitura e a escrita, trazendo mais prazer ao seu aluno, o que ampliará as possibilidades de ocorrer um maior aprendizado.

O aluno **A04M**, por seu turno, diz:

A04M: *a professora ensina bem, domina todos os conteúdos mais as vezes quando questionamos alguns assuntos da atualidade, certamente para não fugir do tema que se trabalha, ela pede para deixar para depois e finda esquecendo.*

Infelizmente, agindo desta forma, a professora perde uma grande oportunidade de induzir seu alunado em um processo de leitura fluente. Trazer para dentro da sala de aula assuntos contemporâneos que se permita conseguir material para leitura, evidenciando debates, discussão e construção de textos referentes a assuntos diversos, de fato é uma porta aberta para levar o aluno ao prazer pela leitura, na construção de sentidos tanto para sua vida pessoal, quanto também para a social.

O grande passo que a escola pode dar na preparação dos seus profissionais é procurar evidenciar se os mesmos têm condições de desempenhar o papel de *agente de letramento*, nos moldes de Kleiman (2005), para quem

Um agente de letramento é um agente social, como tal, é conhecedor dos meios, fraquezas e forças dos membros do grupo e de suas práticas locais, mobilizador de seus saberes e experiências, seus modos de fazer (inclusive o uso das lideranças dentro do grupo), para realizar as atividades visadas: ir e vir, localizar, arrecadar, brincar, jogar, pesquisar (KLEIMAN, 2005, p. 84).

A prática docente desenvolve-se no contexto mais amplo da educação, da escola e da própria sociedade, sendo assim, a formação para tal exercício profissional deve fornecer elementos para o domínio desse contexto. Com isso, refletimos sobre que tipo de mediação é feita pelo professor na sala de aula do Século XXI e que tipo de letramento ele pode e deve desenvolver no contexto da era da informação digital.

A leitura e a escrita representam competências essenciais para a maioria das atividades profissionais e práticas sociais no mundo contemporâneo. Por isso a tarefa de ensinar alguém a se tornar um usuário mais competente na utilização dos recursos de sua língua materna emerge como, talvez, um dos maiores desafios para a educação formal atualmente.

Uma vez que as atividades de leitura e escrita se realizem sem sensibilidade às diferenças culturais, sociais e linguísticas que constituem o universo de uma sala de aula, crianças, jovens, adolescentes e adultos podem ser negativamente afetados, comprometendo o desenvolvimento de sua capacidade de uso e sua autoestima linguística e cultural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do que foi discutido até aqui, parece ficar evidente que uma boa mediação em leitura constitui atividade fundamental para o alcance das metas esperadas no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Assim sendo, discutir a valor da mediação em leitura, como ainda a sua prática no processo de letramento nos fez percorrer caminhos de reflexões que já não se podem dizer novos, posto o volume de publicações abordando o tema. Contudo, entender que diferentes concepções de escrita solicitam práticas distintas na introdução do sujeito na modalidade escrita da língua sempre se faz imperativo para os docentes de Língua Portuguesa.

Vê-se, no entanto, que já é consenso o predomínio de escrita como processo de interação entre sujeitos e que neste, por sua vez, estão envolvidos os interlocutores no processo de construção de sentidos em torno de suas trocas linguísticas. É bem verdade que não devemos fechar os olhos no que diz respeito às dificuldades dos alunos, em geral, quanto às práticas de leitura e produção textual, considerando que essa dificuldade está presente desde a fase de aquisição da leitura e da escrita. Já não basta a preocupação com o que dizer, ainda existe a questão da grande tensão de como compreender o que se lê e escrever o que se pensa.

E para que essas dificuldades sejam superadas, deve haver a mediação dos professores no sentido de auxiliar neste processo de aquisição de técnicas de leitura e escrita de forma mais produtiva. De posse de métodos, que atendam a nova mudança de paradigma formativo no que tange ao processo de letramento, possam estes atuar voltados tanto para o domínio da técnica quanto para a perspectiva das práticas socio-discursivas envolvendo textos.

No ensino da leitura, por exemplo, um propósito didático muito importante deve fazer parte das reflexões dos professores: a leitura como uma prática social, cujo objetivo é levar os alunos a utilizar essa habilidade para a vida. Tal postura deve levar o professor a articular os propósitos escolares e sociais da leitura em suas práticas docentes.

Desse modo, acreditamos que os professores devem refletir de forma mais pontual sobre suas práticas docentes, especialmente sobre aquelas voltadas ao letramento, de maneira que os levem a pensar o que é leitura e, certamente, a reformular sua prática e suas intenções de ensino, embora, a leitura na escola precise de reformulação, uma vez que é necessário torná-la um objeto, sobretudo, social, avaliativo e quantitativo dado pela escola.

Estamos fortemente inclinados a acreditar que a leitura deve ser um objeto de discussão antes, durante e depois de seu processamento, e que ela não pode ser vista apenas como um produto acabado e suficiente em si, mais como uma habilidade que permite aos indivíduos uma gama de abertura para o convívio social.

O trabalho em sala de aula com a leitura pressupõe estratégias didáticas consoantes a perspectiva teórica adotada pelo professor, que deve ter consciência das suas escolhas pedagógicas para construir o conhecimento e incentivar a participação do educando. Desta forma, a principal função do educador é procurar ampliar o conhecimento enciclopédico do aluno na mediação da leitura dos livros didáticos, é desenvolver o nível de informação do aluno, é dar maior legibilidade ao texto, quando ele o considere muito opaco. Essa ação deve ser desdobrada em outras ações menores, visando ao objetivo maior: o desenvolvimento da compreensão leitora e da competência escritora.

Por fim, a experiência de mediação da leitura reforça o compromisso com a qualidade do ensino prioritariamente centrado na aprendizagem e permite entender que quanto maior a disponibilidade do professor em assumir o papel de mediador do ensino, melhor será o resultado das interações em sala de aula.

Com tudo, o desenvolvimento das habilidades de letramento auxilia desde cedo os alunos a se engajarem nas práticas sociais que demandam interação com a multiplicidade de textos que circulam na sociedade, seja poético, ficcional ou até mesmo publicitário, de todos os tipos de gêneros. Inserir o sujeito num contexto de aprender a ler e a escrever, seguido de conhecimentos de mundo baseado em

leituras de diversos gêneros é repensar a alfabetização em um contexto que sugere uma aliança entre alfabetizar e letrar. Para conseguir aprimorar nossas assimilações de aprendizagem operadas pelos processos mentais, temos que aprender a ler para estimular a nossa própria imaginação, para cultivar nossa própria consciência, nossos próprios sistemas de crenças.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Leitura e mediação pedagógica**/ Stella Maris Bortoni-Ricardo, Caroline Rodrigues, Cláudia Heloísa Schmeiske Da Silva, Iveuta Abreu Lopes, Paula Cobucci, Veruska Ribeiro Machado, - São Paulo: Parábola, 2012.
- FERRAZ, Marta Maria P. **Leitura mediada na biblioteca escolar: uma experiência em escola pública**. São Paulo, 2004. I Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo)
- KLEIMAN, Ângela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____. (Org.). *Os significados letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- OLIVEIRA, Luciano Amaral, 1964 - **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**/Luciano Amaral Oliveira, - São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MARCUSHI, L. A. (2008). **Produção de textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial.
- MEDEL, Cássia Ravena Mulin Assis de. **Projeto Político-Pedagógico: construção e elaboração na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).
- SILVA, E.T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez :1987
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, M. (2003). **Alfabetização e letramento**, São Paulo: contexto.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento no ensino médio**/Ana Lúcia Souza, Ana Paula Corti, Márcia Mendonça, - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS EM TEMPOS REMOTOS DE ENSINO

HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de¹
SANTOS, Maíra Cordeiro dos²

1 INTRODUÇÃO

Considerando o cenário atual, de isolamento social causado pela pandemia do Coronavírus, o uso de ensino remoto foi a alternativa determinante para garantir a apropriação dos conhecimentos, mantendo o estudante em permanente contato com a instituição de ensino durante este período afastamento ao convívio social tão necessária.

Neste artigo trazemos o relato de experiências vivenciadas em sala de aula, no Ensino Superior e Pós-graduação, voltados para a práticas metodológicas em sala de aula online na modalidade ensino remoto.

A escolha de introduzir as metodologias ativas em despontaram como forma de aprendizado na educação formal a partir do movimento escolanovista surgido no final do século XIX, reconhecida como a pioneira escola antagônica a escola tradicional em razão da fundamentação no movimento de renovação do ensino (LIMA, 2017).

O uso dessas metodologias surge com um novo formato na relação ensinar-aprender na modalidade de ensino remoto. Com métodos mais dinâmicos que envolviam a participação do aluno, bem diferente das metodologias tradicionais em que o professor detinha a centralidade em sala de aula, em que o aluno como sujeito de aprendizagem limitava-se a escutar, ler, decorar e repetir.

Os desafios foram surgindo e nós professores temos como objetivo nesse artigo promover a aprendizagem ativa durante o cenário de isolamento social, gerar a interação com os alunos e utilizar os recursos tecnológicos adequados necessários para reinventar e encantar na sala de aula de forma remota.

¹ Graduada em Pedagogia (UPE), Administração (UNICAP) e Filosofia (UFPE). Especialista em Gestão de Pessoas (UPE) e Gestão de Educação do Município (UFPB). Professora nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Publicidade do UNIESP.

² Doutora e mestre em Linguística, licenciada em Letras, advogada, líder do grupo “conexões educacionais” e do Núcleo Paraibano de Psicologia Positiva. Professora da Educação Básica e da Pós-graduação, coordenadora pedagógica, escritora, palestrante e designer educacional.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O DESABROCHAR DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Para manter a motivação dos estudantes em tempos de isolamento social, com aulas remotas, acreditamos que a aplicação de metodologias ativas em ambientes 100% *online* podem ajudar a se manterem engajados em suas atividades e ainda garantir um aprendizado efetivo e significativo.

Nesses benefícios, entendi que precisava compreender outras ferramentas online que iriam me ajudara a potencializar esse processo da educação em ensino remoto e realizei a comparação dos diferentes tipos de aprendizagem. O desafio, que tivemos foi manter a qualificação da interação durante as aulas remotas.

De acordo com Freire (1996, p.29), para que possamos ensinar é preciso respeitar a autonomia do educando, “de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade de arrogante do mestre”.

E o ensino de aprendizagem à distância requer o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

A aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo e é estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo passivamente; é, portanto, um método de ensino focado no aluno. Nesse cenário remoto precisava estimular os alunos e trazer o prazer para sala de aula, mesmo que de forma remota.

Utilizei a Aprendizagem Baseada em Projetos acreditando que é um recurso que favorece o processo de ensino, proporciona aprendizagem significativa, promove segurança na aplicação do conhecimento, melhora o relacionamento interpessoal, desenvolve a expressão oral, desenvolve o gosto para resolver problemas e incentiva o trabalho com projetos, que geram competências essenciais para a prática profissional.

De acordo com Thomas (2000), o modelo de aprendizagem baseada em projetos, em conjunto com a utilização de novas tecnologias, traz um novo sentido para a aprendizagem, pois ajuda os estudantes a desenvolverem habilidades e competências para a vida numa sociedade baseada no conhecimento e altamente

tecnológica. E as pesquisas demonstram que o modelo de aprendizagem baseada em projetos é muito recente, tendo sido realizadas praticamente nos últimos 10 anos, o que justifica o fato de não haver muitas pesquisas nesta área.

Foi apresentado o tema gerador da pesquisa e da problemática para desenvolvimento do projeto.

Para o *start* da aula foi apresentado um vídeo do tema gerador “Relação professor-aluno: a importância da afetividade” de Cortella (figura 1).



Figura 1 - Vídeo de Mario Sergio Cortella responde: Qual a relação entre afetividade, vínculo e aprendizagem?

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bywstc8YF8>
Acesso em: 14 abr. 2020.

Após a apreciação do vídeo, fizemos um *brainstorm* das palavras que estavam associadas à relação do professor com o aluno e a afetividade e criamos uma nuvem de palavras com o tema em questão, usando o site wordclouds.com, ilustrado na figura 2.



Figura 2 - Nuvem de palavras da turma de Pedagogia.
Fonte: Desenvolvida pelo site wordclouds.com

Vale salientar que durante a aplicação da atividade na construção da nuvem de palavras, foi percebido um maior envolvimento dos alunos em alimentar a nuvem, produzindo o conteúdo necessário para o desenvolvimento do tema. Finalizada a construção da nuvem foi apresentada aos alunos gerando debate e comentário sobre as palavras destacadas.

Dando continuidade à metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos apreciamos o filme “Como Estrelas na Terra, toda criança é especial” (figura 3 e 4) para perceber a real importância do papel do professor e sua afetividade na construção dos conhecimentos.



Figura 3 - Trecho do filme: “Como Estrelas na Terra, toda criança é especial” que retrata o professor e sua afetividade.

Fonte: Desenvolvido pelo autor/professor, 2020.



Figura 4 - Trecho do filme: “Como Estrelas na Terra, toda criança é especial” que retrata o professor.

Fonte: Desenvolvido pelo autor/professor, 2020.

Após o filme foi apresentado a sequência das Tipologias de Projeto Educacional, para que os alunos se embasassem e gerassem um fórum de discussão (figura 5).

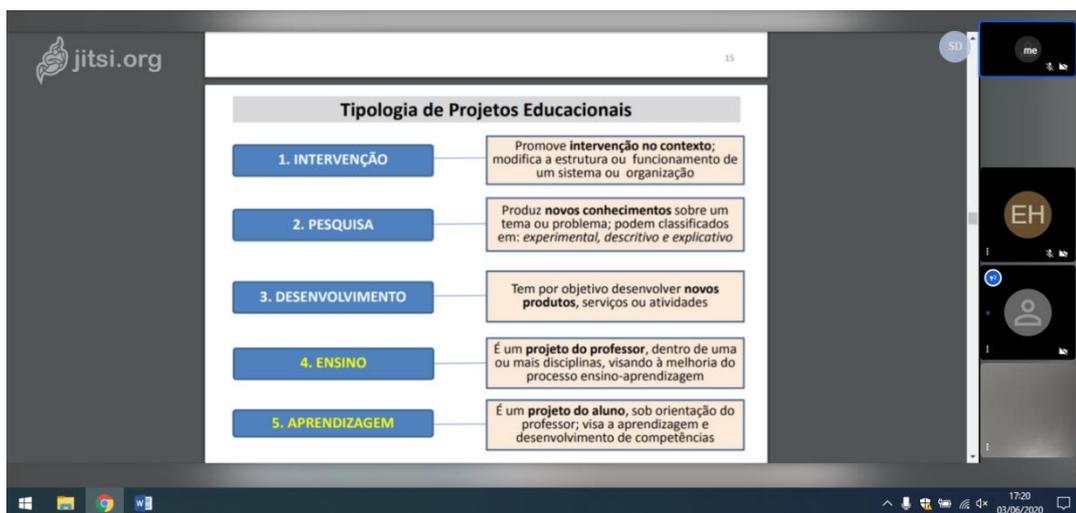


Figura 5 - Tipologias de Projetos Educacionais.
 Fonte: Desenvolvido pelo autor/professor, 2020.

Das 3 (três) equipes formadas dividimos o debate entre os tipos de projetos de aprendizagem, que defendessem positivamente a temática em questão: “Relação professor-aluno: a importância da afetividade”, na perspectiva das 3 (três) visões: construtiva, investigativa e explicativa. Cada grupo apresentou um projeto que deveria ser referência para o tema no âmbito educacional.

Na apresentação do Projeto Construtiva eles se detiveram a um projeto inovador, criativo na forma, função e processo em desenvolvimento.

Já a apresentação do Projeto Investigativo, direcionou seu planejamento para pesquisa científica, na busca do conhecimento e nas questões de investigação.

E por fim o Projeto Explicativo que considerou a defesa na sua apresentação de: Como funciona? Para que serve? e através da análise de sua estrutura, função e operação, gerou o resultado final.

Foi notório o resultado que essa metodologia apresentar. O maior preparo dos estudantes para buscar o sucesso acadêmico, profissional e pessoal. Dessa forma, eles se tornaram mais aptos a enfrentar os desafios atuais, em que a tecnologia e as habilidades interpessoais são cada vez mais exigidas. Isso tudo enquanto desenvolvem pensamento crítico e criatividade.

2.2 SALA DE AULA INVERTIDA EM AMBIENTE DIGITAL

Não é novidade que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) constituem uma realidade irreversível no cenário da sociedade moderna, as quais associadas ao avanço da Educação a Distância (doravante EaD) redesenharam o espaço educativo, democratizando e ampliando espaços de aprendizagem. Se, por um lado, muito já se avançou na democratização do acesso ao conhecimento, por outro, ainda se busca aperfeiçoar os instrumentos de aprendizagem para serem utilizados em diferentes contextos educativos, tanto na modalidade presencial quanto a distância.

Para Ersad (2003), os jovens são o primeiro grupo na sociedade que assume e utiliza a tecnologia como prática social. Esses artefatos instituem novas possibilidades e concepções de ensino-aprendizagem, que ganham significado a partir da negociação dos atores envolvidos. Nesse sentido:

Como a tela do computador permite uma maleabilidade de alterações com as características da interatividade, hipertextualidade e conectividade, isso já seria um diferencial para aprendizagem. Ainda de acordo com a autora, essas aprendizagens que se apresentam como construções criativas, fluidas, mutáveis contribuem para que as pessoas e a sociedade possam vivenciar pensamentos e comportamentos inovadores. A autora sugere com este fim uma nova metodologia de ensino que tenha como pressuposto a cooperação e a participação intensa de todos os envolvidos, que motive os alunos a expressarem suas opiniões, onde o professor assuma o papel de criar um contexto no qual os alunos possam produzir seu próprio material por meio de um ativo processo de descoberta (KENSKI apud LEMOS, 2009, p. 41).

Essa necessidade de mudança na concepção da educação é comprovada por Abramovay e Castro (2003), cuja pesquisa identificou que os alunos mantêm a expectativa de que instituições educacionais ofereçam condições ínfimas de acesso às TIC e que sejam instrumentalizados para usá-las na vida diária. Isso ocorre, pois a modernidade exige a utilização das TIC nas mais diversas ocupações profissionais. Embora muitos jovens tenham acesso às tecnologias, milhões de crianças e adolescentes ainda não possuem acesso à *internet* em casa e na escola. Sendo assim, a inserção das tecnologias na sala de aula assume a função social de

incluir os jovens no mundo da era virtual, evitando o que autores chamam de “exclusão digital”.

A pandemia ocasionada pelo COVID-19 nos trouxe uma realidade nova e urgente: adaptar todo o ensino presencial para o meio digital. Por mais que algumas tecnologias e metodologias já estivessem presentes em algumas instituições ou cursos, inclusive por meio da Educação a Distância, adaptar toda a educação para o meio digital foi – e ainda é – um grande desafio, da educação básica ao ensino superior.

Some-se a isso a necessidade de se estabelecer novas metodologias de ensino, que já estavam entrando nas salas de aula presenciais. Sendo assim, adaptar um Ensino Remoto Emergencial (doravante ERE) e metodologias ativas foi um grande desafio, que fez com que nós, professores, educadores e gestores, aprendêssemos novas formas de ensinar e novas plataformas e métodos.

As metodologias ativas já vêm sendo discutidas e aplicadas no contexto da educação presencial há algum tempo. As pesquisas da neurociência e da psicologia embasaram as necessidades de se pensar novas formas de ensinar e aprender, considerando as individualidades e as experiências. Autores como Dewey (1950), Freire (1996), Ausubel et. al. (1980), Piaget (2006), Vigotski (1998) mostraram que a aprendizagem pode se dar de diversas maneiras, a partir do contexto e, sobretudo de forma ativa e experiencial.

Nesse sentido, Moran (2018) ressalta a importância de uma visão criativa e empreendedora da aprendizagem e um novo papel para o professor: o de mentor ou orientador. Para isso, afirma o autor, é fundamental pensar em novas metodologias, como as híbridas, ativas, personalizadas, compartilhadas, etc. Nas palavras do autor:

As metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje (MORAN, 2018, p. 4).

O século XXI, sobretudo, trouxe reflexões e necessidades de se pensar não apenas em tecnologias e metodologias, mas em renovação dos espaços educacionais, com novas formas de aprender e ensinar. Andrea Filatro e Carolina

Costa Cavalcanti (2018) trazem inúmeras possibilidades como metodologias ativas, metodologias ágeis, metodologias imersivas e metodologias analíticas, adaptadas à educação presencial, a distância e corporativa. Embora a EaD já seja uma realidade há muitos anos, o momento de Pandemia de 2020 nos trouxe um novo cenário, que os especialistas chamam de Ensino Remoto Emergencial (ERE). A EaD tem uma metodologia própria, planejamento docente e discente, ferramentas e tecnologias apropriadas ao contexto. O ERE, no entanto, trouxe a realidade da educação remota para todos os níveis de ensino, do ensino infantil à pós-graduação, pegando de surpresa professores, gestores e estudantes que não tinham nem conheciam recursos específicos para esse momento, além da falta de tempo para planejar as ações, sejam técnicas ou metodológicas.

A experiência na Pós-graduação no ERE ocorreu em uma instituição de Pós-Graduação totalmente presencial, que não utilizava nenhum recurso tecnológico remoto. Além disso, os alunos são oriundos de cidades que nem sempre dispõem das melhores redes de *internet* ou dos melhores recursos tecnológicos. A disciplina ministrada foi “Estrutura do texto”, no curso de Pós-Graduação em Língua, Linguagem e Literatura. As aulas presenciais aconteciam em três sábados quinzenais, na cidade de João Pessoa/PB.

O primeiro desafio foi pensar no tempo destinado ao curso, tendo em vista as dificuldades encontradas para se passar seis a oito horas no ambiente remoto digital. A primeira aula aconteceu quando a instituição e os professores ainda procuravam os melhores recursos, tecnologias, estratégias e métodos para solucionar essa questão. Além disso estávamos imersos numa realidade de saúde pública trágica e desconhecida para todos nós. Nesse ambiente de incertezas, ocorreu a primeira aula, um encontro pela plataforma *Google Meet*, mas que não foi possível acontecer, devido à instabilidade da conexão de *internet*. Confesso que fiquei um pouco frustrada e insatisfeita em apenas ministrar uma aula expositiva utilizando um recurso digital, ainda mais com as dificuldades que a tecnologia proporciona.

Diante do contexto, comecei a repensar as minhas práticas e didáticas e buscar encontrar uma melhor metodologia que se adequasse ao ERE, que promovesse a aprendizagem ativa, significativa e personalizada. Minha intenção era:

A realização de práticas pedagógicas para envolver os alunos, engajá-los em atividades práticas nas quais eles sejam protagonistas de sua aprendizagem nas quais os aprendizes possam fazer coisas, pensar e conceituar o que fazem e construir conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolver a capacidade crítica, refletir sobre as práticas realizadas, fornecer e receber feedback, aprender a interagir com colegas e professor, além de explorar atitudes e valores pessoais (VALENTE, 2018, p. 28).

Pensando nisso, adotei com os alunos a metodologia da sala de aula invertida. Criei uma pasta no *Google Drive* e inseri aulas gravadas e materiais de consulta para estudo prévio dos estudantes, conforme demonstra figura 6.

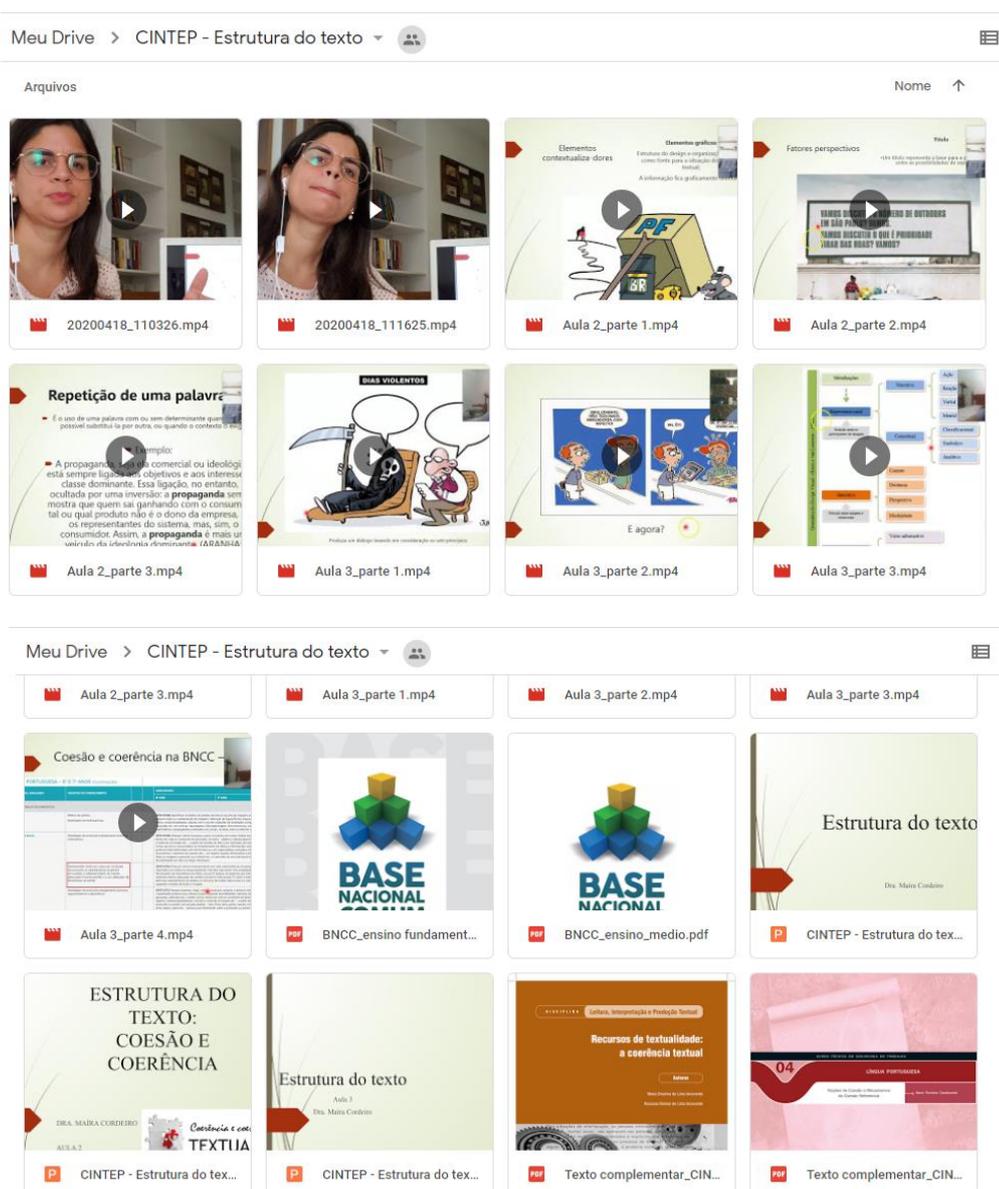


Figura 6 - *Google drive*.
Fonte: autoria própria, 2020.

A sala de aula invertida parte do pressuposto de que a sala de aula não serve para o professor transmitir informação e teoria ao aluno. Nesse método, o aluno deve estudar previamente o assunto, a partir do material fornecido ou indicado pelo professor, como um orientador de estudos, e a aula torna-se o lugar para a aprendizagem ativa, com discussões, atividades, dúvidas. Na aula, portanto, o professor trabalha as dificuldades dos alunos, analisa o aprendizado, problematiza os conteúdos, ao invés de apenas expor os seus conhecimentos.

Até mesmo a gravação das aulas foi um desafio e aprendizado. Os primeiros vídeos foram gravados pelo celular, como demonstra a foto da esquerda, dificultando a visualização dos *slides* e até mesmo o foco nos textos em análise. Essas experiências e frustrações me levaram a buscar descobrir e aprender cada vez mais recursos e tecnologias. Como educadora, acreditei na minha responsabilidade de aprender e me reinventar e, assim, construir novas possibilidades para o ensino. De certa forma, essa experiência me levou para fora da zona de conforto e me fez vislumbrar inúmeras possibilidades e formas de interação síncrona e assíncrona. Sendo assim, os vídeos das aulas seguintes foram gravados com a plataforma “*screen-o-cast*”, permitindo melhor visualização dos slides e da imagem, conforme demonstra a imagem 7.

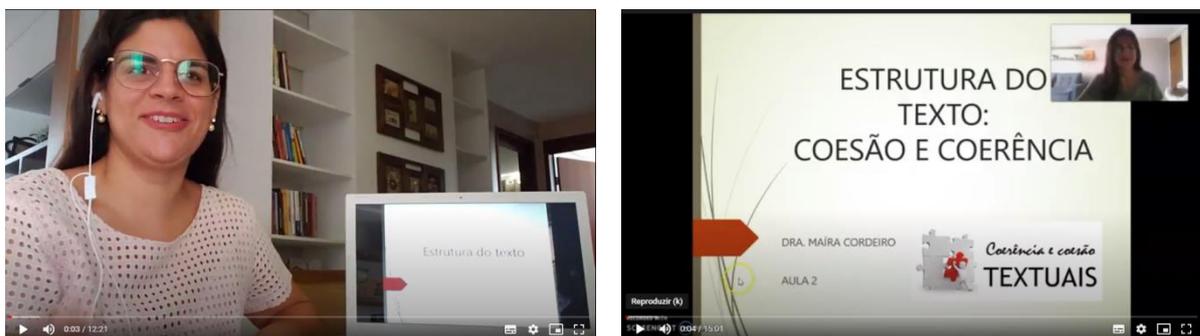


Figura 7 – Aulas gravadas.
Fonte: autoria própria

A disciplina seguiu as orientações do relatório *Flipped Classroom Field Guide* (2014), adaptando a aula em plataforma digital. Antes da aula, como professora, preparei o conteúdo e compartilhei na pasta do Google Drive, para que eles acessassem o conteúdo previamente. Durante os encontros síncronos, por meio do *Google Meet*, discutimos as dúvidas, realizamos atividades e exercícios de análises

textuais, levando em consideração os conceitos trabalhados nas vídeoaulas. Por fim, depois da aula, foram sugeridas algumas atividades de pesquisa individual e o desenvolvimento final de um projeto em equipe. A metodologia pode ser melhor representada pela figura 8.

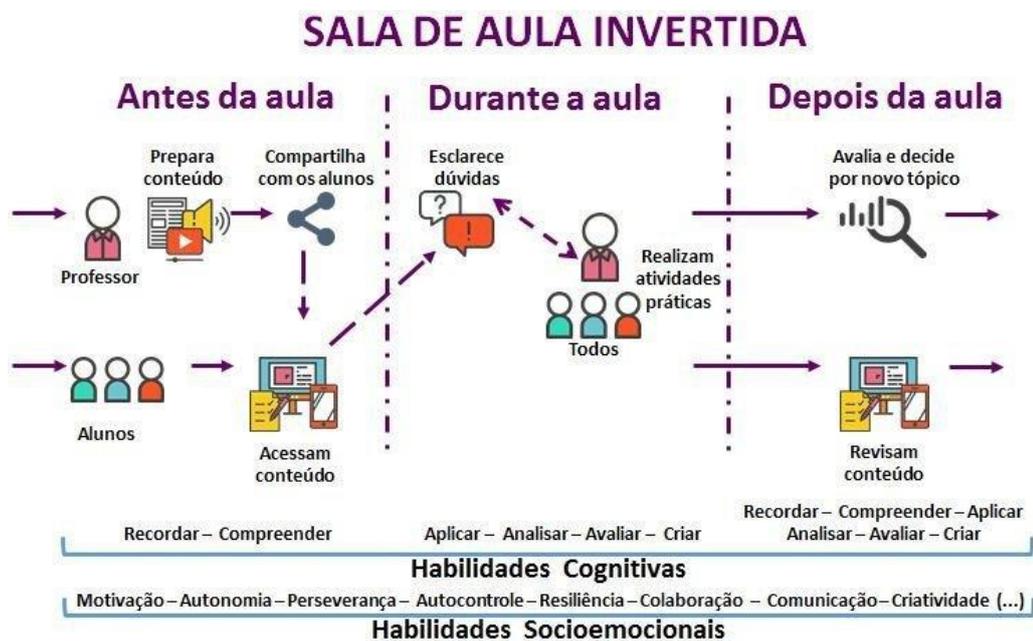


Figura 8 - Esquema-basico-da-sala-de-aula-invertida_fig1_322567566.

Fonte: <https://www.researchgate.net/figure/>

A turma, formada por 18 alunas, participou ativamente da experiência, conforme revelam as imagens abaixo. A participação, interação e integração demonstrou um grande resultado, promovendo, inclusive, mais engajamento entre as alunas, tendo em vista que elas tinham espaço para falar, responder às atividades propostas, levantar dúvidas e discussões.

Foram realizados três encontros ao vivo, pelo *Google Meet*, compartilhando as aprendizagens e exercícios de cada módulo incluído no *Google Drive*, que funcionou como arquivo digital para o material do curso (figura 9).

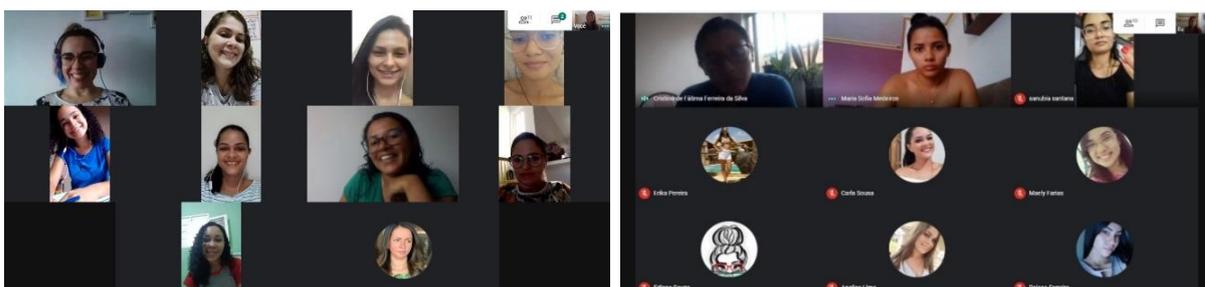


Figura 9 - Aula de Acesso remoto *Google Meet*.

Fonte: autoria própria

A experiência do ERE me mostrou, nas palavras de Andrea Filatro e Carolina Costa Cavalcanti (2018, p. 250), que “o futuro é agora... e logo mais também”. Esse momento nos ensinou que nunca estamos prontos ou que sabemos de tudo. A adaptabilidade e flexibilidade continuam a ser grandes habilidades para um mundo em constante mutação. Eu acredito que a educação, agora, passará por uma nova transformação: de metodologias, tecnologias e também de mentalidades. A pandemia e o ERE nos revelaram grandes dificuldades mundiais, mas também novas possibilidades e oportunidades. Nesse período, aprendi novas metodologias digitais, novas tecnologias (que antes não usava) e novas formas de pensar o ensino-aprendizagem de estudantes para uma nova era: o século XXI que já chegou faz tempo.

A educação sempre foi uma área tradicional, em que as transformações chegam de forma mais lenta e gradual. Basta ver o modelo de sala de aula tradicional, usado desde o século XIX. No entanto, essa realidade nos trouxe a emergência não só de se pensar em uma nova educação, mas de fazer. Desconstruir, reconstruir, refazer e aprender sempre são as novas diretrizes para uma educação pautada na flexibilidade e em um mundo cada vez mais – agora mais do que nunca – conectado.

Eu não acredito em transformações radicais, nem mesmo numa mudança total da educação tradicional. No entanto, acredito que a experiência do ERE mudará algumas posturas de gestores, professores e estudantes e permitirá novos formatos, novas metodologias e tecnologias que, talvez, demorassem anos para serem inseridos. Acima de tudo, eu acredito no ser humano e na sua imensa capacidade de adaptação e resiliência. Sairei do ERE bem diferente de antes, sobretudo porque acredito que tempos melhores virão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse período de contingência as aulas estão sendo preparadas de acordo com a demanda do nosso público em questão, nos atentando para as dificuldades, assim como facilidades, de cada grupo-classe, entendendo, inclusive, que nossos alunos, antes de qualquer coisa, seres humanos que sentem, sofrem, e foram, de forma ou outra, atingidos diante dessa crise.

Ressaltamos, que nossa proposta pedagógica não tem como objetivo utilizar metodologia de ensino a distância (EAD), e sim em caráter emergencial, uma metodologia de ensino remoto temporário. Nosso foco principal é dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem, levando aos nossos alunos propostas pedagógicas que favoreçam o protagonismo e a autonomia durante as aulas. Durante este período, através das plataformas digitais e canais de comunicação, disponibiliza contatos diários com as famílias e/ou alunos para questões administrativas, pedagógicas e socioemocionais. Desta forma, acreditamos que, juntos, aprenderemos muito e superaremos as adversidades deste período difícil e desafiador.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; CASTRO, M (Org). **Juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: Unesco, 2006.
- AUSUBEL, D. et. al. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericano, 1980.
- DEWEY, J. Vida e educação. São Paulo: Nacional, 1950.
- ERSAD, Ola. **Electracy as empowerment: student activities in learning environments using technology**. London, 2003. Disponível em: <<http://you.sagepub.com/content/11/1/11.abstract>>. Acesso em: 31 maio 2014.
- FILATRO, A.; CAVALCANTI, C. C. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEMOS, Silvana. **Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola**. B. Téc. Senac: a *R. Educ. Prof.*, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.
- LIMA, V.V. **Constructivist spiral: an active learning methodology**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 21, n. 61, p. 421-434, jun. 2017.
- MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- Thomas, J.W. (2000). **"A review of research on Project-Based Learning"**. Disponível em: http://www.bobpearlman.org/BestPractices/PBL_Research.pdf Acesso em: 01/06/2020.

VALENTE, J.A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EMPREENDER UNIESP: TRANSFORMANDO UMA EMPRESA REAL EM VIRTUAL

HOLLANDA, Ana Paula Ribeiro de¹

1 INTRODUÇÃO

Diante do cenário atual, a partir do momento em que as aulas foram suspensas como medida de contenção do avanço da pandemia do Coronavírus, precisamos nos reinventar e rapidamente se adaptar ao modelo de aula remota. E agora, o que fazer?

Para não comprometer o calendário escolar e diminuir os impactos do na educação, a solução encontrada por muitas escolas foi adequar as aulas presenciais pela modalidade à distância. Durante esse processo, que ainda está sendo construídas, muitas dúvidas têm surgido. Principalmente nas IES que estão no processo de adaptação ao novo cenário remoto de aula, para não deixar prejuízos no âmbito da aprendizagem e assim diminuir os impactos do Coronavírus na Educação.

A solução encontrada por muitas IES foi adequar às aulas presenciais pela modalidade à distância e durante esse processo, muitas dúvidas surgiram. Principalmente nesse momento onde as escolas estão no período de avaliarem seus alunos.

Este relato de experiência descreve as inovações e estratégias pedagógicas com as ferramentas tecnológicas que foram desenvolvidas para transformar um projeto que sempre foi realizado de forma física em um projeto que acontecerá de forma virtual, devido a Pandemia do Coronavírus que causou o isolamento social. Precisamos replanejar e criar uma forma de manter o desenvolvimento do espírito empreendedor, como desafio para disciplina de Empreendedorismo para dinamizar em sala de aula de forma remota.

Para isso, foram apresentadas várias estratégias a respeito da relação do estilo de ensino, evidenciando as metodologias, ferramentas e aplicativos para torna

¹ Graduada em Pedagogia (UPE), Administração (UNICAP) e Filosofia (UFPE). Especialista em Gestão de Pessoas (UPE) e Gestão de Educação do Município (UFPB). Professora nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Fisioterapia e Publicidade do UNIESP.

a empresa viva. Os resultados dessas experiências indicaram que o processo de ensino/aprendizagem na modalidade presencial pode ser adaptado ao modelo de ensino remoto que atendessem às necessidades e interesses dos alunos envolvidos.

2 DESENVOLVIMENTO

Desafios em tempo remoto...

Como professora do curso de Comunicação Social de Empreendedorismo me senti desafiada a reinventar uma forma de manter o projeto do Empreender UNIESP vivo e atuante como um dos instrumentos de aprendizagem dos alunos de Publicidade e Propaganda.

Acreditei e redesenhei a o projeto Empreender UNIESP, agora de forma virtual. E os alunos abraçaram a causa, criaram seus empreendimentos com ideias inovadoras, para o cenário do mercado atual, e desenvolveram, como autodidatas, as habilidades dos *designers* publicitários e criaram um *site* para apresentar e divulgar seus empreendimentos.

De forma individual cada aluno realizou uma pesquisa para entender a demanda do mercado e assim planejar sua empresa seguindo de forma simplificada um Plano de Negócio.

Semanalmente e paulatinamente iríamos construindo e idealizando uma empresa que seria apresentada através de um *site*.

E para iniciar essa jornada precisamos primeiro identificar a importância de um Plano de Negócio e fazer os alunos entenderem que esse planejamento iria otimizar o tempo e rendimentos da empresa. Para Dornelas (2016, p.29)

Todo plano de negócios deve ser elaborado e utilizado seguindo algumas regras básicas, mas que não são estáticas e permitem ao empreendedor utilizar sua criatividade ou o bom senso, enfatizando um ou outro aspecto que mais interessa ao público-alvo do plano de negócios em questão.

Ele ainda enfatiza que “O plano de negócios é uma ferramenta dinâmica e que deve ser atualizado constantemente, pois o ato de planejar é dinâmico e corresponde a um processo cíclico”. (DORNELAS, 2016, p.29)

Com o objetivo de alcançar o espírito empreendedor, devemos construir o Plano de Negócio (figura 1) com energia e criatividade, qualidades fundamentais para transformar uma ideia em algo concreto, para criar uma empresa, para administrá-la corretamente e para fazê-la crescer.

O processo de empreender é constituído de quatro etapas:

- Identificação de oportunidades
- Elaboração do plano de negócios
- Captação de recursos e
- Gerenciamento.



Figura 1 - Ciclo do Plano de Negócio.

Fonte: Disponível em: <https://empreendedoresclarecido.com.br/como-elaborar-um-plano-de-negocios/>

Acesso em: 25 maio 2020.

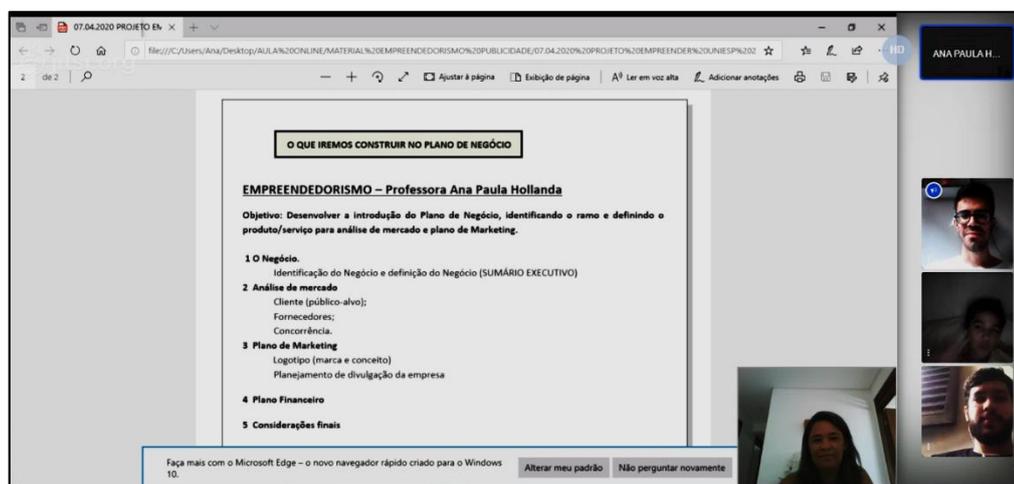


Figura 2 - Apresentação do Projeto EMPREENDER UNIESP - Aula Remota.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em meados de março o projeto (figura 2) foi apresentado para os alunos e lançado o desafio de criar uma empresa e apresentá-la de forma virtual por meio de um *site*.

Iniciamos pelo Sumário Executivo, que o SEBRAE (2013) define como:

[...] um resumo do Plano de Negócio. Não se trata de uma introdução ou justificativa e, sim, de um sumário contendo seus pontos mais importantes. Nele irá constar: resumo dos principais pontos do plano de negócio; dados dos empreendedores, experiência profissional e atribuições; dados do empreendimento; setores de atividades; forma jurídica; enquadramento tributário; capital social e fonte de recursos.

Foi disponibilizado para os alunos um material como subsídio para a construção do Sumário Executivo (figura 3).

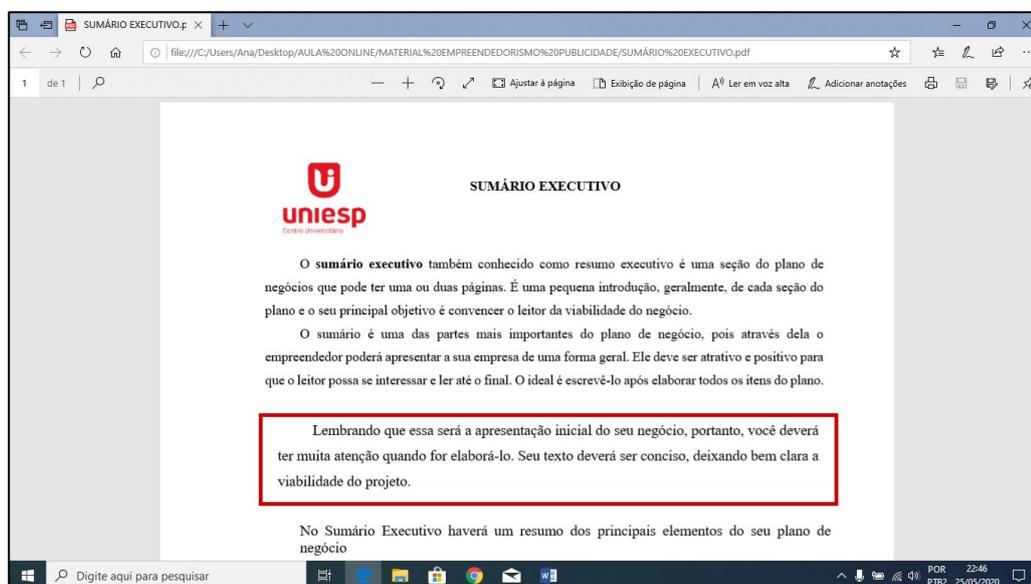


Figura 3 - Sumário Executivo.
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em depoimento os alunos relataram que a partir da construção do Sumário Executivo as ideias se concretizam para dar forma à empresa. O aluno L.C.V.S depõe que a história contada para descrever como surgiram as primeiras ideias, levaram os alunos a querer empreender de forma real.

Após a conclusão do Sumário Executivo partimos para definir a missão, visão e valores da empresa.

Por onde começar e até onde queremos chegar?

Essas são as perguntas que fazemos para determinar a missão, visão e valores da empresa (figura 4) que está desabrochando:



MISSÃO

Para que a empresa existe?
O que a empresa faz?
Para quem?

VISÃO

O que a empresa quer se tornar?
Onde queremos chegar?

VALORES

Como querem ser vistos?

Figura 4 - Missão, Visão e Valores.

Fonte: Disponível em:

<https://ywx.com.br/marketing/missao-visao-e-valores/> Acesso em: 25 maio 2020

Junto à Missão, Visão e Valores, construímos o organograma da empresa (figura 5 e 6) para entender a hierarquia planejada pelos diretores das empresas.



Figura 5 - Organograma - Material Complementar.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para Cervante, Panno e Kloeckner (2005) o organograma é uma representação gráfica da estrutura hierárquica de uma empresa, isto é, do desenho organizacional que, por sua vez, consiste na configuração global dos cargos e da

relação entre as funções, autoridade e subordinação no ambiente interno de uma organização. O organograma é considerado a melhor representação gráfica do desenho organizacional. (CERVANTES; PANNO; KLOECKNER, 2005)

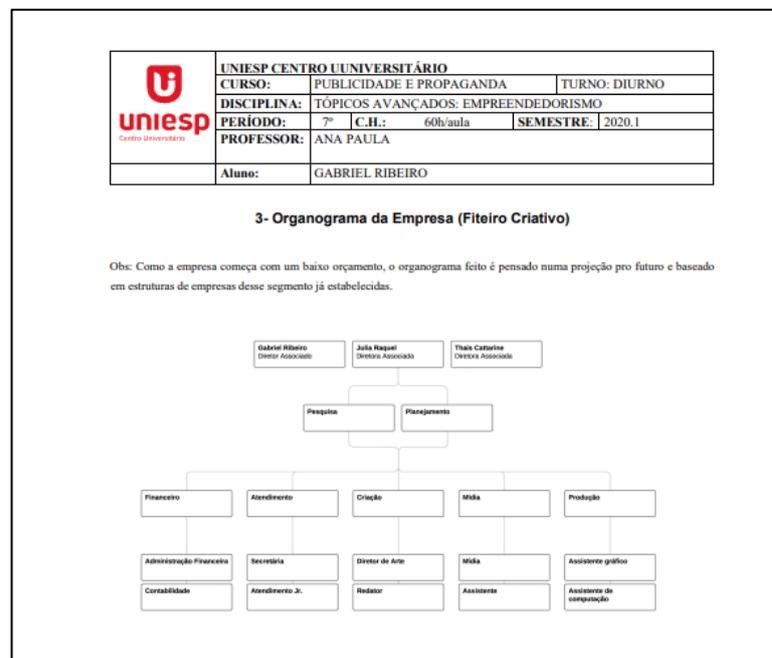


Figura 6 - Organograma da empresa - Fiteiro Criativo. Fonte: Aluno Gabriel Ribeiro (2020)

Partimos para a Análise de Mercado! Nessa etapa, do Plano de Negócio, os alunos empreendedores deveriam descrever o público-alvo, seus fornecedores e concorrentes (figura 7).

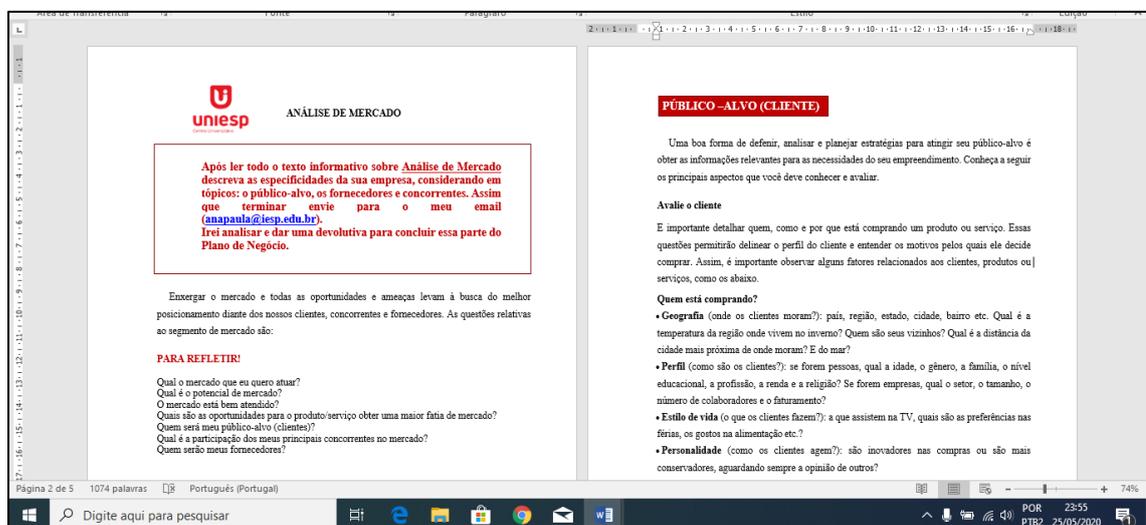


Figura 7 - Análise de Mercado – Material Complementar. Fonte: Elaboração da autora (2020).

Nessa etapa da pesquisa foi realizada uma Pesquisa de Mercado através dos *Google Forms* (figura 8) para identificar o público-alvo de cada empresa, seus fornecedores e quem seriam seus concorrentes.

A Pesquisa de *Marketing* assume papel importante na contextualização do novo cenário, conforme Mattar (2007), a pesquisa de *marketing* é a função que liga o consumidor, o cliente e o público ao *marketing* através da informação – informação usada para identificar e definir as oportunidades e problemas de *marketing*, gerar, refinar e avaliar a ação de *marketing*; monitorar o desempenho de *marketing*, e aperfeiçoar o entendimento de *marketing* como um processo. Pesquisa de *marketing* especifica a informação necessária destinada a estes fins; projeta o método para coletar informações; gerencia e implementa o processo de coleta de dados; analisa os resultados e comunica os achados e suas implicações.

PESQUISA - ANÁLISE DE MERCADO

Essa pesquisa tem como objetivo identificar o público-alvo, melhores fornecedores e quais os concorrentes da Doce Brigadeira.

Você prefere doce ou salgado?
Descrição (opcional)

Onde costuma comer brigadeiro? *

Em casa

Festas infantis

Figura 8 - Pesquisa de Mercado – Gran Dulce.
 Fonte: Aluna Lígia de Lucena (2020)

Muitos dizem que a ideia de uma empresa só é concretizada quando a marca é criada. E assim os alunos fizeram! Desenvolveram sua marca, e deram identidade a sua empresa. Defenderam o conceito e a necessidade de estudo e análise, a fim de captar todas as informações necessárias para transformá-los em *insights* por meio de um *brainstorming*, pessoal ou em grupo, o que então forneceria os caminhos para a concepção dos elementos essenciais para a marca, como um bom conceito (figura 9).



Figura 9 - Site P5 Limpeza e Desinfecção.

Fonte: Disponível em:

<https://joreny.wix.site.com/p5limpedesinfeccao/logotipo-acoes-de-marketing> Acesso em: 25 maio 2020

Para finalizar o Plano de negócio foi apresentado o Plano Financeiro (figura 10). Nele, os alunos devem identificar: o capital inicial, investimento fixo, investimento inicial e a previsão inicial nos primeiros seis meses, para que seja feita a análise diagnóstica se e constatar ou não se é viável abrir a empresa planejada.

O plano financeiro é, segundo Dornelas (2016), uma das partes mais difíceis de elaborar num plano de negócios, pois os números apresentados nessa seção deverão refletir tudo o que está escrito no restante do plano, como gastos com *marketing*, gasto com vendas, com pessoal, os custos fixos e variáveis, a projeção de vendas, bem como a análise de rentabilidade.

SÓCIOS	CAPITAL (R\$)	PARTICIPAÇÃO (%)
NOME	EM REAIS	EM PERCENTUAL
TOTAL		

INVESTIMENTO FIXO	VALOR (R\$)

Figura 10 - Apresentação do Plano Financeiro – Aula Remota.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

E finalmente as empresas foram criadas e apresentadas através de *sites* (figuras 11-14).



Figura 11 - Apresentação do *Site* em Aula Remota – Supermercado On.
 Fonte: Disponível em: <https://supermercadon2020.wixsite.com/supermercadon>
 Acesso em: 25 maio 2020



Figura 12 - SUPERMERCADO ON.
 Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.



Figura 13 - Site Mais Bonita – Clínica de Estética.
 Fonte: Disponível em: <https://renatxinhajp.wixsite.com/maisbonita>
 Acesso em: 25 maio 2020.

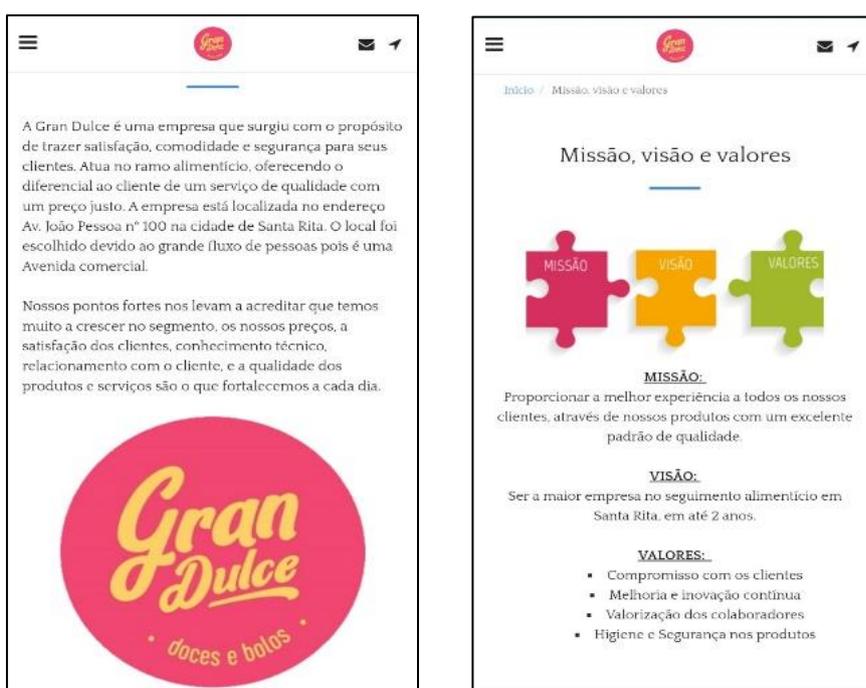


Figura 14 - Gran Dulce – Doces e bolo.
 Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/siteGranDulce>.
 Acesso em: 25 maio 2020

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria mais do que criar um simples *site* comercial e divulgar sua empresa. Os alunos aceitaram o desafio e foram além. Desenvolveram um Plano de Negócio embasados em materiais complementares, aulas expositivas de forma remota, pesquisas de *marketing* para entender a demanda do mercado e poder abraçar as oportunidades.

Realizamos através do *site* a concretização de uma empresa. Mas não podia ser um *site* igual aos demais, que apenas divulgam seus produtos. Os alunos

precisavam no *site* demonstrar todo aprendizado que tínhamos aprendido durante esse semestre, mesmo que de forma remota. O quem somos no *site*, seria o Sumário Executivo, apresentando sua história e como surgiu essa ideia empreendedora.

Para Análise de Mercado era preciso descrever seu público-alvo (cliente) e seus fornecedores parceiros, descrevendo a forma de pagamento, tempo de entrega, canal de distribuição dos seus produtos ou serviços. No Plano de *Marketing* era a hora de demonstrar toda sua criatividade e criar o conceito de sua marca e posicioná-la no mercado. E por fim, mas não menos importante, o Plano Financeiro que através da análise do capital inicial e as despesas necessárias, desde a ideia inicial até a inauguração do empreendimento, daria o resultado de viabilidade do negócio que é o objetivo maior do Plano de Negócio.

REFERÊNCIAS

CERVANTES, Caravantes, R; PANNO, Cláudia C., KLOECKNER, Mônica C. Administração: teoria e processos. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2005.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** José Dornelas – 6. ed. – São Paulo: Empreende/Atlas, 2016.

DORNELAS, José. Plano de Negócio: seu guia definitivo: um passo a passo para você criar um negócio de sucesso/ José Dornelas. -2ª Edição. São Paulo; Empreende, 2016.

MATTAR, Frauze N.. PESQUISA DE *MARKETING*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Atlas. 2007.

SEBRAE. **Como elaborar um plano de negócio** Disponível em:

<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AL/Anexos/Como+elaborar+u+m+Plano+de+Neg%C3%B3cio.pdf> Acesso em: 25 maio 2020.

ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO NAS AULAS REMOTAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

MAIA, Artur¹
DANTAS, Geovanna²

1 INTRODUÇÃO

Com a expansão da pandemia do Covid-19 e as necessárias ações de distanciamento social, várias instituições de ensino superior decidiram continuar as suas atividades de forma remota. Muitas reflexões podem ser feitas sobre tal fenômeno a partir de diferentes abordagens. Pode-se, por exemplo, problematizar as desigualdades de acesso à *internet* no Brasil e as dificuldades de continuação de atividades acadêmicas a partir desse critério ou, em outra perspectiva, o caráter não planejado, previamente, da lógica de andamento das aulas a partir de plataformas *online*, o que poderia impactar na qualidade dos serviços oferecidos.

Compreendendo que a transformação das aulas para o formato remoto não significa apenas uma “transferência”, mas sim uma profunda modificação no acontecimento das próprias aulas e das relações entre os sujeitos envolvidos (professores e estudantes), o presente trabalho aborda um aspecto específico das aulas remotas no contexto da pandemia, o da comunicação. Entendemos que um esclarecimento acerca das características da comunicação nas aulas remotas possa contribuir com formas de reconfigurações mais adequadas.

Antes da pandemia e do alastramento de suas consequências, a comunicação que fundamenta a educação presencial se dava em um espaço físico circunscrito, o espaço de sala de aula, com a copresença, também física, dos atores envolvidos no processo, professores e estudantes, através de seus próprios corpos e suas possibilidades comunicacionais (fala, gestos, expressões, etc), bem como pela possibilidade de utilização de imagens, impressas ou projetadas em tela, gravações sonoras e produtos audiovisuais diversos. Com a necessidade de distanciamento social, visando achatar a curva de disseminação do novo

¹ Doutorando em Sociologia (PPGS, UFPB). Mestre em Sociologia (PPGS, UFPB). Graduado em Publicidade e Propaganda (UNIESP). Professor do curso de Publicidade e Propaganda (UNIESP). arturblmaia@gmail.com.

² Mestra em Ciência da Informação (PPGCI, UFPB). Graduado em Publicidade e Propaganda (UNIESP) e Ciências Econômicas (UFPB). Professora do curso de Publicidade e Propaganda (UNIESP). geoadya@gmail.com.

Coronavírus, a comunicação relacionada ao processo de educação, nas instituições de ensino que decidiram continuar as atividades, passa a acontecer mediado por computadores conectados à *internet*, sejam computadores pessoais (PCs), *smartphones* ou *tablets*. Isto é, a comunicação torna-se midiática, mais fundamentalmente imagética (audiovisual por meio de telas) e dependente de plataformas digitais através das quais os atores podem se conectar em um espaço virtual delimitado, a “sala de aula *online*”.

Partindo dessa constatação básica, o artigo é movido pelo seguinte problema: quais são os aspectos/características da comunicação em salas de aula *online* no contexto da educação remota ocasionada pela expansão da pandemia da Covid-19? Assim, objetivamos a apresentação e discussão de algumas características que atravessam a comunicação nas aulas remotas em um contexto de distanciamento social. Obviamente, o texto é apenas introdutório e não esgotamos as possibilidades de levantamento dessas características, nem da discussão sobre elas.

Vimos como necessário apresentar, brevemente, uma definição de comunicação humana, de seus diferentes tipos e transformações no tempo, para que se possa ter uma maior clareza acerca do tipo de comunicação que está em jogo nas aulas remotas. Também vimos como necessário realizar uma contextualização do atual cenário, para que a caracterização da comunicação não seja feita de forma abstrata, mas sim de maneira concreta, através da explicitação de sua ligação com um momento histórico específico. Todo esse debate está amparado em uma bibliografia da área da comunicação.

Escrito em 4 mãos, por dois professores universitários do curso de Comunicação Social (habilitação em Publicidade e Propaganda), apresentamos, por fim, relatos pessoais de nossas recentes experiências de ensino remoto, amarrando os desafios do cenário com possíveis caminhos adotados com o intuito de minimizar os possíveis impactos negativos na qualidade de nossas aulas. Durante uma semana, entre os dias 18 e 22 de maio, realizamos descrições dos acontecimentos de nossas aulas e foi a partir dessas descrições e de memórias de aulas passadas que construímos esses relatos.

A pandemia apenas reforçou em nós o entendimento de que as aulas presenciais são insubstituíveis, mas também deixou claro que por uma necessidade urgente, aulas remotas podem substituí-las por um tempo determinado, sem que

haja uma perda completa de sua qualidade. Mas para isso, é necessário um olhar crítico e profundo sobre o próprio universo de acontecimentos das aulas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 COMUNICAÇÃO NAS AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Algumas histórias, reais e fictícias, exploram o fato de que a comunicação é um elemento fundamental através do qual se realiza a singularização da nossa espécie. Um exemplo interessante é o filme *O Enigma de Kaspar Hauser* (1974), de *Werner Herzog*, baseado em fatos que ocorreram no século XIX na Alemanha. *Kaspar Hauser*, o protagonista da narrativa, viveu em completo isolamento, sendo inserido na vida em sociedade apenas no período de sua juventude.

Em um determinado momento da trama, depois de já estar socializado, ele é questionado sobre o que pensava durante o período de isolamento. A resposta é clara: em nada. Sem vida em sociedade não há o desenvolvimento de uma comunicação humana, isto é, não há envolvimento com a ordem do simbólico e com a possibilidade de se referir a algo ausente da situação de comunicação. Sem o desenvolvimento de uma comunicação humana não há formação de consciência propriamente humana. Nesse sentido, *Kaspar Hauser* pertencia à espécie *homo sapiens*, mas não era exatamente um humano.

Podendo ser definida como “[...] processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas [...]” (FRANÇA, 2015, p.41), a comunicação humana é complexa, mutável e tem sido intensamente transformada pelo alto desenvolvimento das forças produtivas³ entre os séculos XIX, XX e XXI. Isso pode ser exemplificado através de feitos técnicos (como a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão e computadores conectados à *internet* – Ver a figura 01) que abriram novas possibilidades de comunicação, tornando-a mais diretamente social e impactando na forma como o mundo passa a

³ Marx e Engels (2010, p. 43), em *O Manifesto Comunista*, afirmam que um dos aspectos revolucionários da burguesia é provocar a transformação ininterrupta da sociedade moderna: A burguesia foi “[...] a primeira a provar o que a atividade humana pode realizar: criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos, as catedrais góticas [...]. A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais”.

ser visto, sentido, percebido⁴ e vivido, na comunicação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, bem como na que estabelece com o(s) outro(s) e com o mundo.

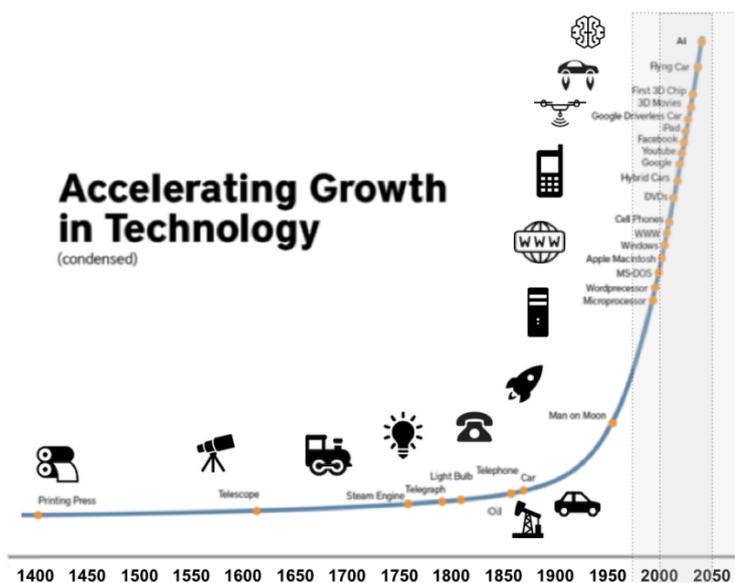


Figura 1 - Indicativo do Crescimento Acelerado da Tecnologia.
Fonte: *Inhite Venture*.

Uma das grandes transformações recentes, que tem modificado profundamente todas as dimensões das relações humanas, a nível global, sobretudo nos meios urbanos, é a utilização da *internet* a partir de computadores pessoais e, mais recentemente, através de *smartphones*⁵. De acordo com Castells (2019), a *internet* tem se tornado o tecido das nossas vidas, e esse tecido se caracteriza pela possibilidade de comunicação interativa de muitos com muitos, pela autocomunicação de massa, pela circulação, mixagem e reformatação dos conteúdos por parte dos usuários, pelo contato e transformação de outros meios de comunicação, causando uma imprecisão de fronteiras entre eles.

Ainda de acordo com o autor, apesar da *internet* ter surgido e se desenvolvido, em boa parte, como contraposição aos meios de comunicação de

⁴ Walter Benjamin, em seu clássico ensaio *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, de 1935, aponta que as transformações materiais no século XIX proporcionaram novas formas de se relacionar com o mundo e de percebê-lo, isto é, uma nova perspectiva para o mundo da cultura. Certamente poderíamos trazer essa concepção para apontar que as transformações materiais do final do século XX e começo do século XXI também ocasionam novas maneiras de perceber e viver o mundo, novas características culturais profundas.

⁵ Apesar de o Brasil não ser um grande exemplo de país conectado, já conta com uma parcela de 70% da população que tem acesso à internet, sendo que 90% da conexão é estabelecida através de smartphones. Fonte: Pesquisa TIC Domicílios. Acessível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

massa tradicionais, a partir da autonomia dos usuários quanto a intervenção nas plataformas e quanto a produção, consumo e compartilhamento de conteúdo, ela é cada vez mais controlada por grandes empresas globais (*Google, Facebook, Microsoft e Apple* são importantes exemplos atuais).

Quanto ao *Smartphone*, apesar de sua curta existência, já se tem apontado para o fato de que é o artefato tecnológico que marca a nossa era:

Para muitos de nós, eles [os *smartphones*] são a última coisa que vemos antes de dormir e a primeira coisa que pegamos ao acordar. Nós os utilizamos para encontrar pessoas, para se comunicar, para nos entreter e para nos localizar. Nós compramos e vendemos coisas com eles. Confiamos neles para documentar os lugares onde vamos, as coisas que fazemos e as nossas companhias; contamos com eles para preencher os espaços mortos, os momentos vazios e os silêncios que ocupam muito de nossas vidas. (GREENFIELD, 2017⁶ – TRADUÇÃO DOS AUTORES).

Dada a complexidade do atual cenário comunicacional, atravessado profundamente por esses dois elementos, *smartphone* e *internet*, importa indicar que no contexto de avanço global da pandemia do novo Coronavírus boa parte das atividades cotidianas puderam ser mantidas a partir deles. O isolamento provocado nesse contexto em nada se aproxima ao de *Kaspar Hauser*, citado anteriormente, já que havia uma socialização prévia estabelecida e está socialização continua, em boa medida, mesmo no cenário pandêmico, principalmente através de tais elementos.

Para dar alguns exemplos: Vários escritórios passaram a adotar um sistema de trabalho *home office*, com trabalhadores integrados em plataformas *online* trabalhando simultaneamente. Lojas e restaurantes fortaleceram sistemas de venda *online*, com entregas por aplicativo. E, o ponto mais importante para o presente trabalho, muitas instituições de ensino, públicas e privadas, continuaram as suas atividades através de aulas *online*, com a utilização de múltiplas plataformas.

Quais são as características da comunicação das aulas remotas no contexto da pandemia do Coronavírus? Em que medida essas características são diferentes daquelas presentes nas aulas construídas de forma presencial? Como a pandemia tem impactado a participação dos sujeitos nas aulas desenvolvidas em plataformas *online*?

⁶ Trecho do livro *Radical Technologies* (2017), de Adam Greenfield, disponível em: <https://longreads.com/2017/06/13/a-sociology-of-the-smartphone/>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

Obviamente, não há aqui a pretensão de responder em profundidade tais questionamentos, mas importa indicar, comparativamente, algumas das principais características que atravessam as aulas remotas no contexto da pandemia da covid-19. O primeiro aspecto que salta aos olhos é o caráter imaterial das aulas remotas, em oposição ao caráter físico que marca as aulas presenciais. Nestas, professores e estudantes partilham um mesmo espaço físico, uma sala de aula no âmbito de uma instituição, com a presença dos seus próprios corpos. Nas aulas remotas não há encontro de corpos, mas sim de representações imagéticas através de plataformas digitais.

O corpo de cada sujeito participante da aula, no contexto das aulas remotas, encontra-se, de modo geral, em algum cômodo de sua própria casa, espaço bastante diferente da sala de aula em uma instituição, o que provoca disposições corporais distintas. Como não há uma obrigatoriedade da representação em tempo real dos corpos dos sujeitos, muitas vezes apenas o professor desponta como sujeito representado corporalmente, enquanto os outros sujeitos são representados por minúsculas fotografias ou por códigos linguísticos que remetem ao seu nome (Figura 2).

O fato de as representações, e as próprias aulas remotas, serem visualizadas em uma tela de computador, de *smartphone* ou de *tablet* também é uma característica muito importante. Potencialmente, em uma aula presencial os 5 sentidos dos sujeitos participantes podem estar envolvidos, já na aula remota há quase que uma exclusividade dos sentidos da visão e da audição.

Vale salientar também que as telas não acontecem em um vazio, elas são a interface de uma estrutura informacional complexa que permite o desenvolvimento de múltiplas atividades. Nas aulas presenciais, a tecnologia, de modo geral, é um interessante complemento, mas nas aulas remotas se convertem na verdadeira base através da qual as aulas acontecem (Quadro 01).

Comunicação em Aulas Presenciais	Comunicação em Aulas Remotas no Contexto da Pandemia
Aspecto Físico	Aspecto Imaterial
Realidade Corporal dos Sujeitos na Instituição de Ensino	Realidade Representada/Imagética a partir da casa dos Sujeitos

Envolvimento dos 5 Sentidos	Centralidade da Visão e da Audição
Comunicação Direta (Face a Face)	Comunicação Mediada (Tela)
Tecnologia como Elemento Complementar	Tecnologia como Elemento Central
Média Dispersão e Ruídos	Alta Dispersão e Ruídos
Alta Ocorrência de Comunicação entre os Estudantes durante a Aula	Baixa Ocorrência de Comunicação entre os Estudantes durante a Aula
Forte Espaço de Convivência fora de Sala de Aula	Baixo Espaço de Convivência fora de Sala de Aula
Ansiedade Moderada	Ansiedade Elevada

Quadro 01 – Diferenças entre a Comunicação em Aulas Presenciais e a Comunicação em Aulas Remotas no Contexto da Pandemia.

Fonte: Produção dos autores (2020).

O uso do ambiente digital é capaz de minimizar os impactos negativos que este período de pandemia pode trazer aos ambientes educacionais, garantindo a manutenção das aulas por sistema de aulas remotas, mesmo que com características bem distintas da educação presencial. No entanto, muitos são os desafios e entraves para organização, padronização e otimização do aprendizado, sendo a preocupação principal neste momento as condições de bem-estar e integridade emocional e cognitiva do alunado.

Com base nessa premissa, este artigo busca na próxima etapa identificar alguns dos problemas enfrentados no ensino remoto para apontar, posteriormente, possíveis soluções.

2.2 DESAFIOS E ENTRAVES A COMUNICAÇÃO NAS AULAS REMOTAS

As potencialidades da tecnologia trouxeram inúmeras possibilidades de inovação e transformação para a educação. Suas particularidades podem influenciar na maneira que os aprendentes interagem, buscam informação, trabalham e percebem a realidade da sala de aula.

O ambiente de estudo passou a ser também parte integrada ao sistema de vida automatizado e sistematizado pelo ciberespaço. Não obstante, nem sempre o uso de tecnologia e da *internet* mantém uma relação diretamente proporcional ao estímulo cognitivo do alunado. Existem ainda muitas questões e entraves que

permeiam esse momento de aulas remotas virtuais e a construção de conhecimento em um ambiente de estudo completamente digital.

A priori, cabe mencionar que o acesso à tecnologia é condição *sine qua non* para alcançar os benefícios cognitivos viabilizados pela *internet*. Encontra-se aí o primeiro desafio deste momento, atuar compreendendo as condições de acesso e hábitos de consumo midiático dos alunos. Quando trabalhando com o contato com plataformas digitais certificado, nos deparamos com uma segunda questão, o acesso à tecnologia não assegura seu manejo adequado pelo usuário.

Em uma situação em que professores e alunos precisam ter propriedade do funcionamento da técnica, se enfatiza a noção de dromologia de Virilio (1996), que aparece como reflexo da evolução social e pontua a velocidade existencial de muitos setores e profissões, neste caso, da educação. O fenômeno pode ser compreendido como a capacidade de movimento acelerado no que concerne à informática, mas também aos demais aspectos que a envolvem, possuindo conotação tanto material quanto cognitiva (TRIVINHO, 2007). Como ser *dromoapto*, ou seja, como acompanhar a velocidade da tecnologia, em um cenário de urgência que intensifica e acelera o processo de adaptação?

Considerando que o caminho para se utilizar de uma ferramenta com maestria, é primeiramente conhecê-la (GABRIEL, 2010), se faz notória, então, para a criação de conhecimento (NONAKA E TAKEUCHI, 1995), a necessidade de aprimorar as condições capacitadoras, melhorando sua infraestrutura de comunicação e promovendo autonomia para propiciar níveis de criatividade por parte dos alunos. Nesse sentido, muitos professores têm realizado um intenso processo de busca por meios que favoreçam a exposição e otimizem o aprendizado em suas disciplinas, através de cursos, treinamentos e testes de uso, bem como têm servido de tutores norteando e aperfeiçoando a utilização das ferramentas digitais por seus alunos.

No contexto da comunicação virtual, cada dia mais, a tecnologia traz novos usos e traduz uma condição de conexão que independe dos limites de tempo e espaço. Desenvolve-se um espaço multitarefa que torna possível ouvir música, assistir vídeos e trocar informações com poucas ou muitas pessoas, simultaneamente. Surge, assim, um novo cenário para a educação, cujo potencial de ensino é promissor, mas que aponta também para novos problemas.

Esse novo formato educacional esquece a exterioridade espacial e temporal em benefício do “instante”, proveniente da mídia instantânea que traz consigo o esgotamento das distâncias de tempo sob a ameaça da inércia, uma sedentarização terminal onde perde-se a noção da organização do espaço real do território, da memória (VIRILIO, 1993). Percebe-se que na sala de aula virtual, enfrentamos o grande desafio paradoxal de, apesar do ambiente fomentar o esgotamento das distâncias de contato, ele pode vir a impulsionar a dispersão emocional e intelectual do alunado que caracterizado pelo meio, preza pelo instantâneo, passageiro e, conseqüentemente, inerte, leia-se, neste caso, enfrentam a dificuldade de encontrar estímulos para ultrapassar aquele momento único do encontro virtual, para exercer autonomia em seus estudos e produção acadêmica.

Nessa contabilidade, há ainda outro aspecto importante, que é o cansaço provocado pelo contato com as telas. Se, de maneira presencial, é possível manter uma aula com 2h30 de duração, com 15 minutos de intervalo, com uma atenção relativamente estável, uma aula que acontece através de telas dificilmente permite tal rendimento. Como, então, manter os integrantes da aula estimulados a buscar informações e construir seu conhecimento mediante a eminência das aulas remotas?

Esse processo tem de ser analisado para além da ótica tecnológica, abrangendo o prisma da eficácia comunicacional. Apesar do ciberespaço poder ser grande intensificador do processo de comunicação, já que permite comunicações paralelas, ambiente multitarefa, possibilidades síncronas e assíncronas de fala, quebra das barreiras de espaço-tempo, entre tantas outras possibilidades, será que suas ferramentas suprem totalmente a comunicação interpessoal feita em sala de aula frente a adaptação virtual imposta pelo cenário atual?

Esse questionamento levou muitos docentes a priorizar o uso integrado de várias plataformas digitais, incluindo na rotina da sala de aula remota plataformas audiovisuais como as videoconferências que ganharam popularidade entre os alunos devido a constante busca por um pouco de calor humano durante a quarentena (DAUDT, 2015). No entanto, no que concerne a estas plataformas de presença audiovisual compartilhada, muitos especialistas afirmam que o processo de comunicação virtual pode trazer vários empecilhos para a eficiência da

comunicação e o bem-estar de seus participantes, ainda mais neste momento de isolamento.

Quando não há uma co-presença corporal, perde-se toda uma camada importante da comunicação, como os gestos, expressões e olhares. Essa camada é fundamental na comunicação face a face, já que permite a identificação do interesse, da atenção, da curiosidade, da ansiedade, da inquietude, do tédio, do aborrecimento, do sono, do desejo de participação e de outros afetos⁷. É em boa parte através dela que a fluidez da comunicação ocorre, com suas pausas, respiros e trocas de posições entre sujeito falante e sujeitos ouvintes. A sua ausência amplia a possibilidade de existência de múltiplos ruídos, como sobreposição e desarticulação de falas, desafiando a atenção.

Segundo Gianpiero Petriglieri e Marissa Shuffler (2020, *online*)⁸, a comunicação face a face se difere da comunicação feita em vídeo chamadas, pois requer mais foco de seus participantes, já que demandam mais esforços para processar pistas não verbais, a exemplo das expressões faciais, tom da voz e linguagem corporal. “Nossas mentes estão juntas quando nossos corpos sentem que não estamos. Essa dissonância, que leva as pessoas a ter sentimentos conflitantes, é desgastante. Você não pode relaxar na conversa naturalmente”.

Em um texto recente publicado no portal de notícias *El País*, intitulado Por que as Videoconferências nos Esgotam Psicologicamente⁹, especialistas da comunicação afirmam que a ausência da interação face a face, importante camada da comunicação, pode transformar as reuniões *online* em ocasiões de esgotamento psíquico.

Neste mesmo material, o professor de Gestão de Pessoas em Organizações do *IESE Business School*, da Universidade de Navarra, *Yago de la Cierva*, disserta sobre o que chama de um “estado de profunda distração” evidente nas

⁷ Ver WEIL; TOMPAKOW (2015).

⁸ Informações concedidas pelo professor associado da Insead, Gianpiero Petriglieri, e a professora associada da Universidade Clemson, Marissa Shuffler, ambos vinculados ao estudo de aspectos de sustentabilidade e bem-estar no ambiente de trabalho em entrevista realizada pelo BBC Worklife, programa do canal internacional de notícias BBC World News, em abril de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/worklife/article/20200421-why-zoom-video-chats-are-so-exhausting>. Acesso em: 23 maio 2020.

⁹ Acessível em https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-06/por-que-as-videoconferencias-nos-esgotam-psicologicamente.html?ssm=FB_CC&fbclid=IwAR2sQB0A-OPOSiUL6aKDzO5InDaEvFKt04b93zrvze86p7JefaUW4Z3Ti-c. Acesso em: 25 maio 2020.

webconferências, mas que dividem a causalidade com um *déficit* de atenção advindo da inquietação da situação de isolamento.

Neste cenário de quarentena, as pessoas estão distanciadas do contato e calor humano e a obrigatoriedade de concentração trava uma luta fervorosa com um ambiente multiplataforma que pode acentuar iniciativas dispersantes como músicas, maior acesso a navegação e interação nas redes sociais, sem mencionar os afazeres e imprevistos domésticos, assim como presença de pessoas que não estão envolvidas no propósito da vídeo chamada, mas encontram-se no mesmo local como os familiares. Tudo isso pode gerar um quadro de ansiedade.

O potencial dispersivo da educação remota é nítido e traça uma linha tênue entre a otimização do aprendizado pelos benefícios que *internet* pode trazer e os males que pode ocasionar, caracterizando um grande desafio para a docência neste período de pandemia e educação remota.

O artigo traz, a seguir, relatos dos autores, dois professores do Curso de Publicidade e Propaganda do Centro universitário UNIESP, cuja área de atuação perfaz disciplinas de cunho teórico e de produção científica vinculadas ao Trabalho de Conclusão de Curso. Este recorte remonta uma situação ainda mais desafiadora, considerando a dificuldade ou pouco familiaridade de muitos alunos em relação a leitura mais exigente e a produção científica.

2.3 RELATO DE UMA VISÃO SOBRE EDUCAÇÃO E DE DUAS TÁTICAS INTEGRADORAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO REMOTA

Antes de explicitar alguns dos problemas enfrentados e caminhos/ táticas adotadas no contexto do ensino remoto durante a pandemia do Covid-19, vejo como importante ressaltar a minha visão sobre a educação, para que possa ficar mais claro o pano de fundo que embasa as escolhas feitas nesse contexto. Várias são as referências que têm composto o meu olhar sobre educação e as trocas em sala de aula. Na verdade, a lista de referências é transformada continuamente, gerando novas conexões de ideias e práticas. Poderia citar obras tão heterogêneas como “Cartas a um Jovem Poeta”, de *Rainer Maria Rilke*, “Ética”, de Spinoza, “Poética do Devaneio”, de *Gaston Bachelard*, “Ensinando a Transgredir – A Educação como Prática da Liberdade”, de *Bell Hooks* e “Pedagogia da Autonomia”, de *Paulo Freire*.

Vejo a sala de aula antes de tudo como um espaço de encontro de corpos potencialmente gerador de afetos que podem maximizar a vontade de existir dos estudantes e do professor. Se uma aula desanima, entristece, quem a integra, há algo de errado. A aula deve entusiasmar os seus participantes, levar à uma maior potência de vida. A educação deve ser estimulante, um convite à atividade, ao questionamento, à renovação de olhares e posturas perante a realidade.

Entendo também que a sala de aula é composta por seres diferentes, com interesses também diversos. É preciso estar atento às múltiplas necessidades envolvidas nesse espaço. Nesse sentido, o convite à potência não acontece do mesmo modo. O diálogo contínuo me parece uma boa tática para compreender as múltiplas condições, visões e necessidades que compõem o espaço onde se desenrola a educação. Mas para que o diálogo aconteça de forma fluida, os participantes devem se sentir à vontade para se expressar, e é tarefa do professor estimular a criação de uma atmosfera propícia ao diálogo, às trocas, à elevação da autoestima que faz com seja expandido o desejo por envolver-se ativamente no momento da aula.

Mas a aula é também, na minha área de atuação, um encontro com tradições teóricas, da comunicação, da sociologia, da filosofia, das teorias sobre o Brasil e sobre a ciência. É a partir de um diálogo crítico com as tradições que as aulas acontecem e que o conhecimento científico é trabalhado. Para dialogar com a tradição, é preciso conhecê-la em seus textos, conceitos e ideias. Faço questão de apresentar cada tradição em seus próprios termos, e sempre a partir da máxima latina *de te fabula narratur* (a história é a teu respeito), isto é, procurando deixar claro a conexão das ideias apresentadas/debatidas com a realidade das nossas vidas cotidianas em sociedades modernas. Conhecer tais tradições pode ser um ótimo caminho para compreender as múltiplas facetas de atuação de mundo em nós e de nossas ações, com sentidos demarcados, no mundo.

Entendo, também, que a educação deve estar vinculada à busca por justiça social. Em uma sociedade atravessada por profundas desigualdades, em múltiplas dimensões (de classe, de raça, de gênero, de etnia...), um sentimento verdadeiramente democrata deve ser estimulado em sala de aula. É em boa medida através da educação que se pode desestabilizar os olhares, narrativas e ações que perpetuam tais desigualdades.

A grande questão que me surgiu, com a expansão da pandemia e suas consequências de isolamento, foi: como manter a qualidade das aulas, baseando-se nos princípios apontados anteriormente, no formato remoto? Sem dúvidas, tenho imensas dificuldades em responder a essa questão, pois nunca havia tido experiência com ensino remoto. É como se tivesse caído de paraquedas em um território desconhecido.

Apesar de conhecer a maior parte das ferramentas tecnológicas utilizadas no contexto de educação remota, nunca as havia encarado do ponto de vista do ensino. Inicialmente, vislumbrei a possibilidade de gravar as aulas em formato de vídeo e disponibilizá-las, via *Youtube*, aos estudantes. Essas gravações teriam como complemento textos sobre o conteúdo abordado, que deveriam ser lidos. O momento da aula seria utilizado para dialogarmos sobre a apresentação do tema, a partir do vídeo gravado e do texto lido.

Aparentemente era uma boa ideia, mas rapidamente visualizei uma série de problemas e cheguei a gravar apenas uma aula. Os vídeos gravados excluíam qualquer possibilidade de interlocução e diálogo durante a apresentação dos temas abordados e foram vistos como monótonos por parte dos estudantes, levando-os a uma possível indisposição e fragmentação da atenção. Assistindo ao vídeo, que outras atividades, em casa ou na própria plataforma digital utilizada, poderiam ser feitas simultaneamente, colocando a atenção ao conteúdo explanado em segundo plano? Acessar o Instagram e outras mídias digitais, conversar (*online* e presencialmente), ler matérias, comer, organizar a casa, assistir a outros conteúdos? O vídeo também poderia ser encarado como conteúdo complementar e não necessário, já que durante no horário das aulas nos encontraríamos virtualmente.

Optei por concentrar a aula remota apenas em um momento, o horário da aula, sempre dando a entender que esse momento demanda a “presentificação” dos seus integrantes através de uma atenção plena (figura 2). Obviamente não há garantias de presentificação e o contexto remoto dificulta a sua visualização, pois, como exposto anteriormente, geralmente apenas o professor é representado por vídeo em sua corporeidade. Há um enigma insolúvel sobre o que acontece exatamente “por trás” dos signos que representam os estudantes. Mas a presença simultânea dos integrantes torna possível, junto com a exposição do tema tratado, a interrogação, a exposição de dúvidas, o debate coletivo.

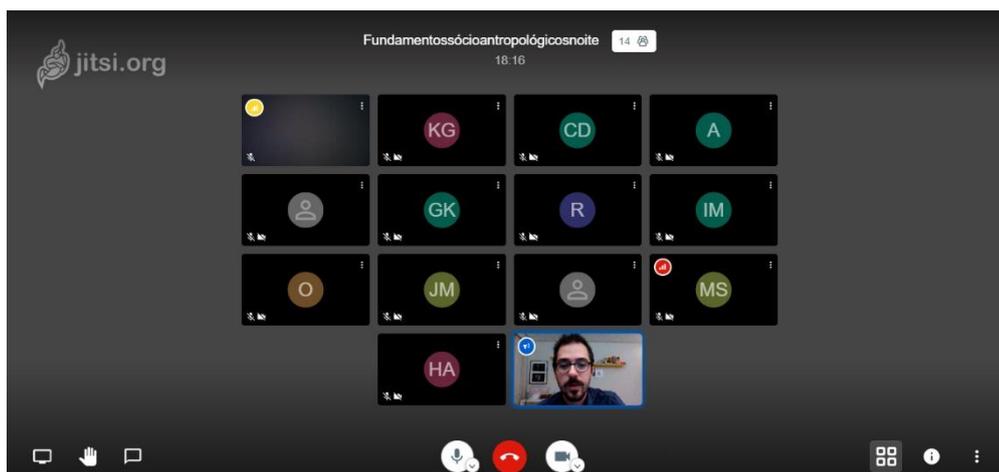


Figura 2 - Exemplo de Ocorrência de Aula Remota pela Plataforma *JITSI*.
Fonte: Plataforma *JITSI* – Produção própria (2020).

Tive a sensação de que um dos grandes perigos do formato remoto é insistir em um padrão de aula puramente expositivo, sem o caráter dinâmico possibilitado pela copresença dos corpos comunicativos em um espaço físico delimitado, a sala de aula. Apesar de ter adotado a concentração da aula no horário da aula em todas as disciplinas que ministro, cada matéria me convida a uma abordagem diferente. Abaixo faço o resumo de apenas duas das táticas adotadas.

Havia trilhado uma rota muito específica de atividades na disciplina Filosofia Geral e da Comunicação no semestre 2019.2, que envolvia leituras em sala de aula, debates dos textos lidos e alguns experimentos envolvendo a conjunção entre as linguagens visual, oral e textual. Apesar de, inicialmente, ter certo preconceito quanto à leitura em sala de aula, o envolvimento dos estudantes e os comentários positivos sobre a experiência de leitura me fizeram continuar com tal abordagem. Iniciei o semestre 2020.1, com as duas turmas dessa disciplina, adotando as leituras coletivas em sala de aula, mas fiquei indeciso quanto a continuar com essas atividades no formato remoto.

Consultei os estudantes e decidimos tentar continuar com as leituras. Fique surpreso com o aproveitamento e envolvimento nas atividades de leitura e debate. A leitura coletiva parece um bom caminho para a presentificação a partir de uma atenção plena, pois são reduzidas as chances de se realizar outra ação durante a aproximação coletiva com os textos. Duas coisas me parecem importantes para que a leitura renda bons frutos: 1. Os textos precisam ser cativantes, envolventes, e tocar em questões profundas que possam ser remetidas à aspectos da existência de

cada um dos leitores; 2. Todos os integrantes precisam querer se envolver com a atividade. Realizamos a leitura de alguns livros, como O Banquete, de Platão; Édipo Rei, de Sófocles; Sobre a Brevidade da Vida, de Sêneca; e discutimos questões relativas ao amor, ao destino, à passagem do tempo, dentre outras.

Gostaria também de relatar outra experiência, desta vez construída não em uma disciplina, mas sim no Laboratório de Pesquisa que coordeno, o Lapss XXI (Publicidade e Sociedade no Século XXI). No contexto da pandemia demos um giro de 180° em nossas atividades. Antes da pandemia o nosso foco estava nas pesquisas em andamento, para que pudéssemos finalizá-las por meio da escrita de artigos a serem enviados a eventos acadêmicos da área de comunicação social. Mas com a necessidade do distanciamento social, decidimos priorizar a própria pandemia como o foco de nossa atenção. Passamos a debater inúmeras produções intelectuais sobre distintos aspectos e consequências da pandemia do Covid-19, e os integrantes do Laboratório eram responsáveis por apresentar/comentar os textos discutidos, abrindo a discussão.

Também construímos um projeto de levantamento e compartilhamento de ações solidárias ocorridas em João Pessoa no contexto da pandemia, o que envolveu a criação de uma página de Instagram, para a divulgação das diversas ações solidárias e a sistematização das informações sobre tais ações, a fim de construirmos uma cartografia da ação social. Com uma divisão de trabalho bem delimitada, para cada etapa do projeto, constituiu-se uma conexão de papéis interdependentes que tem dado bons frutos. Vale salientar que todas as decisões sobre o funcionamento do Laboratório são tomadas de forma coletiva.

Sem dúvidas, essas duas táticas envolvem a construção de um sentimento coletivo de pertencimento. Com o abalo psíquico e social causado pelas consequências da pandemia, me parece que a construção de grupos com fortes elos afetivos, onde fica claro a importância do envolvimento de todos de forma ativa, é capaz de possibilitar a maximização da potência dos integrantes do processo de educação. Buscar “humanizar” as relações sociais pela utilização das tecnologias me pareceu o caminho mais propício para se aproximar do cumprimento daquilo que vejo como os aspectos principais da educação. Contudo, espero que o ensino remoto em breve seja visto como uma necessidade do passado, já que a pandemia

do Covid-19 tem reforçado em mim a percepção do caráter insubstituível e sagrado das aulas presenciais na experiência formativa dos sujeitos.

2.4 A TEORIA NA PRÁTICA: UM RELATO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO ALUNADO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O cenário de isolamento provocado pela expansão da pandemia do Covid-19, mais que um ambiente educacional com demandas completamente diferentes das identificadas nas aulas presenciais, suscitou uma “deiscência” com características emocionais, psicológicas e cognitivas bem distintas daquelas apresentadas pelos estudantes quando iniciaram o período de 2020.1.

Esse contexto evidenciou a urgência por inovação e reinvenção da sala de aula com uma constante busca por novas formas de envolver o alunado e despertar o interesse e o engajamento com o conteúdo ministrado. Essa situação representou um grande desafio para o docente, em especial aos que lecionam disciplinas teóricas e que envolvem a produção científica, cujo discurso e a presença do professor possibilita maior familiaridade do tema abordado que, por essência, carece de atividades práticas, muitas vezes consideradas mais criativas, estimulantes e proativas.

Com a Portaria N 343, de 17 de março de 2020 emitida pelo MEC, ficou determinado que enquanto durar a situação de pandemia do covid-19 as aulas presenciais devem ser substituídas por aulas em meios digitais. Nesse contexto, o presente relato busca descrever as experiências e metodologias aplicadas nas disciplinas do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário – UNIESP, voltadas a elaboração e acompanhamento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – denominadas Elaboração do Trabalho Final e Pesquisa TCC.

A obrigatoriedade de isolamento social foi um acontecimento inesperado que demandou emergência na digitalização de processos, de relacionamentos e de diversos aspectos da existência humana. Essa condição, no sentido de uso da técnica, foi confortável para os nativos digitais¹⁰, mas representou um obstáculo para muitos alunos sem real acesso à tecnologia, com mal conhecimento de seu uso ou considerados imigrantes digitais, leia-se, nascidos em um mundo pré-digital, mas

¹⁰ A tradução do artigo de Marc Prensky sobre Nativos e Imigrantes Digitais está Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/fetch/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>. Acessado em 04 de junho de 2020.

que em algum momento de suas vidas adotaram muitos dos aspectos e usos da tecnologia digital, podendo ainda estar em processo de aprendizado.

O primeiro passo na modalidade de aulas remotas, então, foi o uso da plataforma do Aluno *Online*, espaço institucional que centraliza a comunicação, atividades e operações entre professor e aluno. Este ambiente, ainda limitado frente a drástica mudança de fluxo e demanda de serviços atual, favorecia a disponibilização de material, entrega de mensagens gerais, contato síncrono e assíncrono por meio de *chat*, que neste primeiro momento ainda era programado para lidar com todos os alunos de uma só vez, e chamadas. No entanto, era insuficiente para o efetivo exercício de aprendizagem da disciplina como previsto em uma sala de aula.

O distanciamento relacional, ausência de proximidade, proveniente do uso apenas do sistema Aluno *Online* (figura 3) como via de comunicação no primeiro dia de aula remota foi logo questionado pelo alunado e novas medidas imediatas foram tomadas e plataformas estudadas para sanar qualquer deficiência que a mudança da modalidade de estudo pudesse causar.

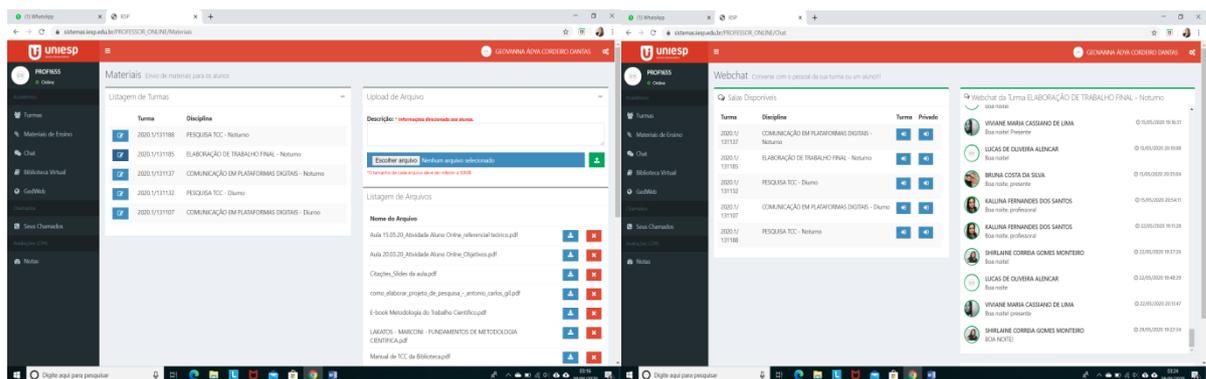


Figura 3 - Canais de acesso ao conteúdo e comunicação.
 Fonte: Sistema Aluno *Online* – Produção própria (2020).

Criaram-se, neste mesmo encontro, grupos na plataforma digital *Whatsapp* onde foram incluídos todos os alunos de cada turma e estabeleceu-se uma linha de contato direto e contínuo com a professora com muita disponibilidade para atender as demandas apresentadas frente esse período de adaptação.

A dinâmica de postagem semanal de materiais, plantão via chat Aluno *Online* após as aulas e dúvidas e informes via *Whatsapp* foi logo aderida pelas turmas. No entanto, como ministrar o conteúdo teórico e, de certa forma, “burocrático” que

normatiza a elaboração da produção científica quando em competição acirrada com as inúmeras formas de entretenimento e distração existentes no próprio suporte de informação? Como ensinar e impulsionar os aspectos de produtividade e o escrever ciência, que assume caráter inspiracional e ao mesmo tempo sistemático, em um momento onde o desânimo e a exaustão psicológica é crescente diante do impacto do isolamento?

Para os discentes, o Trabalho de Conclusão de Curso é mais do que uma atividade de fim do curso, ele remete a uma passagem, ao fim de uma etapa da vida do estudante. Elaborar um TCC de qualidade representa utilizar-se do repertório construído na trajetória acadêmica e ser aceito como profissional, afinal apenas com a aprovação de seu trabalho, o aluno pode deixar a etapa de estudante para ser um profissional da área certificado.

Apesar desses aspectos tornarem a defesa do TCC um momento muito especial para os alunos, sua elaboração perfaz um momento de muito desgaste emocional e intelectual. Mesmo quando em sala de aula presencial, a produção do TCC representa um desafio para o aluno e o professor, trata-se de uma parceria que vai além do ensinar as exigências normativas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), enveredando para o incentivo, o apoio, a construção de autoestima do aluno, a revisão de sua forma de escrever distante da objetividade da escrita utilizada majoritariamente no ambiente digital, a exemplo das redes sociais. Esses aspectos são constantemente trabalhados na sala de aula presencial, onde o cuidado vai desde a forma de transmissão do conteúdo ao sorriso, ao contato, ao acompanhamento individualizado, a descoberta dos possíveis entraves à produtividade de cada aluno.

Nessa perspectiva, se tornou nítido que para minimizar as perdas do contato virtual em relação ao presencial seria imprescindível o uso de serviços de comunicação audiovisual *online*. A busca pela melhor e mais conveniente plataforma para a disciplina foi uma empreitada positiva com erros e acertos, mas muito aprendizado.

A priori, optou-se pela gravação de conteúdo com postagem no *Youtube*, mas logo se identificou que esse formato não preenchia as lacunas de acompanhamento de produção dificultando a visualização e compreensão dos alunos sobre produção

científica. Buscou-se, então, uma plataforma síncrona e expositiva para que se mantivesse ao máximo possível o caráter interativo e participativo da aula.

O primeiro serviço de comunicação audiovisual *online* utilizado foi o *Zoom*, mas devido às notícias relacionadas às questões de segurança de dados¹¹ e seu efeito junto aos alunos, houve uma recomendação institucional para que o seu uso fosse evitado.

O próximo teste foi feito na plataforma de transmissão *streaming JITSI*¹² que foi padronizada como a mais adequada no momento para as disciplinas de TCC. Muitos aspectos foram considerados para a escolha da plataforma, a exemplo da quantidade de pessoas que o aplicativo comportava, a possibilidade de interação, considerando que a plataforma possui espaço para chat e realiza interação de forma oral, permissão de gravação de conteúdo para consulta posterior e, principalmente, possibilita o compartilhamento de dados, característica fundamental para a disciplina.

Adotado o conjunto de ferramentas que seriam utilizadas nas aulas remotas das disciplinas, iniciou-se outra parte do processo metodológico voltada ao conteúdo e a motivação. Muito mais do que as técnicas utilizadas em sala, essa etapa deve considerar os entraves ao aprendizado de cada aluno e partir da compreensão das dificuldades contemporâneas¹³ que os estudantes apresentam como: falta de concentração¹⁴, de desenvolvimento do pensamento complexo, da pesquisa e do senso crítico em um texto argumentativo e embasado. Condição que, através dos relatos dos próprios alunos, se agravaram consideravelmente durante a pandemia do Covid-19.

Como mencionado anteriormente, a produção científica é o desafio final do aprendente em sua jornada acadêmica quando unimos a pressão deste momento às dificuldades próprias dos estudantes na era digital e à condição de ansiedade e

¹¹ Reportagem do G1 referente aos aspectos de falha na segurança do Zoom. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/blog/altieres-rohr/post/2019/07/20/falha-grave-e-confirmada-em-servidor-web-da-zoom-no-macos.ghtml>. Acessado em 05 de junho de 2020.

¹² Segundo a Jitsi.org a plataforma é um conjunto de projetos de código aberto que garante soluções mais seguras, flexíveis e completas de videoconferência. Disponível em: <https://jitsi.org/what-is-jitsi/>. Acesso em 05 de junho de 2020.

¹³ Segundo reportagem da BBC News Brasil, os hábitos digitais estão 'atrofiando' a habilidade de leitura e compreensão. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-47981858>. Acesso em: 05 de junho de 2020.

¹⁴ A BBC News Brasil falou sobre a falta de concentração dos estudantes da era digital e seu impacto na leitura. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-47701908>. Acesso em: 04 de junho de 2020.

incerteza gerada pelo isolamento, percebe-se um ambiente muito impróprio para a inspiração e reflexão, bem como para mais cobranças. Existem inclusive, aqueles alunos que, além do isolamento, enfrentam ainda todas as pressões da vida cotidiana como o trabalho que virou home office, as horas dedicadas que extrapolam o usual, reduções de salários, medo de perder o emprego. Todos esses aspectos fazem parte do processo de elaboração do TCC, não há como dissociar o aluno das condições que o rodeia. Não obstante, essa é uma barreira que precisa ser transposta e o professor de Elaboração TCC assume um papel primordial ao buscar estimular o interesse do aluno, apoiá-lo emocionalmente e lembrá-lo de sua própria capacidade intelectual perdida em meio a tantos empecilhos.

Ciente deste cenário, as aulas foram planejadas com execução em duas etapas:

a) Primeira etapa da aula: Exposição do conteúdo previsto no plano de ensino pela plataforma *JITS!* (figura 4), apresentando conceitos, formas e normas necessárias à elaboração do TCC, trabalhando temas como, por exemplo, como fazer a introdução, objetivos, referencial teórico, metodologia, regras e normas da ABNT para citações, referências, etc;

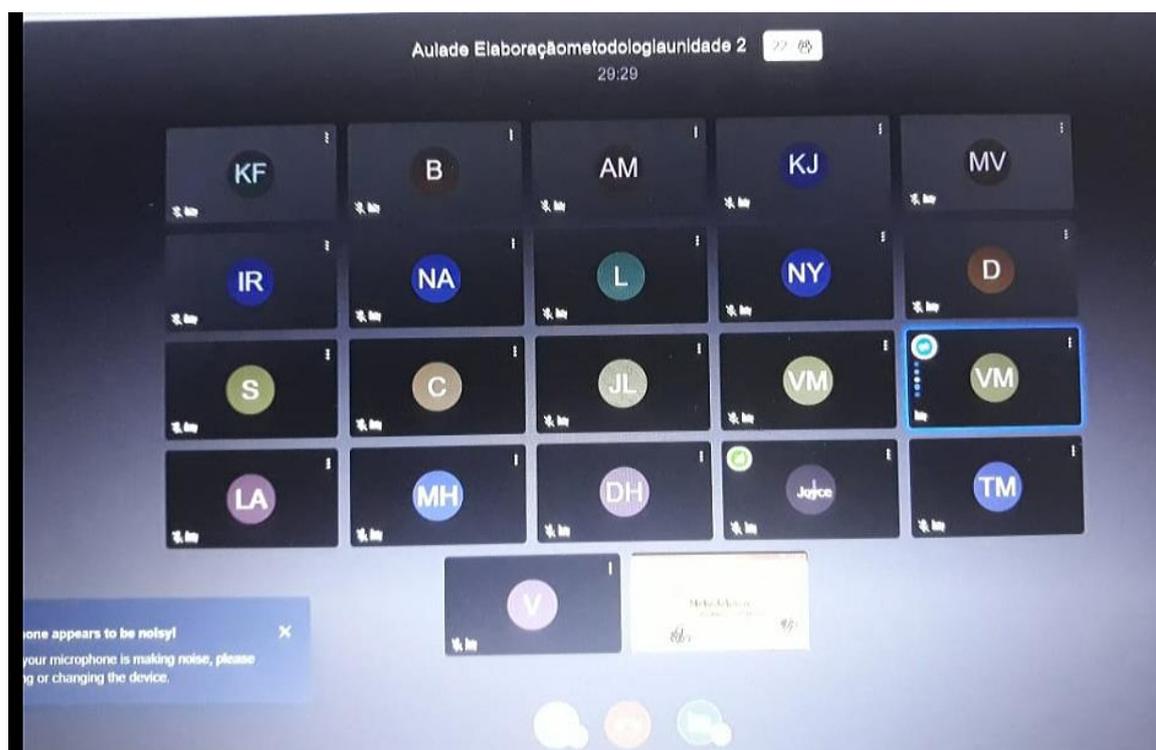


Figura 4 - Aula Remota da disciplina de Elaboração do Trabalho Final pela Plataforma *JITS!*.
Fonte: Plataforma *JITS!* - Produção própria (2020)

Nesse primeiro momento da aula, acontecia a exposição oral do conteúdo com o uso de slides compartilhados que permitiam a aula expositiva com interação e dúvidas dos alunos. A plataforma viabilizava a troca de informações com poucas ou muitas pessoas, simultaneamente e em tempo real favorecendo a possibilidade de explicação, além de mediar a indagação e questionamento dos alunos e aos alunos para que fosse verificado quem estava, realmente presente ou para instigar o debate entre os participantes. Além disso, esse espaço permitia a todos assistir a vídeos, utilizados como exemplos, e aos mais tímidos perguntar via chat, onde também assinavam a presença no começo e fim da aula.

b) Segunda etapa da aula: esse momento era reservado para o acompanhamento individualizado dos trabalhos dos alunos. Os alunos da disciplina Elaboração do Trabalho Final faziam o envio por e-mail do esboço do TCC ou do arquivo do TCC efetivo para os alunos do 8º Período, da disciplina Pesquisa TCC. Em seguida, no chat da própria plataforma, ou no Grupo das turmas no *Whatsapp*, os alunos faziam uma lista para ordenar a sequência de atendimentos individuais.

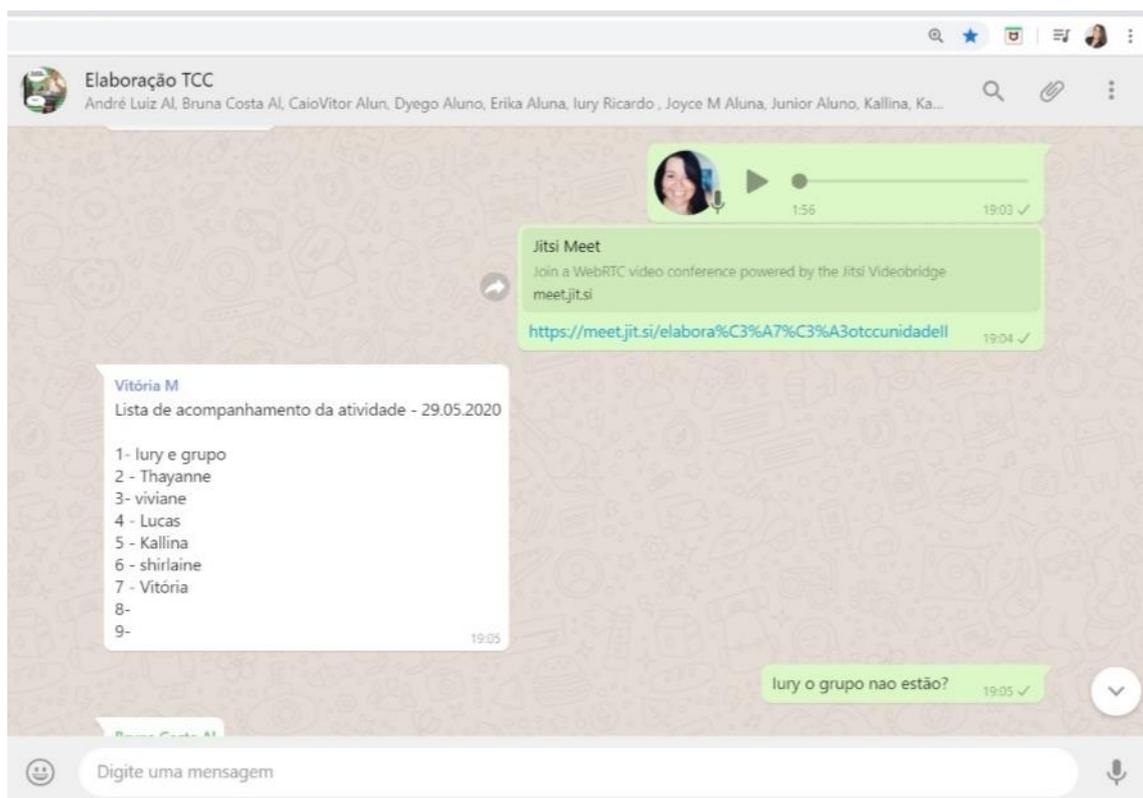


Figura 5 – Lista de Acompanhamentos individuais feita pelos alunos no *Whatsapp*.
Fonte: *Whatsapp* - Produção própria (2020).

As disciplinas de Elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso possuem uma natureza única que difere das demais disciplinas no aspecto de que cada trabalho pode assumir aspectos completamente distintos dos demais. Começando pelos formatos das produções que podem ser artigos científicos ou Campanhas Publicitárias, seguem-se ainda as metodologias que podem assumir inúmeros caminhos e aplicações, as bases teóricas que são completamente específicas para defesa de cada trabalho, os exemplos, estudos de caso, etc., são sempre diferenciados. Em cada turma existe um mundo de possibilidades e de conhecimento que pode ser trabalhado. Sendo assim, seria impraticável apenas apontar a teoria aos alunos de forma generalizada sem observar a riqueza possível em cada um dos trabalhos e auxiliar nas dúvidas dos alunos para evolução da produtividade científica.

Esse momento de atenção direcionada ao aluno e a possível resolução de seus entraves quanto à produção científica, entre eles, idealização do tema, auxílio com bibliografia, organização e normatização do material, demonstração do uso dos manuais e do modelo de artigo e de Campanha Publicitária, etc., além dos momentos de apoio emocional e estímulo intelectual também foi mediado pela plataforma *JITSI*. Era solicitado que todos os alunos saíssem e entrassem novamente na plataforma conforme a lista que fizeram no *Whatsapp*.

No encontro do aluno com a professora na plataforma (figura 6), o arquivo do trabalho enviado anteriormente era compartilhado fazendo com que ambos pudessem ver seu conteúdo. À professora era permitido manipular o documento e ao aluno visualizar e questionar todas as ações realizadas.

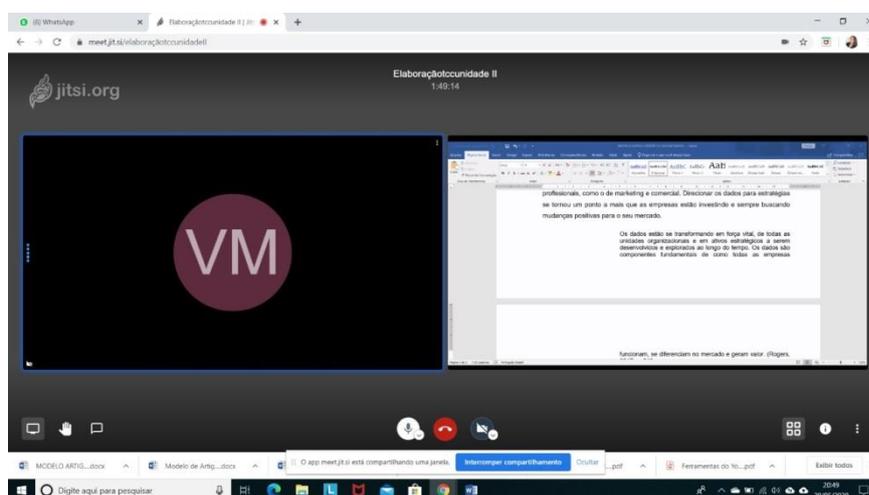


Figura 6 – Acompanhamento Individual na Plataforma JITSI.
 Fonte: Plataforma JITSI - Produção própria (2020).

A prática se mostrou muito eficiente, em especial, por permitir aos alunos visualizar o que estavam fazendo de errado no aspecto de formatação, auxiliando aqueles que não tinham tanta familiaridade com as ferramentas do programa de edição de texto Word e que precisariam saber formatar seu TCC, conforme as exigências do Curso e da instituição. A proposta era que um a dois parágrafos fossem corrigidos e o aluno se encarregaria de aplicar o que aprendeu no resto do trabalho.

Também eram apresentados e debatidos os erros em relação a citações e referências, até mesmo com a busca por fragmentos idênticos aos originais na *internet* e não citados corretamente, mostrando na prática o que poderia ser classificado como plágio e como era fácil para o leitor, a banca e todos identificar isso, então o aluno deveria tomar cuidado ao aplicar as normas de citação evitando o prejuízo de cair em plágio. A ética foi muito debatida nesses momentos e a importância de entregar seus resultados e não se apropriar de outro para que seu trabalho seja considerado ciência.

Esse momento era muito antecipado pelos alunos que informavam durante a semana que estavam produzindo e queriam fazer o acompanhamento individualizado para orientar a produção. No entanto, nenhuma iniciativa está isenta de exceções, infelizmente, existiam aqueles que não possuíam a plataforma adequada para a pesquisa e produção científica, se comunicando apenas pelo celular ou *smartphone* e para outros a barreira da ansiedade e depressão, dos afazeres domésticos e profissionais se tornaram intransponíveis com tanta urgência, para estes foi mantida uma longa conversa sobre equilíbrio e resiliência, perspectivas e paciência, apresentando a importância de nos manter produtivos, de dar continuidade aos estudos e realização dos sonhos, descansar pode ser necessário, mas desistir não.

Toda essa experiência reforça o ensino presencial como ambiente de aprendizado que vai além da oralidade, mas se concretiza no contato, nas relações estabelecidas, no diálogo frente a frente, facilitando o estímulo à produção científica, mas se torna evidente que a modalidade remota trouxe novas perspectivas sobre a disciplina como o compartilhamento do documento para compreensão do uso das

plataformas de edição de texto que pode ser adotado como possibilidades para aulas laboratoriais com a atividade no futuro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar os registros históricos, é possível perceber que grandes mudanças ocorridas ao longo da história estão consistentemente vinculadas à tecnologia e à ciência. Essas mudanças exigem a adaptação de vários pontos que emergem e não mais se adequam à velha formação social (DUPAS, 2002). A expansão da pandemia do Covid-19, demonstrou que novamente o mundo passa por um momento histórico de grandes mudanças e contradições, onde a tecnologia desempenhará papel decisivo na projeção de muitos setores, a exemplo da Educação.

A obrigatoriedade de isolamento limitou a presença e o contato entre as pessoas, empregando uma grande importância para a tecnologia como grande mediador da natureza humana de comunicar, conhecer, se informar e se relacionar. É nesse contexto que se dá um novo cenário de ensino-aprendizagem baseado, em boa medida, na criatividade, na escolha adequada de plataformas de ensino e na reinvenção pessoal e profissional da docência e das instituições.

Não existe atenuantes ao contexto ou caminho fácil, existe sim muita busca, empenho e a meta de tornar esse processo de transformação digital mais amenos para todos, sem que qualquer ônus seja depositado na aprendizagem do alunado.

Neste relato, especificamente, nos debruçamos sobre as experiências de professores que ministram disciplinas de cunho teórico. Compreende-se que a ausência da sala de aula tem sua influência no ânimo e receptividade dos alunos, mas com a escolha das tecnologias adequadas, a compreensão, o diálogo e o incentivo ao saber plural e participativo, essas disciplinas conseguiram acompanhar o processo de adaptação digital, ainda que não estejam isentas de desafios e entraves como o acesso à tecnologia e o nivelamento da turma.

Com base nestes resultados, percebe-se que apesar de desafiador, esse momento trouxe também aprendizado e reforçou em muitos aspectos o caráter colaborativo entre professor e aluno. Emergimos, e apesar de enxergarmos a importância da presença na sala de aula, aprendemos coletivamente neste período

que não nos permitirá voltar ao estágio original das coisas, mas continuar com um repertório mais rico e preparado para a adversidade.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: Ed. LPM, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2019.
- DAUDT, Luciano. **6 Ferramentas do google sala de aula que vão incrementar sua aula**. 2020. Disponível em: <https://www.qinetwork.com.br/6-ferramentas-do-google-salade-aula-que-vaio-incrementar-sua-aula/>. Acesso em: 24 maio 2020.
- DUNKER, Christian. **A Arte da Quarentena para Principiantes**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2020.
- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: UNESP, 2002.
- FRANÇA, Vera Veiga. **O Objeto da Comunicação/ A Comunicação como Objeto**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). *Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.
- GREENFIELD, Adam. **Radical Technologies – The Design of Everyday Life**. London: Verso, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **No Exame – Perspectivas do Digital**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2010.
- NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **The knowledge-creating company: how Japanese companies create the dynamics of innovation**. New York: Oxford University Press, 1995.
- TRIVINHO, Eugênio. **A Dromocracia Cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.
- VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1993.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala – A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não-Verbal**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.

AULAS REMOTAS VIRTUAIS DURANTE O DISTACIAMENTO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA COM A APLICAÇÃO DE *INBOUND MARKETING* COMO METODOLOGIA PEDAGÓGICA

MEDEIROS, Mastroianne Sá¹

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 certamente será marcado pelo impacto dos efeitos da pandemia da SARS COV2 em diferentes segmentos da sociedade. Na área da educação seus reflexos impuseram o desafio de adaptação ao ambiente digital e de atração de envolvimento dos discentes com os conteúdos e as aulas.

O desenvolvimento tecnológico e a diversidade de canais de comunicação, dispositivos e formas de comunicação revelaram, durante os meses de março a junho de 2020, aspectos positivos e de melhoria na missão de educar em cenário de multiplataforma, ao mesmo tempo em que, evidenciaram as limitações e necessidades de uma 'reinvenção', termo aqui colocado não apenas no aspecto profissional, mas também de estrutura de meios e sistemas de transmissão de dados.

Neste contexto, este ensaio é um relato de experiência e aplicação de estratégias de *Inbound Marketing*² para a missão de atrair interesse e engajamento dos alunos durante o período de isolamento social e de aulas remotas. O objetivo, deste modo, é propor uma reflexão sobre a necessidade de incorporar novas metodologias no exercício de transmissão de conteúdo, bem como ressaltar as necessidades de aprendizado e adaptações experienciados em suas diferentes formas ao longo deste processo para conseguir manter o interesse da audiência. Como objetivo específico busca-se pontuar práticas e atividades apontadas como mecanismo de estímulo à interação e participação dos discentes no processo de ensino.

Para realizar este trabalho optou-se pela descrição de experiência e apresentação de metodologias aplicadas por meio de relato como procedimento

¹ Especialista, Publicidade e Propaganda. Curso de Publicidade e Propaganda do UNIESP. João Pessoa.

² O conceito de *Inbound Marketing* ganha destaque nos últimos dez anos com os estudos norteamericado sobre a importância da produção de conteúdo como estratégia de 'atração' termo destacado por Rafael Rez (2013) e amplamente consolidado entre os especialistas da área como marketing de atração. Ver mais em PEÇANHA, Vitor (online). Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/o-que-e-inbound-marketing/> Acesso em: 17 abr. 2020.

metodológico, inserido no contexto da pesquisa qualitativa como recurso para apresentação de casos e exposições de reflexões.

O estímulo para o desenvolvimento do estudo é centrado nos desafios para prender atenção, garantir o interesse e estimular o envolvimento dos alunos com as aulas diante das limitações de acesso à *Internet*, competição acirrada com formas de entretenimento e com o desânimo para estudar diante do impacto dos efeitos da pandemia do COVID 19 no cotidiano dos alunos e professores.

Para o seu desenvolvimento, ressaltam-se fundamentos teóricos que permitem fazer uma imersão sobre a estratégia adotada, bem como destacar conceitos muitas vezes inseridos unicamente no contexto da área da comunicação, mas que se apresentam como necessários diante da aceleração do uso da tecnologia, seus artefatos e recursos na sociedade contemporânea.

Normalmente aplicado ao ambiente de *marketing*, o conceito de *Inbound Marketing* ou *marketing de atração* é apresentado como estratégia e mecanismos de atrair o interesse do consumidor cada vez mais avesso às formas encontradas pelas marcas para divulgar os seus produtos. No estudo, a definição é aplicada na perspectiva de mecanismos para estimular o interesse dos alunos e apreender a sua atenção por meio das aulas remotas virtuais. Uma experiência rica, desafiadora e que exigiu a capacidade de compreensão das próprias limitações dos alunos e do próprio do docente, da capacidade do uso dos múltiplos dispositivos (aplicativos, softwares e artefatos) e da experimentação de possibilidades para o envolvimento nesta jornada.

2 DESENVOLVIMENTO

A história da humanidade é marcada pela relação dos homens com os artefatos e o uso dos instrumentos para expressar suas ideias e compreensão do mundo. Diversos autores têm se debruçado nos estudos acerca desta temática. Da *téchne*³ de Aristóteles aos mais modernos especialistas como André Lemos (2010). O processo de evolução da humanidade acompanha a criação, produção e formas de distribuição da informação por meio de aparatos técnicos. Do processo manual a

³ OLIVEIRA, Eva Aparecida. A Técnica, a Techné e a Tecnologia. *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campos de Jataí*. Universidade Federal de Goiás. Vol. 2. N. 5 Jun/Dez. 2008. ISSN: 1807-9342.

mais avançada tecnologia. E, foi por meio do uso destes canais ou plataformas que o homem pode superar as distâncias e o próprio tempo aproximando os povos e levando conhecimento e informação, especialmente em período de grandes desafios e desastres mundiais.

Na atualidade não é diferente, o estudo da tecnologia e os avanços tecnológicos acabaram atraindo o interesse de especialistas e pesquisadores ao longo das últimas sete décadas. Entre todos os grandes nomes na área da comunicação, de Castells (2003) à Jenkins (2014), o impacto do processo de digitalização em diferentes esferas da vida e do cotidiano em todo o mundo. Centenas de estudos teóricos se propagam impulsionados pelos centros de excelência em todos os continentes. Alguns deles revelam transformações que afetam a forma como as pessoas se relacionam, consomem os produtos, produzem bens e constrói sua própria história. Mas, para reflexão, pontuam-se como estas mudanças, metamorfose e evoluções acontecem diante da ameaça invisível de um vírus, a SARS COV2.

Especialistas do mundo inteiro, de diversas áreas, destacam a aceleração do consumo, uso e desenvolvimento de formas, recursos e aparatos de comunicação em menos de um semestre⁴. E, no centro desta transformação, o ser humano, vítima e agente deste processo com um capital intelectual e capacidade de adaptação e construção de novos cenários. Este é o ponto central de defesa deste estudo. O homem para além das máquinas, mas o homem que automatiza, cria sistemas complexos e faz da inteligência artificial coparticipante deste movimento de transcendência de evolução intelectual e humana.

Hoje, maio de 2020, um ecossistema de mídia (SANTAELLA, 2007) formado por aplicativos, sites, dispositivos de comunicação, meios e redes sociais digitais integram o nosso cotidiano aliado à inteligência artificial e estão inseridas em diferentes esferas de nossas vidas. Da medicina à engenharia, da publicidade à indústria. Cidadãos do mundo inteiro transportam em suas mãos aparatos técnicos com extraordinária capacidade de armazenar, produzir e transmitir dados em áudio, vídeo e textos. Equipamentos que cabem na palma da mão e facilita a troca de informações, o acesso a conteúdo, o relacionamento entre as pessoas sem as

⁴ MORAIS, Leonardo Eures de. CONVERGÊNCIA DIGITAL. A Pandemia como fator de aceleração digital. Disponível em: <https://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=site&inford=53595&sid=15> Acesso em: 20 maio 2020.

barreiras físicas, espaciais ou territoriais como posto pelos estudos de André Lemos (2010). Estes indivíduos conectados à rede mundial de computadores, a *Internet*, por meio de transmissão via satélite transformam-se em produtores e consumidores de conteúdo – *prosumidores*⁵.

No contexto do *marketing*, Kotler (2017) lembra que este cidadão, assume novos comportamentos e hábitos de consumo, impõe novas regras e ritmos à relação com as empresas. Ao mesmo tempo em que, estabelece uma rede colaborativa que se fortalece no ambiente digital pelas redes de sociabilidade. Por isso, as empresas precisam perceber a necessidade de não mais impor ou sugerir o que estes consumidores devem adquirir. A publicidade e a propaganda emergem como mensagem intrusiva, invasiva, indesejada entre informação e entretenimento. Desde modo, é fundamental desenvolver novas formas de relacionamento e comunicação para atrair o interesse do consumidor e despertar o desejo de consumo.

Assim, surge o que o pesquisador Vitor Peçanha, denomina como *marketing* de atração, *Inbound Marketing*, ou seja, estratégias que tem o propósito de criar empatia, relacionamento e, consecutivamente, a compra e fidelização. No *marketing* digital, ou seja, *marketing online* estas estratégias consideram aspectos como a jornada de consumo – formas de relacionamento com as marcas e o estágio de compra – *funil de vendas*⁶.

Estes conceitos parecem, aparentemente, específicos para o ambiente de *marketing*. Mas, a experiência com a educação tem revelado que estes fundamentos podem ser rapidamente correlacionados com a atividade docente. Algo que parece destoante para educadores de diversas áreas que apesar de usuários de múltiplas plataformas, a experiência da prática de ministrar aulas remotas virtuais tornou-se uma oportunidade de extrapolar as barreiras físicas dos espaços temporais. Obviamente, o desenvolvimento tecnológico impôs a necessidade de um aprendizado mesmo que intuitivo do uso de algumas destas plataformas digitais (aplicativos, séries, recursos multimídia). Este talvez seja um dos aspectos que,

⁵ O conceito desenvolvido por Alvin Tofler (*apud* JENKIS, 2009) refere-se a capacidade dos consumidores tornarem-se também produtores de conteúdo, de bens.

⁶ O termo é utilizado por Vitor Peçanha, fundador da Rocket Content como estágios de compras e experiência de consumo.

inicialmente, exigiu um processo de imersão intenso para os não *mileniais*⁷, ou seja, os não nativos digitais.

Para a geração que nasceu depois da década de 1990, o uso dos recursos e dispositivos digitais em rede passou a fazer parte de suas atividades ao longo do tempo com mais facilidade, o que não quer dizer que, com um pouco de interesse e concentração, a habilidade e utilização destes artefatos seja um problema para os que nasceram antes do processo de digitalização. No entanto, os desafios para ambos não ficaram restritos unicamente aos docentes.

Diversos aspectos podem ser pontuados, desde as dificuldades operacionais como a sobrecarga dos sistemas de transmissão e tráfego de dados das provedoras de serviços de *Internet*⁸, até mesmo as limitações de acesso à rede *wifi* ou pacote de dados, ou questões de uso dos dispositivos. Ou mesmo, questões de segurança de dados em sistemas de transmissão e captação, além de problemas gerados pelos receptores – dispositivos – como ruídos, *delay*. Isto sem falar na habilidade para falar e organizar dinâmicas de apresentação de conteúdo por meio de telas virtuais por parte do docente.

O fato é que as rotinas mudaram e se adaptar tornou-se uma exigência. E, foi considerando as dificuldades desta experiência que surgiu a ideia de criação de diferentes formas de interação e engajamento que tinham o propósito de superar a desmotivação, a competição com o sono, as atividades familiares, o desânimo do distanciamento, além do agravamento de problemas psicológicos impulsionados pelos efeitos do isolamento e distanciamento social.

O conflito estava instaurado e o desafio lançado. Por experiência e após diálogo com outros docentes, poucos estavam prontos para este momento. A nosso favor, a empatia, os avanços da tecnologia e o desejo de compartilhar conhecimento. Neste momento, sem o material humano, ou seja, o suporte de monitores, representantes de turma, coordenação e equipe de professores, bem como dos alunos, somados aos diversos mecanismos hoje à disposição dos docentes, as dificuldades seriam ainda maiores.

⁷ OUTBOUNDMARKETING.COM.BR. Disponível em: <https://outboundmarketing.com.br/geracao-dos-millennials/>. Acesso em: maio 2020.

⁸ AUMENTO DO TRAFEGO NA INTERNET. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/aumento-do-trafego-esta-deixando-a-internet-lenta.shtml>. Acesso em: maio 2020.

Diante deste cenário, acredita-se que para muitos professores, não apenas para aqueles de disciplinas teóricas, mas também de disciplinas práticas, a palavra *reinvenção* nunca ficou tão evidente na busca constante de encontrar formas de envolver os discentes e despertar o interesse e envolvimento nas aulas e com os temas abordados. Entre tentativas, erros e acertos, a experimentação permitiu que muitos encontrassem os próprios caminhos e descobertas para transformar esse momento em uma experiência positiva.

No caso específico, aqui relatado, buscou-se aplicar técnicas que estivessem alinhadas com as diretrizes acadêmica, mas promovessem de fato um resultado mais concreto diante da meta de manutenção da audiência (número de alunos assistindo e participando das aulas).

Quando se investiga o conceito de *Inbound Marketing* identifica-se logo aspectos intrínsecos a própria essência do seu fundamento. Entre eles destacam-se a definição da *persona*, a *jornada do usuário* e o *funil de vendas*. Temas amplamente explorados pelos pesquisadores da área da comunicação e do *marketing*, mas que aqui cabe uma rápida exposição para compreensão das estratégias adotadas ao longo deste período a ser compartilhada neste relato. Portanto, considera-se fundamental ressaltar estes conceitos.

A *Persona* no contexto do *marketing* digital, segundo Vitor Peçanha por meio do seu *ebook Marketing de Conteúdo e Inbound para o setor educacional (online)*, é descrito como a construção da representação do universo, uma identidade perceptual representativa que caracteriza o público alvo, na qual pretende se estabelecer relacionamento. Para a sua configuração se considera destes aspectos físicos, com hábitos de uso de mídia e interesses. Portanto, para os docentes, representa identificar e conhecer claramente os seus alunos. Quem são eles? O que eles estão vendo, ouvindo? Como estão vivendo esta experiência? Quais as suas dores e expectativas. Informações que nos colocavam mais próximos dos alunos e permitia estabelecer o diálogo e adequação do conteúdo a realidade deles, como por exemplo, a Análise das ações de merchandising e estratégias de comunicação do *Big Brother Brasil 2020*.

Depois, foi de fundamental importância considerar a jornada de consumo dos usuários, ou seja, dos alunos. Quais as plataformas eles estavam mais presentes em seus aparelhos e quais seriam mais acessíveis? Como conduzi-los

para o *aluno online* – espaço institucional que centraliza todas as operações e atividades acadêmicas - e despertar interesse em baixar as apostilas, em ler o conteúdo? Como eles se relacionavam com as plataformas e quais tinham mais acesso? Estas indagações conduziram a padronização da plataforma de transmissão streaming via *Skype* e *Google Meet*. Como pontos positivos destes serviços de comunicação audiovisual *online*: segurança de dados⁹, número de pessoas que comportavam os aplicativos, possibilidade de interação (ícones, *chats*), compartilhamento de dados e gravação de conteúdo para que fosse consultado posteriormente. No *Inbound Marketing*, a pesquisa das ferramentas e dispositivos utilizados integra a análise da jornada de consumo dos meios, tempo de exposição e formas de uso das plataformas para a definição da melhor estratégia.

Depois destes dados mais claramente identificados, foi preciso mapear, ou seja, entender como eles reagem aos estímulos de conteúdo que estavam previstos para ser ministrados e descobrir como criar trilhas (metodologias) para conseguir despertar o interesse e envolvimento dos alunos. Para isso, destaca-se o contato com os monitores e representantes de turmas como essenciais para alcançar os resultados. Estes personagens atuaram como influenciadores no processo de ensino entre o corpo discente.

A comunicação feita pelo *Whatsapp* e reuniões via *Skype* com este grupo formado por monitores e representantes de turma permitiu entender o que era possível fazer, que canais seriam mais interessantes. Assim, foram criados somando-se aos já dispositivos e formas de interação disponibilizadas pelo **Uniesp**: um canal no *Instagram* – segundo dados de pesquisa a mídia mais consumido entre o público jovem; a criação de grupos e o uso do contato via *Whatsapp*. Estes canais serviam para estimular uma expectativa para os temas abordados, informes rápidos e envio de material.

Outra importante ferramenta neste processo foi a escolha do uso de um *email* exclusivo para recebimento de atividades em sala, além de outras fontes de acesso aos conteúdos como o *Google Classroom* e *Google Drive*, ferramentas que serviram canais que se completavam a inserção de material no site institucional do Uniesp –

⁹ O ZOOM o serviço de transmissão audiovisual no formato de reuniões e conferência que cresceu bastante neste período, havia sido uma primeira opção, mas depois rapidamente substituída por problemas de falta de segurança de acesso aos dados pessoais dos usuários. Disponível em: <https://www.zoom.com.br/celular/deumzoom/zoom-meetings-e-seguro-falhas-seguranca-alternativas-apps-videoconferencia>. Acesso em: maio 2020.

aluno *online*, bem como plantões no *chat*, no aluno *online*, e uma hora de dedicação por dia após o horário das aulas (figura 1).

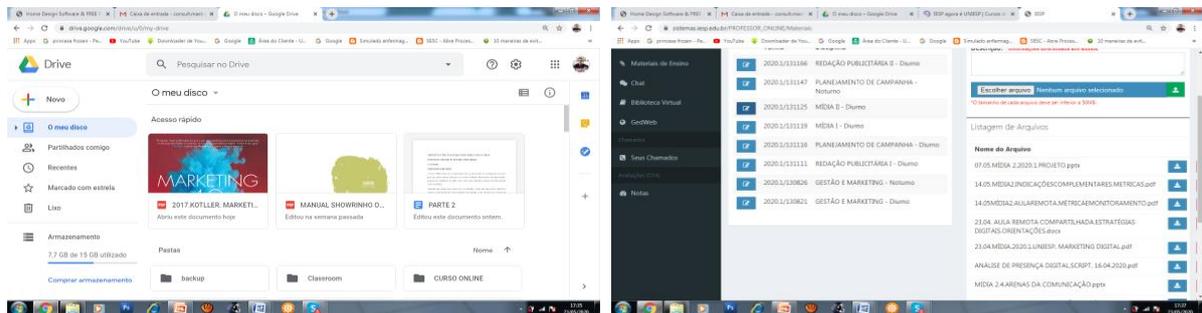


Figura 1 - Canais de acesso ao conteúdo.
 Fonte: Print Aluno Online e Google Drive. (2020).

A dinâmica logo se tornou rotina e foi aderida por eles. Os conteúdos eram inseridos com 48 horas de antecedência, já com a dica de atividade e bibliografia. O material disponibilizado em *slides* facilitava o acompanhamento da aula e a oportunidade das interações. No *chat*, o *link das aulas* remotas era inserido com 20 minutos de antecedência, assim como enviado para os representantes de turma por meio do aplicativo *Whatsapp* no grupo da sala criado por eles mesmos. Este recurso foi positivo ao reduzir argumentos de não acesso ao *link* que possibilitava entrar na sala de aula da aula remota por meio de um aplicativo ou sistema de videoconferência.

O pesquisador Rafael Rez (2016) ressalta que a essência do *Inbound Marketing* está na produção de conteúdo de valor, de informações desejadas pelas personas – a audiência, em todo o processo do *funil de vendas*, ou seja, do relacionamento com o público. Assim, para fisgar e manter a audiência, as aulas em tempo remoto contavam com vídeos, indicações e indicação de livros *online*, interações e atividades feitas em tempo real, logo depois de apresentado os conteúdos. Os conteúdos em formato de apostilas contavam com cases, com infográficos, imagens e *links* de vídeos que pudessem enriquecer ainda mais as informações. Estes materiais eram depositados de forma padronizada, com data e com todas as orientações dos assuntos a serem abordados, no aluno *online*.

Para garantir o interesse no assunto, utilizou-se uma estratégia que no *marketing* digital denomina-se de nutrição dos *leads* em todas as etapas do processo de construção de relacionamento com a disciplina. Antes de inserir o

conteúdo no ambiente de materiais de ensino, a estratégia era de fazer um teaser na rede social Instagram ou mesmo no final de cada aula. Assim, estimulava os alunos a aguardarem os conteúdos que seriam explorados.

No segundo momento, os alunos tinham acesso ao conteúdo da aula depositado no aluno *online* com uma semana de antecedência. Deste modo, eles poderiam ler, refletir e trazer suas contribuições para discussão sobre o tema. No dia da exposição do conteúdo, buscava-se ilustrar com *cases* incorporados ao cotidiano, aos aspectos mercadológicos com o uso de infográficos, fotografias e *layouts* interativos de *slides*.

De enquetes às atividades práticas como produção de textos, tira-teima de questões, além de momentos para pontuações sobre os temas abordados permitia promover as interações nos *chats* ou no envio de *emoticons*. Posteriormente, como forma de avaliação foram realizadas atividades continuadas e integradas entre as disciplinas, além de horários de monitoria. Os alunos recebiam o *feedback* dos trabalhos enviados conversavam sobre erros e acertos nas aulas. Em muitos casos observou-se que a estratégia de benefício agregado, ou seja, pontos extras faziam com que os alunos não perdessem as aulas.

Para recuperar os pontos extras, caso não fizesse a atividade, ou perdesse a aula, o aluno precisava preparar um resumo de 15 linhas sobre o conteúdo e, assim, mantinha os pontos que seriam utilizados como créditos nas avaliações. Porém, infelizmente, nem sempre todo o esforço convertia em fidelização. Muitos apresentaram por *email*: problemas familiares, dificuldade de acompanhar o conteúdo *online*, dificuldade de compreensão das aulas ao vivo, além de problemas reais de ruídos etc. Em muitos momentos, o tratamento individualizado e encaminhamento dos problemas promoviam uma melhor experiência.

Importante pontuar que, repetidas vezes, a transmissão falhava e, conseguir reter a audiência torna-se uma missão impossível. Como saber se os alunos estavam assistindo as aulas ou apenas conectados à sala com os fones e câmeras desligadas? A resposta era *interação*. E, ela vinha quase sempre de forma imediata nas reações, comentários e no envio das atividades.

Para conseguir um engajamento – envolvimento e participação – ainda maior, a criação de uma agenda de aulas remotas compartilhadas foi importante. A programação feita para as aulas presenciais foi mantida no ambiente virtual. Alunos

egressos e profissionais do mercado passaram a contribuir com a sua presença, preparação de aulas e bate papo sobre os temas anteriormente programados. Os convidados recebiam um *script* com todos os dados relacionados aos temas, bem como orientações sobre horário, tempo de aula, produção de material etc.

Como resultado desta ação, as aulas tiveram um aumento de número de alunos e mais interações. A oportunidade de refletir com profissionais do mercado temas que eles estavam estudando de forma teórica configurou-se como um importante instrumento de retenção da audiência (figura 2).



Figura 2 - Aulas remotas compartilhadas.

Fonte: *Print* de divulgação no *Insta* @5psdigital (2020).

Outra importante estratégia que emerge com o volume de conteúdo e atividades propostas foi o fortalecimento de atividades interdisciplinares que permitiram não apenas enriquecer uma prática já fomentada pela diretoria acadêmica e coordenações, mas que passaram a ser mais importantes para garantir a redução de desgastes e assim como incentivar meu interesse pelos trabalhos extra-aulas (TEDs) e avaliações acadêmicas curriculares especialmente nas disciplinas práticas (figura 3).

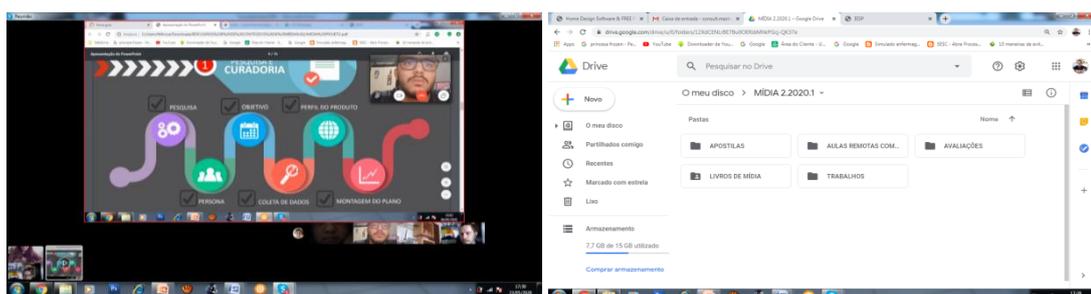


Figura 3 - Aulas remotas compartilhadas.

Fonte: *Print* Skype e *Google Drive*(2020).

As aulas geravam debates e reflexões sobre o tema, bem como atividades correlacionadas que eram recebidas por meio do material *online* da Instituição. Entre as etapas do *'funil de vendas'* termo que no *marketing* digital relaciona-se aos momentos e estágio de relacionamento com a marca, ou seja, a descoberta da necessidade, o conhecimento e consciência do produto/serviço, o reconhecimento da sua necessidade e adesão, para posterior fidelização. Pode-se pontuar que primeiro:

- a) Demorou alguns dias até a percepção de que a experiência das aulas remotas seria uma substituição às aulas presenciais, bem como da sua importância por parte dos alunos;
- b) No segundo momento, os alunos entenderam que precisavam se adaptar e ajudaram no processo respondendo as diferentes estratégias criadas;
- c) Depois, buscaram se envolver mais se engajando com as atividades propostas.
- d) Hoje, a ausência é quase sempre justificada. O empenho reconhecido. Quando os alunos perdem as aulas, buscam os *links* das salas de aula onde estão gravados os conteúdos para aprender um pouco mais. .

Finalmente, importante destacar, que diferente da maioria dos processos de planejamento de *marketing* que iniciam com análise de cenário, conhecimento e qualificação do público alvo em seus aspectos demográficos, psicográficos, hábitos de consumo de produto e serviço, além da concepção da *persona* para iniciarmos a construção da estratégia com a definição dos canais de comunicação, bem como elaboração das principais formas de conteúdo e de interação, para grande parte dos professores apesar de ter um planejamento de conteúdo programático solicitados pela coordenação, diretoria pedagógica, bem como ter base de informações de aulas e facilidade em administrar aulas presenciais, o processo de adaptação imprimiu a necessidade ajustar rapidamente processos, dinâmicas e rotinas para as aulas remotas virtuais. E, neste percurso, fomos construindo juntos sem limites de fronteiras físicas, temporais e geográficas, uma educação plural e colaborativa.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma, objetiva, a experiência continua a ser um desafio. Não é fácil disputar a audiência com outras formas de entretenimento e conteúdos disponíveis em sites especializados, redes sociais como o *Youtube* mesmo em sala de aula presencial. Mas, é gratificante perceber cada professor encontrou a sua metodologia de usar a criatividade para compartilhar o conhecimento, e assim, continua se adaptando e reinventando.

As lições deste que ficaram deste momento foram muitas:

- A necessidade de treinamento dos docentes para o uso das plataformas e recursos digitais;
- O conhecimento de aplicativos, técnicas e instrumentos que podem contribuir para o compartilhamento do conhecimento;
- A criatividade e empatia dos professores sempre irão se sobrepuser as limitações;
- O suporte técnico da Instituição é o alicerce para que todos os projetos a serem desenvolvidos.
- O conhecimento não reconhece barreiras e fortalece nos momentos de desafios.

No contexto da aplicação do *inbound marketing* reforça-se que é preciso que o conteúdo seja de valor, os docentes permitam criar materiais que garantam a fácil assimilação das informações e teorias; que a criatividade para estimular às interações seja mais forte do que a distância física.

O uso da estratégia, fortalece o argumento de que para atrair o interesse dos alunos, os conteúdos precisam ser apresentados de acordo com as suas necessidades pra que eles sejam capazes de perceber que os materiais foram feitos para eles e os mesmos entendam sua importância como construtores do conhecimento.

Finalmente, considera-se que diversos outros estudos já existam sobre o tema sobre práticas pedagógicas por meio de aulas remotas digitais, mas, neste momento, espera-se ter alcançado o objetivo de tornar mais acessível um conceito teórico aplicado a uma experiência real, bem como fomentar que novos relatos

sejam feitos, que a troca de narrativas e experiências estimulem novas formas de fazer e pensar as possibilidades de educação.

Por isso, acredita-se com toda esta experiência que alunos e professores vivenciaram um momento único da relação dialógica, colaborativa, marcada pela comunicação mediada pelos dispositivos digitais com suas limitações e todos os entraves de um processo de transformação digital que acontece a passos lentos no país, mas que hoje ressalta a necessidade e importância da dimensão multidisciplinar entre docentes, colaboradores e diretoria com suas mais diferentes experiências e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a *Internet*, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Sahar, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 edição. São Paulo: Aleph, 2009

LEMOS, André. **O futuro da Internet em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Eva Aparecida. **A Técnica, a Techné e a Tecnologia**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campos de Jataí. Universidade Federal de Goiás. Vol. 2. N. 5 Jun/Dez. 2008. ISSN: 1807-9342.

PEÇANHA, Vitor (*online*). **Inbound Marketing no Setor Educacional**. Acesso em: 14 de maio de 2020. *Ebook*.

REZ, Rafael. **Marketing de Conteúdo**: a moeda do século XXI. São Paulo: DVS Editora, 2016

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

UMA ABORDAGEM DA CONSTRUÇÃO DO REAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO EM TEMPO DE ISOLAMENTO

SOUSA, Saulo de Tarso da Silva¹
VAZ, Antônio Augusto Albuquerque²

1 INTRODUÇÃO

Já sabemos que a forma de se comunicar e de interagir mudaram e vem mudando ao longo dos anos, e Era da Informação contribui muito para isso. Hoje as pessoas estão acostumadas com uma vida muito acelerada e com isso gerando muita ansiedade e outros tipos de ocorrências. Com o surgimento do Coronavírus instalando uma pandemia mundial, as pessoas foram obrigadas a desacelerar de forma obrigatória trazendo situações que as pessoas não estavam acostumadas, por exemplo, serem obrigadas ficar isoladas em casa. Uma situação que deixa a vida das crianças e idosos em situações preocupantes que precisa de atenção especial. De acordo com o psicanalista *Christian Dunker*, os jovens são mais fáceis de se adaptar nesse tipo de situação, pois a juventude gosta de mudanças, porém eles também sofreram mudanças em suas rotinas e em suas formas de estudos. E é nesse sentido que o presente trabalho traz uma abordagem da construção do real através da fotografia como forma de expressão em tempo de isolamento.

Com essa mudança brusca, as instituições de ensino foram afetadas, e conseqüentemente, a educação nesse tempo de pandemia, forçando todos se desdobrar para dar de conta do ensino que deveria ser presencial, mas agora de forma remota. Os professores tiveram que se reinventar, conhecer novas tecnologias e novas formas de ensino para que os alunos não ficassem prejudicados.

Crendo que as necessidades psicológicas essenciais dos alunos foram afetadas, este trabalho teve o objetivo de observar de maneira sensível os cotidianos por parte dos alunos do curso de publicidade e propaganda da UNIESP, através das fotografias e também de relatos feitos com textos, dentro de um cenário de pandemia causado pelo Covid-19, observar se esse momento de isolamento

¹ Especialista em Gestão e Mídias Digitais. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda UNIESP.

² Mestre em ciências da sociedade, Especialista em Neuropsicopedagogia, Saúde Mental e Estratégia Empresarial. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda e Psicologia do UNIESP.

trouxe prejudiciais alterações em seus comportamentos. e com isso coletar informações que possam ajudar na construção de estratégias e didáticas, que possam tentar de forma mais assertiva contribuir com aprendizado dos alunos de forma remota. E ainda tornar notório como a disciplina de fotografia colaborou de forma positiva na vida de alguns alunos nesses dias de isolamento.

Foi aplicada uma atividade fotográfica em que os alunos tiveram que representar seus cotidianos/realidades através de fotografias, explicaram o conceito do ensaio fotográfico e de forma opcional narraram como a fotografia ajudou nesse processo e exílio. Registros que podem ser úteis não apenas para observações relacionadas às diretrizes institucionais acadêmicas, mas também atentarmos para “o outro lado”, o dos alunos. O resultado dos trabalhos foi muito positivo, recebemos relatos de como alunos estão agindo em algumas situações, por exemplo: diante de transtorno de ansiedade, perda de parente nesse momento de isolamento, entre outras riquíssimas descrições nos chamaram a atenção para quer de forma sensível.

2 DESENVOLVIMENTO

Estamos vivendo em momentos de grandes transformações, de muitas informações expostas ao mesmo tempo. A *internet* transformou mundialmente a forma de se comunicar deixando as interações muito dinâmicas e consequentemente forçando as pessoas a exercerem um comportamento muito acelerado, o que não é natural ao ser humano. O cenário imposto pelo Covid-19 (Coronavírus) alterou drasticamente de forma emergencial sem propiciar tempo necessário para que as pessoas, que não estão acostumadas com o esse novo cenário, pudessem se adaptar.

Em meio a tanta informação, correria, adaptação pessoal e acadêmica, urgência de crescimento profissional entre outras ocorrências, fomos forçados a desacelerar e repensar muitos fatores e formas de agir por conta do surgimento e o crescimento devastador do Covid-19 (Coronavírus) instalando uma pandemia mundial. Dessa forma as nossas necessidades psicológicas sofrem alterações e com isso passamos a enfrentar situações as quais não estamos preparados.

2.1 APONTAMENTOS ESSENCIAIS

2.1.1 Necessidades Psicológicas

As necessidades psicológicas humanas configuram-se essenciais ao bem-estar psicológico, na medida em que a sua satisfação se encontre devidamente regulada, assumindo-se assim que a sua inadequada regulação se apresenta promotora de mal-estar emocional psicológico. (DECI, E. L., & RYAN, R., 2015).

As necessidades psicológicas são basicamente três, a saber: Autonomia - Todo ser humano necessita sentir que pode decidir o rumo da sua própria vida. Competência - Se refere à clara percepção de exercer a capacidade para realizar coisas. Relacionamentos - O ser humano não nasceu pra viver isolado, sozinho, ele necessita interagir, conviver outras pessoas.

Satisfazendo estas três áreas você se encontrará apto a uma vida mais satisfatória. Quando você tem essas necessidades psicológicas satisfeitas passa a ter disposição e envolvimento com a vida. Nota-se que quando uma pessoa se encontra em estado depressivo ou com sintomas de ansiedade, ela não tem uma real sensação de envolvimento com a vida. Com depressão o ser humano apresenta pensamentos disfuncionais de que nada bom poderá acontecer. O ser humano ansioso sente medo, apreensão, insegurança, sente que a vida lhe oferecerá coisas ruins.

Autonomia - Diante de uma situação de decisão desejamos ter opções. Ninguém quer trabalhar naquilo que foi imposto, é de extrema importância à identificação da sua real vocação. É algo muito natural do ser humano, todo mundo nasce com a necessidade de autonomia, de decidir o que fazer, quando fazer, como fazer e quando parar de fazer. Quando um ser humano abre mão da autonomia é porque não está bem psicologicamente, algo está disfuncional, não está funcionando de forma saudável, esta pessoa pode estar se sentindo coagida, está em sofrimento psicológico. A dependência não é algo saudável ao ser humano (ASPEI, C., DESSEM, M., & CHAGAS, J., 2015). A pessoa dependente, nunca será realmente feliz. Com a necessidade de autonomia concretizada o ser humano pode se sentir motivado, viver de forma funcional e intensa, sentir curiosidade pelos aspectos da

vida, ter o anseio e objetivo de superar desafios e perceber que desafios são muito interessantes.

Competência - Todo ser humano precisa se sentir competente, pois é a necessidade de competência que o motiva a realizar projetos e a concretizar seus objetivos, metas propostas. Desafios fazem parte da vida, se assim não fosse, seria tudo muito monótono. Quando um desafio surge, juntamente com ele surge o ímpeto de ser capaz de enfrentar os desafios da sua vida, é quando você não se sente competente para vida. Isso é disfuncional, pois a sua necessidade psicológica de competência não está sendo satisfeita. Ter problemas, dificuldades na vida, não é a pior parte, pois problemas todo ser humano enfrenta, o mais disfuncional é quando o ser humano passa a não se sentir mais capaz de superar as dificuldades, problemas que se apresentam.

A referência que as pessoas precisam ter para se perceberem como competentes é a seguinte: Quando o ser humano analisa o resultado do seu esforço ou quando os outros dão o *feedback*, alguém diz que aquele projeto está bem feito, isso traz satisfação. Comparações são fontes de referências. Você tanto pode se comparar com você mesmo, como pode se comparar com os outros. Ao se comparar com você mesmo você percebe que hoje você está melhor, ou pior, do que já foi no passado. Mas ao se comparar com os outros você acaba com grandes chances de se ver como perdedor, ou com culpas por precisar que o outro esteja em pior situação que você para que você se sinta bem. Então para você otimizar sua percepção de competência o ideal é que você mesmo verifique o resultado do seu esforço. Não deixe para que os outros lhe avaliem. É importante que o ser humano se compare sempre com ele mesmo, que analise o seu crescimento, perceba o quanto evoluiu.

Relacionamentos- A última necessidade apresentada é a de relacionamentos. Ninguém nasce para viver sozinho, como já se mencionou anteriormente. Todo ser vivente necessita de amigos, de relações fortes e afetuosas, de relacionamentos amorosos e de entes familiares que o apoia. É necessário e natural que um ser humano tenha o desejo de estar emocionalmente conectado e, quando essa necessidade não é satisfeita se instala o sofrimento psicológico.

Apreciar a vida é importante para o ser humano estar no trabalho e sentir-se realmente conectado com o que está fazendo. Trabalhar com gosto, estudar alguma

coisa e realmente se sentir envolvido por aquele assunto. Estar com pessoas e se sentir bem com elas. Se sentir participante da vida. Para isso é necessário que você esteja em equilíbrio no que se refere tanto a motivação intrínseca como a motivação extrínseca.

Necessidades sociais, diferente das que falamos até agora, pois não nascem com o ser humano, são necessidades adquiridas. São as necessidades de realização, de poder, de dinheiro, de carro novo, entre outras. Isso é aprendido, não nasce com o indivíduo. À medida que o do tempo passa, conforme as experiências pelas quais esse indivíduo vivencia ele vai adquirindo preferências, como ser publicitário ao invés de psicólogo, prefere algo que o desafie mais ou menos, prefere situações onde vai ter muita ou pouca visibilidade. São as suas escolhas que surgem por meio da sua experiência de vida. O que é necessidade? A definição de necessidade é: Qualquer condição que seja essencial à vida de forma que a satisfação dessa necessidade produza bem-estar e, a não realização da necessidade cause danos à pessoa (ASPEI, C., DESSEM, M., & CHAGAS, J., 2015). Toda necessidade psicológica precisa ser satisfeita, pois a não satisfação poderá provocar alterações consideráveis no psicológico. As necessidades sociais mais importantes são as necessidades de realização, afiliação e poder.

Necessidade de realização - Quem tem alta necessidade de realização provavelmente teve pais muito rígidos, exigentes, com horário para tudo. São pessoas que crescem com padrões muito elevados, crescem sentindo que precisam ser perfeitas e passam a ter grande necessidade de realização. Para satisfazer sua necessidade de realização é preciso desenvolver uma consciência realista, desenvolver em um estilo mais funcional e otimista, ter expectativas elevadas e adequadas de sucesso (BIAGGIO, A., 2008).

Não adianta o ser humano querer ter sucesso se o mesmo não considera legais e interessantes às pessoas que conseguiram tal sucesso. Não adianta apenas ser capaz, o indivíduo tem que reconhecer essa capacidade nele próprio, caso contrário ela fica guardadinha sem ser usada. Para o indivíduo se sentir realizado é preciso que ele assuma tarefas moderadamente desafiadoras. Não podem ser fáceis demais, senão acomoda e tira o estímulo, mas também não podem ser difíceis demais, senão causa desistência. Por “tarefa” entenda qualquer conquista que o ser humano queira um trabalho, um relacionamento, um curso, etc. É bem interessante

que haja algum senso de competição, de estímulo desafiador, nem que seja uma competição consigo mesmo.

2.1.2 Isolamento Social

Antes da pandemia do Coronavírus as pessoas já vinham em uma tendência ao fechamento, à individualização até mesmo em família dentro de casa com o uso descerebrado da *internet*, causando o afastamento das pessoas próximas e "aproximando" as que estão longe. Inclusive no trabalho, com o *home office*, *freelancer* e serviços incertos. Até mesmo pessoas que vivem em condomínios fechados com o falso sentimento de liberdade, na prática as pessoas estão aprisionadas do mundo perigoso lá fora.

Com tudo isso hoje, ainda tem que conviver um inimigo invisível, o Covid-19 causador de uma doença ainda sem cura, nos forçando ao isolamento social, pois ainda é a melhor forma de evitar o contágio e proliferação. Uma situação que ninguém esperava, forçando a população repensar muitas atitudes, como comenta o psicanalista Christian Dunker em Machado (2020):

De repente, apareceu um terceiro elemento, um micro-organismo, um vírus que ninguém tinha percebido e que fez todo mundo parar. Esse momento traz uma lição de humildade e solidariedade. Precisamos olhar para o lado. A coisa mais interessante dessa experiência é a ideia de repactuação de tudo. Precisa repactuar o aluguel, a proteção trabalhista, a circulação de dinheiro, o mercado financeiro.

Uma geração que vem crescendo com uma vivência digital muito forte e a facilidade de estar em contato com o outro pelo *Whatsapp*, através das redes sociais. Pessoas que mesmo estando dentro de casa com seus familiares se sentem distantes um dos outros. A professora de Yoga Andrea *Wellbaum* comenta que, "essa quarentena foi um 'tapa na cara' para a gente lembrar que estávamos perdendo a conexão com as pessoas, esquecendo-se de olhar para dentro. A gente está sempre correndo, deixando a vida nos atropelar. Agora vamos ter que viver o ócio".

2.1.3 Construção do Real através da Fotografia

A fotografia é um aparato que sempre esteve em desenvolvimento desde os daguerreótipos, uma forma de registro que foram adotadas por muitos pintores de retratos, dedicaram-se à fotografia, pois eram muito mais rentáveis, práticas que tornaram possível o acesso às pessoas de mais renda na época. Mesmo tentando usar a fotografia como prova irrefutável do real, as contribuições dos fotógrafos eram ignoradas enquanto autores naquela época.

Com a evolução da fotografia, a revolução industrial e a criação da empresa *Kodak* ajudaram de forma que a sociedade tivesse acesso a essa técnica e transformasse em uma forma de extensão das memórias, e também como uma maneira de interpretar seus mundos, levando o homem a acreditar que a utilização desse mecanismo seria a reprodução fiel da visão e a preservação da memória.

O impulsionamento do aparecimento do fotojornalismo se deu depois que os episódios da Grande Primeira Guerra, situação que tornou visível ao mundo através de fotografias realistas. Na mesma época se deu início a Grande Depressão, período que se realizou o maior retrato da pobreza, motivados pela grande crise econômica americana em 1929. Momentos que os acontecimentos foram registrados de formas realistas do ser humano, que ainda hoje é considerado o maior legado documental fotográfico.

Apenas nos anos 50 a fotografia começou a ser considerada como uma liberdade de expressão, considerando os fotógrafos com autores das suas obras, os chamados fotógrafos do real.

Considerando que o ato de fotografar não é a captura da realidade, mas o resultado da intensão do fotógrafo, agregação de técnicas e uso da luz, o ato de fotografar ainda é conceituado como a criação de uma ideia de realidade.

A escolha do objeto a fotografar, o ângulo de tomada de vistas, o enquadramento e a distância da objetiva resultam das escolhas da intervenção do fotógrafo e da sua relação com o modelo. A imagem não é, por isso, reprodução da realidade, mas criação de um ponto de vista ou de uma perspectiva que o fotógrafo adota sobre a realidade. (RODRIGUES, 1999, p. 85).

É neste sentido de construção do real que os alunos de forma denotativa apresentam suas realidades através de fotografias feitas em casa nesse momento

de isolamento, e ainda produzem textos explicando o sentido denotativo de suas fotografias.

2.1.4 Fotografia como Forma De Expressão

O homem sempre buscou se expressar através das imagens, esse comportamento vem desde a pré-história, época que o homem registrava suas ações através de pinturas nas paredes das cavernas. Num momento posterior, o homem já atuando como artista usou suas obras de artes como forma de expressão, em seguida, alguns deles passaram a retratar seus ideais através da fotografia. Com o amadurecimento do fotojornalismo, os profissionais começaram usar a fotografia como alerta para os problemas sociais.

Outro estilo fotográfico que também deve ser levado em consideração é a fotografia surrealista. Os praticantes dessa forma de arte tem uma maneira particular na construção das imagens, com propósito de manifestar o que eles acreditam de forma subjetiva, o que estava em seus sonhos e fazendo disso, sua forma de expressão, como falou Man Ray, que tratava a câmera como “um mero instrumento a serviço da mente”. E ainda em alguns casos, o objetivo do autor das imagens surrealistas, é suscitar interpretações particulares de cada observador.

A fotografia se configurou em vários estilos como: fotojornalismo, moda, surrealista, documental, entre outros, cada um com um objetivo de transmitir ideias, emoções e expressões.

Como mencionamos, vivemos em um mundo acelerado, e com isso somos bombardeados todos os momentos por imagens em todos os lugares, como fala, popularmente, o fotógrafo Sebastião Salgado, “muito do que vemos hoje não são fotografias, e sim apenas imagens”. Imagens feitas apenas com intuito de postar nas redes sociais para mostrar-se com a vaidade e anseio de curtidas. Com o barateamento dos preços das câmeras fotográficas e também com a evolução dos aparelhos celulares, em outras palavras, com facilitação em disparar o botão da câmera, contribuíram com essa produção desacerbada de fotografias que fez com que essa prática desvalorizasse. É verdade que muitos expressam suas emoções postando imagens no digital, mesmo sendo através do amadorismo.

Com o passar dos anos, a fotografia rompeu fronteiras em sua forma de fazer, não tendo mais o objetivo de fazer um registro fiel da realidade, para transforma-se na percepção de realidades através do olhar dos fotógrafos e artistas, sendo em forma de arte, do uso do surrealismo e até com a fotografia expandida, que aquela fotografia que passar por todo tipo de manipulação.

Não nos interessa mais apenas o cumprimento das etapas do processo codificado para o registro fotográfico. Agora, torna-se importante considerar os contextos de produção e as intervenções antes, durante e após a realização de uma imagem de base fotográfica. (FERNANDES, 2006, p. 17).

A fotografia expandida tenta se libertar da ditadura da fotografia tradicional, o que pode deixá-la até mais próxima de uma forma de expressão.

2.2 METODOLOGIA

Aqui mostraremos a caracterização da pesquisa, inteirando como foi elaborado os relatos e construção das fotografias.

A pesquisa foi feita de forma qualitativa e também se adequando ao método de observacional:

Exige que o pesquisador seja curioso, paciente, objetivo e imparcial; capaz de ver com olhos isentos de preconceitos e a cabeça livre das fórmulas tradicionais, de ideias fixas ou baseadas em dogmas ou em autoridades que não demonstraram cabalmente, na prática, a validade de suas teses (REY, 1998, p. 32).

Quanto ao procedimento de construção das fotografias e relatos, foi utilizando a disciplina de Fotografia 1 do curso de publicidade e propaganda. Aplicada uma atividade dentro do tema, “Fotografia documental: entre o espelho e a construção do real”. Foi solicitado que os alunos retratassem suas realidades dentro do isolamento social, fruto da pandemia causada pela proliferação do Coronavírus; relatassem em forma de texto o conceito de suas fotografias e ainda de forma opcional, informassem de que maneira a disciplina de fotografia contribuiu agregando positivamente nesse momento de isolamento, levando em consideração o olhar deles através das lentes e também com relatos dentro desse contexto de exílio.

Muito se tem discutido, que a fotografia pode ter infinitas interpretações por sua subjetividade e ainda considerando os diversos processos e técnicas quando se faz uma fotografia, neste sentido, a ética deve ser considerada. Contudo, afirmam Prosser e Schwartz que “a fotografia tem que ser vista, portanto, como uma citação visual que apoia uma determinada teoria ou elemento de prova”.

2.2.1 Construção do Real dos Alunos

Com a desaceleração das pessoas por conta do Covid-19 (Coronavírus) e nos forçando a ficar em casa, muitas pessoas não estavam mais acostumadas com uma vida calma e em família, e com isso estão tendo a oportunidade de rever muitos conceitos e voltar a valorizar as coisas simples da vida, como nos fala o psicanalista Christian Dunker: “Esse momento traz uma lição de humildade e solidariedade. Precisamos olhar para o lado. A coisa mais interessante dessa experiência é a ideia de repactuação de tudo”.

Por outro lado, o isolamento social nos priva de certos aspectos que são essenciais para nosso desenvolvimento intelectual e ainda prejudica pessoas que tem transtorno de ansiedade, deixando-os com um espírito negativo, decisão medrosa, excessivamente cautelosa, prejudicando os alunos, pois a ansiedade interfere na clareza de raciocínio e na memória.

A ansiedade também sabota todos os tipos de desempenho acadêmico: 126 diferentes estudos com mais de 36 mil pessoas constataram, que, quanto mais as pessoas são propensas às preocupações, mais fraco é o seu desempenho acadêmico, não importa qual seja a espécie de medição – notas em provas, médias de pontos ou testes de rendimentos. (GOLEMAN. 2005, p.119)

Pensando nesse cenário de privação de certas questões que são favoráveis para o desenvolvimento dos alunos, foi desenvolvida uma atividade com base no texto “Fotografia Documental: entre o Espelho e a construção do real” de Fátima Lopes Cardoso, com os alunos da disciplina de Fotografia 1 do Curso de Publicidade e Propaganda do UNIESP, com o intuito de conhecer o “outro lado da moeda”, ou seja, um pouco mais do mundo dos alunos, que também são os interessados pelo ensino nesse momento de afastamento obrigatório e busca do aperfeiçoamento da transmissão de conhecimento nesse em tempos de exílio.

Usando *smartphones* em sua maioria, e uma pequena parte, câmeras fotográficas, os alunos observaram momentos de suas rotinas que pudessem considerar especiais ou marcantes e registraram a através da fotografia. As fotografias foram feitas em ambientes diversos, cada um de acordo com seu ponto de vista e também de sua realidade e intenção de expressão pretendida. Em seguida, contextualizaram as fotografias expondo o motivo da organização dos elementos dispostos e técnicas utilizadas nas imagens, pois a fotografia pode ser usada para um entendimento cultural e como expressão, “metáforas visuais que unem esse espaço entre o visível e o invisível, que comunica não através do paradigma realista, mas sim através de uma expressividade” (Edwards, 2008 p 58).

Também foi proposto de forma opcional, que os alunos falassem se a disciplina de Fotografia 1 trouxe alguma colaboração positiva para esse momento de isolamento, e como foi essa colaboração. O resultado dos trabalhos foi muito positivo, recebemos relatos de: transtorno de ansiedade, morte de parentes por doenças ocasionadas pelo Coronavírus, observar coisas simples em família que não observavam antes das aulas, usar a fotografia como fuga, entre outros relatos interessantes. Diversos relatos importantes, cada uma dentro das suas realidades. Pensando em inovações e desafios em tempos de educação remota, o presente trabalho através dos dados relatos dos alunos, propõe gerar discursões para que os professores da Instituição UNIESP possam elaborar estratégias e didáticas mais assertivas em relação ao ensino remoto.



Figura 1 - PEQUENOS MUNDOS PARA FUGIR.
Fonte: Ana Paula Ferreira Oliveira (2020).

De acordo com a Figura 1, a autora relatou: “O ensaio tem três fotos e representa a realidade da minha vivência na quarentena. Cada foto retrata uma atividade que eu gosto de realizar para tentar me distrair nos tempos de isolamento. Eu tenho transtornos de ansiedade e, por isso, lidar com esse tempo de incertezas

está sendo muito difícil para mim e toda vez que preciso lidar com as notícias e a realidade do mundo “lá fora”, tudo me parece extremamente sombrio. Por isso, gosto de dedicar o meu tempo livre às minhas atividades favoritas, nas quais posso me imergir completamente para “fugir” do mundo. A primeira foto terá como tema o desenho e a caligrafia, a segunda foto terá como tema a costura, bordado e crochê, e a terceira foto terá como tema o *bingewatching* (atividade de se assistir séries ou filmes seguidos sem interrupções). As atividades propostas como as aulas da disciplina de Fotografia foram muito interessantes especialmente nesse período da pandemia e quarentena, pois nos deu a oportunidade de olhar essa situação por outros olhos, buscando, através das atividades, uma perspectiva diferente das nossas casas e desse espaço limitado, procurando, através da fotografia, retratar diferentes visões desse momento. Foi interessante também ver o trabalho dos colegas e ver diferentes perspectivas, situações e olhares”.



Figura 2 - EMERSÃO.
 Fonte: Jéssica Gomes de Andrade (2020)

De acordo com a Figura 2, a autora relata: “O ensaio fotográfico propõe o registro artístico e documental da realidade de uma jovem adulta no período de isolamento social, a partir do qual podem ser extraídos vários sentidos secundários. Traz-se uma abordagem intimista de sua rotina, evidenciando o contínuo processo

de autodescoberta e autocuidado. Parte-se da ideia de emergir, desde camadas mais profundas, até chegar à superfície e alcançar o mundo exterior, através da exploração da sua relação pessoal com mente, corpo e natureza, diante das atuais limitações. Nota-se que o estudo e a prática da Fotografia não apenas agregam à nossa bagagem cultural e intelectual como também auxiliam na preservação da memória, mesmo em um período tão sombrio, visto que há uma tendência de registrarmos apenas os bons momentos, ignorando os mais turbulentos, que, na maioria das vezes, trazem-nos um maior aprendizado”.

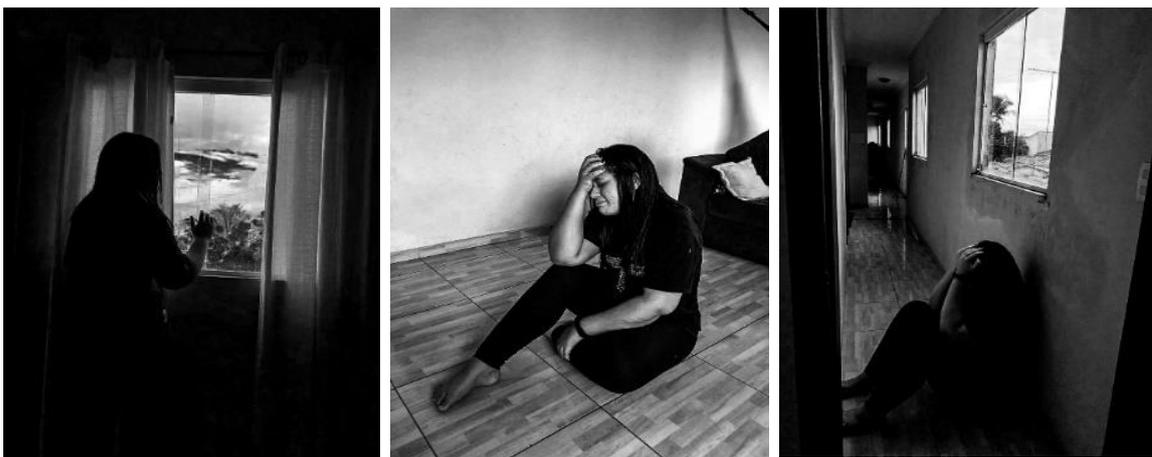


Figura 3 - DEPRESSÃO.

Fonte: Esther Rodrigues Dos Santos Higino De Lima (2020).

De acordo com a Figura 3, a autora relata: “Como a proposta do professor foi de retratar o real, eu escolhi como tema do meu trabalho, a depressão. Escolhi esse tema porque nesse período de quarentena em que estamos vivendo, esse isolamento social mexe muito com nossas emoções e nós acabamos muitas vezes perdendo o domínio da nossa mente, e nos deixamos render a solidão e a essa louca confusão de pensamentos que nos cerca nesse período tão difícil. Além disso, eu já passei por uma fase muito complicada da minha vida, a qual eu tive que ser muito forte para encarar a depressão, e como se não bastasse ter passado essa situação, também perdi minha avó para essa doença terrível”. Eu cursava Ciências Contábeis antes de decidir fazer Publicidade. Então os meus materiais se resumiam a caderno e calculadora. Devido a isso, meu contato com a fotografia, eram as fotos que eu tirava para postar nas minhas redes sociais, que eram mais espontâneas, sem olhar crítico ou muita atenção a detalhes técnicos. E quando comecei a pagar essa cadeira, fiquei desesperada de início, porque me senti uma completa leiga.

Porém, o professor Saulo se demonstrou um excelente profissional, extremamente dedicado e compreensivo, sempre tentando extrair nosso melhor. E graças a minha dedicação como aluna, a competência do professor e o apoio dos meus colegas de turma, eu aprendi a enxergar o mundo através de uma lente e registrar o meu modo de ver as situações, e a partir disso, minhas fotos deixaram de ser aleatórias e começaram a ter um foco e um conceito. “Acredito que cresci muito, não só como aluna, mas como pessoa e com certeza, esse crescimento resultará na qualidade da profissional que eu me tornarei”.



Figura 4 - O QUE NOS SEPARA.
 Fonte: Yuri Gabriel Silva dos Santos (2020).

De acordo com a Figura 4 o autor relata: “A inspiração das fotografias entre o vidro molhado terá a finalidade de retratar a vida de casais que estão separados e distantes devido as consequências da pandemia. Não está sendo fácil tanto para aqueles que estão morando juntos ou para aqueles que estão em casas diferentes sem poder se ver. Através do vidro, a água representará as lágrimas, que por estresse ou saudade, às vezes caem durante o dia, uma forma tocante e sensível de mostrar que as coisas não estão bem. O título do ensaio refere-se as telas de *notebook* e celulares que separam esses amores e ajudam a confortar a solidão. Representar o máximo da realidade é um desafio nesses momentos, mas o ensaio “O que nos separa” não apenas transmitirá sentimentos. O fardo da empatia, da identificação do espectador com as fotografias dará força e valor as cores, aos

ângulos, as luzes e a composição, contribuindo para que a mensagem toque o espectador”.

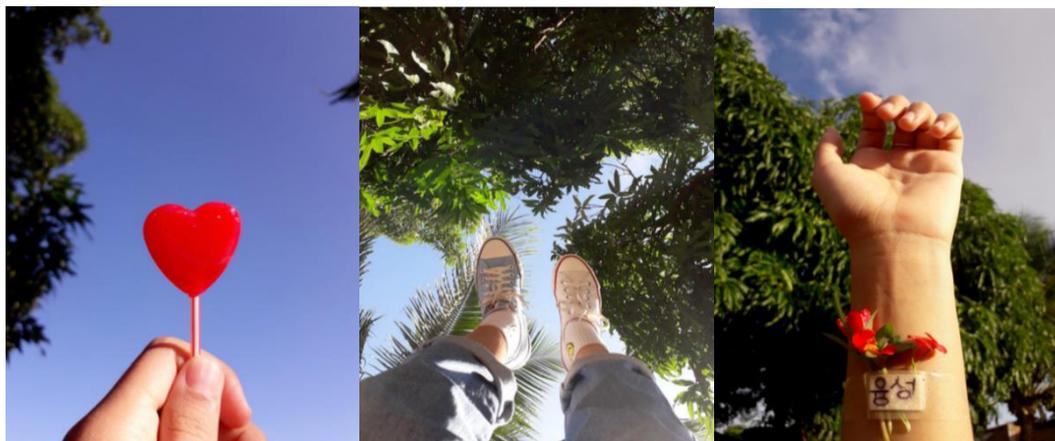


Figura 5 - ESPALHE AMOR/ DE PERNAS PRO AR/ FLORESCER.
 Fonte: Kevillin Rafisa Costa Fonseca (2020).

De acordo com a Figura 5 a autora relata: “Fotografias tiradas no quintal de casa mais criativas, e ao mesmo tempo em que traz uma simplicidade usando objetos fáceis de serem encontrados, utilizando da natureza como céu, flores, utilizando uma paleta de cores em tons de azul, verde, branco e vermelho, com cortes vertical, luz natural, buscando sempre evidenciar apenas um objeto na fotografia, assim ao você observar, o seu olhar será levado diretamente para ele. Na primeira foto intitulada de espalhar amor, é o amor familiar, mas, também em relação ao meu cachorro, o local em que todas as fotos foram tiradas foi no meu quintal local onde costumávamos brincar e ficar muito juntos. Mesmo nesse momento pelo qual estamos passando ainda tem espaço para maldade, mataram o meu cachorro e foi exatamente no dia da segunda foto intitulada de pernas pro ar, e essa foto me retrata bem, porque foi assim que me sentir, fora do eixo, por fazerem tanta maldade a alguém não indefeso, mesmo depois da dor e do ódio, a terceira foto representa isso, intitulada de florescer, que mesmo depois do ocorrido prefiro me apegar aos momento de alegria que passei com ele, e que agora está eternizado em mim e nas minhas lembranças.



Figura 6 - AUTORRETRATO.

Fonte: Marce Geise Vitória Miranda (2020).

De acordo com a Figura 6 a autora relata: “A mensagem que quero passar através delas é: Você tem suas fases e cada uma delas merece um registro para serem guardadas não apenas no baú, mas no coração. Acredito que todos passam por momentos de alegrias, como também por momentos difíceis, que marcam e deixam cicatrizes. Mas apesar de eles marcarem tanto, eu desejo que cada um tenha seu momento de deixá-los para trás, apagá-los, queimá-los para não atrapalhar o futuro. Meu desejo também é que as pessoas venham a colecionar suas fases através da fotografia, se orgulhar para que ao final venha entender o propósito de Deus em cada uma delas e que isso tudo se reflète ao contexto da história que Ele escreveu para elas. As vezes se torna tão fácil falar dos outros e ouvir os outros falarem de nós, mas quando chega a hora de falar de nós mesmos, porque tão difícil? - Questionamento do conceito da fotografia. Por fim, quero passar que o autorretrato ajuda na construção e autoconhecimento das pessoas, pois a vida

é um quebra-cabeça, e entender o processo requer juntar as peças, ou melhor, as fotografias da sua história”.

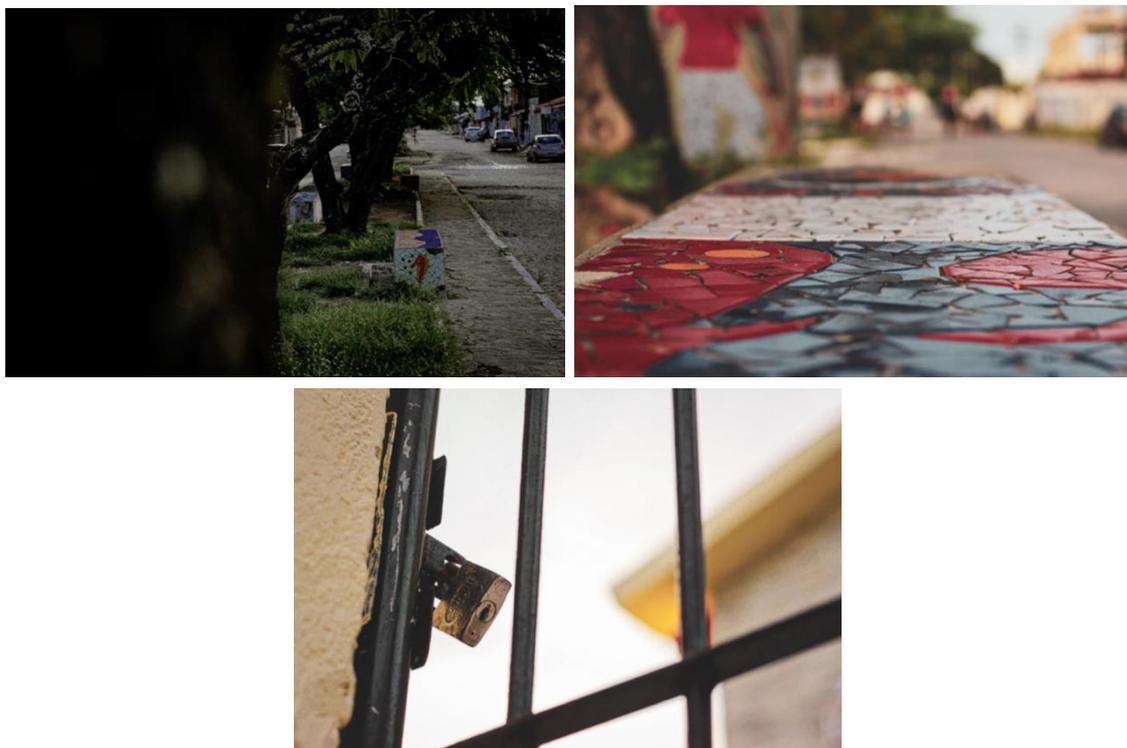


Figura 7 - O BARULHO ENSURDECEDOR DO SILÊNCIO.
 Fonte: Fábio Vitor Monteiro Mendes (2020).

De acordo com a Figura 7 o autor relata: “Vazio, desabitado, com um silêncio que chega a ser ensurdecidor. É assim que estão as ruas e praças da cidade de Cabedelo, na região metropolitana de João Pessoa. O vazio que vem sendo causado pela quarentena e seu distanciamento social, transforma cenários onde normalmente estão cheios, em cenários aterrorizantes, macabros e solitários. Não só as praças desabitadas, mas também patrimônios fechados, igrejas trancadas, teatros, cinemas, restaurantes...tudo está silencioso. E nós? O que tiramos disso tudo? Só agora podemos perceber a importância do contato físico, do conviver com outras pessoas, do simples ato de conversar ao fim de tarde na praça da cidade. Produzindo essas fotos, senti o peso que a quarentena está trazendo às ruas. Volto a afirmar, o vazio traz um silêncio ensurdecidor, onde o que mais queríamos era ter o maior barulho que a alegria e a tranquilidade podem oferecer. Ter uma matéria que nos ajuda olhar o mundo com outros olhos é muito gratificante. Embora todo

nosso psicológico esteja sendo abalado com essa situação, poder transmitir o que está acontecendo no mundo se torna reconfortante. A Fotografia, falando particularmente, move minha vida, e eu sou muito agradecido por todo conhecimento recebido durante o semestre”.



Figura 8 - NEM TUDO É O QUE EXATAMENTE VEMOS.
 Fonte: Renato de Oliveira Cordeiro de Melo (2020).

De acordo com a Figura 8 o autor relata: “Foram confirmados pelo mundo até o dia 25/05/2020, 5.453.784 milhões de casos de COVID-19 e dessas, 345.886 mil mortes. Com isso, não apenas as pessoas estão aprisionadas em suas residências, como também, de acordo com o estudo da UERJ, essa pandemia fez dobrar os casos de ansiedade e estresse no Brasil e também que principalmente as mulheres, são mais propensas a sofrer com a doença durante a crise, e os de depressão tiveram aumento de 90%. Com isso, nesse trabalho individual, apresento o mundo como está hoje, onde temos uma mulher que está de certa forma presa em casa com o isolamento social forçado e que não é só isso que existe nos dias de hoje, além do COVID-19 está causando esse pânico em todo o mundo, as pessoas e principalmente as mulheres estão ficando tanto aprisionadas em casa, como também mentalmente, ocasionando ansiedade, estresse e depressão, por isso a caixa com o desenho de um rosto triste, quero passar que além dela estar presa fisicamente, também está mentalmente. A disciplina de fotografia me ajudou bastante, além de aprender sobre fotografia, me fez enxergar com outros olhos os acontecimentos e como as pessoas estão sendo afetadas nesse período de COVID-

19, como o que eu estou apresentando nesse trabalho sobre ansiedade, estresse e depressão”.



Figura 9 - LINHA DO TEMPO.
 Fonte: Kayllane Mendes de Azevedo (2020).

De acordo com a Figura 9 a autora relata: “A fotografia não é apenas a projeção de uma realidade, ela revela uma interpretação e revelação de uma essência passada por quem está fotografando. Com a junção de ângulo, luz, corte e distância, a mesma busca passar uma mensagem mais completa, tornando-a mais verdadeira que o natural e possibilitando o resgate do passado através da memória. Essa disciplina ensinou a ter uma nova perspectiva do que está ao nosso redor e a valorização do momento e do agora. O ensaio apresentado, por sua vez, busca mostrar a beleza e a essência da felicidade através do sorriso e do olhar em diferentes idades. A fim de representar a esperança e a fé por dias melhores em tempos de crise, e por fim, identificar que mesmo em situações tão distintas a alegria tem o poder de unir os corações em busca de encontrar razão para sorrir nas coisas mais simples. Nesse contexto, as cores não são de suma importância, pois a textura, expressão e a emoção que se deseja passar pôde ter sido capturada com êxito, além de que, a presença do preto de branco passa a dramatização desejada”.



Figura 10 - TEMPO DE SOLIDÃO.
Fonte: Flavio Rogério Carneiro Silva (2020)

De acordo com a Figura 10 o autor relata: “Escolhi tirar umas fotografias para poder mostrar o hoje, o que realmente estamos passando devido a pandemia. Nós tivemos que tomar várias medidas que não estávamos acostumados a viver, ocupados com a correria do dia a dia, trabalho, faculdade entre outros compromissos. E, hoje, quero passar nessas fotos o sentimento de solidão, mostrar que mudou completamente nossa forma de viver a cada dia, mas sem deixar a esperança que isso um dia irá acabar. Na verdade, senti um pouco de desconforto em relação ao curso em tempo de pandemia, podendo assim vir a me prejudicar por falta das aulas presenciais. Busquei ao máximo absorver todos os assuntos da fotografia, porém senti uma certa dificuldade, não consegui aprender tudo que eu realmente queria. Na minha opinião o curso deixou um pouco a desejar por conta do EAD, mas sem querer prejudicar poderia melhorar de alguma forma, pois acredito que o curso de fotografia é algo que precisamos, além da teoria, estudar a prática”.



Figura 11 - PINTANDO A SOLIDÃO.
 Fonte: Luana Vitória da Silva Alves (2020).

De acordo com a Figura 11 a autora relata: “Esse ensaio se trata da representação de uma tentativa de encontrar criatividade/inspiração para criar arte a partir do vazio da solidão (oriundo da falta de interação com o mundo lá fora por causa do isolamento social)”.

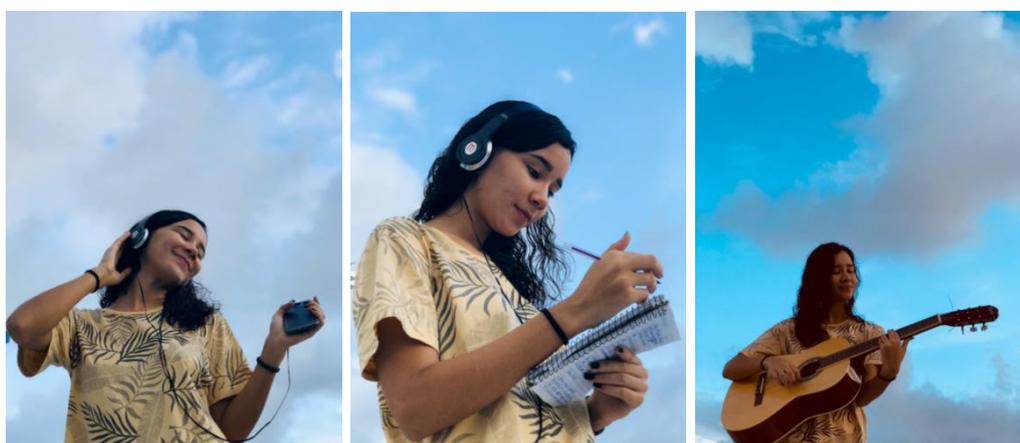


Figura 12 - PORQUE A MÚSICA É O SENTIMENTO DE LIBERDADE?
 Fonte: Gabriel Ribeiro Martins (2020).

De acordo com a figura 12 o autor relata “Junto de uma melodia, se traz a harmonia e juntando as duas: a música se forma. A música é um marcador de textos, textos esses presentes individualmente na história de cada um e ela se torna um refúgio, se torna o lugar onde os sentimentos podem ser expressos da maneira que cada ser humano pode se sentir melhor e isso é liberdade. A liberdade está ligada muito com a sensação de você poder ser o que quiser, poder se expressar da maneira que achar melhor e é aquilo que te dá energia, mesmo independentemente da situação, para viver. É através das suas vibrações, letra, instrumentos, melodia e outras características presente na música que faz com que as pessoas se sintam cada vez mais presente com ela. As fotos que irão ser mostradas nesse trabalho, são a representação de como a música me afeta e de como ela é tão representada na minha vida, todas as imagens postas possuem um mesmo conceito, mas com mensagens diferentes. “



Figura 13 - ROTINEIRA.
 Fonte: Carolina M. V de Almeida (2020).

De acordo com a Figura 13 a autora relata: “Mostrar o que uma Idosa está fazendo em isolamento social, o que está fazendo para passar o tempo, como está lidando com a situação. Creio que todos estavam com muitas expectativas para o ano de 2020 e principalmente por estar ingressando uma Universidade, um novo mundo, uma nova maneira de pensar, a Aula de Fotografia me trouxe a memória muitas coisas aprendidas no meu curso que fiz no Rio de Janeiro, então pude relembrar muitas coisas de técnicas e tudo mais, mas por conta da pandemia e o

isolamento social todos nós tivemos que nos adaptar à nova realidade, pude ver o seu empenho e força de vontade em poder no ensinar de uma maneira simples mas que pudéssemos compreender a Fotografia, mas a falta de aulas práticas, vivencia em estúdio dificultou um pouco para podermos colocar as nossas ideias, tirar as dúvidas em detalhes que realmente seria pessoalmente e vivendo, mas creio que assim que as coisas melhorarem com as reposições das aulas práticas de várias matéria vamos poder ter o aproveitamento de 100% da matéria. Muito grata pelo seu ensino e dedicação conosco, você é um profissional incrível e te admiro”.

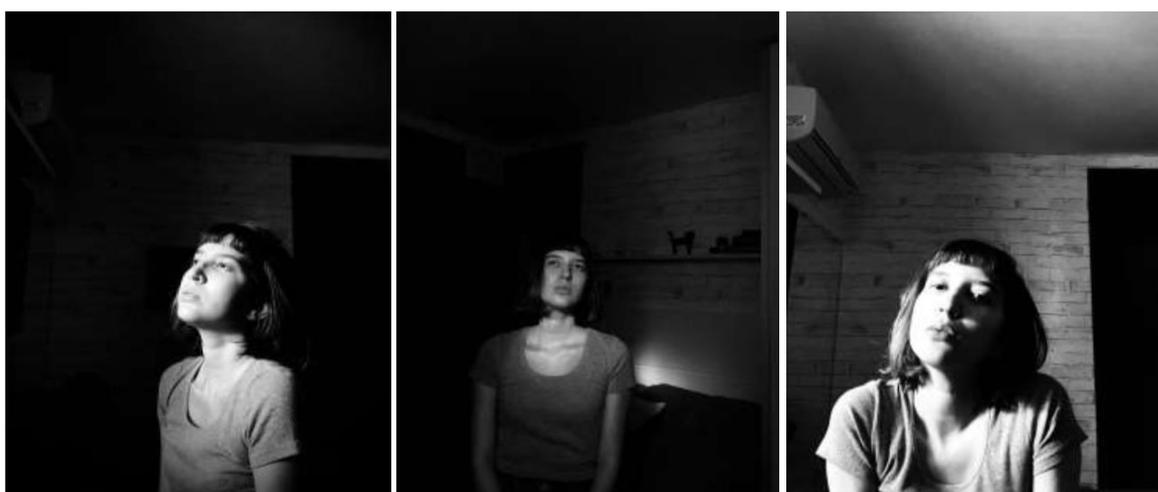


Figura 14 - COMO VIVER A SOLITUDE SEM SENTIR A SOLIDÃO?
 Fonte: Victória de Jesus Grangeiro Fernandes (2020).

De acordo com a Figura 14 a autora relata: “Viver *solitude* é totalmente diferente de viver solidão. Solidão: estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento. Vazio, falta de algo. *Solitude*: o pleno contato consigo mesmo. Não há a necessidade de estar sempre em companhia de outras pessoas e não é solidão viver assim. Viver a *solitude* é apreciar mais momentos a sós com você mesmo, é poder viver sem sentir medo de estar só, conhecer quem você realmente é. A *solitude* não é sinônimo de tristeza ou solidão. Encontrar com o seu eu e cuidar de si é viver *solitude*. É estar em par consigo mesmo, são nesses momentos que desenvolvemos o autoconhecimento, é sentir prazer em estar com a sua própria companhia, é o momento de refletir pelas suas atitudes e reorganizar a mente. A disciplina trouxe uma outra visão do que é fotografia, principalmente no momento atual que estamos vivenciando. Os ensinamentos de fotografia do professor Saulo de Tarso vieram juntamente em como ter um olhar crítico ao ver

fotos e até mesmo no momento de fotografar. Aprendi com a disciplina que independente do lugar ou do material usado, uma foto pode se sair melhor do que o esperado. Sou grata pelas aulas de fotografia, desenvolvendo ainda mais o meu amor pela fotografia. Durante toda a pandemia tenho aprimorado a cada dia as minhas fotos e os detalhes técnicos”.



Figura 15 - REFLEXOS DO REAL.
 Fonte: José Rodrigues de Oliveira Junior (2020)

De acordo com a Figura 15 o autor relata: “Em minhas pesquisas em busca de um tema realista, encontrei algo que me motivou. Li um trecho do Mito da Caverna, de Platão. Ele diz que todo o mundo visível é reflexo. A partir disso, comecei a pensar e cheguei à conclusão, de que poderia retratar o reflexo da minha realidade através de duas fotos, dois momentos distintos e rotineiros que observo no meu dia a dia. A primeira imagem, retrata o reflexo visto de uma janela, sempre é possível ficar feliz, pois a partir dela é possível ver a beleza da paisagem e da natureza. A segunda foto retrata algo mais sério, o semblante preocupado e atento do modelo revela apreensão pelo futuro do país que está em meio a uma crise de saúde e política”.



Figura 16 - MOMENTOS ETERNOS.
 Fonte: Márcio Régio Medeiros de Sousa Júnior (2020).

De acordo com a Figura 16 o autor relata: “Fotografando por fora o que não conseguimos enxergar, um momento de demonstração de amor e carinho. Mostrando momentos passados, que não se vê mais hoje, com crianças seguindo os movimentos dos pais, e impulsionando o público a lembrar que momentos como estes estão em extinção em meio a tanta tecnologia. O nome escolhido, foi “Momentos Eternos”, por que eles sempre vivem em nossas lembranças, mesmo que hoje seja algo raro de se ver. Lembramos com fervor, cada momento que tivemos com nossos pais. E eles se eternizam em nossas mentes, com saudade e amor”.



Figura 17 - A REALIDADE SUBVERSÍVEL.
 Fonte: Wanessa Maria Carvalho Leitão (2020).

De acordo com a Figura 17 a autora relata: “O que pode aparentar ser a normalização do real individualmente? Bom, aqui o real será infinito, diversas possibilidades, afinal, as pessoas passam a ser auto identificadoras uma das outras quando se tem uma determinada convivência, mas e com o coronavírus no mundo inteiro? As relações infelizmente não são mais as mesmas e a forma de como é tratada é até indignante pois não é o que se dá mais importância. Neste ensaio ver-se-ão as possibilidades que temos em casa para nos libertamos do sofrimento e do medo de tudo que está acontecendo de formas diferentes, mas com o significado em comum, que é a esperança, o amor, a amizade e o convívio necessário. O sentido do tocar violão tornou-se além de um passatempo uma forma de demonstrar saudades, porém com estruturas inabaláveis o que sempre resta são as orações, mas o que os games tem a ver com isso? Não seria uma besteira citá-los aqui? Aí que está! Quanto mais vezes as pessoas ignorarem o mundo que vivemos, nossa

realidade e como os meios de comunicação nos fizeram ser felizes simplesmente por estarmos nos divertindo com pessoas que gostamos nossa evolução não irá ser primordial.

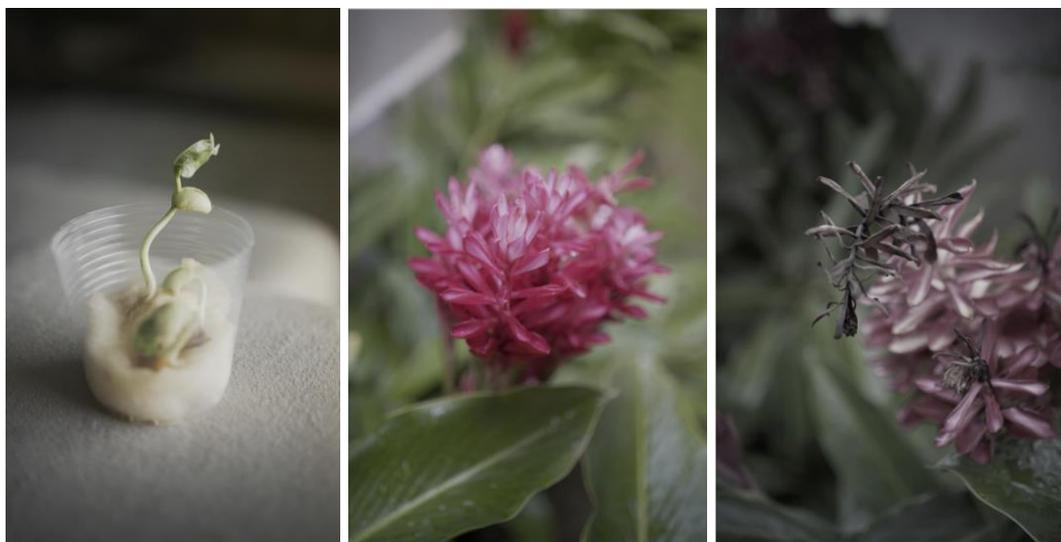


Figura 18 - GAUDIUM VITAE.
 Fonte: Vitor Andrade de Sousa (2020).

De acordo com a Figura 18 o autor relata: “A minha ideia foi, com as três fotos, mostrar os três fundamentais estágios da vida das plantas. Escolhi as plantas (com “plantas” me refiro também à flor) por elas existirem aos montes no condomínio que vivo, e ser, com grande facilidade, possível se deparar com alguma bonita em qualquer andada, mesmo das mais despretensiosas. Achei que faria sentido atribuir uma pequena narrativa a fotos com plantas, por isso uma sequência de três que representasse, respectivamente, “infância”, “juventude” e “velhice” das plantas. Por fim, escolhi o nome “*Gaudium Vitae*”, que significa “A Alegria da Vida”, por achar cada fase mui bela, e não pretender, por exemplo, representar a velhice com demasiada desesperança”.



Figura 19 - FAMÍLIA.

Fonte: Danyella Vasconcelos Silva (2020).

De acordo com a Figura 19 a autora relata: “No atual cenário em que nos encontramos, um dos personagens principais é a família. Decidi registrar o cotidiano, os olhares, afagos e coisas que no dia a dia passam despercebidos por nós. No intuito de ressaltar as linhas e transmitir mais fortemente as emoções passadas nas fotos. Fotografar é um ato de amor, é eternizar através das lentes, aquilo que o coração sentiu. A disciplina de fotografia me ajuda a ver o mundo através do meu melhor ângulo, muito mais do que fotos, me faz sentir o momento com mais intensidade, me faz ver esperança no olhar no outro, me faz acreditar”!



Figura 20 - BONHEUR.

Fonte: Joyce de Andrade Pires (2020).

De acordo com a Figura 20 a autora relata: “A fotografia permite transmitir sensações através do visual para o mundo real, as fotos tiradas via celular, são de gatos, onde eles transmitem sensação de aconchego, alegria e diminui a ansiedade. Duas imagens coloridas, sem edição, corte vertical, ângulo lateral e uma foto com corte horizontal preto e branco com ângulo lateral. Ambas não tiveram edições. Diante dessa pandemia, a fotografia contribui para um lado positivo, apesar do tempo curto, correria do dia a dia, tem dado para exercitar um pouco do que foi postado pela disciplina, com o novo método de ensino dificultou na teoria, mas exercitando na pratica tem diminuído um pouco da carga desse caos todo. Como foi citado, resolvi usar as imagens de gatos, por que tem sido companhia no momento que estou em casa, diante de um dia agitado, onde através deles, consigo expressar algo positivo na fotografia”.



Figura 21 - SOLIDÃO DURANTE A QUARENTENA.
 Fonte: Bety Paiva de Sousa Muribeca (2020).

De acordo com a Figura 21 a autora relata: “Durante o isolamento social, não é de surpresa saber que várias pessoas possam ter momentos solitários, ansiando o dia em que vai poder voltar a ver as pessoas que gosta presencialmente ou senti-las por meio de um abraço quente ou algo do tipo. Mas enquanto não podemos ter esse contato físico, temos que nos contentar com os meios tecnológicos que temos, como

as chamadas de voz e vídeo, mas nem sempre a pessoa está disponível do outro lado, então continuamos a ter que apenas nos sentir sozinhos e a ter saudades”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As necessidades básicas do ser humano podem ser consideradas todas aquelas a que o indivíduo deve ter acesso para uma sobrevivência com decência, suprimindo as suas necessidades fisiológicas e psicológicas e são consideradas objetivas e universais. Passam pelo acesso a moradia, alimentação, vestuário, saúde e segurança.

Nas fotos expostas nesse artigo identificou-se a necessidade pessoal e sua relação direta com o ciclo motivacional provocado pelo Covid-19. A preocupação básica desse estudo é refletir sobre a relação da necessidade de cada indivíduo e sua relação com o ciclo motivacional vivenciado particularmente e reportado através dos relatos fotográficos, visto que a motivação é a força motriz para a evolução e superação pessoal.

Quando se deu início ao trabalho, tornou-se a necessidade de fazer uma pesquisa com parte dos alunos do curso de Publicidade e Propaganda da instituição UNIESP, pois se acreditava que nesse novo cenário de isolamento que estamos vivendo decorrente à pandemia do Covid-19 (Coronavírus), trouxe algumas alterações prejudiciais para esses alunos, prejudicando seus desenvolvimentos acadêmicos.

Quando as necessidades humanas não são atendidas sobrevêm comportamentos e sentimentos adversos de desinteresse, baixa autoestima, frustração, agressividade, nervosismo, insônia, passividade, pessimismo, resistência a novidades, insegurança entre tantos outros. Tais comportamentos e sentimentos negativos podem ser recompensados por outras formas de realizações e que nem sempre tais recompensas são benéficas. O isolamento social pode resultar em diversas perturbações de ordem psíquica, aumentando a dificuldade para manter um ritmo de estudo adequado ou mesmo sair para fazer compras: Individualismo, fobia social, depressão, ansiedade, solidão, estresse etc.

Diante disso, a pesquisa objetiva observar de maneira afetiva dos cotidianos de parte dos alunos, contemplando as possíveis alterações em seus

comportamentos. Constatou-se que o trabalho conseguiu verificar através dos relatos dos alunos que realmente teve alterações trazendo prejuízos nas evoluções dos discentes.

Pensando em inovações e desafios em tempos de educação remota, o objetivo específico inicial era saber como alunos estavam em casa nesse momento de isolamento, e através de dados deixados pelos alunos, os professores terem oportunidades de propor discussões para que os mesmos possam elaborar estratégias e didáticas mais assertivas em relação ao ensino remoto.

Foi proposta um trabalho de fotografia focando na realidade vivida dos alunos, momento que tiveram a oportunidade de retratar seus cotidianos e ainda contextualizá-los. Apesar das limitações, pois, o trabalho ter sido elaborado de forma remota, a pesquisa foi muito satisfatória, pois os alunos realmente relataram seus pensamentos e realidades.

Recomendamos que os docentes realizem outras pesquisas mais aprofundadas relacionadas ao curso de Publicidade e Propaganda para que possam entender um pouco mais o mundo dos alunos, pois, o ato de conhecer o público-alvo é um dos fundamentos essenciais da publicidade e assim juntos possamos unir forças para melhorar o ensino remoto.

REFERÊNCIAS

- ASPEI, C., DESSEM, M., & CHAGAS, J. (2015). **A ciência do Desenvolvimento Humano: uma perspectiva interdisciplinar**. Em M. Dessen & A. Costa Jr. (Orgs). In: *A ciência do desenvolvimento humano – tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 19-36). Porto Alegre: Artmed.
- BIAGGIO, A. (2008). **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes.
- CARDOSO, FÁTIMA. **Fotografia documental: entre o espelho e a construção do real**. Bocc.ubi.pt. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cardoso-fatima-2019-fotografia-documental.pdf> >. Acesso em: maio 2020.
- DECI, E. L., & RYAN, R. (2015). **The “what” and the “why” of the goal pursuits: Human need and the self-determination of behavior**. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227- 268. doi: 10.1207/S15327965PLI1104_0
- GODELEMAN, DANIEL. **Inteligência emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 1 ed. Rio de Janeiro: Prisa Edições, 2005.

LIMA, JULIANA. **Como Man Ray revolucionou a arte fotográfica do século 20.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/08/26/Como-Man-Ray-revolucionou-a-arte-fotogr%C3%A1fica-do-s%C3%A9culo-20>>. Acesso em: maio 2020.

MACHADO, LEANDRO. **Coronavírus: alguns sentem tanto medo que precisam negar o que está acontecendo, diz psicanalista.** BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52160230>>. Acesso em: 21 maio 2020.

MEIRINHO, DANIEL. **Olhares em foco: fotografia participativa e empoderamento juvenil.** Labcom communication & Artes. Disponível em: <<https://labcom-ifpb.ubi.pt/livro/271>>. Acesso em: 20 maio 2020.

MODELLI, LAÍS. **Isolamento social pode trazer medo e frustrações, mas é possível criar ferramentas para superação.** G1/Bem Estar. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/25/isolamento-social-pode-trazer-medo-e-frustracoes-mas-e-possivel-criar-ferramentas-para-superacao.ghtml>>. Acesso em: 21 maio 2020.

NORBACHS, JULIANA, GHOMES ZANETTI, ROGÉRIO. **Arte e fotografia: um estudo sobre fotografia expandida e o caráter inovador da fotografia comercial contemporânea.** Fasul.edu.br. Disponível em: <<https://www.fasul.edu.br/publicacoesonline/app/webroot/files/trabalhos/20161129-222414.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2020.

DESIGN INSTRUCIONAL, CONFINAMENTO E EMPATIA: O DESAFIO DE REPLANEJAR TODO UM SEMESTRE EM CONTEXTO DE AUTOCONFINAMENTO

MELO, Vinicius Batista¹

1 INTRODUÇÃO

Este escrito é um relato de experiência acadêmica, pedagógica e social ocorrido com o autor durante os meses de confinamento voluntário que aconteceram no ano de 2020.

Um vírus mortal conhecido como corona vírus se espalhou por todo o globo terrestre, no ano de 2020. Em 17 de março, aproximadamente uma semana antes da primeira semana de provas do primeiro semestre, o Governo do estado da Paraíba ordena o fechamento das atividades presenciais nas instituições de ensino e recomenda o autoconfinamento social voluntário dos cidadãos. O objetivo de tais medidas é diminuir a velocidade do contágio da doença, desafogando os sistemas de saúde, numa tentativa de diminuir a quantidade de mortes por insuficiência de estrutura hospitalar.

Estas situações persistiram além do final do semestre. Não apenas na Paraíba, mas em todo o Brasil. Professores em diversos níveis tiveram que readequar todo o planejamento das disciplinas para, de forma remota, tentar diminuir os prejuízos acadêmicos sociais e financeiros causados pelo contexto. Docentes, discente e instituições tiveram que se adaptar aos recursos disponíveis no momento para enfrentar a situação imposta.

O autor deste relato experienciou a atividade de docência do ensino superior durante este período. São apresentadas propostas metodológicas educacionais de adaptação, o decorrer de suas aplicações e os resultados obtidos sob uma visão científica, acadêmica e de troca social.

O objetivo deste estudo é mostrar como as técnicas de *design* instrucional aplicadas durante este período de confinamento auxiliaram no processo de adaptação às condições impostas pela situação em análise comparativa ao período anterior.

¹ Graduação em Publicidade e Propaganda (UNIESP), Especialização em Criação Publicitária (UNIESP) e em Práticas Educacionais (CINTEP), Professor no curso de Publicidade e Propaganda.

Mesmo com todas as adversidades, a troca social, a empatia e a tecnologia, somadas ao esforço social conjunto se mostraram capazes de apresentar saídas para a diminuição dos problemas numa atmosfera de cooperação e otimismo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O CONTEXTO E OS PARADIGMAS DA DOCÊNCIA DURANTE A PANDEMIA

No dia 25 de fevereiro de 2020, um homem de 61 anos que viajou a Itália, onde a contaminação vinda da China já tinha chegado e se alastrava em velocidade alarmante, deu entrada no hospital *Albert Einstein* com suspeita de ter contraído corona vírus. No dia posterior veio à confirmação positiva para o vírus e já havia 132 casos em monitoramento pelo ministério da saúde em território Brasileiro. No dia 29 de fevereiro vem à confirmação do segundo caso, um homem de 32 anos também vindo da Itália, de acordo com o *site* SANARMED (2020).

Ainda de acordo com a mesma fonte a situação continua progredindo até que no dia 13 de março, o ministério da saúde regulamenta os critérios para o autoconfinamento no Brasil depois de confirmar 60 casos da doença.

De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, o Coronavirus e a COVID-19 são:

A **COVID-19** é uma doença causada pelo Coronavirus **SARS-CoV-2**, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Corona vírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do Coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de Coronavírus (BRASIL, 2020, ONLINE²).

O mesmo Ministério ainda alerta para a alta velocidade e facilidade da disseminação da doença e dos casos de inúmeros pacientes assintomáticos que não desenvolvem a doença, mas a espalham contaminando ainda mais pessoas.

² Informações sobre o COVID-19 apresentadas pelo Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 19 de maio de 2020.

O autoconfinamento é uma tentativa de desacelerar os contágios dando tempo de se preparar os hospitais com leitos e equipamentos de suporte ventilatório para diminuir os casos de mortos por falta de atendimento em uma situação de colapso do sistema hospitalar.

Dentre as normativas de confinamento encontra-se o fechamento de instituições de ensino. Esta foi à medida que interferiu diretamente na atividade de docência no país.

Professores alunos e instituições de diversos níveis se viram diante da difícil missão de tentar diminuir os prejuízos acadêmicos e de calendário aos alunos. O semestre letivo já estava em curso de forma presencial, próximo da primeira semana de avaliações e em muitos casos com o planejamento para os meios presenciais já bem adiantados.

Os meios de virtualização dos ambientes e aprendizagem, como salas de vídeo conferências e ferramentas de chat como *Whatsapp*, passavam a se apresentar como o meio possível de manter a continuidade das atividades curriculares.

Restava adaptar o planejamento do restante do semestre as novas condições. Também precisavam estar presentes ao planejamento, formas de legibilidade, de gerar empatia e eficiência.

Tanto Luz (2011) como Filatro (2011) apontam que em um contexto de virtualização de ensino, o *design* instrucional é um conjunto de metodologias que torna viável o viés educacional mediado por tecnologias. Estão presentes formas de organizar e expor o conteúdo, de trocar experiências sociais e de conteúdos entre professores e alunos, bem como elementos multimidiáticos, interativos e hipertextuais, que quando bem planejados tem o potencial de multiplicar a capacidade de transfigurar conteúdos em experiências poderosas capazes de guiar práticas que despertem conhecimentos efetivos. Os mesmos autores ainda apontam que este mesmo conjunto de metodologias, quando corretamente aplicado, também é capaz de gerar empatia e interesse.

O *design* instrucional passa a ser uma possível forma de romper com o paradigma da inserção à realidade remota dentro do contexto de confinamento.

2.2 METODOLOGIAS, SOLUÇÕES, TÉCNICAS E MEIOS VIÁVEIS AO ENFRENTAMENTO DO CONFINAMENTO SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Para compreender os fenômenos que ocorrem com a prática do *design* instrucional, primeiramente precisa-se compreender o que são as metodologias de ensino.

No entendimento de Nérici (1981), metodologias de ensino são um conjunto de técnicas e métodos que visam à concretização da prática pedagógica da forma mais eficiente. São várias as maneiras de se organizar e até de se proceder com várias técnicas e métodos. A metodologia de ensino deve ser encarada como um meio pelo qual deve haver, quando o professor achar necessário frente ao andamento da turma, disposição para alterá-la.

Nérici (1981) aponta ainda a questão da didática associada à metodologia escolhida. Compreende-se por esta didática a forma de “como fazer”, os instrumentos e ferramentas que o educador utiliza para cumprir os objetivos traçados e ainda destaca que raramente a didática se repete. Como este mesmo autor coloca nem sempre o que funciona em uma aula, funcionará em uma próxima.

Os métodos de ensino podem ser aplicados a todas as áreas de conhecimento, tendo conceitos específicos para as diversas ciências em particular levando-se em consideração suas peculiaridades. Já as técnicas de ensino estão relacionadas sempre com a prática, ou seja, a ação em que o objetivo é a compreensão do ensino.

Bastos e Keller (2002) compartilham desta visão e ainda descrevem a metodologia do ensino como um esforço de organização, disciplina e dedicação, corretamente orientados e que não dispensam constante investigação com um rigoroso acompanhamento.

Luz (2011) aponta um possível primeiro modelo desenvolvido por Skinner que se chamou de “desenho instrucional” foi desenvolvido para o exército americano a partir das descobertas de Skinner sobre comportamento operante. Este modelo teria sido aplicado ao desenvolvimento e treinamento de soldados para a segunda guerra. Na prática, o que Skinner queria mostrar era que tendo como ponto de partida; sistemas básicos de cognição como percepção visual, capacidade de abstração e geração de interesse. Assim seria muito mais fácil executar a passagem de conteúdos necessários à mudança de comportamento.

Passavam a ser considerados métodos de aprendizagem com menos decodificação escrita e com mais percepção e leitura imagético iconográfica. Este enfoque baseado em psicologia do comportamento, embora tenha durado de 1940 até 1960 era bastante limitado, pois somente abrangia os processos mentais de menor complexidade. Quando os estudiosos da psicologia se estenderam ao comportamento e as ideias da psicologia cognitiva e da aprendizagem ativa de Jean Piaget, até então estudadas somente para o comportamento infantil, adicionaram os ideais iluministas do livre pensamento de John Dewey e terminaram englobando o aspecto da psicologia social no processo de aprendizagem. Esta medida abriu caminho para que a interação social e a interação com o ambiente se somassem aos fundamentos de legibilidade do *design* que compõe o *design* instrucional como afirma Filatro (2011).

De acordo com a mesma autora, nesta evolução de *design* instrucional ainda evoluíram também as formas de se pensar e organizar a atividade de ensino. Passava a empregar técnicas de administração, multimídias, interatividade e o contexto da virtualização. Compreende-se então o *design* instrucional como um conjunto de técnicas que envolvem as metodologias aplicadas na prática pedagógica de forma estruturada visando maior eficiência. Está pautada em fatores de *design* gráfico, comunicação, administração, geração de interesse, planejamento e contexto, todos inseridos na dinâmica da educação intermediada por meios eletrônicos (FILATRO, 2011).

O *design* instrucional ocupa posição de fundamental importância para o entendimento da prática educacional midiaticizada. Através desta é que se configura uma interface conectora de usuários, tanto professores como alunos.

Sempre é importante lembrar que em 2020 quando ocorreu o decreto que determinou o confinamento voluntário e o fechamento das atividades presenciais nas instituições de ensino estes meios de ensino mediados por tecnologias de comunicação se apresentaram como o meio possível de simulação das situações de sala de aula. Emergia a terminologia ensino remoto.

Ensino a distância não é sinônimo de aula online. Há diferentes maneiras de estimular a aprendizagem de maneira remota e, se bem estruturadas, as atividades educacionais podem cumprir mais do que uma função puramente acadêmica. As plataformas de aulas online - com vídeos, apresentações e materiais de leitura - não devem ser

vistas como o único meio de ofertar ensino remoto. É possível e fundamental diversificar as experiências de aprendizagem dos estudantes. A diversidade de suportes e métodos pode apoiar a criação de uma rotina positiva para as crianças e os jovens, garantindo alguma estabilidade frente ao cenário de tantas mudanças. Da mesma forma, o envolvimento da família também é relevante neste período de aprendizagem a distância - importante aliado durante a crise e pode deixar um legado no pós-pandemia. Mesmo a distância, atuação dos professores é central. (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, ONLINE³)

Esta foi à forma que o ministério da educação encontrou para propiciar uma prática de enfrentamento a situação de autoconfinamento e suspensão das atividades presenciais. É evidente que estas normativas visavam orientar principalmente a educação infantil, porém, devido ao seu caráter de urgência, foi imediatamente implantada a todas as faixas de ensino recebendo pequenas adaptações ao longo do processo.

As técnicas de *design* instrucional aplicadas ao ensino mediatizado passavam a figurar vital importância visto que o contexto vigente era o de ensino mediatizado por tecnologias.

2.3 MANEIRAS DE PLANEJAR OS CONTEÚDOS À LUZ DO *DESIGN* INSTRUCIONAL

Tanto para Filatro (2011) como para Luz (2011) a atividade de planejar conteúdos constitui parte fundamental da atividade de *design* instrucional. A partir desta parte do processo é que se começa a planejar os caminhos por onde ocorrerão os processos educacionais. Uma parte deste processo se baseia na simulação dos planejamentos que já ocorrem em um sistema presencial. Outras partes adicionam elementos de administração e processos e psicologia. As partes restantes se derivam das peculiaridades do ensino mediado por tecnologias e da não presencialidade. Neste tópico encontra-se um resumo das principais técnicas de planejamento em DI que foram utilizadas por este autor durante o período de confinamento.

³ Informação retirada da Organização da Sociedade Civil (OSC) Todos Pela Educação Disponível em <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas> Acesso em 20 de maio de 2020.

O diagrama na Figura 1 descreve a técnica inicial de planejamento em *design* instrucional.



Figura 1 - Esquema de planejamento com DI.
Fonte: Produção própria (2020).

Filatro (2011) aponta que para se planejar conteúdos em *design* instrucional, assim como em um contexto presencial, primeiramente se faz necessário criar um perfil da turma, dos cursos e do contexto onde estão inseridos. Luz (2011) corrobora esta afirmação quando aponta que fatores como linguagem e relevância do curso dentro de determinado contexto sócio cultural podem interferir na forma como o conteúdo apresentado é interpretado.

Uma vez tendo se elencado relevância e participação no cotidiano do grupo, o conteúdo passa a ser categorizado em lista de forma a se organizar na forma como o mesmo poderá ser apresentado e vir a gerar interesse para alcançar as expectativas dos alunos.

Ao encontrar sentido e relevância os alunos passam a instintivamente buscar na exposição instrucional o próximo passo do conteúdo ao mesmo tempo em que já passam a formar engrenagens mentais para os funcionamentos dos processos.

Luz (2011) ressalta a importância de não adiantar termos ou partes de processos não condizentes com a fase que está sendo mostrada em cada momento.

Como o aluno ainda está construindo suas engrenagens mentais, a noção de sequência precisa ser preservada. Outros termos e outras etapas vão vir com o sequenciamento natural dos assuntos. Filatro (2011) destaca que tal técnica diminui o que chamou de carga mental, acelerando a curva de aprendizagem do ambiente e do conteúdo ministrado.

A segunda etapa é a escolha das ferramentas de virtualização a serem utilizadas (figura 2).

É crescente a quantidade e variedade de ferramentas e recursos disponíveis para interação de forma remota. Redes sociais, ferramentas de vídeo streaming, ambientes de vídeo conferência, salas de *chat*, *blogs*, *vlogs* e outros. Todos estes com suas características peculiares e suas singularidades ao mesmo tempo em que todos estes têm o potencial de simular o ambiente de aprendizagem. Porém, nem todo tipo de ferramenta atinge o mesmo resultado da mesma forma ou se adequa a todo tipo de turma ou curso.

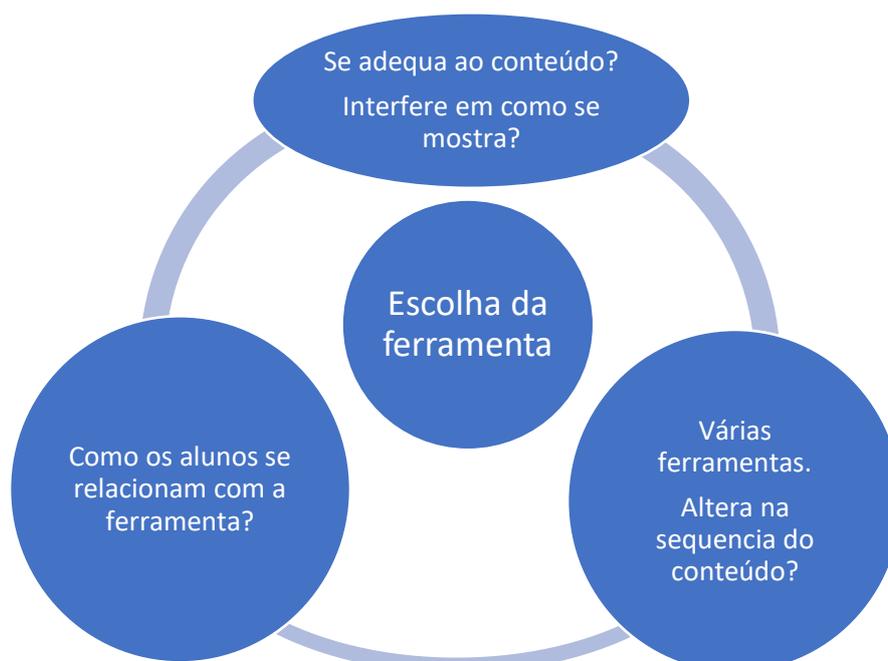


Figura 2 - Escolha de ferramentas WEB.
Fonte: Produção própria (2020).

Estas mesmas ferramentas diversas e peculiares funcionam e atingem resultados de formas diversas e peculiares. Luz (2011) aponta para as seguintes

questões a serem levantadas ao escolher quais ferramentas utilizar: Qual ferramenta melhor se adequa ao que precisa ser apresentado e à forma em que pode ser apresentado? Quando combinando diversas ferramentas, como os recursos disponíveis podem interferir na sequência e no formato do conteúdo a ser apresentado? E por último; Como os alunos se relacionam com as ferramentas escolhidas?

É inútil optar por uma ferramenta que os alunos não tenham acesso da mesma forma que, por exemplo, é um tanto frustrante discursar sobre artes plásticas sem aproveitar os recursos visuais uma vez estando em ambientes virtualizados com recursos multimidiáticos.

Uma escolha de ferramentas bem feita, incluindo saber como sequenciar o uso destas ferramentas auxilia no encadeamento lógico dos assuntos, melhora as possibilidades de manipulação das informações para se transformarem em conhecimentos e ainda tem o poder de gerar empatia.

A recomendação de Luz (2011) é: conheça seus alunos, conheça o assunto e conheça várias opções de ferramentas. Também é importante ter em mente um pouco de flexibilidade, pois o andamento de uma disciplina em determinada turma, assim como a prática de tecnologias mudam conforme o uso e com o passar do tempo.

Finalmente o planejamento deve estar ordenado pelos objetivos da disciplina. Seja o desenvolvimento de habilidades e competências ou a capacidade de desenvolver e aprofundar teorias, o foco no objetivo da disciplina tem o poder de moldar, determinar ou estabelecer até qual ponto deva flexibilizar qualquer estruturação de conteúdos.

2.4 COMO APRESENTAR CONTEÚDOS COM *DESIGN* INSTRUCIONAL

Como já anteriormente apontado, Luz (2011) destaca que nos primórdios do *design* instrucional, quando ainda delineada por Skinner para o exército americano, o *design* instrucional já se baseava em instruções que dependessem menos da instrução escrita e passassem a depender mais da leitura intuitiva com mais por imagens e símbolos (figura 3). O *design* instrucional moderno mediado por ferramentas de *internet* segue o mesmo caminho, porém, devido a sua característica

multimídia, esta tende a se mesclar mais com o uso de textos e seus símbolos mais referenciados passa a serem os da cultura de utilização da *internet*.

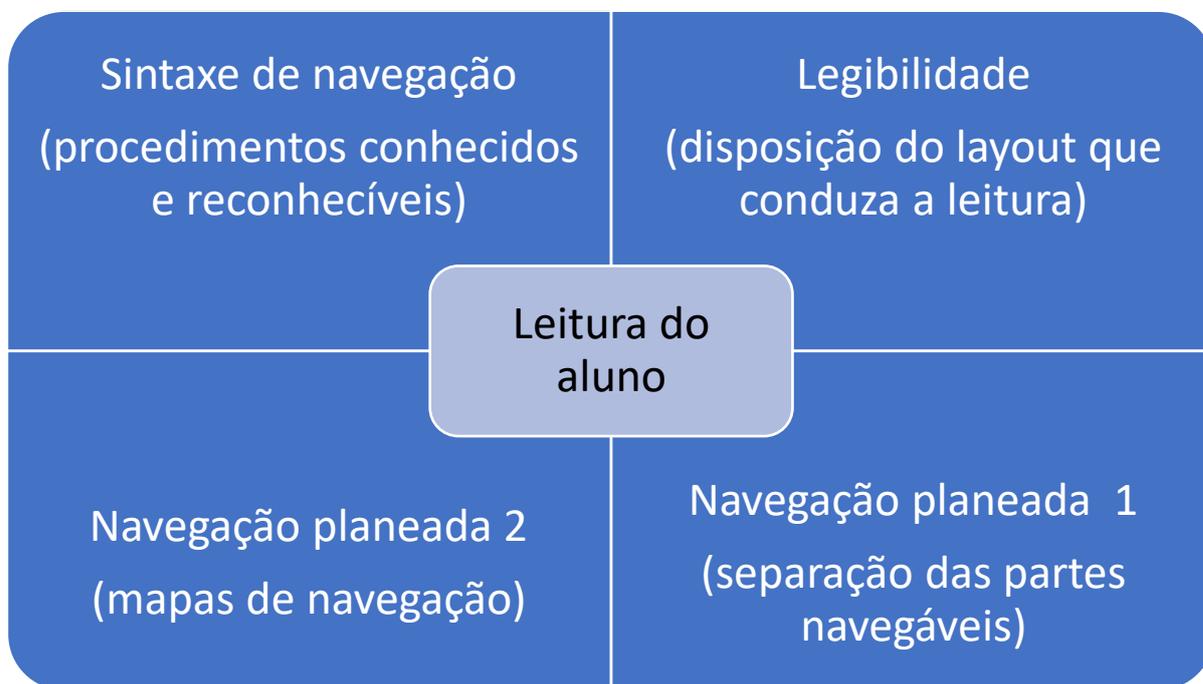


Figura 3 - Esquema de leitura dos alunos.
Fonte: Produção própria (2020).

Filatro (2011) aponta que existe toda uma sintaxe de navegação e simbologias próprias à cultura e utilização dos meios de *internet* que precisam ser consideradas. Outro ponto de destaque é a necessidade de se conhecer os conjuntos de símbolos comuns à utilização da turma a que se pretende ministrar conteúdos.

Basicamente, à boa navegação e distribuição de conteúdos deve ocorrer com símbolos conhecidos ou facilmente reconhecíveis. A quebra desta regra pode acarretar na quebra do correto sequenciamento de conteúdo por parte do aluno ou que o processo de aprendizagem seja interrompido para dar lugar a um processo de decodificação da navegação da ferramenta pretendida.

A legibilidade é outro aspecto de fundamental importância na preparação do que será exibido. Luz (2011) aponta a importância de se ter todos os dispositivos visuais de leitura a disposição do aluno. Quando for o caso, a disposição do *layout* deve guiar o olhar do aluno ao lugar pretendido para que a demonstração da

informação conduza ao processo de conclusões e conseqüentemente descobertas e conhecimento.

Ambos os autores recomendam que sejam disponibilizadas as opções de navegação apenas na medida em que sejam necessárias e de forma a construir a correta forma de sequenciamento de conteúdo.

Um exemplo de como utilizar esta técnica é: no caso de um *layout* que conduz um exercício, dispor apenas botões, recursos e *hiperlinks* referentes à produção do exercício em si. Referências e direcionamentos de conteúdo espalhados nesta parte dispersam o foco da navegação. Se for o caso de precisar colocar referências de autores, que as coloque condensadas ao final do exercício em uma parte que esteja devidamente sinalizada como conduzindo às referências. O aluno precisa saber que saiu do exercício e que uma vez de posse daquela teoria das referências, precisará voltar ao exercício para terminá-lo.

Um recurso muito interessante para esta parte do processo é utilizar uma técnica muito comum do processo de planejamento de materiais WEB e APPS, o mapa de navegação. Breitman, Casanova e Truszkowski (2007) apontam que o mapa de navegação é uma ferramenta importante para a disposição do conteúdo no decorrer do aplicativo. São 4 os tipos de construção possíveis com mapas de navegação: Hierárquica, linear, não linear e composta.

Importante perceber que a união de todos os pontos deste capítulo terminarão por construir um ponto de orientação para a construção da apresentação ao aluno e também como o professor poderá prever os passos seguidos pelos alunos durante o decorrer da disciplina.

2.5 EMPATIA E TROCA DE EXPERIÊNCIAS COM *DESIGN* INSTRUCIONAL

É importante marcar que os meios de virtualização dos ambientes de ensino que utilizam *internet* se diferenciam dos demais por uma série de características particulares.

A televisão e os impressos enviados pelo correio são meios onde o ensino virtualizado e o *design* instrucional, se apresentam. Exemplo disso são os tele cursos e os cursos por correspondência. Porém nenhuma destas duas formas apresenta

uma possibilidade presente nos meios dispostos na *internet* que é a questão da interação social.

Filatro (2011) aponta que, no *design* instrucional mediado por mídias convergidas para a *internet*, apresentam-se recursos de interação social. Precisa ser considerada a possibilidade de interagir com os colegas e os professores. Mais do que isso. Além de ganhar voz ativa neste tipo de mídia, o aluno, que não é mais um mero expectador, tem à sua disposição meios de gerar conteúdos, trocá-los com o professor e os colegas, receber e reeditar conteúdos diversos, referenciar com *hiperlinks* e trazer conteúdos de outros canais da própria *internet*.

Neste sentido a experiência com *design* instrucional reposiciona o papel do professor, que passa a ser um propositor de conteúdos e promotor da descoberta do conhecimento.

A empatia e a geração de interesse passam a ter um papel antes ocupado pela autoridade do professor em sala como condutor da experiência programada para aquele momento.

Luz (2011) vai além e ainda descreve a atemporalidade como outro paradigma rompido pela virtualização do ensino. Mesmo que não nas ferramentas desenvolvidas pelo professor, o conhecimento está acessível a qualquer momento na *internet*.

Os ambientes de ensino passam a ser de dois tipos; síncrono (que requer a participação dos alunos e do professor ao mesmo tempo), como salas de chat e salas de vídeo conferência e assíncronos (que podem ser acessados em qualquer momento).

A interação e a troca são atividades que dependem exclusivamente do interesse de cada agente em participar do processo. A explanação meramente expositiva dá espaço à troca que pode ser mediada por um interlocutor ou emanar espontaneamente diante de uma proposta inicial.

Nas ferramentas síncronas o poder interacional modifica o conteúdo e a percepção do que está sendo mostrado dentro do molde permitido pelo professor. Na assíncrona, mesmo que a ferramenta seja baseada em um *design* instrucional fixo (ou seja, que o conteúdo não pode ser reeditado), mas a interação através dos comentários ou outro tipo de troca entre os alunos podem mudar a percepção do material apresentado, inclusive quanto a sua relevância para a turma.

Filatro (2011) descreve que uma das funções do professor é ser a ponte entre teoria e prática, conteúdo e vivência. Caso seja necessário, é função do professor mudar a sequência ou a forma de apresentar determinado conteúdo.

2.5A UTILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EM *DESIGN* INSTRUCIONAL

Basicamente, por se tratar de um relato de experiência, os dados foram coletados das participações dos alunos e suas interações com o autor deste trabalho, professor destes alunos. Foram coletados trechos das vivências do professor em contexto de encontros remotos. Apesar de evidentes participações dos alunos, este relato está focado na experiência do professor e em como a prática de *design* instrucional interferiu nas participações em encontros remotos.

No caso deste trabalho, estes dados emanam da vivência, diretamente do fenômeno de *design* instrucional em um contexto de encontros remotos em época de confinamento.

Neste trabalho, depois de observarmos os conceitos de metodologias de ensino e de *design* instrucional em uma pesquisa bibliográfica, submetemos o fenômeno do *design* instrucional à análise comparativa das metodologias pré e pós autoconfinamento.

A pesquisa bibliográfica, normalmente, é a parte inicial de todo trabalho de cunho científico. Esta é feita com o intuito de levantar as teorias disponíveis sobre determinados fenômenos, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades assim como defendem Lakatos e Marconi (2003). Neste estudo de caso este tipo de procedimento inicial foi utilizado para conceituar o fenômeno estudado e contextualiza-lo.

Comparar é uma atividade de pesquisa baseada em um processo cognitivo que busca o entendimento de certas regularidades de eventos assim como destaca (BENDIX, 1963). São três as contribuições para a abordagem comparativa em fenômenos das ciências sociais. Quando os fenômenos estudados podem ser encontrados em diferentes espaços, os estudos comparativos mostram como estas diferentes situações se relacionam com a questão em enfoque podendo exibir um

escopo de soluções encontradas para o mesmo problema. A comparação também previne contra o erro das generalizações, tendo em vista que certos conceitos são formulados com base em um espaço de amostragem limitado e que nem sempre o mesmo fenômeno ocorre e é analisado sob o mesmo contexto. Como terceira contribuição, a abordagem comparativa permite visualizar padrões ao aumentar a visibilidade de uma estrutura, uma vez que observa o fenômeno sob ao menos duas perspectivas ao contrastá-la de uma situação com outra. No caso deste estudo, destacamos as diferenças de metodologias nos períodos antes e durante pandemia com enfoque a adesão de processos de *design* instrucional no segundo momento.

Todo um semestre já se encontrava pronto, devidamente planejado, já com as adaptações ao desenvolvimento de cada turma planejado e um nivelamento de turma já mapeado ajudando com o desenvolvimento do restante do semestre. Porém, com o surgimento da situação de confinamento voluntário, todo o planejamento que se encontrava pronto precisou ser adaptado às novas condições.

Nenhum dos nivelamentos de turma estava mais completo. Características como, acesso as ferramentas e conexões para o processo de virtualização não estavam mapeadas, pois não eram relevantes ao contexto presencial.

Estavam em andamento quatro turmas de três disciplinas de eixo comum e muito voltadas às práticas de mercado.

As disciplinas desenvolvidas no semestre em questão tinham características muito comuns a atividades práticas e de experimentação. Contudo, isto não significa dizer que não tinham aspectos teóricos envolvidos. A teoria encontrava-se sempre presente, porém, no planejamento não remoto inicial, a teoria estava posicionada de forma a embasar a prática e o senso crítico numa busca por um melhor proceder dinâmico e maior qualidade do resultado final.

Mesclavam se; aulas expositivas e dialogadas, estudos de caso, oficinas práticas, visitas técnicas, palestras / entrevistas com profissionais de mercado e atividades de produção prática que na sua grande maioria eram de caráter avaliativo. Também se utilizava a simulação de situações de mercado, embasando se em partes de teorias de jogos e partes em *gamificação*, incentivando que os discentes realizassem planejamentos pautados em referenciais teóricos, trabalho em equipe e um saudável espírito de competição com *fair-play*.

Embora os perfis de curso estivessem prontos, os perfis de conteúdo não podiam mais abordar as mesmas ferramentas da mesma forma visto que não era mais possível o acesso aos laboratórios da instituição e que nem todos os alunos tinha acesso à *internet*, a computadores e a softwares necessários a cada disciplina. Da mesma forma ficaram impraticáveis as visitas técnicas e as oficinas práticas com materiais manuseáveis de forma tátil. Ferramentas na *internet* gratuitas, leves e que rodam em dispositivos móveis foram sugeridas, porém, diferente do contexto presencial, seu uso não podia mais ser obrigatório. Algumas habilidades e competências antes mostradas de forma prática passavam a ser abordadas em nível de discussão teórica ou de proposição de possibilidades. Todo o conteúdo precisava ser reorganizado.

Ainda na questão dos perfis dos alunos, a disponibilidade das atividades síncronas passavam a ser outro desafio. Com uma nova realidade doméstica, nem todos os alunos dispunham dos mesmos horários presenciais. Nestes casos, foi mesclado ao encontro remoto, a possibilidade de acesso a vídeos de forma assíncrona, condicionada a uma participação com “tira dúvidas” e comentários via *Whatsapp* ou comentários do *Youtube*. A ferramenta síncrona mais utilizada foi o *Jitsi*, porém, todas as ferramentas, síncronas e assíncronas terminaram sendo escolhidas por tentativa e erro até encontrar as de melhor adesão por todos os alunos. Vídeos de orientações mais pontuais também foram lançados com audiência obrigatória

Neste momento de escolha e adaptação das ferramentas a compreensão e empatia dos alunos se mostrou fundamental. Sem a contribuição dos alunos nesta parte do processo a implementação destas técnicas não teria sido possível desta forma (figura 4).

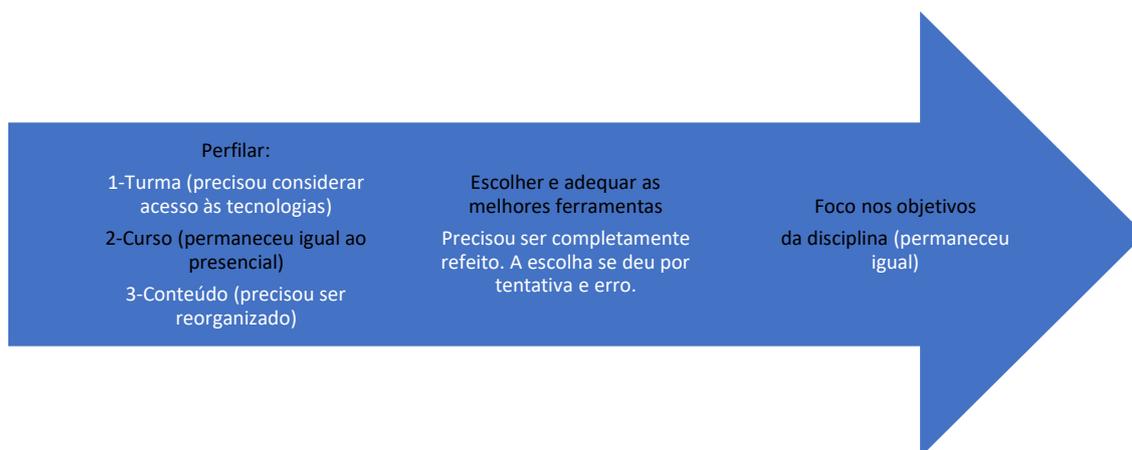


Figura 4 - Esquema de planejamento de conteúdo em ação.
 Fonte: Produção própria (2020).

É importante destacar que uma parte dos alunos acessaram a *internet* através de computadores, enquanto acessaram através de dispositivos móveis como celulares e tablets. A forma de planejar a visualização por parte dos alunos encontrou-se extremamente limitada aos formatos de acesso disponíveis. Mais do que isso. As ferramentas escolhidas deveriam considerar características de responsividade.

Estes motivos levaram ao conjunto de ferramentas responsivas *Youtube*, *Jitsi* e *Skype*. No caso específico de *Jitsi* e *Skype* ainda foi considerado que o *Jitsi* nem sempre era estável o suficiente para o cumprimento do encontro remoto, sendo nestes momentos permutados com o *Skype*, que por sua vez tinha o problema de precisar ser instalado nos dispositivos móveis requerendo um espaço de memória no hardware nem sempre disponível nos equipamentos dos alunos.

Adiciona-se a este conjunto ferramental o *PowerPoint* para os encontros remotos e o programa *Free Screen Recorder*, que foi utilizado pelo professor para gravar os encontros remotos e em seguida depositá-los em um canal de *Youtube* criado especialmente para este fim. O planejamento da leitura do aluno seguiu o seguinte diagrama na figura 5:

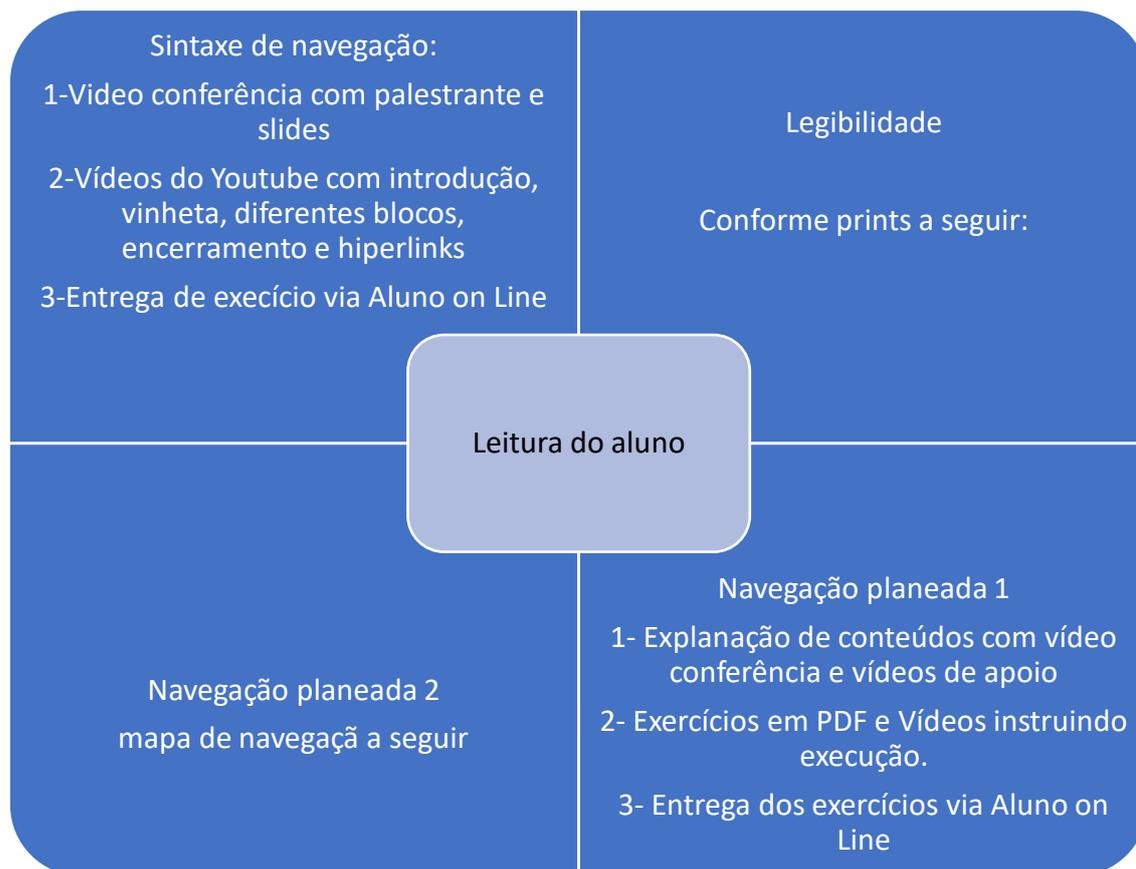


Figura 5 - Esquema de leitura do aluno na situação estudada.
Fonte: Produção própria (2020).

A sintaxe pôde ser dividida em três momentos. No primeiro ocorreu o encontro remoto em si. Este era síncrono com o momento em que seria a aula na situação presencial. Ocorria com aula expositiva e *PowerPoint* e seus símbolos remetiam ao modelo clássico tradicional presencial; Professor explanador do conteúdo, aluno expectador e lista de presença ao final da aula. Dispositivos ferramentais para um modelo mais dialogado estavam à disposição dos alunos o tempo inteiro tanto no *Jitsi* como no *Skype*, porém a opção de permanecer como mero expectador emanava dos alunos.

Por pedido da turma, o professor também gravou estes encontros remotos com o software *Free Screen Recorder* e os disponibilizou no *Youtube*.

Vídeos de assuntos pontuais também foram colocados à disposição. Estes dispunham de um roteiro fixo para todos os vídeos. Iniciavam com uma introdução, passavam por uma vinheta, vinha à explicação do conteúdo em si e encerravam dando acesso à *playlist* do canal com todos os vídeos do canal. Todos estes

símbolos comuns do *Youtube* são reconhecidos e praticados pelos alunos, independente da forma de acesso que usem (figura 6).



Figura 6 - Esquemas de *layout* utilizados.
 Fonte: Produção própria (2020).

Para percorrer todo o caminho proposto, primeiramente o aluno participou do encontro remoto. Esta participação poderia ocorrer de forma síncrona no horário da aula presencial ou de forma assíncrona pelo *Youtube*, posteriormente complementado por tirar dúvidas do assunto pelo *Whatsapp* ou via comentários no próprio *Youtube*.

A proposta de gravar os encontros remotos resolveu o problema dos alunos que não podiam participar de forma síncrona por conta das mudanças de cotidiano doméstico impostas pela pandemia.

Também fora inicialmente proposto à participação dos alunos em um fórum onde poderiam propor e trocar outros conteúdos que se relacionem com o assunto proposto, porém, esta ideia não teve adesão.

Junto com os vídeos pontuais foram dispostos outros vídeos de outros canais e links de blogs, vlogs e *hiperlinks* que podiam enriquecer o assunto, assim como era apresentada uma bibliografia de onde vinham os conteúdos dos vídeos.

Ao final de todos os vídeos para *Youtube* estava à proposição de exercícios também descritos em arquivos pdf dispostos no aluno *online*. Ocasionalmente a pedido da turma, também poderia ser produzido um vídeo mostrando com exemplos como proceder às atividades. Sempre era apresentado como fazer a mão e como fazer com ferramentas gratuitas da *internet*.

O acompanhamento das dúvidas acontecia pelo *Whatsapp* a qualquer horário com trocas de imagens, áudios e chat escrito. Os passos anteriormente citados descrevem a seguinte navegação ilustrada na figura 7:

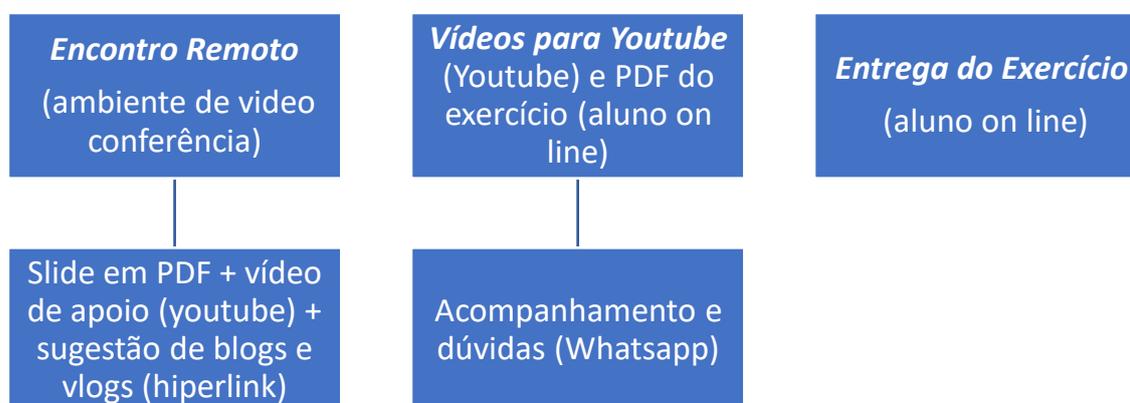


Figura 7 - Mapa de navegação utilizado.
 Fonte: Produção própria (2020).

A conclusão do processo se deu com a correção de todas as atividades acumuladas no decorrer do semestre. Por pedido dos alunos estas atividades foram todas entregues ao final do semestre na semana de provas. O argumento apresentado era de que desta forma, os discentes teriam tempo de produzir e tirar dúvidas em todas as atividades. A ferramenta utilizada foi o Aluno *online* disponibilizado pela instituição de ensino, porém em casos pontuais foi aberta a exceção para entrega por outros meios.

Ainda é importante ressaltar que nada neste caminho orientado por técnicas de *design* instrucional foi feito sem a devida negociação com os alunos. A falta de um perfil inicial das práticas de uso de *internet* foi suprida pela empatia e pela

cooperação dos alunos. Sem esta atitude dos discentes estas técnicas poderiam não ter tido êxito.

Todo o conteúdo proposto pela ementa inicial foi posto em todas as quatro disciplinas e o semestre pôde ser concluído obedecendo os objetivos de cada disciplina.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral podemos destacar que as metodologias de *design* instrucional mais modernas se adaptam com mais facilidade ao funcionamento das ferramentas utilizadas para educação na WEB. Manter os procedimentos metodológicos no período em que antecedeu o confinamento, não só não atenderia a nova dinâmica imposta pela situação de confinamento, como o tempo gasto com a virtualização dos processos e a ineficiência prática poderiam potencializar os prejuízos acadêmicos aos alunos.

Mesmo não tendo ocorrido um correto levantamento do perfil das práticas de WEB dos alunos, a empatia e o espírito de cooperação por parte dos alunos tornou todo o processo de implementação das práticas de *design* instrucional viáveis.

O motivo da falta deste perfil foi à falta de tempo prévio para o levantamento do mesmo. Na realidade pré-confinamento este levantamento não era relevante. Com o fechamento das atividades presenciais nas instituições de ensino o momento era de ação imediata. O *design* instrucional passou a ser utilizado de forma imediata e emergencial mesmo sem o devido perfil prévio à disposição.

O momento de escolha das ferramentas, por falta deste perfil, teve que ser baseado no método da tentativa e erro. Os alunos estavam conscientes de como esta parte do processo estava ocorrendo e agiram com compreensão, acolhimento e com espírito de colaboração. Sugestões de ferramentas surgiam dos alunos via *Whatsapp* quase na mesma velocidade em que eram relatados os problemas de uso e de funcionamento. Em certos momentos o professor aprendia com os alunos os usos e peculiaridades de dada ferramenta, em outros, todos aprendiam juntos e em colaboração. Mesmo assim, todos permaneciam dispostos a preservar os papéis de todos e respeitar a programação disposta para cada disciplina.

Superada a fase de escolhas das ferramentas, coube ao professor planejar a forma como os assuntos eram apresentados, os meios de navegação que fizeram parte de cada disciplina, como ocorriam os debates e como seria todo o planejamento visual.

As técnicas de *design* instrucional mostraram caminhos práticos e eficientes na reestruturação da disciplina bem como delinearam um caminho metódico até a conclusão do semestre.

Não pode ser desconsiderado que a característica das disciplinas ministradas em que existia uma produção mais prática e voltada ao cotidiano de mercado se viu prejudicada tendo que ceder à uma característica mais teórico analítica dos processos. Mesmo existindo ferramentas gratuitas, leves e que não requeriam instalação, muitos alunos, mesmo assim, não tinham como ter acesso ou condições de produtividade. Estas ferramentas foram apresentadas, mas não puderam ser exigidas.

O planejamento visual e de referenciais iconográficos ocorreu dentro do conjunto de linguagem comum de cada ferramenta. No *Whatsapp* o professor assumiu o papel de moderador e as conversas na ferramenta ocorriam de forma livre e informal. No *Jitsi* e *Skype* ocorriam os encontros remotos com o professor explanador do conteúdo e ao acesso dos alunos, como em uma sala de aula simulada. No *Youtube* o professor assumiu o papel de elaborador de conteúdo (*Youtube*) em um contexto de *design* instrucional fixo e no Aluno online ocorria à legitimação do processo.

Este Aluno online é uma ferramenta integrante do sistema da instituição de ensino onde o professor despacha processos como notas, registro das aulas, frequência e etc. Os alunos tem acesso ao resultado institucional dos processos assim como podem dar entrada em processos, como por exemplo, a entrega das atividades.

Se por um lado o desenvolvimento de determinadas habilidades práticas de mercado saíram prejudicadas o desenvolvimento de habilidades empáticas e de trabalho em equipe saíram fortalecidas. Estas outras habilidades também são fundamentais para o desenvolvimento profissional dos alunos e não podem ser desconsideradas.

Também é importante apontar que em um diferente contexto onde ocorresse um planejamento mais bem estruturado e com mais tempo, assim como tendo tempo e condições de se estruturar um melhor acesso a dadas ferramentas, a dinâmica de produtividade teria sido completamente diferente.

Porém discutir se o ensino mediado por tecnologias de *internet* é ou não eficiente não é o objetivo deste estudo. O que cabe aqui é apontar como o *design* instrucional atuou no caso deste professor em situação de confinamento assim como já relatado.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.
- BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender. Introdução à metodologia científica**. 16ª edição, editora vozes, 2002.
- BEHAR, A. **Modelos Pedagógicos em educação à distância**, Artmed, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em:19 maio 2020
- BREITMAN, K.K; CASANOVA, M.A.; TRUSZKOWSKI, W. **Semantic web: concepts, technologies and applications**. New York: Springer-Verlag. 2007.
- LUZ, D. **Design Instrucional e Análise do comportamento: uma breve introdução**. São Paulo, PUC-SP, 2011.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- NÉRICI, I. **Metodologia do ensino: uma introdução**. 2 ed. – São Paulo: Atlas, 1981.
- FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: SENAC, 2011.
- FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.
- SANARMED. **Linha do tempo do Coronavírus no Brasil** Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil> Acesso em:19 maio 2020.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas**. São Paulo, SP. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas> Acesso em: 19 maio 2020.



**INOVAÇÕES E DESAFIOS EM TEMPOS
DE EDUCAÇÃO REMOTA:
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM
CIÊNCIAS HUMANAS**

